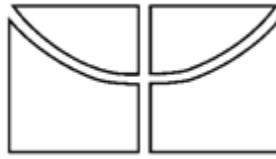


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Agenda-setting em tempos hiperconectados: evidências empíricas a partir do caso Lázaro

Maria Cecília Garcia Leal

Brasília, 15 de dezembro de 2025



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Agenda-setting em tempos hiperconectados: evidências empíricas a partir do caso Lázaro

Maria Cecília Garcia Leal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Poder e Processos Comunicacionais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Brasília, dezembro de 2025

Maria Cecília Garcia Leal

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Agenda-setting em tempos hiperconectados: evidências empíricas a partir do caso Lázaro

Aprovado em ___/___/_____.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
Orientadora

Prof. Dr. Luiz Claudio Martino
Universidade de Brasília - UnB
Avaliador

Prof. Dra. Fernanda Vasques Ferreira
Universidade de Brasília - UnB
Avaliadora

Dra. Nathália Coelho da Silva
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEE/DF
Suplente

Agradecimentos

Ao longo desses (intensos) dois anos, muitos contribuíram com este trabalho. Colocar todos os nomes no papel é uma tarefa ingrata, sujeita a injustiças. Afinal, como demonstrar, em tão poucas palavras, a gratidão que nutro por cada um que trilhou comigo este caminho? O jeito é tentar mesmo assim.

Agradeço ao Deus a quem sirvo pela minha saúde física e mental e pelo acalanto nos momentos difíceis.

A Raul por toda a paciência e incentivo, por acreditar na minha capacidade mesmo quando eu já não tinha tanta certeza dela. Agradeço também por toda a ajuda com conceitos matemáticos e com a programação de códigos. Sem isso, essa dissertação de humanas não teria acontecido.

Aos meus pais, Wanda e Vilacy, que sempre me incentivaram a não parar de estudar.

À minha irmã, Manuela, que comemorou comigo cada vitória, por menor que fosse.

Ao meu irmão, Rafael, o primeiro mestre que conheci.

A minha orientadora, Rafiza Varão, uma pessoa que desempenha seu ofício com zelo e dedicação e a quem tenho como exemplo profissional.

Às minhas amigas de faculdade que vibraram comigo quando fui selecionada para cursar o mestrado na nossa universidade de origem.

A todos aqueles que emprestaram livros, compartilharam artigos, indicaram bibliografias e acompanharam no dia a dia a construção desse trabalho.

Resumo

Em 2021, em meio à pandemia de Covid-19, uma família foi assassinada brutalmente numa região rural do Distrito Federal. Esse evento desencadeou uma busca que durou 20 dias à Lázaro Barbosa, autor da chacina. A narrativa sobre o caso foi contada intensamente, de maneiras diversas, pela imprensa ao longo da perseguição, captura, morte e pós-sepultamento do criminoso, em um caso ainda hoje (2025) rende pauta nos noticiários. Lázaro foi um fenômeno midiático que pautou mais de 70 veículos de imprensa desde que sua fuga foi interrompida. Diante disso, esta dissertação se propõe a investigar se a cobertura do caso Lázaro pode ser considerada uma evidência empírica de que a teoria agenda-setting segue pertinente. Nosso objetivo é, a partir da teoria agenda-setting, sistematizada por McCombs e Shaw em 1972, investigar se as modificações e contribuições de diversos autores ao longo de cinco décadas foram suficientes para que a abordagem continue eficiente na análise de fenômenos jornalísticos que recebam cobertura contínua, inseridos numa sociedade hiperconectada. Para isso, trabalhamos com a análise de conteúdo aliada a procedimentos de recuperação de informação (IR) automatizada para a coleta e interpretação dos dados relativos às notícias sobre o acontecimento publicadas nos portais *GI*, *O Globo*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*, entre junho de 2021 e outubro de 2024. Como resultado, encontramos fortes indícios dos três níveis do agendamento midiático propostos pela teoria (objeto, atributos e rede) e tendência geral à homogeneidade nas coberturas jornalísticas examinadas.

Palavras-chave: Agenda-setting. Teoria do agendamento. Lázaro Barbosa. Teorias do jornalismo. Sociedade em rede

Abstract

In 2021, during the Covid-19 pandemic, a family was brutally murdered in a rural area of the Distrito Federal. This event triggered a 20-day manhunt for Lázaro Barbosa, the perpetrator of the slaughter. The story was covered intensively by the press throughout the pursuit, capture, death, and post-burial of the criminal, in a case that still makes the news today (2025). Lázaro was a media phenomenon that made headlines in more than 70 media outlets since his escape was interrupted. Given this, we seek to understand whether the coverage of the Lázaro case can be considered a symptom, an indication that the agenda-setting theory remains relevant. Our objective was, based on the agenda-setting theory systematized by McCombs and Shaw in 1972, to investigate whether the modifications and contributions of various authors over five decades were sufficient for the approach to remain satisfactory in the analysis of journalistic phenomena in a hyperconnected society. To this end, we used content analysis combined with automated information retrieval (IR) procedures to collect and interpret data related to news about the event published on the G1, O Globo, Metr p les, and Correio Braziliense websites. As a result, we found strong evidence of the three levels of media agenda setting (object, attributes, and network) and a general trend toward homogeneity in the journalistic coverage examined.

Key words: Agenda-setting. Agenda-setting theory. Lázaro Barbosa. Journalism theories. Network society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Metáfora da cebola.....	48
Figura 2 – Primeira vez que o caso é noticiado no portal Metrôpoles.....	78
Figura 3 – Região do Incra 9, em Ceilândia (DF).....	85
Figura 4 – Locais, por aproximação, por onde Lázaro passou durante sua fuga em 2021.....	86
Figura 5 – Casos similares ao de Lázaro, no Metrôpoles.....	120
Figura 6 – Casos similares ao de Lázaro, em O Globo.....	120
Figura 7 – Casos similares ao de Lázaro, no Correio Braziliense.....	121
Figura 8 – Nuvem de palavras com as expressões mais usadas por cada veículo na subcategoria geografia natural.....	124
Figura 9 – Notícia publicada no G1 sobre o aplicativo Brasil mais seguro.....	127
Figura 10 – Nuvem de palavras com as expressões mais usadas por cada veículo na subcategoria Lázaro.....	130
Figura 11 - Lázaro Barbosa fez cursos de 'empatia, sexualidade e para se colocar no lugar das vítimas' durante passagem na Penitenciária da Papuda.....	133
Figura 12 – Linha do tempo no jornal Correio Braziliense.....	139
Figura 13 – Cronologia de crimes no Metrôpoles.....	139
Figura 14 – O Globo, 16 de junho de 2021.....	141
Figura 15 – Grafos da coocorrência binária de termos-chave, por frase, nas matérias do Correio Braziliense, G1, Metrôpoles e O Globo.....	146
Figura 16 – Grafo das associações em rede formadas pelos veículos estudados.....	147
Figura 17 - Teste de confiabilidade.....	164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Notícias sobre Lázaro Barbosa entre 2008 e 2025.....	78
Gráfico 2 - Notícias sobre Lázaro Barbosa por ano, por veículo.....	79
Gráfico 3 - Notícias sobre Lázaro Barbosa, entre 9/06/2021 e 13/07/2021, por veículo.....	80
Gráfico 4 - Fundamentação teórica x quantidade de estudos que citam determinada fundamentação.....	91
Gráfico 5 - Quantidade de notícias sobre Lázaro Barbosa, por veículo, entre junho de 2021 e outubro de 2024.....	94
Gráfico 6 - Frequência relativa de termos-chave no portal Correio Braziliense.....	100
Gráfico 7 - Frequência relativa de termos-chave no portal Metrôpoles.....	100
Gráfico 8 - Frequência relativa de termos-chave no portal O Globo.....	101
Gráfico 9 - Frequência relativa de termos-chave no portal G1.....	101
Gráfico 10 - Frequência relativa de termos-chave entre os portais G1, O Globo, Metrôpoles e Correio Braziliense.....	102
Gráfico 11 - Mapa de árvore com as categorias analisadas, por veículo e por frequência de aparição dos termos-chave.....	106
Gráfico 12 - Variação na quantidade de termos usados por cada veículo, ordenados por categoria, com indicadores de porcentagem de variação.....	107
Gráfico 13 - Mapa de árvore com as subcategorias (fontes ou atores) analisadas por veículo, por frequência de aparição dos termos-chave.....	108
Gráfico 14 – Comparação entre o comportamento de cada veículo na distorção, para cima ou para baixo, do desvio padrão médio da categoria fontes ou atores.....	109
Gráfico 15 – Comparação entre os grupos das subcategorias Demais nomes e alcunhas e personagens.....	111
Gráfico 16 – Entidades governamentais por grupos.....	113
Gráfico 17 – Fonte (e variação de uso), por veículo.....	114
Gráfico 18 – Comparação da frequência de termos da categoria localidades, por subgrupos, por veículo.....	117
Gráfico 19 – Comparação entre o comportamento de cada veículo na distorção, para cima ou para baixo, do desvio padrão médio da categoria espaços urbanos e rurais.....	118
Gráfico 20 – Subcategoria espaços urbanos e rurais dividida em 12 grupos representativos...	120
Gráfico 21 – Subcategoria equipamentos dividida em 5 grupos representativos.....	121
Gráfico 22 – Os dez termos mais citados na subcategoria veículos e empresas de mídia excetuando auto-referências e menções a mídias não jornalísticas.....	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipologia da Acapulco.....	45
Tabela 2 – Tipologia de valores-notícia.....	67
Tabela 3 – pesos por distinção entre termos-chave.....	104
Tabela 4 – Frequências relativas e absolutas das subcategorias de fontes e atores.....	109
Tabela 5 – Índice de similaridade entre portais noticiosos, dois a dois.....	128

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de conteúdo
BA	Bahia
Bope	Batalhão de Operações Especiais
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBMDF	Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal
CPCães	Comando de Policiamento de Cães
CPP	Complexo Penitenciário da Papuda
DF	Distrito Federal
DP	Desvio padrão
E-R	Estímulo-resposta
EBS	Estações Rádio Base
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FGV	Fundação Getulio Vargas
FNSP	Força Nacional de Segurança Pública
GO	Goiás
GPI	Grupo de Pronto Intervenção
Idafro	Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-brasileiras
IML	Instituto Médico-Legal
MG	Minas Gerais
PCC	Primeiro Comando da Capital
PCDF	Polícia Civil do Distrito Federal
PCDO	Polícia Civil de Goiás
PF	Polícia Federal
PMDF	Polícia Militar do Distrito Federal
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
PMGO	Polícia Militar de Goiás
PRF	Polícia Rodoviária Federal
RI	Recuperação de informações
RJ	Rio de Janeiro
RN	Rio Grande do Norte
Rotam	Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas
SSPDF	Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal
SSPGO	Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás
TIC	Tecnologias da comunicação e informação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. AGENDA-SETTING.....	19
2.1 O embrião.....	19
2.2 Estudo dos efeitos: a mass communication research.....	23
2.3 Sistematização do efeito agenda-setting.....	27
2.4 Para entender a agenda: conceitos iniciais e centrais.....	31
2.4.1 Agenda dos objetos e agenda dos atributos.....	35
2.4.2 Transferência das saliências.....	36
2.4.3 Condições contingentes.....	37
a) Tematização.....	38
b) Mensagem.....	39
c) Recepção e necessidade de orientação.....	41
d) Tempo.....	42
e) Enquadramento.....	44
2.5 Evolução teórica e aprofundamentos.....	45
2.6 Quem agenda a mídia: a metáfora da cebola.....	47
a) Interagendamento.....	49
b) Agendamento intermídia, ondas noticiosas e violência.....	52
3. PRÉ-AGENDAMENTO.....	59
3.1 Newsmaking.....	61
3.2 Acontecimento como matéria-prima do jornalismo.....	64
3.3 Selecionar é agendar.....	65
a) Valores-notícia para Traquina.....	69
b) Valores-notícia para Harcup e O'Neill (2017).....	71
c) Valores-notícia nas mídias digitais.....	73
4. O CASO LÁZARO.....	77
4.1 Antes de 9 de junho de 2021.....	77
4.2 De 9 de junho a 28 de junho de 2021.....	83
4.3 Depois de 28 de junho de 2021.....	87
4.4 Estudos sobre o caso Lázaro.....	90
5. AGENDA LÁZARO: TRÊS NÍVEIS DE ANÁLISE.....	94
5.1 Agenda do objeto.....	97
5.2 Agenda dos atributos.....	98
5.2.1 Cadeia de eventos noticiosos.....	99
5.2.2 Termos-chave e categorização.....	101
5.2.3 Análise dos atributos.....	107
a) Fontes ou atores.....	110
b) Localidades.....	122
c) Características.....	128

d) Veículos e empresas de mídia.....	135
e) Demais termos.....	138
5.2.3 O efeito dos atributos na saliência dos objetos.....	142
6. CONCLUSÃO.....	149
REFERÊNCIAS.....	154
APÊNDICE I.....	164
APÊNDICE II.....	165

“Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro”
Belchior, 1976

1. INTRODUÇÃO

Na manhã do dia 9 de junho de 2021, a imprensa noticiou a morte por arma de fogo e por facadas de dois homens e um adolescente, integrantes de uma mesma família. As vítimas foram identificadas como Cláudio Vidal de Oliveira e seus filhos Gustavo Marques Vidal, de 21 anos de idade, e Carlos Eduardo Marques Vidal, de 15 anos. A esposa de Cláudio e mãe dos jovens, Cleonice Marques de Andrade, estava desaparecida. O crime aconteceu na fazenda Vidal, região do Incra 9, em Ceilândia, Região Administrativa¹ do Distrito Federal.

Na tarde do mesmo dia, os jornais divulgaram a imagem do suspeito do triplo homicídio. Era a primeira vez que o nome e a foto de Lázaro Barbosa de Souza estampavam os noticiários, sendo vinculados aos assassinatos. Até o dia 10 de junho de 2021, Lázaro era identificado na mídia pelos termos “suspeito” ou “criminoso”. A partir de 11 de junho de 2021, para a imprensa, o crime estava esclarecido e o culpado declarado, sem necessidade de esperar a ação da justiça. No dia seguinte, o corpo de Cleonice Vidal foi encontrado em um córrego próximo à propriedade da família, nu e com um tiro na cabeça. Em 12 de junho, aparecia pela primeira vez nos jornais um dos termos que permeou toda a cobertura jornalística para se referir ao suspeito: “maníaco”.

O assassinato da família Vidal sinalizou o início de uma fuga que durou 20 dias. O período foi marcado por uma sequência de crimes, de diferentes naturezas, cometidos por Lázaro, tais como invasão de propriedade, sequestro e tentativa de assassinato. A perseguição teve fim com a captura e morte do criminoso, resultante de uma troca de tiros contra policiais, em 28 de junho de 2021. Dos 125 disparados pelos agentes de segurança pública, 38 atingiram Lázaro. Após sua morte, foi preciso esperar três dias para que o corpo fosse sepultado.

Na história resumida contada até aqui, há um claro protagonista. Não como forma de enaltecimento a suas atitudes, mas porque as ações de Lázaro “são fundamentais para a constituição e o desenvolvimento do conflito dramático” (Franco Junior, 2003, p. 35). Em outras palavras, os acontecimentos que se seguiram ao crime do dia 9 de junho de 2021 tiveram como foco o criminoso, por isso seu protagonismo.

Dito isso, é interessante conhecer um pouco mais sobre o personagem central deste estudo. Lázaro Barbosa de Souza tinha 32 anos na época do assassinato da família Vidal, era

¹ Regiões Administrativas (RAs) são divisões territoriais que definem a jurisdição da ação do governo do Distrito Federal, com a finalidade de realizar a descentralização administrativa e a coordenação dos serviços públicos. Fonte: Secretaria de Estado de Governo do Distrito Federal. Disponível em: <https://segov.df.gov.br/category/administracoes-regionais>. Acesso em: 19 dez. 2024.

natural de Barra do Mendes (BA), filho de Eva Maria de Souza e Edinaldo Barbosa Magalhães, além de pai de um menino de quatro anos de idade — à época —, fruto de um casamento que durou dois anos. Ele tinha ensino fundamental incompleto, abandonou os estudos na sétima série. Aos 18 anos, em 2008, começou sua vida de delitos². Quando morreu, tinha mais de uma década de histórico criminal e mais de 500 reportagens noticiando todos os detalhes de sua vida.

A chacina da família Vidal era, pelo menos, o sétimo crime que Lázaro cometia. Contudo, dessa vez, o que seria mais uma notícia relativamente comum em um país marcado pela violência³ tomou proporções épicas. Durante 23 dias a cobertura midiática foi tão intensa quanto as ações empreendidas pelo Poder Público na tentativa de solucionar o problema. Por parte do governo, a operação para captura do fugitivo contou com mais de 270 agentes de segurança pública do Distrito Federal e de Goiás⁴. Paralelamente, mais de 70 veículos de comunicação noticiaram os acontecimentos.

Em 2021, os crimes de Lázaro tiveram destaque na mídia, no governo e junto à população. Em poucos dias, fotos, histórico escolar, religião que professava e dados de sua família marcaram as páginas (digitais ou físicas), as telas e as ondas sonoras dos veículos de imprensa, assim como se inseriram nas conversas presenciais e virtuais da população. Em 2025, quatro anos após os eventos, a busca pelas hashtags #lazarobarbosa e #lazarobarbosa, na plataforma TikTok, retorna cerca de 140 mil vídeos sobre a temática.

Existiram casos de fuga antes de Lázaro, como os de Leonardo Rodrigues Pareja⁵ e dos “Necrófilos de Nova Friburgo”⁶, assim como houve outros depois, como os “Fugitivos de Mossoró”⁷. Entretanto, a perseguição policial empenhada nessas ocorrências não recebeu atenção similar à concedida à perseguição a Lázaro, seja por parte da mídia, do público ou do governo. Nas buscas por Rogério da Silva Mendonça e Deibson Cabral Nascimento, por

² Fonte: ZANELI, Nara. Caso Lázaro: Maníaco do DF abandonou escola na 7ª série e registra suspensão em histórico. Bahia Notícias. Edição on-line, 18 jun. 2021. Geral. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/259816-caso-lazarobarbosa-maniaco-do-df-abandonou-escola-na-7a-serie-e-registra-suspensao-em-historico>. Acesso em set. 2024.

³ Apenas em 2022, foram registrados 46.409 homicídios no Brasil. Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/328>. Acesso em: 14 nov. 2024.

⁴ Fonte: Secretaria de Estado da Segurança Pública de Goiás. Disponível em: <https://goias.gov.br/seguranca/forca-tarefa-captura-lazarobarbosa-sousa>. Acesso em: 14 nov. 2024.

⁵ Leonardo Rodrigues Pareja protagonizou fugas da polícia em três estados brasileiros na década de 1990. Seu crime mais famoso foi o sequestro de uma sobrinha do então senador federal Antônio Carlos Magalhães, em 1995.

⁶ Os irmãos Ibrahim e Henrique de Oliveira foram acusados de homicídio e necrofilia no início dos anos de 1990. As buscas duraram cerca de quatro meses.

⁷ Rogério da Silva Mendonça e Deibson Cabral Nascimento fugiram da Penitenciária Federal de Mossoró em 2024. A perseguição aos criminosos durou 51 dias.

exemplo, apesar da grande notoriedade, a cobertura midiática foi pautada na comparação das ações dos fugitivos com os feitos de Lázaro. Assim, percebe-se a singularidade desse evento jornalístico que elevou uma notícia da editoria policial ao patamar de “caso”, pautando o assunto na mídia local e nacional, na pauta governamental e nas conversas cotidianas.

Uma hipótese inicial, que fomentou o desenvolvimento desta pesquisa, era a de que uma forma de observar o caso Lázaro podia ser amparada no modelo teórico da agenda-setting⁸. Sistematizado por Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972, a teoria da agenda indica que os meios de comunicação “pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá” (Barros Filho, 1995, p. 169). Por isso, uma das contribuições da ideia de agendamento midiático é “a reflexão sobre o modo como a mídia pauta as discussões na sociedade e, ao mesmo tempo, participa da construção social da realidade” (França e Simões, 2016, p. 79).

Sobre o construcionismo presente nas definições acima, é preciso ter em mente que a agenda midiática se concretiza por meio das notícias, e que estas superam a ideia de simples relato de um acontecimento, sendo o resultado de uma construção social (Hall, 2016). Isto significa que o conjunto de informações noticiosas presentes nos jornais é corolário de um processo multifatorial envolvendo as rotinas profissionais, a iniciativa dos jornalistas, as demandas sociais, as redes de fontes, entre outros fatores (Pena, 2021).

Por meio das práticas jornalísticas, como o uso da pirâmide invertida, a seleção de assuntos, a acentuação ou a exclusão de aspectos dos acontecimentos, a notícia é formada ao passo que apresenta ao mundo uma realidade igualmente construída (Traquina, 2016). Contudo, a construção não gera um produto ficcional. As notícias são índice do real e os jornalistas são participantes ativos nesse processo (*idem, ibidem*) quando “estruturam representações do que supõem ser a realidade no interior de suas rotinas produtivas e dos limites dos próprios veículos de comunicação” (Pena, 2021, p. 128).

Este fato permite compreender as notícias como mutáveis ao longo do tempo. Uma dessas mudanças, bastante expressiva, teve início no século XXI, com a popularização da rede mundial de computadores, a internet. As transformações promovidas na sociedade pelos avanços tecnológicos digitais resultaram em mudanças no fazer jornalístico (Júnior e Antonioli, 2016). Assim, a internet proporcionou: a criação de *softwares* para produção, edição e publicação mais rápida de conteúdo; o deslocamento das empresas jornalísticas de

⁸ Nas obras teorográficas brasileiras sobre teorias da Comunicação e nas traduções de obras estrangeiras é possível encontrar os seguintes termos referentes à agenda-setting: teoria do agendamento (Pena, 2021; Traquina, 2008), teoria da agenda (McCombs, 2009), função da imprensa de estabelecimento da agenda (DeFleur e Rokeach, 1993), teoria dos efeitos a longo prazo (Araújo, 2001), entre outros.

seus modos tradicionais de produção em direção ao ambiente digital; o surgimento do jornalismo em tempo real; a relação mais próxima do jornalista com seu público; e a participação ativa da audiência, das fontes e dos usuários como produtores de conteúdo (Júnior e Antonioli, 2016).

Os eventos contados até aqui se desenrolaram em 2021, ano em que houve um agravamento na crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19 e consequente imposição de regras mais rigorosas de isolamento social estabelecidas pelo Poder Público. Nesse cenário, as formas de comunicação presenciais foram limitadas, levando as interações sociais para o ambiente digital.

Segundo Carlón (2024), quando atores sociais (individuais e coletivos) passaram a gerenciar sua própria “mídia”, ocasionada pela popularização do acesso à internet ocorrida na primeira década deste século, tem-se início o processo de hipermediatização da sociedade. Atualmente, pode-se dizer que a nossa sociedade atingiu um estágio em que é caracterizada pela constante mediação entre indivíduos e entre estes e a realidade, dentro de uma lógica de interconectividade contínua (Bertoli, 2021, p. 30).

Lázaro foi um fenômeno midiático que pautou veículos de diversas empresas de comunicação, em diferentes formatos, durante quase um mês. Ante o exposto, mais que um caso isolado, *a cobertura do caso Lázaro pode ser considerada um sintoma, um indício de que a teoria agenda-setting segue pertinente?*

Partindo dos desdobramentos do aporte⁹ teórico da agenda-setting que tiveram lugar a partir da década de 1970, buscamos investigar se as modificações e contribuições de diversos autores foram suficientes para que o modelo teórico continue satisfatório na análise de fenômenos jornalísticos inseridos numa sociedade hiperconectada. Este é o objetivo geral deste trabalho, realizado com foco no agendamento intermídia do caso Lázaro Barbosa entre os portais *GI*, *O Globo*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*.

Neste trabalho, inicialmente, apresentamos um levantamento de referencial teórico sobre a teoria da agenda-setting e a teoria do *newsmaking*. A primeira oferece a base conceitual para entender como o agendamento midiático foi pensado inicialmente e como o estudo contínuo sobre o fenômeno incluiu novas dimensões de análise, inserindo-o na era de hipermediatização social. Já a teoria do *newsmaking* é entendida aqui como suporte para

⁹ Essa evolução será trabalhada no Capítulo 1, item 2.3

compreender as fases de pré-agendamento na rotina produtiva jornalística. Por isso, sua compreensão é essencial para o estudo da formação da agenda noticiosa dentro dos veículos de comunicação e a influência que estes exercem uns nos outros.

Com a base teórica explanada, trazemos a contextualização do caso Lázaro com informações sobre os crimes que cometeu antes do quádruplo homicídio no Inca 9, o período de buscas e o desenrolar de sua história, que continuou anos após sua morte. Tudo isso, visto pela ótica da mídia noticiosa.

Para desenvolver esta dissertação, o Capítulo 2 localiza a teoria da agenda-setting em diálogo com a chamada *mass communication research*, apresentando um resgate histórico de estudos que a antecederam e indica outros que partiram de suas premissas básicas. Este capítulo ainda é dedicado ao debate sobre a evolução do conceito inicial da teoria, inserindo os estudos sobre a temática no contexto da mídia jornalística digital.

O Capítulo 3 é complementar ao primeiro, com foco na teoria do *newsmaking*¹⁰ e, em especial, sobre os estudos relativos aos valores-notícia. Nele, debatemos como a lógica interna da construção da realidade influencia a produção de notícias, voltando nossa atenção para os conceitos de noticiabilidade, rotinas de produção, entre outros que influenciam diretamente a seleção de notícias e, por consequência, o processo de agenda-setting.

O Capítulo 4 é dedicado à contextualização do caso Lázaro, realizada por meio de um panorama geral sob o olhar da imprensa. Estabelecemos uma linha do tempo dos acontecimentos sociais e históricos, além das principais ocorrências do caso em si – usando a ideia de ciclo de atenção midiática (Downs, 1972; Kepplinger e Habermeier, 1995; Boydston, Moody e Thomas, 2010) – de acordo com os veículos jornalísticos estudados. A construção desse contexto é fundamental para entendermos a origem do episódio e seus desdobramentos.

No Capítulo 5, empregamos técnicas quantitativas e qualitativas para medir a similaridade entre as reportagens sobre o caso publicadas nos portais *GI*, *O Globo*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*. Para isso, trabalhamos com análise de conteúdo categorial aliada a procedimentos de recuperação de informação (IR) para a coleta e interpretação de dados, à luz da teoria agenda-setting.

A escolha dos veículos foi motivada pelo quantitativo de matérias e suítes¹¹ publicadas: os quatro portais noticiosos citados anteriormente são os que mais repercutiram o caso. O material avaliado foi publicado entre 9 de junho de 2021 e 8 de outubro de 2024. O

¹⁰ Conforme apresentada por Mauro Wolf (2012), sobretudo.

¹¹ Suíte é a “matéria do dia seguinte, que dá continuidade a um assunto anterior [...] a suíte precisa apresentar informações e angulações novas e, muitas vezes, se prolonga por semanas e até meses” (Jorge, 2008, p. 230)

período escolhido abarca o que foi divulgado sobre o episódio, e suas repercussões, até 3 anos após a morte de Lázaro Barbosa, ocorrida em 28 de junho de 2021. A ideia é ser coerente com a proposição inicial da agenda-setting que trata da influência cumulativa e dos efeitos a longo prazo. Assim, evita-se incorrer na “traição” das premissas iniciais (Wolf, 2012) da teoria.

A compilação dos dados ocorreu em três etapas: a primeira foi o levantamento das notícias que falavam sobre o caso Lázaro (primeiro nível: agenda do objeto); a segunda foi a coleta automatizada de informações para medir a similaridade entre as matérias publicadas nos veículos previamente selecionados (segundo nível: agenda dos atributos); na terceira e última etapa realizamos uma análise de conteúdo para agrupar os artigos em categorias e interrelacionar as publicações entre si (terceiro nível: agendamento em rede). Os três níveis são detalhados no Capítulo 1.

A partir da perspectiva intermídia, procuramos entender como foi a construção coletiva da agenda da imprensa sobre o caso Lázaro e se, efetivamente, a teoria do agendamento midiático permanece adequada para entender esse tipo de cobertura jornalística.

2. AGENDA-SETTING

2.1 O embrião

Como tomar conhecimento sobre situações que não conseguimos experienciar diretamente? Os meios de comunicação de massa se apresentam como uma possibilidade de resposta à questão ao assumir um papel informativo, produzir uma versão da realidade e oferecê-la ao público. Mas, como no quadro *A traição das imagens*, de René Magritte¹² – *Isto não é um cachimbo* – a realidade apresentada pela mídia não é o mundo real, trata-se de uma interpretação e uma representação dele.

No caso de Magritte, apenas ele teve contato direto com o objeto que foi retratado na tela. Nós, os apreciadores da obra, só temos acesso à interpretação e à representação produzida pelo artista, à imagem que ele construiu a partir do item em si. Do mesmo modo, um naufrágio de submarino¹³ em alto mar não é um acontecimento presenciado por um grande número de pessoas. Apenas os tripulantes da embarcação puderam vivenciar, em primeira mão, o que de fato ocorreu.

Os indivíduos na base de operações em comunicação com o submarino receberam as informações de segunda mão, ou seja, tiveram conhecimento do naufrágio por meio dos dados indicados nos radares ou do relato fornecido pela tripulação via instrumentos de telecomunicação. Por fim, as pessoas que não têm relação alguma com a situação só conseguem tomar conhecimento sobre a tragédia por informações em terceira mão, quando o caso passar a ser divulgado pela mídia noticiosa.

Existem diversas situações que são impossíveis de serem vivenciadas em primeira mão por que o mundo é “excessivamente grande, por demais complexo, e muito passageiro para se obter conhecimento direto” (Lippmann, 2017, p. 32) de tudo que nele ocorre. Tomemos novamente como exemplo o caso fictício do submarino. O caso pode ter pouco impacto na vida de muitos indivíduos, mas, para outros, como os membros da marinha de algum país, as informações são altamente relevantes. Embora os acontecimentos marítimos influenciem sua vida cotidiana, a maioria das ações que esses sujeitos realizam não é baseada na realidade concreta dos fatos, que nunca experienciaram, e sim numa versão dela, que pode

¹² MAGRITTE, René. *A traição das imagens*. 1929. original de arte, óleo sobre tela, 63,5 × 93,98 cm. Museu de Arte do Condado de Los Angeles. No quadro encontramos a inscrição: *Ceci n'est pas une pipe* que, em português, pode ser traduzido por "*Isso não é um cachimbo*".

¹³ Acontecimento fictício que nos serve apenas para aclarar uma argumentação.

chegar a eles por meio de relatórios, de conversas com colegas ou de artigos publicados pela imprensa.

Há mais de cem anos, em 1922, Walter Lippmann escreveu o clássico *Opinião Pública* tendo como ponto de partida essa noção de que existem dois tipos de realidade: a factual – inacessível para a maioria das pessoas – e as suas versões. A questão central para o autor é que os indivíduos conduzem suas vidas no ambiente real, também chamado de mundo exterior, com base em uma visão de mundo construída a partir de versões do real (Curtis, 2008; Noelle-Neumann, 2017), algo que denominou “imagens em nossas mentes” ou “imagens mentais” (Lippmann, 2017).

Opinião Pública (1922) é considerada uma obra pioneira no campo da Comunicação. Isso porque Lippmann foi um jornalista crítico da imprensa e um dos primeiros estudiosos a tentar entender o papel dos meios de comunicação na sociedade (Martino, 2017). No livro, o pesquisador creditou a mídia noticiosa como uma grande construtora de versões da realidade, sendo a principal ligação entre os fatos concretos e as imagens mentais – criadas a partir desses fatos – junto aos indivíduos (Traquina, 2008).

Essa interpretação do real, quando produzida pelo jornalismo, é chamada de pseudoambiente¹⁴ (Noelle-Neumann, 2017). Dito de outra forma, pseudoambientes são “imagens criadas indiretamente pela ação da mídia e do noticiário em nossos mapas mentais” (Wainberg, 2017, p. 14). Para Lippmann (2017), as pessoas reagem aos pseudoambientes como se estes fossem o ambiente real.

Uma forma de entender o funcionamento dos pseudoambientes se dá pela observação de uma situação ocorrida no Texas (Estados Unidos). No início da década de 1990, estava em curso no estado um movimento de declínio na criminalidade, de acordo com os dados do Departamento de Segurança Pública local¹⁵. Em contrapartida, a preocupação da população com este assunto aumentou 37% entre o verão de 1992 e a primavera de 1994¹⁶. A reação pública, portanto, divergia das tendências factuais da situação. Ao estudar o caso, Ghanem (1997) salientou que a distorção era decorrente do pseudoambiente criado pelos meios de comunicação de massa.

Assim, os pseudoambientes resultam de construções produzidas a partir de um conjunto de decisões tomadas pela imprensa. Os jornais são o “[...] resultado de uma série

¹⁴ Pseudo, do grego, significa *falso*. FERREIRA, Aurélio. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5. ed. São Paulo: Positivo, 2010.

¹⁵ Dados do Texas crime report: Crime in Texas 1992, 1993, Texas Department of Public Safety, Austin, disponíveis em Ghanem, 1997.

¹⁶ Dados do Texas Poll, Instituto mexicano-americano de pesquisa sobre opinião pública criado em 1940, disponíveis em Ghanem, 1997.

completa de seleções sobre que itens e em que posição devem ser publicados, quanto espaço cada estória deve ocupar, que ênfase deve ter” (Lippmann, 2017, p. 345). A limitação de tempo e de atenção por parte do público para se informar também interferem na formação dos “falsos” ambientes (*idem, ibidem*).

Na época em que Lippmann desenvolveu suas ideias, teóricos políticos como George Carlslake Thompson, James Bryce e Lawrence Lowell já trabalhavam conceitos de opinião pública (Berelson e Janowitz, 1966). Estes autores relacionaram a noção, entre outras questões, à “influência da industrialização, urbanização e democratização” (p. 6, *tradução nossa*). Nesse contexto, uma das contribuições de Lippmann para o debate sobre opinião pública que se desenrolava desde o século XIX, foi analisar a temática sobre a perspectiva da influência da mídia (Martino e Marques, 2020, p. 67):

Lippmann dialoga, direta ou indiretamente, com estudos sobre opinião pública desenvolvidos sobretudo na segunda metade do século XIX ao redor das noções de “massa” e “multidão”. [...] Capazes de atingir a “massa” [os meios de comunicação], são veículos de valores, crenças e ideias responsáveis pela formação de opiniões disseminadas indiscriminadamente por toda a população.

Na visão de Lippmann (2017), a opinião pública é o resultado da recorrência dos estereótipos divulgados pelos meios de comunicação, que ocasionam uma consonância de opiniões sobre determinados assuntos entre os membros de uma sociedade de massa (Curtis, 2008). “Como todos os jornalistas aplicam quase as mesmas regras de seleção, eles criam certo consenso em suas informações, o que gera uma suposição de confirmação no público” (Noelle-Neumann, 2017, p. 199).

Tal como os pseudoambientes e as imagens em nossas mentes, os “estereótipos”, são resultado, em parte, da necessidade humana de simplificar informações complexas sobre o mundo real (Lippmann, 2017). Isso acontece porque “a tentativa de ver todas as coisas de uma nova maneira e em detalhe, mais do que tipos e generalidades, é exaustivo, e nos assuntos muito intensos praticamente fora de questão” (Lippmann, 2017, p. 98).

Para Lippmann, estereótipos funcionam como uma ferramenta para essa economia mental, sendo definidos como imagens, categorias ou generalizações enviesadas sobre características ou comportamentos de determinados grupos de indivíduos (Curtis, 2008). O estereótipo, assim, é um elemento com potencial para a promoção de consenso social, “seja ele negativo ou positivo, é tão conciso e pouco ambíguo que permite a todos saber quando falar e quando calar” (Noelle-Neumann, 2017, p. 202). A repetição de estereótipos pela mídia noticiosa pode promover a convergência entre opiniões, gerando a “Opinião Pública com letras maiúsculas” (Lippmann, 2017, p. 44).

A teoria ortodoxa afirma que a opinião pública constitui um julgamento moral ou grupo de fatos. A teoria que estou sugerindo é que, no presente estado da educação, a opinião pública é primariamente uma versão moralizada e codificada dos fatos. Estou argumentando que o padrão dos estereótipos no centro de nossos códigos determina largamente que grupo dos fatos nós veremos, e sob que luz nós os enxergaremos (*idem, ibidem*, p. 130).

As ideias de Lippmann sobre pseudoambientes, imagens mentais e opinião pública foram o embrião para a então hipótese¹⁷ da agenda-setting desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw, cinquenta anos mais tarde, em 1972. Embora não haja, na publicação dos anos de 1970, qualquer menção ao autor, McCombs (2014) explicita a contribuição.

O capítulo de abertura de seu clássico de 1922, *Public Opinion*, é intitulado ‘The World Outside and the Pictures in our Heads’, e resume a ideia de agenda-setting, embora Lippmann não tenha usado essa frase. Sua tese é de que a mídia noticiosa, nossas janelas para o vasto mundo além da experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos desse mundo. A opinião pública, argumentou Lippmann, responde não ao ambiente, mas ao pseudoambiente construído pela mídia de notícias (McCombs, 2014, p. 23, *tradução nossa*)

Em Lippmann (2017) encontramos as ideias iniciais que resultaram na hipótese da agenda-setting. Entretanto, existiu um caminho de cinquenta anos a ser percorrido nos estudos do campo da Comunicação para que a formulação de McCombs e Shaw fosse possível. Essa trajetória precisa ser ressaltada, afinal “o estudo de nossos predecessores, nossas tradições, nossos clássicos, não é apenas um exercício de contar a história do campo, nem só de atualizá-los à luz da contemporaneidade” (Varão, 2012, p. 74-75), mas trata-se de aumentar “os horizontes de alternativas teóricas para além dos limites finitos das atuais possibilidades” (Camic, 1997, p. 6 *apud* Varão, 2012, p. 75)

Ao realizar o resgate das ideias e teorias desenvolvidas nas cinco décadas que separam a obra *Opinião pública* (1922) do trabalho que deu nome à teoria sobre agendamento midiático, em 1972, se faz imprescindível entender alguns dos principais aspectos da tradição de pensamento conhecida como *mass communication research*, que marcou os estudos comunicacionais norte-americanos principalmente entre as décadas de 1920 e 1960.

Não vamos nos deter em todos os aspectos e pesquisas abarcadas pelo guarda-chuva dessa tradição, tampouco seguiremos uma ordem cronológica. Apresentaremos, de maneira resumida, alguns dos principais marcos das pesquisas em Comunicação que levaram à formulação da hipótese da agenda-setting (ver Lowery e DeFleur, 1995; Araújo, 2001; McQuail, 2003; Wolf, 2012).

¹⁷ Eugene Shaw já entendia a agenda-setting como teoria desde 1979, como explicitamente apresentado no artigo “Agenda-setting and mass communication Theory”.

Recorrer ao passado nos ajudará a entender o caminho, por vezes multidisciplinar, percorrido pela *mass communication research*. Ao selecionar estudos significativos produzidos no âmbito desta tradição, consolidamos um repertório de teorizações que ajudam a explicar a natureza, as funções e as influências dos principais meios de comunicação de massa (Lowery e DeFleur, 1995). “[...] para entender como determinados estudos contribuíram para o desenvolvimento da teoria, é necessário olhar para trás e ver o que foi estudado e o que foi descoberto” (*idem, ibidem*, p. XI, *tradução nossa*).

Como consta na introdução deste trabalho, nosso objetivo é entender se a cobertura midiática sobre o caso Lázaro pode ser considerada como um sinal de que a agenda-setting persiste como fundamentação teórica capaz de explicar fenômenos contemporâneos do jornalismo, incluindo as práticas digitais. Passados mais de 50 anos de sua formulação, retornamos ao passado para pavimentar uma base sólida de modo a orientar a análise do caso Lázaro.

2.2 Estudo dos efeitos: a *mass communication research*

A *mass communication research* é composta por uma grande diversidade de abordagens e autores. Apesar disso, é possível estabelecer alguns pontos de convergência em suas pesquisas, como a orientação empirista e pragmática dos estudos (Araújo, 2001). Outro aspecto comum, e que mais sobressai sobre os trabalhos nessa tradição, é o foco nos efeitos provocados pelos meios de comunicação nos indivíduos da sociedade de massa (Lowery e DeFleur, 1995). Temos aqui dois pontos importantes para entender o arcabouço teórico da *mass communication research*: a sociedade de massa e o estudo dos efeitos.

O final do século XIX é marcado por profundas mudanças sociais. De um sistema tradicional e estável, o corpo social passa a ser complexo, com indivíduos isolados social e psicologicamente. Soma-se a esse aspecto a divisão do trabalho, a impessoalidade nos relacionamentos e o enfraquecimento das obrigações sociais informais e chegamos à ideia de sociedade de massa (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993). Nesse sentido, o termo “massa” é referente às alterações que a industrialização, urbanização e modernização provocaram nas relações interpessoais ao final daquele período (Lowery e DeFleur, 1995, p. 12).

À medida que cada novo meio entrava na sociedade e era adotado para uso generalizado, havia um nível crescente de preocupação sobre as influências do processo de comunicação de massa. À medida que os jornais e, mais tarde, os filmes e a transmissão eram cada vez mais criticados por suas supostas influências indesejáveis, a ideia de que os membros da sociedade de massa poderiam ser facilmente controlados por uma mídia poderosa incomodava os críticos.

Foi nesse cenário que os meios de comunicação de massa se difundiram pelas principais sociedades ocidentais (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993), o que acarreta o segundo ponto para melhor entendimento da *mass communication research*: o estudo dos efeitos. De acordo com McQuail (2003), todo o estudo da comunicação de massa parte da premissa de que a mídia provoca efeitos significativos nos indivíduos e nas formações sociais. O que muda, de estudo a estudo, é o entendimento sobre sua extensão e natureza.

Uma dessas abordagens era ancorada nas teorias da sociedade de massa e nas teorias behavioristas, entendendo a ação humana como resposta a um estímulo (Araújo, 2001). Da interrelação entre essas duas perspectivas nasceu o modelo comunicacional da teoria hipodérmica (*idem, ibidem*). Também chamada de teoria da bala mágica ou teoria dos efeitos ilimitados – alcunhas recebidas em retrospecto – é considerada a primeira teoria da comunicação na tradição da *mass communication research*.

A teoria da bala mágica nasceu sob um contexto social novo, como mencionado anteriormente, em que novas tecnologias e novos meios de comunicação exigiam que houvesse melhor entendimentos sobre os fenômenos da comunicação no corpo social. “Nesse sentido, a teoria hipodérmica vem na esteira das reflexões sobre a sociedade de massa, na qual os meios de comunicação começavam a ter um papel considerável” (Varão, 2009).

O contexto da teoria dos efeitos ilimitados data do período pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), momento em que os meios de difusão aparecem como instrumentos para a gestão de opiniões por parte do governo norte-americano (Mattelart e Mattelart, 1997). À época de sua formulação, a mídia era entendida como capaz de moldar a opinião pública, direcionando-a para qualquer ponto de vista, dando a entender sua onipotência sobre a audiência (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993). “A ideia fundamental é que as mensagens da mídia são recebidas de maneira uniforme pelos membros da audiência e que respostas imediatas e diretas são desencadeadas por tais estímulos” (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993, p. 182).

A superação do modelo hipodérmico inicia a partir da década de 1940. Uma das vertentes que levam ao seu abandono são os estudos empírico-experimentais, também conhecidos como abordagem da persuasão (Araújo, 2001). Essa vertente sustenta que os efeitos na audiência não são uniformes, variando entre os indivíduos de acordo com suas particularidades psicológicas.

Os estudos dessa corrente buscavam compreender a intervenção dos fenômenos psicológicos individuais nos processos comunicativos (França e Simões, 2016) e consistia na

revisão do processo de comunicação encarado como mecanicista e imediato, baseado na relação estímulo-resposta (Wolf, 2012). A matriz Estímulo-Resposta (E-R), ou Estímulo-Reação, segundo McQuail (1994, p. 502), é o “[...] processo psicológico pelo qual um sujeito aprende, através de uma experiência, a desempenhar uma dada acção como resposta ao estímulo da mensagem que associou à acção em causa”.

Neste ponto é importante ressaltar que a abordagem empírico experimental não questiona a matriz estímulo-resposta (França e Simões, 2016), mas busca entender o que ocorre entre as pontas do processo comunicacional que o levam ou a sua melhor eficácia persuasiva, ou ao seu insucesso (Wolf, 2012). Dito de outra forma, “[...] intervindo entre E e R há um conjunto de atributos do organismo individual que influencia a maneira pela qual ele se ajusta aos estímulos percebidos” (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993, p. 221).

São duas as coordenadas que orientam a perspectiva da persuasão: a audiência e a mensagem. Sobre a audiência, as pesquisas da linha empírico-experimental buscavam entender o caráter do destinatário, considerados intermediários na realização dos efeitos provocados pelos meios (Wolf, 2012). Fatores como interesse em adquirir informações, exposição seletiva a opiniões externas, interpretação e memórias seletivas influenciariam a eficácia, ou não, do processo comunicacional (*idem, ibidem*).

Já sobre as mensagens, a proposta era entender a melhor forma de organização do conteúdo para fins persuasivos (Wolf, 2012). A credibilidade do comunicador, a ordem da argumentação e sua integralidade, além da explicitação de conclusões eram considerados fatores de interferência na natureza dos resultados obtidos pela comunicação (Araújo, 2001).

As pesquisas empírico-experimentais, neste período, apesar da tentativa de distanciamento, ainda apresentavam estrutura lógica similar ao modelo da bala mágica, ocupando-se das respostas a curto prazo (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993). “O esquema causa → efeito da teoria hipodérmica precedente sobrevive, porém inserido num quadro de análise que se torna progressivamente mais difícil e extenso” (Wolf, 2012, p. 19) A mudança, então, está na inclusão dos fatores psicológicos: a causa (ou seja, o estímulo) e o efeito (ou seja, a resposta) são atravessados pelos processos psicológicos dos indivíduos envolvidos (*idem, ibidem*).

O rompimento com a teoria da bala mágica, que ocorreu, de fato, “[...] a partir da ascensão das pesquisas de Paul Lazarsfeld sobre a influência pessoal no processo de comunicação de massa” (Varão, 2009, p. 3). Os estudos *The people's choice*, de 1944, e *Personal influence: the part played by people in the flow of mass communication*, de 1955, ambos de Lazarsfeld, foram decisivos para a evolução das teorias norte-americanas no campo

da Comunicação (Araújo, 2001). Os resultados dessas pesquisas levaram à formulação do conceito de líder de opinião e do fluxo de duas etapas.

Trata-se da inclusão, nos estudos sobre a comunicação de massa, dos contextos sociais em que vivem os indivíduos. É o primeiro momento em que se percebe a influência das relações interpessoais na configuração dos "efeitos" da comunicação. Da idéia de efeitos diretos chega-se enfim à idéia de um processo indireto de influência (Araújo, 2001, p. 128).

Proposto por Elihu Katz e Paul Lazarsfeld, em 1955, o modelo *two-step flow* é uma das primeiras reações à perspectiva de que os meios de comunicação teriam poder ilimitado sobre a audiência, indicando a possibilidade de resistência aos poderes da mídia por parte do público (Martino, 2017). A ideia central do modelo afirma que, na primeira etapa do fluxo comunicacional estão os líderes de opinião, pessoas expostas diretamente à ação da mídia que, por isso, se tornam responsáveis por oferecer interpretações tidas como corretas para uma comunidade de indivíduos (Mattelart e Mattelart, 2009; Martino, 2017). A segunda etapa é composta pelas pessoas com menos exposição à mídia, que dependem dos líderes de opinião para conseguir informações (Mattelart e Mattelart, 2009).

O modelo do fluxo de duas etapas, apesar de entender os efeitos da mídia como limitados, afetou uma série de estudos realizados nos anos 1950 que afirmavam a não influência da mídia sobre o público (McQuail, 1994). “A incapacidade das investigações precedentes em encontrar efeitos ‘diretos’ dos media de massas foi atribuída em parte à contribuição variável e muitas vezes invisível dos líderes de opinião” (*idem, ibidem*, p. 506). Os efeitos mínimos, ou nulos, dos meios de comunicação apontados nos trabalhos desse período chegaram a ser alvo de críticas de diversos autores como Harold Zucker (1978), além de Kurt Lang e Gladys Lang (1966).

A partir dos anos 1960, há outra mudança na corrente investigativa dos estudos dos limitados, que passa a dialogar com linhas de pesquisa tanto norte-americanas (Interacionismo Simbólico, Semiótica e Escola de Palo Alto) como europeias (Corrente Culturoológica francesa, Semiologia, Cultural Studies de Birmingham) (Araújo, 2001). Desse diálogo resultam novas abordagens da problemática dos efeitos, como a teoria dos usos e gratificações, trabalhada principalmente por Elihu Katz, discípulo de Lazarsfeld (*idem, ibidem*).

A corrente dos usos e gratificações busca entender o que satisfaz o público, ou seja, quais os usos as pessoas fazem dos meios (Araújo, 2001). Wolf (2012) explica que nessa vertente de estudos os efeitos da comunicação de massa são entendidos como resultado da satisfação das necessidades do receptor. “A influência permanece incompreensível se não se

considerar a sua importância em relação aos critérios de experiência e aos contextos situacionais do público” (Wolf, 2012, p. 60). Com a hipótese, há o afastamento das teorias que entendiam os efeitos como diretos ao mesmo tempo que buscava-se superar as teorias dos efeitos indiretos ou limitados (Mattelart e Mattelart, 2009).

Até este ponto, vimos os estudos sobre os efeitos dentro da *mass communication research* sob a ótica da gradação do poder dos meios de comunicação sobre as audiências, classificados como ilimitados, limitados ou nulos, apresentado-se de forma direta ou indireta. Outra forma de análise ocorre por meio da temporalidade, com a abordagem dos efeitos vistos como de curto ou de longo prazo.

Os efeitos a curto prazo tentam explicar o que ocorre com o indivíduo quando exposto ao conteúdo midiático num contexto imediato, ao invés de entender as influências indiretas ao longo do tempo (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993). Os estudos com essa perspectiva temporal estiveram ligados, durante muito tempo, ao modelo de Schulz¹⁸, composto por quatro premissas: processos de comunicação são assimétricos; a comunicação é individual; a comunicação é intencional; e os processos de comunicação são episódicos (Wolf, 2012). A superação desse modelo, por seu abandono ou por propostas de modificação, provocou uma mudança de paradigma, passando-se do estudo dos efeitos de curto prazo para as consequências de longo prazo (*idem, ibidem*).

A hipótese da agenda-setting nasce nesse contexto de mudança de paradigma nos estudos da Comunicação (Araújo, 2001). Também conhecida como teoria dos efeitos a longo prazo, a alcunha parte das premissas que representava: “[...] a influência da mídia é limitada (a ‘seletividade’ dos receptores constitui um obstáculo); não pode ser direta (existem intermediários); não pode ser imediata (o processo de influência requer tempo)” (Mattelart e Mattelart, 2009, p. 153).

Em suma, a agenda-setting está inserida na tradição de pensamento da *mass communication research*, ao mesmo tempo que a desconstrói, e surge como uma tentativa de compreender a abrangência do processo comunicacional por seus efeitos a longo prazo, indiretos e limitados (Barros Filho, 1995; Hohlfeldt, 1997; Wolf, 2012; Mattelart e Mattelart, 2009).

2.3 Sistematização do efeito agenda-setting

¹⁸ No original em alemão: *Transfermodell der Kommunikation*.

Como já assinalado, Walter Lippmann é considerado o “pai intelectual” da agenda-setting (McCombs, 2014, p. 23) pelas noções de imagens mentais, pseudoambientes e opinião pública apresentados em 1922. Seu trabalho foi o primeiro passo em direção à elaboração da teoria da agenda.

Após Lippmann, diversos pesquisadores se aproximaram da formulação do que seria posteriormente chamado de efeito agenda-setting, proposto por McCombs e Shaw em 1972, ou de suas ideias centrais, sem contudo consolidá-las. Um deles foi Robert Ezra Park, jornalista que à época de Lippmann também estudava a opinião pública. Os dois pesquisadores tinham familiaridade com o trabalho um do outro e estabeleceram, na década de 1920, uma espécie de diálogo por meio de resenhas críticas. Lippmann, por exemplo, em *The new republic*, escreveu uma resenha crítica sobre a obra *The immigrant press and its control*, publicada por Park em 1922. No caminho inverso, é de Park a crítica à *Opinião pública*, também de 1922, divulgada no *The american journal of sociology* (Silva, 2016).

Esse pequeno histórico nos serve não apenas para entender um pouco melhor o contexto da produção intelectual da década de 1920, como também observar que Lippmann não era uma voz solitária falando sobre o papel dos meios de comunicação na formação da opinião pública. Passadas duas décadas, o assunto continuaria em voga e Park (1940) voltaria a abordar as temáticas relacionadas à opinião pública e, de maneira pioneira, ressaltou a propriedade dos meios de comunicação de massa de se inserir nas conversas cotidianas.

A primeira reação típica de um indivíduo às notícias provavelmente será o desejo de repeti-las para alguém. Isso gera conversa, desperta mais comentários e talvez inicie uma discussão. Mas o singular sobre isso é que, uma vez iniciada a discussão, o evento em discussão logo deixa de ser notícia e, como as interpretações de um evento diferem, as discussões se voltam das notícias para as questões que elas levantam. O choque de opiniões e sentimentos que a discussão invariavelmente evoca geralmente termina em algum tipo de consenso ou opinião coletiva — o que chamamos de opinião pública. É sobre a interpretação dos eventos presentes, ou seja, notícias, que a opinião pública repousa (Park, 1940, p. 677, *tradução nossa*).

Outro autor que faz uma clara aproximação com a ideia da fixação da agenda pública por parte da mídia foi Norton Long. Em 1958, Long chegou a enunciar claramente o que seria no futuro a hipótese do agendamento midiático, mas sem usar esta denominação. Segundo o autor, o jornal tinha “grande participação na definição do que a maioria das pessoas conversarão, o que as pessoas pensarão que são os fatos e como se deve lidar com os problemas” (Long, 1958 *apud* Barros Filho, 1995, p. 175).

Passados cinco anos, Bernard Cohen (1963) – apesar de não ser o foco de sua obra *The press and the foreign policy* – faz a citação que é usada por pesquisadores até as décadas mais recentes (como em McCombs e Shaw, 1972; Barros Filho, 1995; Lowery e DeFleur,

1995; McCombs, 2014; Lang e Lang, 2016; Burd 2016) para introduzir a explicação sobre o efeito do agendamento midiático:

[a imprensa] Pode não ser bem-sucedida, na maior parte do tempo, em dizer às pessoas o que pensar, mas é surpreendentemente bem-sucedida em dizer aos seus leitores sobre o que pensar (Cohen, 1963, p. 13, *tradução nossa*).

Para Cohen (1963), essa característica da imprensa tem como consequência a percepção diferente da realidade para pessoas diferentes. Isso ocorre não só pela interferência dos interesses pessoais dos indivíduos, mas do seu mapa, ou atlas, de interpretação do mundo, que foi configurado a partir das realidades apresentadas pelos repórteres, editores e empresas detentoras dos jornais que lêem (*idem, ibidem*).

Similar à ideia de mapa em Cohen, Galtung e Ruge (2016) trazem que a aplicação constante dos critérios de relevância usados pelos jornalistas para selecionar os acontecimentos que serão noticiados influenciam todo processo informativo¹⁹. A recorrência temática nas pautas dos jornais, ocasionada por essa repetição dos parâmetros de seleção, forma o quadro interpretativo, uma espécie de esquema de conhecimento que o público usa para dar sentido ao mundo em que vive (*idem, ibidem*).

Até aqui, listamos quatro dos estudos que analisaram os efeitos da mídia de massa pela ótica do grau de importância de determinados assuntos²⁰ têm junto ao público. Contudo, a consagração da agenda-setting só ocorreu com a publicação do artigo “The agenda-setting function of mass media”, em 1972, por Maxwell McCombs e Donald Shaw. Com base no trabalho de Lang e Lang (1966) e de Bernard Cohen (1963), e incorporando pontos de vista teóricos semelhantes aos aplicados nas área da socialização política (desenvolvimento cognitivo e formação de atitudes), McCombs e Shaw desenvolveram a primeira verificação empírica do que chamaram de função de definição da agenda dos meios de comunicação de massa: a agenda-setting (Gandy, 2016).

Os pesquisadores teorizaram sobre o agendamento midiático partindo da premissa de que a seleção de notícias por parte da mídia de massa desempenha papel fundamental na formação da realidade política. Dessa forma, os receptores da mensagem atribuem a um assunto certo grau de importância, avaliado a partir de características como a quantidade de informações contidas em uma notícia e sua posição na página do jornal, processo realizado inconscientemente (McCombs e Shaw, 1972).

¹⁹ O assunto critérios de relevância e noticiabilidade será tratado no Capítulo 2.

²⁰ Em diversos estudos o “grau de importância de determinados assuntos” é tratado apenas pelo termo saliência, como uma tradução da expressão em inglês *issues salience* (como exemplo, ver Wolf, 2012 e Hohlfeldt, 1997).

O estudo de Chapel Hill, como ficou conhecido, investigou a capacidade de definição de agenda pela mídia de massa na campanha presidencial norte-americana de 1968. A ideia era corresponder o que os eleitores de Chapel Hill disseram ser as questões-chave da campanha com o conteúdo apresentado pelos veículos de imprensa consumidos por eles durante aquele período.

No desenvolvimento do trabalho, foi pedido a cada entrevistado que indicasse as questões mais importantes da campanha presidencial em sua opinião, independentemente do que os candidatos diziam sobre o assunto naquele momento. Paralelamente, houve a coleta de notícias da editoria política dos jornais acompanhados pelos entrevistados, seguida da análise de seu conteúdo. Os veículos analisados foram: *Durham Morning Herald*, *Durham Sun*, *Raleigh News and Observer*, *Raleigh Times*, *New York Times*, *Time*, *Newsweek* e as transmissões noturnas dos noticiários da *NBC* e da *CBS*.

Como resultado, os dados sugeriram uma forte relação entre a ênfase dada a diferentes temas da campanha pela mídia de massa e a relevância e importância dada pelos eleitores a esses assuntos (McCombs e Shaw, 1972). Com isso, observou-se que os indivíduos tendem a partilhar as opiniões dos meios de comunicação. “[...] a evidência neste estudo de que os eleitores tendem a compartilhar a estrutura dada pela mídia sobre o que é importante sugere fortemente uma função agenda-setting da mídia de massa” (McCombs e Shaw, 1972, p. 113, *tradução nossa*).

Com o estudo houve, pela primeira vez, a sistematização do efeito de agendamento midiático e sua consequente designação a partir de um vocábulo que se tornaria amplamente conhecido. “Uma contribuição fundamental do estudo de Chapel Hill foi o termo, ‘agenda-setting’, que conferiu a esse conceito de influência da mídia um entendimento compartilhado entre os estudiosos” (McCombs, 2014, p. 20). Apesar da importância, McCombs e Shaw nunca souberam precisar em que momento a expressão foi cunhada por eles (McCombs, 2014).

Barros Filho (1995), a partir das observações de Enric Saperas (1987), afirma que a pesquisa norte-americana sobre a função de agendamento pela mídia significou “[...] a primeira ruptura consolidada em relação às análises da comunicação política fora do âmbito estrito da persuasão” (1995, p. 172), como ocorria nas vertentes da teoria empírico-experimental e do modelos do fluxo de duas etapas (ver item 1.1).

Com a agenda-setting, houve o abandono do domínio dos efeitos intencionais e assumiu-se o domínio dos efeitos latentes da mensagem da mídia de massa sobre os

destinatários. A partir disso, o centro dessa problemática seria a relação contínua e dinâmica entre os meios de comunicação de massa e a realidade social (Wolf, 2012).

Na obra de Lippmann (1922), tivemos o ponto de partida da teoria da agenda. De Park (1940) ao trabalho de Gladys e Kurt Lang (1966), tivemos as primeiras aproximações com a ideia de agendamento midiático. Por fim, em McCombs e Shaw (1972) encontramos a sistematização e teorização mais apropriada do efeito, fundamental para a análise de casos de cobertura jornalística realizadas sob a ótica da agenda-setting

2.4 Para entender a agenda: conceitos iniciais e centrais

Antes de iniciar o detalhamento sobre a agenda-setting, precisamos ter o cuidado de esclarecer alguns conceitos básicos para a compreensão do processo comunicacional, como as definições de mídia, de comunicação de massa e de meios de comunicação de massa. Esse desvio se faz necessário para não incorrer no erro de alguns trabalhos que, ao não delimitar esses conceitos, acabam privilegiando o significado conferido pelo senso comum (Guazina, 2004). Do mesmo modo, alguns estudos que tratam da teoria do agendamento midiático entendem o conceito de *agenda* como algo dado. Dessa forma, vamos nos dedicar, por ora, a esses aspectos conceituais.

Não por grau de importância, mas por integrar o nome dado à formulação, iniciaremos pela *agenda*. Este termo diz respeito a um “[...] grupo definido de temas discutidos em lugar e tempo específicos” (Martino, 2017, p. 322). Isto posto, a agenda da mídia de massa é composta pelos temas presentes nos veículos jornalísticos, enquanto a agenda pública comporta os assuntos incluídos nas conversas interpessoais. Fixar a agenda, dessa forma, é chamar a atenção para um problema, destacando sua importância, “[...] é fixar não só o que vai ser discutido, mas como e por quem” (Barros Filho, 1995, p. 173).

Aqui, incorremos em mais uma questão importante: o que é essa mídia que fixa a agenda? Em diversos estudos que têm como foco o efeito agenda-setting, mídia aparece como sinônimo de imprensa (McCombs e Shaw, 1972; Protesse e McCombs, 2016; Funkhouser, 2016; Weaver, 2016; Rivers, 2016; Cook e Skogan, 2016). Contudo, igualar os dois termos é uma extrapolação equivocada.

Como vimos anteriormente (item 1.1), ao final do século XIX havia a crença de que as pessoas viviam socialmente isoladas, compondo uma “multidão solitária” (DeFleur e Dennis, 1991, p. 23) de sujeitos carentes de relações sociais fortes. Por isso, o termo

sociedade de massa não se refere a critérios numéricos, à ideia de quantidade de pessoas, mas ao relacionamento entre o indivíduo e a ordem social (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993).

A *massa*, como parte da expressão *comunicação de massa* fazia, a princípio, referência a esse corpo social amplo e diverso, com relações fragilizadas. Com o tempo, esse entendimento sobre a sociedade foi superado, mas o termo *massa* continuou em uso nos estudos comunicacionais (DeFleur e Dennis, 1991). Com isso, podemos entender a *comunicação de massa* como:

[...] um processo no qual profissionais da comunicação usam a mídia para disseminar mensagens de forma ampla, rápida e contínua, de modo a despertar significados em públicos grandes e diversificados na tentativa de influenciá-los de várias maneiras (DeFleur e Dennis, 1991, p. 23, *tradução nossa*).

Podemos observar que, para a definição acima, o conceito de mídia é fulcral, mas apesar de sua centralidade para os estudos no campo da Comunicação, é um termo negligenciado (Guazina, 2004). Um autor que se distancia desse padrão é Venício Lima (2004). Sua definição para o conceito de mídia, abrangente e didática, elucida bastante a questão.

A mídia, plural latino de *medium*, meio, será aqui entendida como o conjunto das instituições que utilizam tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a instituição mídia implica sempre a existência de um aparato tecnológico intermediário para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação midiaticizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos (Lima, 2004, p. 49).

Em DeFleur e Dennis (1991), temos a mídia como conjunto de meios, sendo este qualquer “objeto ou dispositivo usado para comunicar uma mensagem; isto é, para mover informações à distância ou preservá-las ao longo do tempo” (p. 21, *tradução nossa*). Os autores, diante de sua definição, explicam que nem todo meio pode ser tomado como “de massa”. Para ser assim considerado, precisa realizar o processo da comunicação de massa, disseminando mensagens ampla, rápida e continuamente, com a intenção de gerar significado junto à audiência (DeFleur e Dennis, 1991).

Outro conceito interessante de mídia é apresentado por Antônio Rubim (2000), que a compreende, em seu viés mercadológico, como:

[...] o conjunto de meios enquanto indústria da comunicação, com suas empresas e rotinas próprias dentro da sociedade capitalista, detentora de linguagens, formatos, estratégias, processos, e agentes múltiplos que envolvem a comunicação de massa, projetam imagens e visibilidades e a constituem um *poder* no mundo contemporâneo (Rubim, 2000 *apud* Guazina, 2004, p. 6).

Já na ótica de Thompson (2002), a comunicação é tida como uma atividade social envolvendo a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas. Baseado nisso, define meio como aparato técnico em que o conteúdo simbólico é fixado, armazenado e transmitido do produtor ao receptor, possibilitando sua a reprodutibilidade, em maior ou menor escala.

Para o autor, a reprodutibilidade do conteúdo está na base da exploração comercial das formas simbólicas. Em outras palavras, a replicabilidade do conteúdo confere aos meios de comunicação (ou mídia) a possibilidade de serem mercantilizados, “[...] isto é, transformadas em mercadorias para serem vendidas e compradas no mercado; e os meios principais de ‘mercantilização’ das formas simbólicas estão justamente no aumento e no controle da capacidade de sua reprodução” (Thompson, 2002, p. 5).

Até este ponto, podemos perceber que a informação é um aspecto importante para entender o conceito de mídia. Sobre o assunto, Martino (2001) explica que informação, em si, não é comunicação, mas que pode ser transformada em tal a partir da ativação que o receptor (ou o emissor) faz ao decodificar²¹ a mensagem recebida. Dito de outra forma, trata-se da “[...] organização dos traços materiais por uma consciência, enquanto que o termo comunicação exprime a totalidade do processo que coloca em relação duas (ou mais) consciências” (Martino, 2001, p. 17).

Compilando as definições apresentadas, podemos conceituar mídia como o conjunto de meios técnicos capazes de relacionar duas consciências de modo a efetivar a comunicação humana, utilizando-se de linguagens, formatos, estratégias, processos e agentes múltiplos próprios, dissemina informações ampla, rápida e continuamente, por meio da fixação do conteúdo em aparatos tecnológicos que possibilitam sua reprodutibilidade de forma a atingir uma parcela considerável dos indivíduos de uma sociedade.

Com os conceitos de mídia, comunicação de massa e meios de comunicação de massa delimitados, podemos avançar e nos aprofundar no estudo da evolução das premissas da agenda-setting a partir de sua sistematização formal por McCombs e Shaw (1972), no já mencionado estudo de Chapel Hill.

A publicação de “The agenda-setting function of mass media” (1972), despertou o interesse da comunidade acadêmica dos Estados Unidos, impulsionando estudiosos no desenvolvimento de trabalhos que tentavam entender, ou desqualificar, os achados sobre a função de agendamento da mídia. Para se ter uma noção desse panorama, McCombs em

²¹ Aqui entendida como as ações de ler, ouvir, assistir, interpretar (Martino, 2001).

“Setting the agenda for agenda-setting research”, de 1979, afirmou que desde a publicação do estudo original, sete anos antes, cinquenta artigos sobre o assunto haviam sido produzidos. Já em 1993, Rogers, Dearing e Bregman identificaram mais de 200 artigos publicados até então sobre a teoria da agenda-setting.

O aumento do número de pesquisas sobre o assunto promoveu a evolução de ideias e da própria definição de agendamento midiático. Por exemplo, é de Eugene F. Shaw (1979) um dos conceitos mais completos sobre a teoria da agenda, usada por autores como Wolf (2012) para explicar suas premissas.

A teoria da definição da agenda diz que, em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas e às pessoas (Shaw, 1979, p. 96, *tradução nossa*)

Uma das grandes mudanças ocorridas nos estudos de agendamento veio 25 anos após Chapel Hill e foi protagonizada pelos “pais” da teoria. Com o avanço nos estudos, os autores romperam com a noção de Bernard Cohen (1963) que usaram para a formulação da hipótese original da agenda-setting.

O resumo clássico de Bernard Cohen (1963) sobre agenda setting [...] foi virado do avesso. Novas pesquisas explorando as consequências do agenda-setting e do enquadramento sugerem que a mídia não apenas nos diz no que pensar, mas também como pensar sobre isso e, conseqüentemente, o que pensar (McCombs e Shaw, 1993, p. 65, *tradução nossa*)

Essa quebra é fruto da mudança nas abordagens dos estudos sobre o agendamento. Enquanto os trabalhos iniciais estavam centrados na questão “quem define a agenda pública e sob quais condições?”, duas décadas de desenvolvimento de pesquisas alteraram a pergunta para: “quem define a agenda da mídia?” (McCombs e Shaw, 1993).

Como resultado dessa alteração na perspectiva, McCombs e Shaw (1993) incorporaram outros fatores como sendo capazes de influenciar o processo de agendamento. Como centrais na construção da agenda da mídia, os autores passaram a entender não só a ordem do dia dos objetos, ou seja, a seleção dos assuntos, acontecimentos, personalidades ou eventos que irão compor o noticiário, mas também as perspectivas que os jornalistas conferem a cada um dos objetos (McCombs e Shaw, 1993). Portanto, a seleção dos objetos não é mais condição suficiente para provocar o efeito, dado que a ótica sob os quais os assuntos são apresentados pela mídia também influenciam a percepção do público.

A partir dessa evolução nas premissas iniciais sobre a temática, é possível indicar alguns conceitos centrais da teoria da agenda-setting: objetos, atributos, transferência de saliência e condições contingentes (McCombs, 2014). Resumidamente, a agenda de objetos está relacionada aos assuntos, acontecimentos, personalidades ou eventos presentes na ordem do dia dos noticiários; a agenda de atributos é composta pelas características ou os enfoques usados pela mídia ao apresentar os objetos; a transferência das saliências refere-se à adesão do público à importância que a mídia confere aos objetos; por fim, as condições contingentes são as circunstâncias que promovem ou limitam a influência da agenda da mídia junto a agenda do público.

Esses aspectos explicam a configuração da agenda-setting aplicada ao contexto de produção de notícias. Por meio deles é possível ter uma visão inicial e geral das características de um tema que é agendado na mídia jornalística. Do mesmo modo, esse conhecimento abre caminho para o entendimento das dinâmicas de coberturas noticiosas sobre os mais diversos assuntos, como o foi no caso Lázaro.

2.4.1 Agenda dos objetos e agenda dos atributos

Inicialmente, podemos entender que a agenda de objetos trata da transferência – da mídia para o público – de preferências por determinados temas, enquanto a agenda dos atributos trata não só de aspectos específicos de uma questão, mas da forma como esses atributos influenciam a agenda pública (Ghanem, 1997). Esses dois tipos de agenda podem ser imaginados como dois círculos concêntricos, com a agenda dos objetos ocupando o círculo externo, e a agenda dos atributos circunscrita nesse círculo” (Ghanem, 1997, p. 152, *tradução nossa*).

Ao retomarmos o que vimos na revisão dos conceitos envolvendo a teoria da agenda por McCombs e Shaw (1993), encontramos a definição de objetos. Estes são os temas em si, os acontecimentos, eventos ou pessoas que foram selecionados para compor a ordem do dia da agenda midiática (McCombs, 2014).

O objeto é aquilo para o qual nossa atenção está direcionada ou aquilo sobre o qual temos opinião. Tradicionalmente, nas discussões sobre a definição da agenda, esse objeto tem sido uma questão pública, mas os tipos de objetos que podem definir uma agenda nos meios de comunicação social e entre o público são virtualmente ilimitados (McCombs, 2014, p. 78, *tradução nossa*).

Apesar de compor um estoque infindável, os temas colocados sob os holofotes da mídia não são selecionados de maneira aleatória. São os atributos desses objetos que definem aquilo que será uma questão relevante e, em alguns casos, inclinará a opinião pública para

uma determinada perspectiva ou solução (McCombs, 2009). Assim, a agenda de atributos trata da perspectiva de apresentação de um objeto pela mídia (McCombs, 2014).

Um estudo de Mikami *et al.* (1995) nos ajuda a esclarecer as diferenças e a relação entre a agenda dos objetos e a agenda dos atributos. Os pesquisadores examinaram como a mídia noticiosa do Japão influenciou a opinião pública dos residentes de Tóquio antes e durante a cobertura do evento Earth Summit²², que tinha foco em questões ambientais. Na primeira parte da pesquisa, os autores pediram que os participantes colocassem em ordem de importância os problemas (ou objetos) que mais afetavam a população japonesa. O objetivo era verificar em que posição relativa estaria a questão ambiental.

Em seguida, os pesquisadores compararam a gradação da importância dada pelo público e pelas notícias, não limitando-se aos assuntos (ou objetos), mas incluindo os subtemas específicos (agenda dos atributos) que compunham a temática do meio ambiente. Os resultados da pesquisa indicaram que, apesar da intensa cobertura realizada pelos jornais *Asahi* e *Yomiuri*, os efeitos do agendamento junto ao público não foram imediatos, mas de médio e longo prazos.

Uma das razões para essa ocorrência estaria nos atributos enfatizados pela mídia dentro do tema (Mikami *et al.*, 1995). O desflorestamento e o desaparecimento da vida selvagem, nos então chamados países em desenvolvimento, foram amplamente divulgados pelos jornais no período, apesar de não serem temas tão familiares ao público japonês. Enquanto isso, outros subtemas, como a crise da redução da camada de ozônio, mais afetos àquela população, não contaram com a mesma atenção por parte da mídia (*idem, ibidem*).

2.4.2 Transferência das saliências

Outro conceito central da teoria da agenda-setting é a saliência, que pode ser definida como a importância relativa dada a um assunto. A saliência pode ser analisada por três perspectivas diferentes (McLeod, Becker e Byrnes, 2016, p. 47). Uma delas é a saliência individual, que corresponde à “[...] valorização individual dada pelo receptor a um determinado assunto noticiado, que se traduz pela percepção que ele venha a emprestar à opinião pública” (Hohlfeldt, 1997, p. 50). A segunda diz respeito à saliência interpessoal, em que a valorização do tema é conferida pelo indivíduo enquanto membro de uma comunidade.

²² Também chamado de *United Nation's Conference on Environment and Development (UNCED)*, o evento ocorreu em junho de 1992 na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. O objetivo era criar um plano de cooperação internacional para resolver problemas ambientais globais e aumentar a conscientização pública sobre essas questões.

Por fim, temos a saliência percebida, meio termo entre individual e a interpessoal. É a percepção que um indivíduo tem sobre o que os outros membros da comunidade acreditam ser temas importantes (McLeod, Becker e Byrnes, 2016). Portanto, quando McCombs (2014) fala da transferência da saliência da agenda da mídia para a agenda pública, trata da transmissão da importância relativa conferida pelos meios de comunicação de massa a um determinado tema para um lugar de destaque na temática das conversas interpessoais.

Essa transferência, todavia, não importa em dizer que a mídia tem influência absoluta sobre as agendas individuais, significa apenas que a temática da mídia será preponderante sobre outros assuntos quando as agendas forem consideradas coletivamente (Barros Filho, 1995). Para entender melhor esse aspecto, recorremos aos exemplos trazidos por Barros Filho: “Um pai que comenta com seu colega de trabalho que seu filho quebrou a perna. Ou um funcionário explica ao chefe as razões de seu atraso. Esses temas, pertencentes a uma agenda pessoal, não foram impostos pela mídia” (1995, p. 170).

Dessa explicação extraímos que a agenda-setting trata de assuntos mediatizados. Entre as temáticas que compõem a agenda pessoal – como o acidente de um filho ou o atraso no trabalho – é possível encontrar temas que dizem respeito à coletividade e que estão nos noticiários, como um engarrafamento de grandes proporções. Ou seja, o pai pode falar sobre a perna quebrada do filho, assim como fala sobre o congestionamento. O que difere os dois assuntos é que o problema familiar, dentro da normalidade, só será de interesse das pessoas mais próximas ao garoto, enquanto a questão do trânsito afetará a todos que precisam se deslocar pela cidade por meio da área engarrafada.

Diante disso, por mais que a agenda da mídia não ocupe sempre posição de destaque nas agendas das pessoas, quando considerada dentro de coletividades, torna-se quantitativamente relevante (Martino, 2017). A saliência, assim, é uma proeminência dada a um acontecimento, seja por fatores externos à produção noticiosa ou internos. A narrativa construída em torno da história de Lázaro, por exemplo, teve sua notoriedade desenvolvida por motivações internas à prática jornalística, como será discutido no capítulo 3.

2.4.3 Condições contingentes

Um leitor menos atento poderia entender, erroneamente, a teoria da agenda-setting com um retorno aos efeitos ilimitados da mídia. Em seu raciocínio, se os meios de comunicação, pela simples apresentação de uma estrutura temática, são capazes de influenciar a conversa cotidiana, então podem ser entendidos como poderosos ditadores da opinião pública. Contudo, essa assunção é equivocada.

Conforme explica Eugene Shaw (1979), os estudiosos da agenda-setting defendem que a mídia é persuasiva de um modo único, singular, diferente das ideias apregoadas pela teoria da agulha hipodérmica. “Em vez disso, a mídia é persuasiva ao focar a atenção pública em eventos, questões e pessoas específicas e ao determinar a importância que as pessoas atribuem aos assuntos públicos” (Eugene Shaw, 1979, p. 96).

Por isso, dentro das premissas que configuram a teoria da agenda estão as condições contingentes, que podem ser entendidas como as circunstâncias que promovem ou limitam a influência dos efeitos do agendamento midiático (McCombs, 2014 e Palmgreen e Clarke, 2016). São várias as condições contingentes: tematização (Hohlfeldt, 1997), aspectos relacionados à mensagem e aos receptores (Barros-filho, 1995), o tempo (McCombs, 2014) a necessidade de orientação (Weaver, 2016) e o enquadramento (McCombs e Shaw, 1993). A seguir, abordaremos esses fatores de influência, mas sem pretender, com isso, criar uma listagem exaustiva em si.

a) Tematização

Neste ponto, é interessante pensarmos sobre os assuntos que ingressam nas agendas, midiática ou do público. Um acontecimento, por si só, não é condição única para essa inserção. Para que isso ocorra, os eventos de natureza pública com relevância social precisam passar por um processo de tematização. Tematizar é destacar um acontecimento por meio da ação da mídia noticiosa ao lhe conferir determinado grau de importância (Hohlfeldt, 1997, p. 50).

Para Wolf (2012), a tematização é um procedimento intrínseco ao processo da agenda-setting e, conseqüentemente, da imprensa. Isso porque tematizar um assunto é “colocá-lo na ordem do dia da atenção do público, dar-lhe a importância adequada, salientar sua centralidade e sua significatividade em relação ao fluxo normal da informação não-sistematizada” (Wolf, 2012, p. 165).

A tematização não decorre, portanto, apenas da seleção de um assunto dentro de uma cartela de eventos pré-estabelecida de acordo com critérios como especificidade, temporalidade e espaço disponível para divulgação. Um problema ou uma questão tematizados precisam ter significado público e demandar uma solução ou decisão a seu respeito (Rositi, 1982 *apud* Wolf, 2012).

O complexo aparato referencial indicador dos eventos que podem atingir o status de notícia é resultado das características da organização do trabalho dos jornalistas e dos elementos de sua cultura profissional (Wolf, 2012). O conjunto desses fatores compõe os

critérios de noticiabilidade, que serão apresentados no Capítulo 2. Por ora, basta sabermos que a seleção temática é um mal necessário de justificativa simples. Usando as palavras de Lippmann (2017, p. 332), “[...] todos os repórteres do mundo trabalhando todas as horas do dia não poderiam testemunhar todos os acontecimentos no mundo”, sendo necessário lançar mão desses aparatos para a formatação da ordem do dia temática.

Além de condicionar os efeitos do agendamento, ao limitar os assuntos que ingressam na agenda da mídia por suas características – natureza pública e relevância social (Wolf, 2012) – a tematização restringe a atenção do público para novas temáticas. Jian-Hua Zhu, em 1992, usou um modelo matemático para comprovar essa hipótese. Em seu estudo, afirmou que, para um tema assumir o protagonismo – em outras palavras, ser agendado – outro assunto deve deixar o lugar de destaque (Zhu 1992, *apud* Barros Filho, 1995). Isso indica que “[...] a agenda do cidadão não funciona como depositária interminável de temas que a mídia lhe impõe” (Barros Filho, 1995, p. 205).

b) Mensagem

Os aspectos relacionados à origem, ao veículo e ao conteúdo das mensagens têm papel contingente. A origem condiciona a mensagem por meio da agenda dos meios de comunicação de massa e sua relação com os temas, a mídia, as fontes e os demais campos sociais (Barros Filho, 1995). Na primeira relação (temas e a agenda dos meios) a seleção temática e as características do conteúdo da notícia – como novidade e capacidade de retenção da atenção – impactam os efeitos da mensagem.

A segunda relação trata do agendamento intermídia, em que os meios de massa operam como agentes externos influenciando o agendamento temático de outros meios de comunicação. A terceira relação entende as fontes como elementos que relativizam a forma como a mídia noticiosa realiza a construção da realidade social. Elas fornecem uma versão sobre aquilo que relatam, sendo o relato uma forma subjetiva de contar um fato em que o observador tem sua visão “[...] mediada pelos ‘óculos’ de sua cultura, sua linguagem, seus preconceitos” (Pena, 2021, p. 57).

Por fim, a quarta relação sinaliza outros campos sociais que podem ter interesse em filtrar ou direcionar o enfoque da agenda dos meios (Barros Filho, 1995). As influências externas são tão interessadas em interferir no processo de formação da pauta midiática, que a profissão do assessor de imprensa nasceu, também, para atender a essa demanda (*idem, ibidem*).

Sobre a mensagem, ainda é interessante resgatar três características da mídia propostas por Noelle-Neumann (1973): a acumulação, a consonância e a onipresença. A primeira é o conceito ligado à capacidade da mídia em dar relevância a um tema e mantê-lo dessa forma, “[...] destacando-o do imenso conjunto de acontecimentos diários que serão transformados posteriormente em notícia e, por consequência, em informação” (Hohlfeldt, 1997, p. 49). Trata-se do fluxo contínuo de informações sobre um mesmo acontecimento (Varão, 2020).

O segundo aspecto, consonância, reflete o fato de que as formas estandardizadas de produção da informação acarretam a existência de mensagens mais semelhantes que diferentes entre veículos de comunicação (Noelle-Neumann, 1973 *apud* Wolf, 2012). A consonância pode, então, ser entendida como efeito da profissionalização dos veículos de comunicação de massa (Varão, 2020).

Por último, a onipresença é uma característica quantitativa dos meios de comunicação. Um acontecimento, ao ser divulgado pela mídia, extrapola as fronteiras da notícia e configura-se com um saber público (Noelle-Neumann, 1973 *apud* Wolf, 2012). Um evento quando “[...] transformado em notícia, ultrapassa os espaços tradicionalmente a ele determinados [e] se torna onipresente” (Hohlfeldt, 1997, p. 49).

Em se tratando dos aspectos relacionados aos veículos, o tipo de meio que veicula as mensagens (rádio, televisão, impresso etc.) aparece com um aspecto importante de contingência (Barros Filho, 1995). Essa característica foi estudada por Hohlfeldt, 1997. Apesar de divergirem sobre qual o tipo de veículo de massa que mais influencia a agenda pública, os pesquisados concordaram que este é um fator relevante no contingenciamento do efeito agenda-setting.

Sobre o conteúdo, Palmgreen e Clarke (2016) chegaram à conclusão de que a mídia desempenha papéis muito diferentes na definição da agenda, a depender de se as questões apresentadas são de origem local ou nacional. Resultado similar foi encontrado no estudo de Atwood, Sohn e Sohn (2016) sobre o agendamento da discussão em nível comunitário. Os pesquisadores concluíram que existem correlações significativas entre o conteúdo do jornal diário local e os assuntos que as pessoas na comunidade afirmam ler e conversar. Outro exemplo do impacto da abrangência no agendamento está no trabalho de Gilberg *et. al.* (2016). Os dados de sua pesquisa apontaram diferença significativa entre o jornal local e os meios de comunicação nacionais na formação da agenda do público.

No caso Lázaro, contudo, ocorreu um movimento diverso. Veículos de imprensa nacionais e regionais tiveram sucesso na construção da agenda, tanto do público, quanto entre

jornais. Isso se mostrou evidente pela quantidade de meios de comunicação que noticiaram o episódio, volume de publicações produzidas e atividade do público, representada pelas ações realizadas nas mídias sociais.

c) Recepção e necessidade de orientação

A recepção e a necessidade de orientação do receptor são fatores contingentes que estão correlacionados. Ambos fazem parte de estudos que antecederam McCombs e Shaw (1972) e que continuaram depois deles. O fluxo de duas etapas, por exemplo, relativiza o processo comunicacional baseado no contato mídia-receptor. Ao incluir a figura dos líderes de opinião, o modelo insere no transcurso da comunicação as relações interpessoais como fator de influência na recepção (Barros Filhos, 1995).

A partir das relações interpessoais, podemos entender um aspecto importante da recepção para a teoria da agenda: a noção de que, para a comunicação de massa impactar a definição da agenda dos indivíduos, estes precisam primeiro ser expostos à mensagem da mídia (Weaver, 2016). O que faz, então, algumas pessoas, acidental ou intencionalmente, se exporem mais a essas mensagens?

A resposta ao questionamento está na necessidade de orientação, que é definida pelo relacionamento entre a relevância da informação e o grau de incerteza do indivíduo sobre o assunto da mensagem (Weaver, 2016). Assim, a baixa relevância – independentemente do grau de incerteza – resulta em baixa necessidade de orientação; a alta relevância e a baixa incerteza resultam em moderada necessidade de orientação; a alta relevância e a alta incerteza resultam em alta necessidade de orientação (McCombs e Weaver, 1973 *apud* Weaver, 2016).

Partindo da explicação apresentada, percebe-se a relevância com um conceito fundamental quando o foco está na necessidade de orientação, especialmente por ser sua condição definidora inicial (McCombs, 2014). Podemos entender que se um “[...] determinado acontecimento acaba sendo noticiado por todas as diferentes mídias, independentemente do enfoque que lhe venha a ser dado, ele possui evidente relevância” (Hohlfeldt, 1997, p. 49).

A necessidade de orientação contingencia o agendamento midiático dado que a exposição à mídia é condição para que os efeitos da agenda se manifestem. Nesse sentido, a teoria da influência variável das notícias de Zucker (1979) trabalha a relação entre o grau de experiência direta ou de conhecimento sobre um assunto e a duração da presença desse tema como destaque na mídia. Quanto menos experiência direta com um tema, mais os indivíduos vão depender dos meios de comunicação social para conseguir informação e interpretação. Na

mesma grandeza, quanto maior o período de destaque de um assunto, menor será sua influência na necessidade de orientação..

Dito de outra forma, a teoria de Zucker (1979) aponta que quanto menos experiência direta com um tema, maior é a dependência midiática do indivíduo para obter informações a fim de interpretá-lo. Quanto mais experiência direta com o tema, menor é a necessidade da orientação oferecida pela mídia.

Zucker se dá conta de que os temas *non-obtrusive*, ou seja, aqueles cuja experiência direta do receptor é pequena, provocam elevado agenda setting, ao passo que os temas *obtrusive*, ou seja, aqueles já presentes no cotidiano temático dos receptores, não provocam agenda setting (Barros Filho, 1995, p. 196).

Aprimorando as ideias de Zucker, McCombs (2014) assinala que as questões com maior probabilidade de passar da agenda midiática noticiosa para a agenda pública são aquelas relevantes e discretas. Algumas questões são intrusivas (*obtrusives*), ou seja, intrometem-se na vida cotidiana e são vivenciadas diretamente. Outras são discretas, não intrusivas (*non-obtrusive*) e nós as encontramos apenas nas notícias, não diretamente em nossas vidas diárias.

Diante disso, se uma questão discreta repercutir no público, a necessidade de orientação será de moderada a alta (McCombs, 2014). Em contraste, para questões intrusivas, a necessidade de orientação pode ser satisfeita em grande parte pela experiência pessoal, já que os meios de comunicação não são a única fonte de orientação para os assuntos públicos. A experiência pessoal, que inclui conversas com familiares, amigos e colegas de trabalho, é fonte de informação dominante e sua influência varia a depender de cada questão (McCombs, 2014).

De forma resumida, temos que a necessidade de orientação do receptor influencia a intensidade dos efeitos do agendamento midiático. O indivíduo será mais ou menos impactado de acordo com o grau de incerteza, “aspectos cognitivos, avaliativos e afetivos, de personalidade, de seu *habitus*, do universo social em que atua e da posição que nele ocupa” (Barros Filho, 1995, p. 204).

d) Tempo

A agenda-setting é uma teoria sobre a influência cumulativa da comunicação de massa e sobre os efeitos de longo prazo. Isto é, pressuposta a existência da influência da mídia sobre o receptor, esta não se dá imediatamente, mas necessita de um certo tempo para se efetivar e ser constatável (Hohlfeldt, 1997). Em contraponto, a “[...] realidade de pesquisa

muitas vezes se limitou a um contexto de comunicação específico, o da ‘campanha’, traindo assim, num certo sentido, as premissas iniciais” (Wolf, 2012, p. 176).

Anthony Downs, em 1972, foi um dos primeiros a tentar entender o quesito tempo relacionado a manutenção da atenção do público a um determinado assunto. Ele propôs a existência de um ciclo de atenção – *issue-attention cycle* dentro do qual um problema ou temática subitamente ganha destaque, permanece dessa forma por um curto período e, embora ainda em grande parte não tenha sido resolvido, gradualmente desaparece do centro da atenção pública. “Assim que os meios de comunicação perceberem que a ênfase num problema está ameaçando muitas pessoas e aborrecendo outras mais, eles mudarão o seu foco para algum ‘novo’ problema” (Downs, 2016, p. 31).

De maneira similar, Smith (2016) introduziu a ideia de ciclo de *feedback* para a análise do agendamento midiático. O ciclo de *feedback* entre a cobertura midiática e a preocupação pública tem natureza de amplificação e controle. Na amplificação dos *loops de feedback*, aumentos ou reduções em uma variável de entrada causam aumentos ou reduções em uma variável de saída. Esta, por sua vez, retroalimenta o ciclo, adicionando alterações na variável de entrada, e assim por diante. Neste processo, as mudanças nas variáveis de entrada e saída acumulam-se ao longo do tempo.

A mídia, ao pautar assuntos relacionados a violência, por exemplo, aumenta ou diminui a preocupação e o interesse do público sobre este assunto. A preocupação e o interesse, ampliados ou reduzidos ao longo do tempo, passam a influenciar a decisão da mídia em pautar mais ou menos a temática, retomando o início do ciclo.

Pelo aspecto do controle, os aumentos (ou reduções) na variável de entrada, na fase de retroalimentação do ciclo, levam à inversão na variável de saída. Isto é, se a imprensa aumentar a cobertura de determinado assunto, o público perderá o interesse ou não se mostrará tão preocupado com ele. Se diminuir a cobertura, o interesse e a preocupação do público poderá aumentar, reiniciando o ciclo.

Dessa forma, Smith (2016) explica que a amplificação do ciclo é mais frequente no começo do problema público, quando a imprensa começa a mencionar o assunto. De maneira contrária, o controle do ciclo será mais presente nos estágios finais do agendamento, quando o público passa a perder o interesse sobre a temática. Dessa forma, espaços de tempo, relações de controle e amplificação e o direcionamento primário do efeito do agendamento variam de acordo com o problema agendado (Smith, 2016).

e) Enquadramento

Enquadramento e agenda-setting são noções bastante relacionadas. Mas é preciso ressaltar que não estamos tratando da teoria do enquadramento, mas da ideia de abordagem, viés ou ponto de vista sobre um assunto.

A agenda-setting significa uma redescoberta do poder do jornalismo, não apenas pelo efeito causado na audiência pela seleção das temáticas que se tornaram notícias, mas pela forma como esses assuntos são enquadrados (Traquina, 2008). O destaque a certos aspectos de uma temática, dado pelo noticiário, influencia e direciona a opinião pública, por isso “[...] a maneira como um comunicador enquadra uma questão define uma agenda de atributos e pode influenciar a maneira como pensamos sobre ela” (McCombs e Shaw, 1993, p. 63).

Por conta dessa influência, o enquadramento é um elemento condicionante dos efeitos da agenda-setting. Para entender essa relação, podemos nos valer da metáfora de Tuchman (1978). Segundo a socióloga, as notícias são janelas para o mundo e suas molduras delimitam o ambiente a que temos acesso. A janela pode ser pequena ou grande, estar com o vidro limpo, sujo ou quebrado, o horizonte pode ser vasto ou comprometido (Tuchman, 1978). Enfim, a realidade enquadrada pelos meios de comunicação influenciam a forma como conhecemos o mundo.

Williams, Shapiro e Cutbirth (2016), num estudo de 1983, se propuseram a entender se a lógica do enquadramento está relacionada ao processo da agenda-setting. A conclusão geral da pesquisa apontou que os meios de comunicação conferem maior impacto na saliência de um tema quando conferem alguma ótica às questões levantadas. “O enquadramento é uma variável de conteúdo crucial no processo de definição da agenda” (p. 257, tradução nossa).

Lang e Lang (2016) ao analisar o caso Watergate pela perspectiva do agendamento, afirmaram que a forma como um tema é apresentado pela mídia faz com que ele entre, ou não, na agenda pública, indicando a variação do efeito agenda-setting caso a caso (Lang e Lang, 2016). Segundo os autores, uma temática como o desemprego ou a inflação pode afetar diretamente, e de maneira bastante homogênea, um grande número de pessoas. Enquanto isso, outras questões são sentidas de forma seletiva, pois dependem da proximidade do público com a realidade apresentada (como problemas de transporte urbano ou criminalidade). Há ainda assuntos que, por mais que afetem uma parcela considerável da população, são pouco palpáveis, a exemplo da corrupção.

Com a pesquisa, chegaram à conclusão que, mesmo com essas variações na sensibilidade a respeito de uma temática por parte do público, alguns enquadramentos, como o sensacionalista, têm potencial de exagerar os atributos de um desses assuntos. Essa

abordagem pode tirá-los de proporção que, por sua vez, tem o potencial de ocasionar uma onda de preocupação por um problema, que em condições normais, teria impacto social reduzido (Lang e Lang, 2016).

Como apresentado, os conceitos centrais da teoria da agenda-setting (objetos, atributos, transferência de saliência e condições contingentes) são necessários para entender como a escolha de um tema e suas abordagens, aliada às circunstâncias envolvendo a produção de notícias, podem promover ou reduzir o impacto do efeito de agendamento junto ao público. Construído este repertório, viabiliza-se a compreensão das transformações desenvolvidas no modelo teórico a partir da década de 1970 e que nos auxiliam na observação do caso Lázaro.

2.5 Evolução teórica e aprofundamentos

A teoria da agenda-setting é de 1972. O caso Lázaro teve seu auge em 2021. Como, então, este pode ser um sintoma da pertinência contemporânea daquele? Para tentar responder à questão, recorreremos aos diversos estudos que se ocuparam em trabalhar a teoria da agenda a partir de diferentes perspectivas e desenhos de pesquisa, desde 1972. Esses trabalhos, apesar da grande quantidade de abordagens, puderam ser organizados dentro de uma classificação que ficou conhecida como tipologia de Acapulco²³ (McCombs, 2014).

Essa categorização entende que as perspectivas de pesquisa sobre os efeitos do agenda-setting podem ser agrupadas em duas dimensões dicotômicas (McCombs, 2014). Na primeira dimensão estão os estudos em que o foco recai sobre a agenda como um todo ou em apenas um único item (ou tema) que a compõe. Na segunda dimensão se enquadram as investigações que têm por foco a mensuração da relevância dos itens da agenda, seja por medidas agregadas que descrevem um grupo ou população inteiros, seja por medidas que descrevem respostas individuais (quadro 1).

Tabela 1 – Tipologia da Acapulco

1ª dimensão – foco	Medidas de relevância	
	Medidas agregadas	Medidas individuais
Agenda como um todo	Perspectiva I (Competição)	Perspectiva II (Autômato)
Um único item da agenda	Perspectiva III (História natural)	Perspectiva IV (Retrato cognitivo)

Fonte: Elaboração própria, baseada no modelo de McCombs (2014, p. 66).

²³ A tipologia foi apresentada pela primeira vez por McCombs na 30ª conferência anual da International Communication Association (ICA), ocorrida em Acapulco (México), em 1980. Disso decorre o nome da classificação.

A Perspectiva I tem foco na agenda como um todo e usa medidas agregadas para estabelecer a importância dos itens dentro da agenda. Aqui estão os estudos que verificam como os temas competem por posições na ordem do dia. Os trabalhos agrupados na Perspectiva II têm foco na agenda individual, pois entendem que embora a mídia, embora possa influenciar opiniões sobre a importância de alguns temas, sua agenda nunca, ou raramente, será reproduzida em qualquer grau substancial pelo indivíduo.

Na Perspectiva III estão os trabalhos que usam medidas agregadas para estabelecer o grau de correspondência entre a agenda da mídia e a agenda pública na alteração da importância relativa dada a uma única questão ao longo do tempo. O último tipo, a Perspectiva IV, é composta pelas pesquisas centradas no indivíduo que restringem suas observações à relevância de um único item da agenda.

Outra forma de organizar os estudos sobre agenda-setting parte de um entendimento ampliado, a classificação por níveis (McCombs, 2014). Contínuos e paralelos, refletem o papel dos meios de comunicação de massa na formação da opinião pública. Trata-se dos efeitos de agendamento que têm lugar nas fases preliminares do processo de comunicação, abrangendo tanto o nível inicial de atenção do público como sua compreensão sobre uma mensagem (McCombs, 2014).

O primeiro nível é o agendamento tradicional, em que o foco está na transmissão da saliência do objeto. Nessa dimensão, os estudos tendem a comparar “as questões enfatizadas na agenda da mídia e as questões que se tornaram proeminentes na agenda pública” (McCombs, 2014, p. 107), se presentes ou ausentes nas duas agendas. Um exemplo é o próprio estudo de Chapel Hill conduzido por McCombs e Shaw (1972), além dos desenvolvidos por Funkhouser (2016) e por McLeod, Becker e Byrnes (2016)

O agendamento de atributos é o segundo nível. Os estudos que se enquadram nessa fase focam na transmissão da relevância do atributo, comparando a hierarquia da classificação dessas características na agenda da mídia e na agenda pública. Os trabalhos de Mikami *et. al* (1995) e de Ghanem (1997), mencionados anteriormente, são considerados estudos que abordam a esta dimensão dos efeitos do agendamento.

Um estudo alemão publicado em 2008 mostrou um aspecto interessante do segundo nível do agendamento. Com foco na temática do desemprego, Matthes (2008) investigou como a agenda dos atributos influenciava a necessidade de orientação do receptor. Para isso, foi realizado um painel em duas etapas combinada a uma análise de conteúdo de telejornais das três principais emissoras berlinenses e de quatro jornais impressos locais.

Os resultados apontaram que a necessidade de orientação do receptor tem influência na agenda dos objetos, mas não na agenda dos atributos. Em outras palavras, a necessidade de orientação prevê que os indivíduos recorrem à mídia em busca de informações, mas não conseguem prever quais atributos específicos das temáticas serão usados nesse processo (Matthes, 2008).

O terceiro e último nível é o efeito dos atributos na saliência dos objetos. O questionamento que os estudos desse nível buscam responder é: “até que ponto os meios de comunicação são capazes de transferir a relevância de uma imagem integrada?” (McCombs, 2014). Nessa dimensão o conceito de argumentos persuasivos é importante para entender o processo de definição da agenda.

Segundo esta perspectiva, os meios de comunicação social moldam a importância percebida de atributos e de objetos, tanto separadamente como simultaneamente. “Portanto, o público pode não apenas tratar determinado atributo como parte do objeto, mas também considerar os dois como elementos conectados e integrados nas ‘imagens’” (Guo e McCombs, 2011, p. 5, *tradução nossa*). A associação promovida pela ideia de argumentos persuasivos foi importante por ser o primeiro reconhecimento teórico da capacidade dos meios de comunicação em transferir as relações dos elementos da agenda midiática para a agenda pública (McCombs, 2014).

Dentro do terceiro nível dos estudos sobre agenda-setting, podemos incluir o que definiu um novo tipo de agendamento: em rede. O trabalho de Guo e McCombs (2011) sugere a possibilidade do indivíduo se relacionar com a agenda midiática por meio de um padrão de pensamento em rede, que é diferente do mecanismo de cognição lógico e hierárquico presumido na teoria tradicional de definição de agenda.

Como base no entendimento sobre argumentos persuasivos e mapas cognitivos²⁴, os autores formularam a hipótese de que os atributos em rede retratados pelos meios de comunicação influenciam significativamente as imagens mentais do público, aproximando-se da ideia de pseudoambientes proposta por Lippmann (2017).

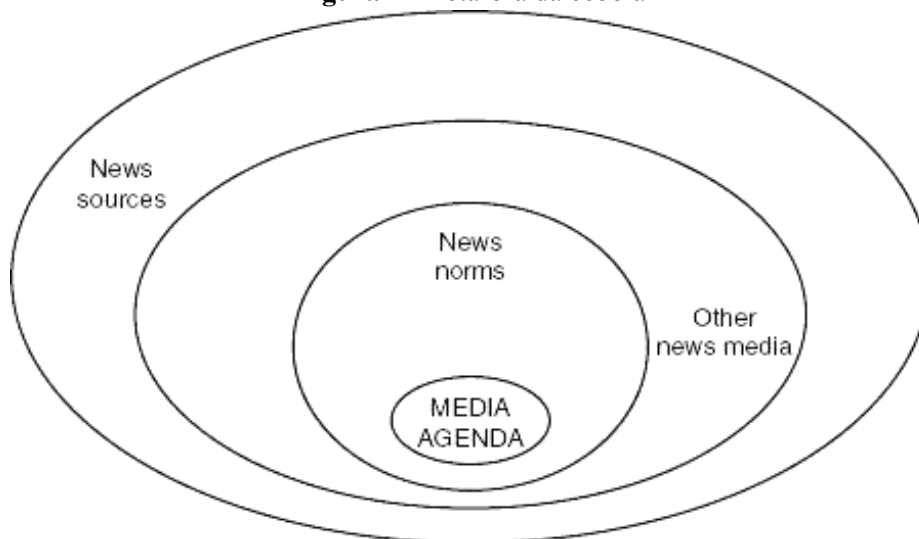
2.6 Quem agenda a mídia: a metáfora da cebola

²⁴ “O modelo mental de ‘mapas cognitivos’ basicamente sugere a existência, no cérebro humano, de um conjunto de ‘scripts’ ou ‘esquema’ que refletem o pensamento espacial ou de rede de uma pessoa [...] Assim, nossa representação cognitiva de objetos e seus contextos é apresentada como uma estrutura semelhante a uma rede, em que qualquer nó em particular estará, em geral, conectado a muitos outros nós (Kaplan, 1973)” (Guo e McCombs, 2011, p. 5, *tradução nossa*).

No início da década de 1980, uma linha de investigação começou a explorar os vários fatores que contingenciam a agenda dos meios de comunicação de massa a partir do questionamento: quem agenda a mídia? As respostas oferecidas pelos estudos de Turk (2016), Gilberg *et. al.* (2016), Whitney e Becker (2016), Reese e Danielian (2016), entre outros, indicavam que outras agendas influenciavam a midiática.

Complementar a essas perspectivas, a metáfora da cebola, por meio de uma relação concêntrica entre três camadas, indica os elementos externos à agenda da mídia que a influenciam diretamente (McCombs, 2014). O posicionamento das camadas diz respeito à natureza sequencial em que a influência sob a agenda midiática ocorre (figura 1).

Figura 1- Metáfora da cebola



Fonte: McCombs, 2014.

Porém, a metáfora da cebola não se limita às três camadas propostas por McCombs (2014): “Uma versão detalhada pode conter muitas, muitas camadas” (McCombs, 2014, p. 191). Apesar disso, no diagrama inicial apresentado, há apenas os estratos que o autor considerou fundamentais, em termos de influência na agenda midiática.

Na superfície da nossa cebola teórica estão fontes de notícias externas importantes, como o presidente dos Estados Unidos, atividades rotineiras de relações públicas e os esforços de campanhas políticas. No fundo da cebola estão as interações e a influência dos vários meios de comunicação, uns sobre os outros, um fenômeno agora comumente chamado de definição de agenda intermedia. Até certo ponto, estas interações validam e reforçam as normas e tradições sociais do jornalismo. Estas normas e tradições, que são a camada da cebola que envolve imediatamente o núcleo, definem as regras básicas para a definição final da agenda da mídia. (McCombs, 2014, p. 191, *tradução nossa*)

A partir da metáfora da cebola é possível entender que o agendamento não ocorre em uma única direção. As camadas sempre influenciarão e serão influenciadas pelos estratos acima e abaixo delas, em maior ou menor grau. Uma das consequências da análise desses relacionamentos é a formulação de outros tipos de agenda, como o interagendamento, o superagendamento e o agendamento intermídia.

a) Interagendamento

Os estudos apresentados até aqui trabalharam o agendamento no contexto da mídia tradicional, aquela composta pelos meios de comunicação de massa que se estabeleceram antes do advento da internet e das tecnologias digitais (McQuail, 2010). Contudo, as teorias que buscam explicar a comunicação de massa precisam ser continuamente confrontadas com as novas tecnologias e suas aplicações (*idem, ibidem*). Com a teoria da agenda não foi diferente.

A relação entre a evolução dos meios de comunicação em si e da própria teoria é essencial para entender como foi o acompanhamento da imprensa à sequência de delitos protagonizada por Lázaro em 2021. Isso porque o caso ocorreu em meio a um agravamento da pandemia de Covid19, quando o Distrito Federal estava sob toque de recolher, que vigorou de março a setembro de 2021²⁵, e ações similares para a contenção ao avanço pandêmico foram tomadas em outras Unidades da Federação. O isolamento social era uma realidade havia pouco mais de um ano²⁶ e as interações on-line eram umas das poucas alternativas para a convivência social.

Naquele momento, a demanda pelo uso da internet foi impulsionada não só pelos relacionamentos interpessoais, mas pela migração das atividades essenciais para o ambiente digital, situação que foi refletida nas estatísticas. Em 2021, por exemplo, o Brasil contava com mais de 152 milhões de usuários de internet, isso significava que 81% da população acima de 10 anos de idade²⁷ estava conectada. Isto é, em decorrência da pandemia de Covid19, as

²⁵ Decreto nº 41.874, de 08 de março de 2022, que “Institui toque de recolher das 22h às 05h, em todo Distrito Federal, no período agudo da pandemia de COVID-19” e Decreto nº 42.473, de 02 de setembro de 2021, que “Altera o Decreto nº 41.913, de 19 de março de 2021, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente da COVID-19 (Sars-Cov-2), e dá outras providências.”

²⁶ A Organização Mundial da Saúde caracterizou a Covid-19 como uma pandemia em 11 de março de 2020. Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

²⁷ Dados da pesquisa TIC Domicílios 2020, do Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br). Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br> Acesso em: 22 jan. 2025.

tecnologias da comunicação e informação (TIC) mudaram a forma como as pessoas se relacionam nas mais diversas áreas de suas vidas.

Nesse contexto, os meios de comunicação digital tiveram um grande papel na ampliação do alcance do caso Lázaro e na disseminação acelerada de informações entre veículos e público. Diante disso, resta-nos entender a influência da internet sobre o fenômeno do agendamento midiático, dado que a própria imprensa está inserida no mundo virtual e a realidade construída por ela também se ergue sobre os alicerces da internet. Logo, os acontecimentos mediados por suportes que vão além da conversa presencial, ingressando no mundo on-line, têm o potencial de agendar conversações entre ele (mundo virtual) e o mundo real, tangível (Castro e Sousa, 2013).

Ainda em 2007, Fábio Malini começou a arrancar a influência que os internautas teriam na produção de conteúdo informativo nos anos seguintes, por meio da ideia de opinião pública distribuída. Para o estudioso, o fenômeno ocorre quando os usuários replicam ideias uns dos outros, compartilham opiniões e buscam chamar a atenção da audiência da mídia de massa por meio de comentários (Malini, 2007). Assim, a ampliação do acesso à internet trouxe a reboque a possibilidade de compartilhamento da realidade sem a intermediação da mídia noticiosa.

Os veículos dos mass media viram-se então imersos num plano em que o receptor penetrava no interior do *newsmaking*. Queria fazer parte do *core* do poder midiático. Foi uma verdadeira invasão bárbara pós-moderna cuja principal consequência foi a transformação das leis que regem o jornalismo contemporâneo, bem como na denúncia da “homogeneização da opinião, da redução do contraditório, da diminuição do espaço crítico” (Malini, 2007, p. 7).

Diante disso, é possível perceber que a internet trouxe novas perspectivas para os estudos sobre agendamento e provocou a elaboração de novos conceitos e desdobramentos. Um deles foi o interagendamento, definição que aborda a capacidade da mídia de massa de agendar e influenciar os temas que são abordados em outros meios. O assunto pode sair do radar da mídia tradicional, mas continuar vivo nos debates na internet (Castro e Sousa, 2013).

Com o aumento dos canais de comunicação nos últimos anos, McCombs (2014) levantou e respondeu a três questionamentos sobre a influência da internet sobre o efeito de agendamento da mídia noticiosa e, conseqüentemente, do público: 1) Os canais de comunicação da internet têm efeitos de definição de agenda entre o público?; 2) A proliferação de novos canais diminuiu o impacto na definição da agenda dos meios de comunicação tradicionais? 3) Até que ponto existem efeitos de canais específicos versus o impacto coletivo de uma configuração de comunicação?

As respostas de McCombs (2014) são todas otimistas, afirmando que os canais de comunicação via internet continuam a demonstrar os efeitos do agendamento encontrados nos meios tradicionais. Na análise desses efeitos ao longo dos anos, o autor afirma haver uma tendência a enfatizar mais os meios de comunicação individuais (plataformas de mídias sociais²⁸) do que os coletivos. Esta conclusão não nega que existam jornais, estações de rádio e TV e *websites* poderosos e influentes. No entanto, é a vasta configuração de vozes de comunicação que define o tecido social. “Na maioria das vezes, os principais efeitos da comunicação resultam do impacto coletivo dos meios de comunicação social e de um processo contínuo de osmose cívica” (McCombs, 2014, p. 48, *tradução nossa*).

Dentro dessa perspectiva, podemos pensar o conceito de superagendamento como um desdobramento do impacto coletivo possibilitado pelas dinâmicas das mídias sociais. Esse fenômeno pode ser definido como:

[...] a transposição da conversa cotidiana sobre aquilo que se considera mais importante veiculado pelos meios de comunicação para o ambiente dos próprios meios técnicos, elevando exponencialmente a quantidade de mensagens circulando sobre um mesmo assunto e afetando diretamente nossa compreensão daquilo que é ou não é relevante no cenário social. (Varão e Boaventura, 2020, p. 23).

O conceito trazido por Varão e Boaventura (2020) encontra condição de existência pela própria natureza das mídias sociais, em que o usuário é ao mesmo tempo autor e disseminador de informações. “Ao assumir este novo papel, o indivíduo passa a intervir nas rotinas de produção das notícias” (Malini, 2007, p. 7). O mundo on-line media as informações a que têm acesso, dá ferramentas para filtrar e personalizar a experiência de recepção, além de oferecer “um número sem precedentes de opções, transferindo a função de curadoria de conteúdo dos editores das redações para os indivíduos, suas redes sociais e a classificação, manual ou algorítmica, de informações” (Bakshy, Messing e Adamic, 2015 *apud* Varão e Boaventura, 2020, p. 24, *tradução nossa*).

Por meio da internet, os jornalistas, além de produtores de notícias, são participantes do fluxo informativo virtual, assumindo ao mesmo tempo os papéis de *gatekeeper*²⁹ e de *gatewatcher*³⁰. “Assim, usuário e plataforma redimensionam os processos de circulação de

²⁸ Para este trabalho, entendemos mídia social como “um dos (talvez o principal) efeito da apropriação das ferramentas de comunicação digital, onde a estrutura das redes sociais e as affordances dessas plataformas permitem que emergjam tipos conversações nas quais há modos de circulação de informação que são diferentes daqueles offline” (Recuero, 2019).

²⁹ Martino (2017) explica que *gatekeeper* é o “‘guarda do portão’, responsável por selecionar o que entraria no jornal”. Este assunto será mais detalhado no item 3.1.

³⁰ Bruns (2011) explica que *gatewatcher* é o papel ativo de seleção de notícias, uma espécie de curadoria, desempenhado pelos usuários no contexto da mídia de massa pós internet.

informações e percepção do real e, em associação, modificam os processos e efeitos do agendamento tradicional” (Varão e Boaventura, 2020, p. 25).

A produção jornalística foi alterada profundamente pela popularização do acesso à internet. Entre seus desdobramentos, houve o “[...] redirecionamento das mídias existentes, a convergência entre elas, o surgimento de mídias nativas digitais, como também o aparecimento das mídias sociais, entre outras” (Júnior e Antonioli, 2016, p. 45). Nesse cenário, diante das novas formas de produção e da interferência do público e das organizações nas rotinas produtivas, pode-se imaginar que cada tipo de mídia irá produzir agendas diferentes, contudo, nem sempre este é o caso.

O estudo de Boydston, Moody e Thomas (2010) investigou as diferenças entre tipos de agendamento realizados por veículos de imprensa tradicionais (local e regional ou nacional), telejornais e portais noticiosos dos Estados Unidos. Dos aspectos avaliados, dois importam para o nosso trabalho: a volatilidade, ou seja, quão suscetível cada tipo de mídia é a mudanças repentinas e drásticas nos assuntos que apresenta; e a extensão ou escopo da agenda – isto é, quão concentradas ou diversificadas são as coberturas relativas a diferentes temas (Boydston, Moody e Thomas, 2010).

Como resultado, os pesquisadores descobriram que a mídia impressa nacional tem escopo mais amplo, abarca uma diversidade maior de assuntos que a mídia impressa regional, a televisão e a mídia on-line, considerada como de menor escopo. Sobre os portais noticiosos, os pesquisadores entenderam que estes demonstraram todas as características de uma câmara de eco³¹. “Em vez de servir como um host ilimitado de diversos tópicos, a internet parece ser mais um lugar para reciclar notícias, comentar as notícias e repeti-las até que algo mais sensacional apareça” (Boydston, Moody e Thomas, 2010, p. 6, *tradução nossa*). Em compensação, nesse estudo, a “nova mídia” apresentou o maior grau de volatilidade entre os meios analisados.

b) Agendamento intermídia, ondas noticiosas e violência

Em 2005, uma praia portuguesa foi invadida por cerca de 500 jovens e adultos que roubaram e agrediram os banhistas, gerando terror generalizado. Naquele dia, todos os jornais portugueses cobriram intensamente o incidente... que nunca ocorreu. Na realidade, um grupo de jovens negros foi à praia e sua presença causou desconforto nos banhistas brancos, que

³¹ Câmaras de eco são “grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular” (Recuero, Soares, e Zago, 2020, p. 5).

acionara a polícia. Foi quando o pânico começou. As entrevistas e os boletins produzidos pelas autoridades explicando a situação e afirmando não haver indícios de crime organizado foram praticamente ignorados pela mídia (Rosa, 2018).

No início de 2009, uma série de estupros perpetrados numa cidade da Itália atraiu a atenção pública. A cada novo episódio, o relato midiático recebia mais atenção, focando naquele que indicavam ser os autores recorrentes desse tipo de crime: pessoas do grupo étnico cigano. Após três meses de intensa cobertura dos casos, os incidentes gradualmente desapareceram. Dos quatro ataques sexuais, dois foram inventados, mas essa revelação recebeu pouca atenção da mídia (Maneri, 2018).

Tanto o caso português quanto o italiano são representantes de um fenômeno de exagero midiático. *Media storms* (traduzido livremente por tempestades na mídia) são eventos em que ocorrem um aumento repentino – e em grande escala – da atenção em torno de um evento, que passa a dominar os noticiários durante dias ou semanas (Hardy, 2018). O conceito de *media waves* (ondas midiáticas) é similar³², posto que se traduz em um tópico específico dominando os destaques dos noticiários e o fórum público (Vasterman, 2005).

Nas duas acepções, os jornalistas, e não os acontecimentos, parecem conduzir a narrativa, sendo centrais no desenvolvimento do evento, da questão, do problema social ou do escândalo, à medida que criam o fenômeno das ondas noticiosas (Vasterman, 2005). Nesse cenário, a produção de notícias cresce exponencialmente e são destacados cada vez mais repórteres para buscar atualizações sobre a história. Esse processo ocorre, por exemplo, quando chega à atenção da mídia um “novo tipo” de crime, ou quando uma pessoa comum, uma celebridade ou um político tornam-se alvo de intenso interesse midiático (*idem*).

Do ponto de vista da audiência, pode-se afirmar que a maioria das pessoas é capaz de reconhecer o crescimento súbito de um assunto ou evento na imprensa “[...] quando os consumidores de mídia não podem evitar um problema onde quer que olhem” (Hardy, 2018, p 134, *tradução nossa*). Contudo, identificar o processo de formação de uma onda noticiosa merece uma análise mais apurada.

Rosa (2018) indica sete fatores presentes na formação do fenômeno. O primeiro deles refere-se à mão de obra nas redações. Quando uma onda começa, a maioria dos jornalistas, independente das editorias em que estão alocados, passam a cobrir o assunto. À medida que a atenção e os recursos da imprensa estão voltados para um único caso, é possível

³² Apesar de similares, cada um terá características próprias que permitem sua identificação (ver Hardy, 2018; Rosa, 2018).

notar outro aspecto do fenômeno em análise: a desproporção entre a relevância do evento-chave e a intensidade de sua cobertura (Rosa, 2018).

Mais um índice é o assunto ser enquadrado como símbolo da deterioração de algum aspecto social relevante. Uma vez veiculado, um evento pode ser rerepresentado dentro de um contexto social idêntico ou diferente daquele que o originou. Quando retratado em outro cenário, reenquadrado pela mídia, têm lugar os ciclos midiáticos³³ (Manning, 1998). Nesse caso, assuntos similares ao acontecimento em voga passam a ganhar visibilidade, o que realimenta a produção de novas notícias (Rosa, 2018).

Desses fatores – reforço na estrutura de cobertura do assunto e seu reenquadramento, decorre outro, a necessidade de haver um evento-chave (Vasterman, 2005). O acontecimento para protagonizar a onda midiática precisa ter o potencial de cumprir os critérios de noticiabilidade para figurar na agenda da imprensa (Rosa, 2018). Assim, estabelecido o evento-chave, todo incidente ou declaração que possa confirmar o tema recebe mais atenção do que o normal, iniciando um movimento de notícias consoantes (Maneri, 2018).

Na formação da onda noticiosa ainda é possível observar o momento em que a mídia interage cada vez mais com as fontes. O aumento repentino da atenção a determinado tema repercute na sociedade, levando cidadãos comuns, fontes oficiais e grupos de interesse a buscarem os jornais para promover seus pontos de vista ou suas ações (Vasterman, 2005). “Todas essas ações e reações alimentam a onda de notícias, reforçando a noticiabilidade do tema” (Vasterman, 2005, p. 515).

Por fim, segundo a abordagem de Rosa (2018), temos como fatores que indicam uma onda noticiosa: a refutação a posições contrárias ao enquadramento proposto e um ponto de saturação. O primeiro ocorre porque, durante o fenômeno, tendem a ser ignoradas quaisquer informações atenuantes, correções e outro conteúdo que desafie a abordagem majoritária dada pela mídia. Dessa forma,

[...] as notícias que parecem confirmar o enquadramento escolhido serão divulgadas, enquanto outros fatos e opiniões serão desprezados ou, na melhor das hipóteses, negligenciados. Isso explica a busca por casos comparáveis que é vista com frequência: qualquer incidente recente ou passado que se encaixe nesse tópico receberá (renovada) atenção da mídia (Vasterman, 2005, p. 514, *tradução nossa*)

A saturação temática, por sua vez, ocorre, essencialmente, por três motivos: houve, realmente, um decréscimo na ocorrência de eventos agregados ao tema principal; a mídia perdeu o interesse pelo assunto; ou uma nova crise surgiu, dando início a uma nova onda (Rosa, 2018). “A diminuição do valor noticioso do evento original aumentará os parâmetros

³³ No original, “media loops” (Manning, 1998).

para notícias semelhantes ou notícias tematicamente relacionadas. A espiral ascendente de atenção da mídia vai diminuindo até que o tópico desapareça completamente das notícias” (Vasterman, 2005, p. 515, *tradução nossa*).

Hardy (2018) indica dois mecanismos responsáveis pela origem de uma tempestade midiática: a redução no grau de importância dos valores-notícia e o processo de imitação (Hardy, 2018). A primeira prática é responsável por criar o fenômeno, isso porque os veículos passam a aplicar critérios de noticiabilidade menos rígidos, ocasionando o crescimento no fluxo de notícias com temáticas relacionadas (Vasterman, 2005).

Enquanto a redução dos parâmetros de seleção dos acontecimentos causam as ondas, a imitação é responsável por sustentá-las. Por meio da agenda intermídia, “[...] os meios de comunicação diretamente concorrentes, em particular, tomam conhecimento das decisões de seleção de notícias uns dos outros e tendem a abraçar questões que a concorrência já cobriu” (Hardy, 2018, p. 138, *tradução nossa*).

Com o cenário delineado pelas inovações tecnológicas, é preciso repensar o funcionamento da agenda intermídia. “Com sites de notícias, live blogs e mídias sociais, a publicação de notícias depende muito menos de horários fixos [...] Tampouco a notícia precisa ser comunicada como um produto ‘acabado’” (Harder, Sevenans e Van Aelst, 2017, p. 4, *tradução nossa*). Assim, um ciclo de produção de notícias compreendendo as 24 horas do dia, todos os dias da semana, passa a ser não só possível, como praticado pela indústria.

Ainda em sua pesquisa, Harder, Sevenans e Van Aelst (2017) comprovaram algo que o senso comum já enunciava: os meios de comunicação on-line afetam fortemente outras mídias que publicam com menos frequência. Contudo, os autores defendem que não só a velocidade, mas dois outros aspectos são essenciais para entender o agendamento intermídia na contemporaneidade. O primeiro deles é conhecer os atores envolvidos na produção do conteúdo. Eles verificaram que dentro de plataformas de mídia digitais, como o Twitter, as agendas são definidas pelos relatos feitos por usuários que são jornalistas ou perfis de veículos de imprensa, não por usuários comuns.

O segundo ponto levantado, reside na diferença entre o conteúdo que pode ser considerado “notícia”, e aquele que não passa de “informação”. Nesse entendimento, recorrem às palavras de Schudson (2003), para quem

[O] trabalho do repórter é dar sentido. Uma lista de fatos, mesmo uma lista ordenada cronologicamente, não é... uma notícia. A partir de uma lista ou crônica, o escritor deve construir um conto, cuja compreensão exige que um leitor ou espectador reconheça não a soma dos fatos, mas as relações entre eles. (Schudson, 2003, p. 177)

Assim, para os autores, transmissões ao vivo, live blogs e tweets em tempo real não são notícias em si. Este conteúdo só pode ser associado a notícias quando seu assunto recebe tratamento jornalístico. Da mesma forma, outras informações como entrevistas e artigos de opinião podem até se relacionar com notícias, mas não têm a mesma materialidade (Harder, Sevenans e Van Aelst, 2017).

Ao comparar o efeito de agendamento entre mídias, Harder, Sevenans e Van Aelst (2017) afirmam que, de fato, raramente jornais e televisões cobrem um assunto antes de serem publicados por sites ou plataformas virtuais. Contudo, entendem que cada tipo de veículo tem um papel dentro do agendamento midiático. Nessa equação, sites e mídias sociais ampliam o impacto da cobertura feita pelos meios tradicionais, agregando informações às histórias publicadas. Com isso, “[...] o papel das plataformas de mídia offline na definição da agenda hoje em dia pode, portanto, ser mais de reforçador ou de legitimador” (Harder, Sevenans e Van Aelst, 2017, p. 18, *tradução nossa*), porém não insignificante.

Voltando à discussão sobre a relação entre agendamento intermídia e ondas noticiosas, recorreremos à história de Lincoln Steffens em sua autobiografia (1958). No capítulo que leva um nome bastante pertinente – “Eu crio uma onda de crimes”³⁴ – o jornalista conta um episódio de quando era repórter do *Evening Post*, em Nova Iorque (EUA), cobrindo a editoria de polícia. Como muitos jornalistas da época, ele encontrava nas delegacias boas histórias narradas diretamente pelos presos.

Um desses relatos era um crime envolvendo dois policiais em Murray Hill (Nova Iorque, Estados Unidos) e uma celebridade local, parente de uma família famosa de Wall Street. Entendendo a história como uma boa pauta, Steffens retornou para a redação e escreveu a matéria, publicada no dia seguinte. O editor do *Post* (jornal concorrente), não tendo a história em seu jornal, confrontou o setorista. Em resposta, o repórter trouxe outras duas histórias sobre crimes, nenhuma das quais Steffens tinha conhecimento. Procurando furar³⁵ novamente o *Post*, Steffens e seu assistente voltaram à delegacia em busca de mais crimes para relatar.

Assim, começou uma espécie de competição entre jornais pelo maior compilado de crimes publicados por dia. A situação se alastrou a ponto de provocar mudanças nos escalões da polícia e requerer a atenção do presidente Roosevelt. “Foi realmente uma das piores ondas de crimes que já testemunhei” (Steffens, 1958, p. 288). Apesar disso, os registros de prisões

³⁴ No original em inglês: “*I make a crime wave.*”

³⁵ “Furo: material exclusivo de um veículo, assunto inédito, de grande interesse” (p. 225). JORGE, Thaís. Manual do foga: um guia de sobrevivência para jornalistas. 2. ed. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

em Nova York não apresentaram qualquer aumento. Pelo contrário, diminuíram e as detenções aumentaram. O que aumentou foi apenas a publicidade sobre eles. “Eu gosto de ondas de crimes. Uma vez, eu criei uma” (Steffens, 1958, p. 285).

Reese e Danielian (2016) identificaram uma situação similar, de descompasso entre a realidade e o que era publicado nos jornais. Os pesquisadores examinaram a cobertura feita por vários meios de comunicação de massa dos Estados Unidos sobre a questão das drogas. O objetivo foi determinar até que ponto a cobertura convergia entre eles e se um dos meios liderou os demais na cobertura sobre o “verão da cocaína”³⁶, de 1986. O artigo “Intermedia influence and the drug issue: converging on cocaine” foi uma das primeiras tentativas de explorar como os meios de comunicação convergem para uma grande história.

Para Reese e Danielian (2016), apesar de os principais veículos de comunicação rotineiramente cobrirem as mesmas histórias, algumas vezes a abordagem é feita de forma agressiva. “O que os críticos chamam de ‘exagero’ midiático é uma manifestação visível do fenômeno de convergência intermídia (Reese e Danielian, 2016, p. 238, *tradução nossa*).

Se observarmos o diagrama da metáfora da cebola, veremos que as normas e tradições do jornalismo influenciam diretamente a agenda da mídia. Acima dessa camada, os outros meios de comunicação exercem o papel de influência. Uma explicação para o fenômeno está na cultura profissional, que exerce pressão poderosa no sentido da homogeneidade na transmissão das notícias do dia (McCombs, 2014).

Outra razão plausível é o modo como os meios de comunicação de massa exercem influência substancial na agenda de outros meios. Esta é a chamada influência dendrítica, termo cunhado por Warren Breed, em 1980. “Análogo a uma árvore genealógica, esse fluxo arterial vai de um progenitor para uma infinidade de descendentes. Muitas vezes esses descendentes jornalísticos são clones absolutos” (McCombs, 2014, p. 213).

Para Warren (2016), veículos menores, em geral, seguem as pautas dos maiores como forma de lidar com a incerteza sobre o valor de uma notícia (Breed, 1980; Sigal, 1973, *apud* Reese e Danielian, 1989). Nesse sentido, um tema pode encontrar dificuldade em ser incluído na ordem do dia de jornais menores até que seja pautado por veículos de comunicação de massa de maior expressão. Assim:

A natureza consensual das notícias pode até impedir a divulgação de histórias que carecem de comprovação por parte dos jornais líderes de opinião. Uma vez que sejam divulgadas, no entanto, as grandes histórias tenderão a permanecer nas

³⁶ No verão de 1986, os noticiários norte-americanos realizaram coberturas sobre o problema das drogas com foco em histórias sobre criminalidade e abuso de cocaína. O interesse pelo assunto não surgiu de nenhum caso específico (Reese e Danielian, 2016).

notícias enquanto primeiro uma organização de notícias, e depois outra, descobre informações adicionais ou uma nova interpretação (Sigal, 1973 *apud* Reese e Danielian, 1989, p. 240, *tradução nossa*).

A pesquisa de Reese e Danielian (2016) concluiu que a mídia impressa, especificamente o *The New York Times*, definiu a agenda das redes de televisão sobre o “verão da cocaína”, sendo o veículo “líder” neste caso específico de agendamento intermídia.

Quando há esse movimento de autorreforço midiático, o excesso de cobertura da imprensa com foco em um único tema atinge um novo patamar, denominado *media hype*. Nesses casos,

Um evento (incomum) desencadeia o aumento da atenção da mídia; a mídia se concentra nesse tópico ou evento específico; ela o amplia e, ao fazer isso, provoca todos os tipos de respostas sociais que, por sua vez, também se tornarão notícias, estimulando ainda mais a onda de notícias. Portanto, pode-se argumentar que o termo “hype da mídia” pode ser uma categoria útil para descrever uma onda de notícias gerada pela mídia que parece ter sua própria dinâmica característica (Vasterman, 2005, p. 509, *tradução nossa*).

Os movimentos de *media hype* são criativos. Eles têm a capacidade de amplificar e mobilizar a opinião pública (Maneri, 2018), originando descompasso entre a natureza e a gravidade real da ameaça e a amplitude da reação social. Nesse sentido, o desassossego da sociedade com o tema realçado precisa ser visto na perspectiva de cada ator envolvido. Assim, a preocupação pode ser: para a mídia, um tópico; para os cidadãos inquietos, uma questão; para os políticos, uma pauta; para os especialistas, uma nova abordagem (*idem*).

Acima de tudo, a preocupação, o medo e a indignação devem ser vistos como retórica e como uma performance cujo poder social reside no fato de ser tornado público. O papel da mídia na resignificação da preocupação é de extrema importância [...] o que a mídia faz é construir um simulacro de opinião pública, ao qual políticos e especialistas respondem prontamente (Maneri, 2018, p. 56, *tradução nossa*)

O estudo sobre ondas noticiosas, *media hype* e tempestades midiática partem, basicamente, da ideia de que há um abandono ocasional dos critérios de noticiabilidade ao mesmo tempo em que os veículos ingressam num processo de imitação entre si. Ao analisarmos o caso Lázaro e seu impacto sobre mais de 70 veículos jornalísticos de diversos formatos e suportes, com notícias que vão do factual ao supérfluo, podemos entendê-lo como um indício de que a agenda intermídia continua a ser uma realidade — e as ondas de crime fazem parte de suas possíveis pautas.

3. PRÉ-AGENDAMENTO

O caso Lázaro foi único. E, em sua singularidade, pode configurar-se em índice da manifestação do efeito de agendamento intermídia 50 anos após a formulação inicial proposta por McCombs e Shaw (1972). Mas, antes de entender o impacto do agendamento midiático no nosso objeto de estudo, devemos compreender como se forma uma agenda, que passos internos à produção noticiosa conduzem a ela. Para isso, usaremos como base as pesquisas relacionadas às rotinas produtivas da imprensa.

Desde sua origem, a agenda-setting está intimamente relacionada ao fazer jornalístico, à dinâmica organizacional, à cultura profissional e aos critérios de noticiabilidade (Pena, 2021). Tanto que a obra *Opinião Pública* (1922) é uma das primeiras a estabelecer que a comunicação de massa influencia a construção de significados de sua audiência (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993). Mas é interessante notar que Lippmann não se ocupou de qualquer meio de comunicação de massa, mas do próprio fazer jornalístico. “Por conseguinte, a descrição de como as pessoas adquirem conhecimento através da mídia aponta para uma função construtora de significado da imprensa” (DeFleur e Ball-Rokeach, 1993, p. 280).

A pesquisa de McCombs e Shaw (1972) que originou a teoria da agenda foi realizada pela análise de veículos de imprensa. Rivers (2016) investigou o impacto do trabalho dos jornalistas em Washington (Estados Unidos) no conhecimento público sobre o governo. O trabalho de Zucker (1979), que resultou na teoria da influência variável das notícias, foi motivado pelos estudos que negavam os efeitos da imprensa sobre a opinião pública. Guo e McCombs (2011) chegaram a um novo tipo de agendamento, em rede, analisando o jornal *Austin American-Statesman*.

Há ainda mais casos, abordagens e estudos relacionando as rotinas produtivas da imprensa e o efeito agenda-setting (como em Iyengar, Peters e Kinder, 2016; Protesse, 2016; Cook e Skogan, 2016; Turk, 2016). Como McCombs (2014) afirma, há evidência acumulada nos estudos sobre agendamento indicando que os jornalistas influenciam de forma significativa as imagens mentais da audiência. Na maioria das vezes, essa influência é um subproduto, não intencional, da necessidade da mídia, nas notícias diárias, se concentrar em alguns temas. Esse foco em um (ou poucos) assuntos, quando compartilhado por vários meios de comunicação, transmite uma mensagem forte ao público sobre quais são os temas mais importantes do momento (McCombs, 2014).

Para entendermos a relação intrínseca entre agendamento midiático e a imprensa, é vital nos voltarmos para a matéria-prima do trabalho jornalístico: a notícia e como esta se constitui. Para Tuchman (2016, p. 107), a notícia é “uma compilação de ‘fatos’ avaliados e estruturados pelos jornalistas”. Complementar a essa ideia, Groth (2011) afirma que os fatos são a essência do jornalismo. Por isso, a tarefa do repórter é, a partir da realidade, processar os fatos corretamente e oferecê-los de modo compreensível ao público. Esta atividade de relato conta o todo de um acontecimento, no momento em que ocorre e o apresenta contextualizado no tempo e no espaço, de forma concisa, clara e ritmada (Groth, 2011).

A partir disso, processos referentes à organização profissional, como reunião de pauta, apuração dos fatos, seleção de fontes, questões estruturais como o tamanho da matéria ou o prazo de fechamento da edição, as normas de redação, o alinhamento editorial, entre outras ações, são componentes da rotina produtiva jornalística que transforma um acontecimento – ou os fatos – em uma notícia com potencial para realizar o processo da agenda-setting. Ou seja, o jornalista e suas práticas profissionais são protagonistas da fase que antecede o agendamento de uma questão.

Para melhor compreender essa etapa a que demos a alcunha de “pré-agendamento”, recorremos às pesquisas em Comunicação iniciadas nos anos 1930, nos Estados Unidos, chamadas de estudos dos emissores. Esta foca sua atenção não mais sobre a mensagem ou os efeitos da comunicação sobre as audiências, mas sobre aqueles que produzem as informações (Retegui, 2017) sendo, dessa forma, considerada uma abordagem do tipo sociológica (Wolf, 2012).

Para Martino (2017), os estudos comunicacionais sob a ótica dos emissores buscam discernir quais os preceitos que orientam os meios de comunicação no momento da organização (seleção, enquadramento, edição) dos eventos que noticiam. Logo, dado que a teoria da agenda-setting está diretamente relacionada aos estudos de recepção, precisamos entender como o pólo da emissão influencia o modo como a mensagem será entendida pela audiência.

As investigações sobre os emissores respondem à primeira pergunta do modelo comunicacional de Lasswell: “‘Quem’; ‘Diz o quê’; ‘Em que canal’; ‘Para quem’; ‘Com que efeito’” (Martino, 2017, p. 26). Assim, “identificar os emissores (Quem?), é analisar os agentes (autores, produtores dos meios de comunicação, grupos de interesse, etc) que são a fonte de comunicação e os mecanismos de produção da informação coletiva” (Meunier e Péraya, 2004, p.37 *apud* Varão, 2009, p. 47).

A relevância dos estudos sobre os emissores encontra espaço a partir da consolidação da centralidade social da mídia nas pesquisas em comunicação. Além das variações do campo teórico, com novas teorias sendo elaboradas ao longo do tempo, essa posição central ocorre com a superação da natureza administrativa da *mass communication research*, antes firmada na pesquisa da relação entre a audiência e os meios (Wolf, 2012).

Essas mudanças ocorreram em duas frentes. A primeira, ligada à sociologia das profissões, focou seus esforços em entender os fatores externos às rotinas de trabalho que influenciavam os processos de produção informativa. Já a segunda abordagem está ligada à análise da lógica dos processos e das organizações que produzem notícias (*idem, ibidem*).

Os estudos sobre os emissores partem da hipótese de que os produtos jornalísticos são resultado de uma construção organizacional relacionada ao ambiente de trabalho e sua dinâmica, que compõem um processo complexo e multifatorial (Retegui, 2017). Em decorrência dessas premissas, tais vertentes podem ser agrupadas em três fases: o estudo sobre os *gatekeepers*, as rotinas burocráticas e a teoria do *Newsmaking* (*idem, ibidem*).

De maneira geral, as pesquisas sobre a função de *gatekeeper* estão relacionadas ao papel individual do jornalista na construção das notícias. Por sua vez, a fase das rotinas burocráticas buscava entender como a autonomia do trabalho do repórter era limitada pela práxis organizacional. Já o *Newsmaking* afirma que a notícia é o resultado de um processo heterogêneo de construção (Retegui, 2017). É sobre esta última fase que nos deteremos para melhor compreender o caso Lázaro e sua relação com o agendamento midiático. Compreendemos que, ainda que não haja na própria elaboração da teoria do agendamento um vínculo explícito entre as rotinas produtivas jornalísticas e o efeito de agenda-setting, estas influenciam na seleção dos tópicos a serem destacados pelos noticiários.

3.1 *Newsmaking*

Para nos aprofundar nas ideias trazidas pelo *Newsmaking*, é importante entender um conceito criado pelo psicólogo polonês Kurt Lewin aplicado por David Manning White, em 1950, ao estudo da produção das notícias: o *gatekeeper*. Segundo Lewin (1947), os “guardas dos portões” têm a função de estabelecer sistemas de regras que permitem ou interrompem o fluxo da informação (Lewin, 1947 *apud* Wolf, 2012). A partir dessa proposta, White entende que os acontecimentos chegam à redação dos jornais e logo passam por *gates* (portões), controlados por *gatekeepers* (porteiros). Estes controladores são integrantes do processo de

criação dos produtos informativos e decidem quais eventos serão levados ao conhecimento público e quais serão descartados. Na prática, os *gatekeepers* controlariam o fluxo informativo.

[...] uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicações. Do repórter para o responsável do *rewriting*, do chefe de seção para os redatores responsáveis pelos “assuntos de Estado” de várias associações de imprensa, o processo de escolha e de rejeição não para. E, finalmente, chegamos ao nosso último *gatekeeper*, aquele que é objeto do nosso estudo. É o homem que é habitualmente conhecido como redator telegráfico do jornal não metropolitano. Ele tem a seu cargo a seleção das notícias nacionais e internacionais que aparecerão na primeira página e seu posterior desenvolvimento nas páginas anteriores, bem como a sua composição (White, 2016, p. 191)

Em seu estudo de caso, White (2016) acompanhou a atuação do profissional que recebeu a alcunha de “Mr. Gates”, durante uma semana. Neste período, o editor recebeu aproximadamente 12.400 polegadas (aproximadamente 31 mil centímetros) de texto vindos de agências de notícias. Do montante, aproveitou apenas um décimo. As rejeições foram ocasionadas, em sua maioria, por três motivos: por tratarem de acontecimentos já selecionados e advindos de outras agências, por falta de espaço para a publicação e pela ausência de valor-notícia (White, 2016). O trabalho realizado “[...] reforça a ideia da seleção temática e da arbitrariedade do discurso das notícias e a assimetria entre as notícias possíveis e as publicadas” (Martino, 2017, p. 42).

A partir do trabalho de White, os estudos sobre *gatekeeper* ocuparam lugar de destaque nas pesquisas em jornalismo (Júnior e Antonioli, 2016). Apesar da amplitude alcançada pela proposta e por sua plausibilidade, o conceito tem pontos fracos que o levou a diversas revisões (McQuail, 1994). Entre eles está o enfoque exclusivo na figura do jornalista, ignorando quaisquer outros fatores que possam funcionar como portões, privilegiando somente “[...] uma abordagem micro-sociológica, ao nível do indivíduo” (Traquina, 2005, p. 150).

Shoemaker (2009) foi uma das pesquisadoras que buscou expandir o conceito inicial de White. Para ela, o processo de seleção das notícias não é focado no jornalista, mas sim atravessado por cinco níveis de análise: o individual, composto por aqueles que trabalham na comunicação; as rotinas e práticas de trabalho, que envolvem quesitos como prazos e a formação de *leads*; o organizacional, em que se observam variáveis como padrões estabelecidos pelos proprietários dos veículos de comunicação; o social-institucional de

análise, constituído pela influência do governo, da publicidade e dos grupos de interesse; e o sistema social, contemplando áreas ideológicas, culturais, econômicas e políticas, entre outras.

Assim como a pesquisa de Shoemaker (2009), investigações posteriores a White (2016) passaram a entender as decisões do “guarda do portão” menos como uma escolha individual e autônoma e mais como resultado de influências na rotina profissional do jornalista (Pena, 2021). Esses estudos demonstravam que o conteúdo das notícias seguia um padrão quando comparadas às publicações de matérias sobre o mesmo acontecimento, divulgadas por diferentes organizações (McQuail, 1994).

Nessa perspectiva, surgem as pesquisas sobre o newsmaking que, já por seu nome, indica que a notícia é o resultado de um processo em que algumas informações ganham destaque na mídia enquanto outras são descartadas (Roshco, 1975). A expressão, que pode ser livremente traduzida como “criação da notícia” (Hohlfeldt, 2017) aparece de forma destacada na obra de Bernard Roshco de mesmo nome – *Newsmaking* – publicada em 1975. Alguns autores, como Retegui (2017), chegam a afirmar que este livro foi a primeira sistematização das preocupações sobre como os meios constroem a imagem do mundo. Contudo, o próprio Roshco indicou outros momentos em que o vocábulo foi empregado em sentido próximo ao de seu trabalho, como na obra *Reporters and officials: the organization and politics of newsmaking*, de Leon Sigal, publicada em 1963.

Os estudos de *Newsmaking* privilegiam o potencial que um acontecimento tem para ser transformado em notícia. Porém, os esforços de análise não estão no conteúdo ou no formato da mensagem, mas residem especialmente na figura do emissor, do profissional que atua como intermediário entre o evento e sua divulgação (Hohlfeldt, 2013). Por isso, abrange diversos fatores relativos aos agentes da comunicação, incluindo investigações sobre divisão do trabalho nas empresas jornalísticas, valores profissionais, padrões de produção de informações, além da relação entre organização e anunciantes, ou com o governo, por exemplo (Retegui, 2017).

Destacando as atividades que transformam acontecimentos cotidianos em notícia (Hohlfeldt, 2008) os estudos sobre o newsmaking compreendem as atividades ligadas à elaboração da pauta, à seleção das fontes, à apuração, à redação e à circulação da informação. Isso porque são processos que envolvem não só decisões individuais dos profissionais da redação, como também orientações editoriais dos donos dos meios de produção.

Dessa forma, os estudos de produção de notícias “[...] dedicam-se a identificar os caminhos e regras usados pelos meios de comunicação para enquadrar, isto é, organizar, um determinado evento. Em outras palavras, como a mídia conta uma história” (Martino, 2017, p.

38). Nesse sentido, “o *newsmaking* é uma abordagem aberta, não-reducionista e crítica que permite o diálogo com outras abordagens que considerem relevante o ecossistema no qual a mídia opera como agente político” (Retegui, 2017, p. 118, *tradução nossa*).

A partir dessa abordagem, é possível entender que o caso Lázaro pauta a imprensa por diversos motivos ligados à produção jornalística, como o atendimento – ou o rebaixamento – de critérios noticiabilidade (como veremos no item 3.3), seu apelo ao interesse público e a atualidade proporcionada pelo desenrolar dos fatos ligados ao episódio, que foram acompanhados dia a dia durante quase um mês.

3.2 Acontecimento como matéria-prima do jornalismo

Como já mencionado, o *Newsmaking* ocupa-se das rotinas de produção das notícias. E como em qualquer setor, esse processo “[...] é uma sequência de coleta de matéria-prima, seu processamento em produto e sua distribuição para o mercado pretendido” (Golding e Elliott, 1979, p. 90, *tradução nossa*). Diante disso, é possível questionar: onde está a origem do produto informativo que chamamos de notícia? Ou quais as etapas envolvidas nessa cadeia produtiva? Se o agendamento midiático se materializa nas notícias, é preciso voltarmos nossa atenção a esses questionamentos.

De acordo com Traquina (2016), as notícias são o resultado de um processo de transformação constituído de três fases: percepção, seleção e transformação.

Os acontecimentos constituem imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícias, numa palavra – noticiável” (Traquina, 2016 p. 226)

Para Golding e Elliott (1979), a produção das notícias se estrutura em quatro estágios. O primeiro deles é o planejamento em que eventos com datas fixas ou previsíveis são selecionados e os recursos para sua cobertura são alocados e a cobertura diária das notícias é organizada (*idem, ibidem*). A segunda etapa do processo é relativa à coleta ativa do material e seu encaminhamento para ser tratado nas redações. A seguir, vem a seleção. Aqui, o material é compilado, filtrado e um rol final de itens é escolhido. Por fim, tem-se a fase de produção, em que as informações selecionadas são inseridas na ordem do dia, recebendo o tratamento necessário para que possam compor o noticiário (*idem, ibidem*).

Hohlfeldt (2008), por sua vez, entende que são quatro os estágios da construção da notícia. Para o autor, este processo é iniciado pela recolha ou captação de informações,

seguido pela triagem do material levantado e seu encaminhamento para o processo de edição. Na etapa final, estão as decisões sobre o dimensionamento da distribuição do produto.

Observando as ideias apresentadas por Traquina (2008), Golding e Elliott (1979) e Hohlfeldt (2008), entendemos que o processo de produção das notícias tem seu começo na percepção dos acontecimentos. Depois de apreendidos, são coletados a partir de um planejamento organizacional ou por meio de fontes diversas, como as agências noticiosas. Em seguida, ocorre a seleção dos eventos, dos temas e dos acontecimentos que irão passar pelo processo de edição, momento em que são transformados em notícias aptas a serem divulgadas.

3.3 Selecionar é agendar

Machado de Assis, quando foi cronista do jornal *Gazeta de Notícias*, ao publicar a coluna *A Semana* (1892 e 1894) deparou-se com o dilema:

Os acontecimentos parecem-me com os homens. São melindrosos, ambiciosos, impacientes, o mais píffio quer aparecer antes do mais idôneo, atropelam tudo, sem justiça nem modéstia... E quando todos são graves? Então é que é ver um miserável cronista, sem saber em qual pegue primeiro. Se vai ao que lhe parece mais grave de todos, ouve clamar outro que lhe não parece menos grave, e hesita, escolhe, torna a escolher, larga, pega, começa e recomeça e não acaba... (Assis, 1892, p.1)

O que auxilia o jornalista na lida com situações similares às descritas por Machado de Assis é, em parte, a existência de critérios de noticiabilidade. Esses parâmetros também são fundamentais para a análise de um caso como o de Lázaro, como veremos mais adiante, que passa, necessariamente, pela compreensão das principais ideias e conceitos relacionados à noticiabilidade.

A clássica definição Gieber (1964) sobre notícias, serve-nos de pretexto para o começo dessa discussão. Para ele: “As notícias são aquilo que os jornalistas produzem” (Gieber, 1964, p. 180, *tradução nossa*). Em outras palavras, o autor entende as notícias como um produto das organizações midiáticas. De maneira similar, Jack Fuller (1988) trata as notícias como “qualquer coisa” que as organizações de mídia reportem.

Para além dessa visão reducionista, Fuller (1998) apresenta uma definição mais compreensiva sobre o tema: “Notícia é um relato de algo que uma organização jornalística descobriu recentemente sobre assuntos com alguma importância ou interesse para a comunidade específica a que atende” (Fuller, 1998, p. 6, *tradução nossa*). Sua explicação tem em si quatro elementos essenciais para a caracterização da notícia. São elas: a atualidade, a

importância dos eventos, o interesse do público e a responsabilidade dos veículos para com seus destinatários (Palczewski, 2018).

Ainda podemos compreender a notícia como uma representação do mundo, devendo ser construída de modo a ordenar os acontecimentos caóticos, relacioná-los a situações já de conhecimento público e conferir-lhes significado (Hall *et al.*, 2016). Nessa tarefa, os produtores da informação contam com parâmetros que os permite decidir de forma rotineira e regular sobre quais acontecimentos merecerão destaque e quais serão descartados: são os chamados valores-notícia (*idem, ibidem*).

A esses parâmetros credita-se “[...] a previsibilidade do esquema geral das notícias” (Wolf, 2012, p. 63) e por meio deles a noticiabilidade é operacionalizada. Assim, a noticiabilidade pode ser entendida como “[...] o conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para que ele adquira existência enquanto notícia” (Hohlfeldt, 2008, p. 208).

Os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística (Traquina, 2008), sendo regras de trabalho que explicam e orientam a prática da redação (Golding e Elliott, 1979). Por ser um aspecto fundamental da cultura de trabalho (Traquina, 2008), esses critérios proporcionam aos jornalistas uma melhor compreensão operacional (Harcup e O'Neill, 2017).

Outra visão sobre os valores-notícia é proposta por Staab (1990). Ele acredita que esses critérios não são as causas da seleção dos eventos, como uma resposta direta a estímulos, mas são um ato intencional para alcançar certos fins. Funcionam como fatores legitimadores e não como princípios de seleção, ou seja, “[...] não é tanto uma teoria para explicar a seleção de notícias, e sim um modelo para descrever e analisar estruturas e relacionamentos que se consolidam na realidade da imprensa” (Staab, 1990, p. 428, *tradução nossa*).

Como ferramenta para seleção de acontecimentos, ou como instrumento de análise do produto jornalístico, a classificação em valores-notícia é entendida como uma tipificação, isto é, tem cunho prático (Wolf, 2012). Assim, é interessante ressaltar que estes fatores não são independentes entre si, mas se relacionam e se complementam (Galtung e Ruge, 2016). “Quanto mais os acontecimentos satisfizerem os critérios mencionados, mais possibilidades terão de ser registrados como notícias” (Galtung e Ruge, 2016, p. 98, *tradução nossa*)

Enquanto tipificação, tais critérios assumem uma natureza dinâmica: ao mesmo tempo que apresentam homogeneidade dentro da práxis jornalística, alteram-se com o passar

do tempo³⁷. Como tipificação mutável, os valores-notícia são “praticamente infinitos” (Hohlfeldt, 2008, p. 209), ou seja, cada autor, por meio de seus trabalhos, define um rol exemplificativo desses critérios.

Para melhor visualizar a volatilidade dessas classificações, recorreremos, inicialmente, ao conhecimento produzido por Galtung e Ruge (2016), Golding e Elliott (1979), Wolf (2012), Traquina (2008) e Harcup e O'Neill (2017). Os quatro primeiros autores são considerados estudiosos clássicos da teoria dos critérios de noticiabilidade. Wolf e Traquina, por sua vez, realizaram extensa sistematização de pesquisas sobre a temática e adicionaram suas próprias contribuições a essa área de estudo. Já Harcup e O'Neill realizam, desde 2001, revisão da literatura sobre o assunto, sugerindo atualizações periódicas dos valores-notícias referenciados pelos acadêmicos (tabela 2).

Tabela 2 – Tipologia de valores-notícia

Autor	Valores-notícia
Galtung e Ruge (2016)	Composição de unidades; referência a pessoas de elite; frequência; imprevisibilidade; negatividade; personificação (referência a pessoas); amplitude; consonância; referência a nações de elite; significância; inequivocidade; continuidade (tempo)
Golding e Elliott (1979)	Atualidade; brevidade; drama; elites; entretenimento; negatividade; atratividade visual; personalidades; proximidade; tamanho
Wolf (2012)	Estrutura narrativa; formato; frequência; furo de reportagem; grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento; ideologia; brevidade; impacto sobre a nação ou interesse nacional; material visual; não-noticiabilidade; novidade; proximidade; qualidade da história; quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento; relação recíproca; relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação
Traquina (2008)	Amplificação; concorrência; conflito ou controvérsia; consonância; dia noticioso; disponibilidade; dramatização; equilíbrio; inesperado; infração; morte; notabilidade; notoriedade; novidade; personalização; proximidade; relevância; simplificação; tempo; visualidade
Harcup e O'Neill (2017)	Acompanhamento; agenda da organização de notícias; audiovisuais; boas notícias; celebridade; compartilhamento; conflito; drama; entretenimento; exclusividade; magnitude; relevância; surpresa; elites do poder; más notícias

Fonte: Elaboração própria.

Pelo quadro acima, é possível perceber a abrangência de abordagens quando o assunto é valor-notícia. Muitos autores, por vezes, tratam um mesmo critério por nomes diferentes. Nesse sentido, temos que a alusão ao destaque que os estratos sociais mais altos

³⁷ Apesar disso, Traquina (2008) a partir de Stephens (1988) afirma que existem algumas “qualidades duradouras” das notícias, isto é, valores-notícia que persistem com o passar dos anos. São eles: o extraordinário, o insólito, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte” (p. 63).

recebem no jornalismo é chamada de: *referência a pessoas de elite* (Galtung e Ruge, 2016); *notoriedade* (Traquina, 2008), *elites* (Golding e Elliott, 1979), *elites do poder* (Harcup e O'Neill, 2017) e *grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento* (Wolf, 2012). Por outro lado, a definição dada por um autor, pode corresponder a um conjunto de outras delimitações propostas pelos demais estudiosos. Exemplo disso é o fator *notabilidade* de Traquina (2008) que circunscreve as categorias *imprevisibilidade* (Galtung e Ruge, 2016) e *tamanho* (Golding e Elliott, 1979).

Diante da variedade e perseguindo o objetivo deste trabalho, nosso olhar recai sobre os valores-notícias abordados por Traquina (2008) e Harcup e O'Neil (2017) de maneira a formar um panorama abrangente, com conceitos e classificações tanto clássicas como atuais. Traquina (2008) elabora sua lista a partir da seleção feita por Wolf (2012), complementando com a categorização realizada por Galtung e Ruge (2016) e adicionando sua própria contribuição, constituindo um rol bastante compreensivo.

De maneira similar, Harcup e O'Neil (2017) partem de Galtung e Ruge (2016) e de Golding and Elliott (1979) e acrescentam contribuições de autores mais atuais, como Phillips (2015)³⁸ e Caple e Bednarek (2015)³⁹. A lista dos autores engloba valores-notícia que se apresentam de maneira singular na atualidade, como os quesitos *celebridade* e *agenda das organizações*, como será visto adiante.

O caso Lázaro, enquanto possível manifestação do efeito agenda-setting intermídia, passou pelo crivo de editores, pauteiros⁴⁰ e jornalistas. Estes, como visto ao tratarmos de ondas noticiosas, tempestades midiáticas e *media hypes*, podem ter alterado o grau de importância de critérios de noticiabilidade compartilhados pela comunidade profissional para dar vazão ao acontecimento.

Neste ponto ressaltamos a diferença entre eventos genuínos e eventos midiáticos⁴¹. O primeiro são aquelas ocorrências que, por definição, não podem ser influenciadas pela cobertura da mídia (Kepplinger e Habermeier, 1995). Ou seja, os jornalistas cobrindo ou não o acontecimento, este ainda iria existir. Quanto aos eventos midiáticos, eles só existem porque foram provocados pela cobertura jornalística ou organizados por jornalistas, como entrevistas, por exemplo (*idem, ibidem*). Cabe ressaltar que, nos dois casos, o que confere visibilidade e compartilhamento social aos eventos é, justamente, a cobertura da mídia.

³⁸ Phillips, Angela. Journalism in context. London: Routledge, 2015

³⁹ Caple, Helen; Bednarek, Monika. Rethinking news values. Journalism, v. 17, n. 4, p. 435-455, 2015. doi:10.1177/1464884914568078.

⁴⁰ Ainda que hoje essa figura seja mais rara do que foi no passado, o pauteiro é o profissional responsável por desenvolver a pauta (Senado Federal, 2025).

⁴¹ O tema será aprofundado no Capítulo 3.

No caso Lázaro, em geral, os eventos genuínos foram pautados por valores-notícia, enquanto os desdobramentos da cobertura geraram notícias com baixo, ou nenhum, desses critérios. Por isso, de modo a compreender melhor como esses critérios que atuam como instrumentos de trabalho do jornalista se entremeiam na cobertura do episódio, vamos pontuar os principais quesitos usados por Traquina (2008) e Harcup e O’Neil (2017).

a) Valores-notícia para Traquina

Assim como para Wolf (2012), Traquina (2008) separa os valores-notícia em valores de seleção – subdivididos em critérios substantivos e critérios contextuais – e valores de construção.

Em relação aos valores de seleção, podemos entendê-los como parâmetros usados pelos jornalistas para eleger um acontecimento a ser transformado em notícia. Nessa qualidade, podem ser agrupados em critérios substantivos aqueles que visam avaliar a importância de um acontecimento, enquanto os contextuais tratam das circunstâncias em que a notícia é produzida.

Ressaltando que a maior quantidade de valores-notícia ou a maior intensidade de um desses aspectos intensifica a possibilidade de um acontecimento ser transformado em notícia, Traquina (2008) elenca dez critérios substantivos de seleção:

- 1) Morte: é um valor fundamental do jornalismo e a razão de ser considerada uma prática que lida com a negatividade. É neste ponto que o autor afirma: “Onde há morte, há jornalistas” (Traquina, 2008, p. 79);
- 2) Notoriedade: quanto maior a posição social do indivíduo, maior será seu grau de noticiabilidade;
- 3) Proximidade: diz respeito ao interesse que um acontecimento pode gerar a depender de sua localização geográfica ou de sua afinidade com o jornalista e com o público;
- 4) Relevância: “determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (Traquina, 2008, p. 80);
- 5) Novidade: é o que há de novo, aquilo que pode ser dito pela primeira vez, mesmo que seja sobre um acontecimento ou assunto que não sejam mais novidade;

- 6) Tempo: este critério assume três acepções. O primeiro deles é relativo à atualidade, o segundo trata de datas específicas e o terceiro pode ser entendido como período, algo que ocorre ao longo do tempo;
- 7) Notabilidade: “isto é, a qualidade de ser visível, de ser tangível” (Traquina, 2008, p. 82). São fatores para a notabilidade: a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento, o insólito, a inversão da ordem natural das coisas, a falha, o excesso e a escassez;
- 8) Inesperado: é “aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística” (Traquina, 2008, p. 84);
- 9) Conflito ou controvérsia: pode ser entendido tanto como violência (física ou simbólica) como disputa de poder político;
- 10) Infração: trata-se da violação de regras. A esse valor estão relacionados os acontecimentos do tipo “escândalo”.

Com relação aos critérios contextuais de seleção, Traquina (2008) estabelece um rol de cinco valores:

- 1) Disponibilidade: isto é, a facilidade de acesso ao acontecimento por parte dos jornalistas e sua relação com o dispêndio requerido para esta tarefa;
- 2) Equilíbrio: é relativa à quantidade de matérias similares que já foram produzidas sobre um determinado assunto em um curto período de tempo. Quanto mais notícias sobre o tema tiverem sido publicadas, menor é seu grau de noticiabilidade;
- 3) Visualidade: determina que a disponibilidade de um bom material visual pode determinar o grau de noticiabilidade de uma ocorrência;
- 4) Concorrência: trata-se do furo jornalístico ou da exclusividade, situações em que um jornal detém informações que outros não possuem em um primeiro momento;
- 5) Dia noticioso: “Há dias ricos em acontecimentos com valor-notícia e outros dias pobres em acontecimentos com valor-notícia” (Traquina, 2008, p. 90).

Quanto aos valores de construção, Traquina (2008) os entende como orientações para a formulação da notícia. São “linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do

acontecimento como notícia” (*idem*, 2008, p. 78). Esses valores correspondem a seis critérios, a saber:

- 1) Simplificação: trata-se da redução da ambiguidade e da polissemia de determinado acontecimento como condição para sua transformação em notícia;
- 2) Amplificação: refere-se à dimensão que um evento alcança em termos de relevância e significado para um grupo ou para a sociedade em geral;
- 3) Relevância: “quanto mais ‘sentido’ a notícia dá ao acontecimento, mais hipóteses a notícia tem de ser notada” (Traquina, 2008, p. 91);
- 4) Personalização: isto é, a possibilidade de valorizar o elemento humano, acentuando as pessoas envolvidas no acontecimento;
- 5) Dramatização: é “o reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual” (Traquina, 2008, p. 92) de um evento;
- 6) Consonância: quanto mais contextualizado dentro de uma narrativa já estabelecida, maior a possibilidade de a notícia ser notada.

Por fim, é interessante notar que Traquina (2008) muitas vezes trabalha os valores-notícia por meio de gradações comparativas: quanto maior ou mais intensa é uma característica, maior ou menor será seu grau de noticiabilidade. Nesse sentido, o caso Lázaro é permeado por valores⁴² presentes nesta classificação com grande intensidade, como a morte, a proximidade, a notabilidade e o inesperado. Paralelamente, o fator tempo entendido como atualidade, além do valor concorrência, fizeram com que diversas matérias presentes na cobertura do episódio tivessem os critérios de relevância e equilíbrio, se não ignorados, rebaixados na seleção de pautas.

b) Valores-notícia para Harcup e O'Neill (2017)

Em 2001, Harcup e O'Neill (2017) realizaram uma atualização da taxonomia de valores-notícia proposta por Galtung e Ruge, em 1965. Dezesesseis anos mais tarde, revisitaram o próprio estudo e propuseram uma segunda revisão. A realidade do trabalho jornalístico em 1965, em 2001 e em 2017 são claramente diferentes. Portanto, para estudar valores-notícia na atualidade, não se pode ignorar o impacto do tempo e das tecnologias no jornalismo. É preciso ter em conta a influência das mídias sociais na divisão tradicional entre o papel ativo

⁴²Essas nuances serão debatidas no Capítulo 5.

dos jornalistas (produtores, selecionadores, guardiões) e o papel passivo do público (receptores, consumidores) (Harcup e O'Neill, 2017).

Embora reconheçam que nenhuma classificação seja suficiente para explicar as escolhas realizadas cotidianamente nas redações, os autores entendem que sua proposta de taxonomia deve ser vista como uma ferramenta para análise e para pesquisas futuras. Assim, elencam quinze critérios contemporâneos identificáveis nas notícias (Harcup e O'Neill, 2017):

- 1) Exclusividade: histórias geradas ou disponibilizadas para apenas um veículo, que as divulga antes da concorrência. Podem ser o resultado de entrevistas, cartas, investigações, pesquisas etc;
- 2) Más notícias: são as histórias com conotações negativas, tais como morte, derrota e perda;
- 3) Conflito: englobam casos relativos a controvérsias, discussões, divisões, greves, brigas, revoltas e guerras;
- 4) Surpresa: acontecimentos que têm um elemento de surpresa, contraste ou algo incomum;
- 5) Audiovisuais: relatos que podem ser contados usando recursos como fotografias, vídeos, áudios, ilustrações e infográficos;
- 6) Compartilhamento: trata-se de histórias com potencial de serem compartilhadas ou de gerar engajamento nas plataformas de mídia social;
- 7) Entretenimento: notícias frias⁴³ sobre showbusiness, esporte, interesse humano, animais ou que permitam tratamento humorístico, por meio de manchetes ou de listas;
- 8) Drama: histórias que se desenrolam durante um determinado período, como fugas, acidentes, buscas, cercos, resgates, batalhas ou processos judiciais;
- 9) Acompanhamento: relatos sobre assuntos que já estão nas notícias. É similar ao critério da consonância apresentado por Traquina (2008);
- 10) A elite do poder: são os acontecimentos que envolvem indivíduos, organizações, instituições ou corporações poderosas;
- 11) Relevância: trata-se de relato sobre grupos ou nações tidas como influentes ou cultural e historicamente familiares ao público;

⁴³ Para Schlesinger (2016) notícias frias são aquelas que não podem ser utilizadas durante o dia noticioso em questão.

- 12) Magnitude: histórias significativas devido ao grande número de pessoas envolvidas ou ao seu impacto potencial na sociedade;
- 13) Celebridade: acontecimentos protagonizados por pessoas famosas;
- 14) Boas notícias: histórias com conotações positivas, como recuperações, avanços, curas, vitórias e celebrações;
- 15) Agenda da organização de notícias: relatos que definem ou se encaixam na agenda do veículo de comunicação, seja por viés ideológico, comercial ou editorial.

A classificação proposta por Harcup e O'Neill (2017) vai ao encontro de diversos aspectos do caso estudado. A abundância de elementos audiovisuais produzidos por jornalistas, policiais e cidadãos; o caráter dramático do evento, permeado por fugas, acidentes e disputas; e o potencial de compartilhamento e engajamento⁴⁴ nas mídias sociais foram valores bastante explorados pela imprensa. Durante a cobertura, diversas celebridades, como o ator Lázaro Ramos⁴⁵ – confundido com o fugitivo – e a elite do poder, como os então governadores do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, e de Goiás, Ronaldo Caiado, além do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro⁴⁶, foram inseridas nas matérias sobre a perseguição ao criminoso.

c) Valores-notícia nas mídias digitais

Em 2021, quando ocorreu o caso Lázaro, 152 milhões de brasileiros estavam conectados à internet. Naquele ano, pelo menos 8 milhões de pessoas em nosso país acessaram a rede todos, ou quase todos, os dias. Quantidade similar de pessoas, inclusive, afirmou o uso regular de redes sociais, enquanto aproximadamente 7 milhões de usuários

⁴⁴ Ver: ALCÂNTARA, Manoela; GARZON, Matheus. Redes sociais são inundadas com perfis falsos do maníaco de Brasília. *Metrópoles*, Brasília, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/redes-sociais-sao-inundadas-com-perfis-falsos-do-maniaco-de-brasil>>. Acesso em: 31 jul. 2025. Fugitivo que escapa da polícia há uma semana vira meme nas redes sociais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jun. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/fugitivo-que-escapa-da-policia-ha-uma-semana-vira-meme-nas-redes-sociais-25062926>>. Acesso em: 31 jul. 2025.

⁴⁵ BARBOSA, Juliana. Lázaro Ramos reage a gafe de âncora que o confundiu com Lázaro Barbosa. *Metrópoles*, Brasília, 19 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/celebridades/lazaro-ramos-reage-a-gafe-de-ancora-que-o-confundiou-com-lazaro-barbosa>>. Acesso em: 31 jul. 2025.

⁴⁶ COSTA, Mariana. Caso Lázaro: “Arma deixa você dormir em paz em casa”, diz Bolsonaro. *Metrópoles*, Brasília, 17 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/caso-lazaro-arma-deixa-voce-dormir-em-paz-em-casa-diz-bolsonaro>>. Acesso em: 31 jul. 2025.

afirmaram acessar a internet para ler jornais, revistas ou notícias⁴⁷. Diante da realidade hiperconectada que serve de cenário para o caso Lázaro, estes dados mostram que deve-se ter em mente o impacto da mídia digital sobre os valores-notícia praticados nas redações.

Em certa medida, os valores-notícia podem ser vistos menos como um reflexo do tipo de informação que os cidadãos desejam e mais como um resultado de normas organizacionais, sociológicas e culturais combinadas a fatores econômicos (Harcup e O'Neill, 2017). Disso decorre uma discussão extremamente relevante: até que ponto as preferências do público devem ser levadas em consideração na produção das notícias?

Schudson (2003), resumidamente, entende esse debate a partir de duas concepções. Ou os jornalistas determinam quais são as notícias baseados em seu julgamento profissional (modelo fiduciário) ou deixam o público definir o que acham importante (modelo mercadológico). Nesse sentido, o estudo e a compreensão sobre o papel dos valores-notícia na práxis do jornalismo contemporâneo devem, necessariamente, levar em consideração o mundo intermediado pela internet (como já discutido no item 2.6.a).

A popularização dos recursos digitais provocou reconfiguração no fazer jornalístico, especialmente potencializado pelos avanços tecnológicos e abriu novas possibilidades de comportamento do público. Com isso, levantou-se questões sobre a sua influência nas decisões jornalísticas e, conseqüentemente, nos valores-notícia aplicados atualmente (Welber, 2016). Ao apresentar retorno quase instantâneo aos profissionais da imprensa, a audiência deixa claro se as decisões de seleção de notícias e dos métodos de apresentação se aproximam ou se afastam de seus interesses (Harcup e O'Neill, 2017).

Como exemplo, temos o caso do jornal argentino *La Nación*, que introduziu sistemas de métricas para orientar suas decisões no ano de 2009. Em estudo sobre a evolução e o impacto dessa mudança, Retegui (2020) encontrou que o trabalho no periódico portenho tornou-se baseado em lógicas métricas realizadas por um sistema de medição próprio. Trata-se de um indicador de desempenho para conteúdo digital que opera em múltiplas variáveis. Essa combinação algorítmica se traduz em uma pontuação categorizada por autor, conteúdo e seção. Em suma, nessa redação, as métricas foram alçadas ao *status* de valor-notícia.

Os sistemas de medição, em si, não são uma novidade nas empresas jornalísticas. Pelo menos desde a década de 1980, é comum que as organizações recorram a pesquisas de mercado para descobrir e medir as preferências do público (Welber, 2016). Contudo, no

⁴⁷ Dados da pesquisa TIC Domicílios 2021, do Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br). Disponível em: <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/individuos/#tabelas> Acesso em: 26 mai. 2025.

passado, por resistência das equipes jornalísticas que viam como sua responsabilidade selecionar as informações que são importantes para o público, a influência das preferências da audiência permaneceram limitadas (*idem, ibidem*).

A partir da pesquisa de Welber (2016), entendemos que as interações do público com o conteúdo jornalístico por meio dos recursos de interação próprios de cada plataforma digital, seja nos portais, seja nos perfis dos jornais nas mídias sociais, tornaram-se valor-notícia. Por meio da análise dos cinco maiores jornais nacionais da Holanda, Welber (2016) encontrou diferenças entre aqueles veículos considerados sensacionalistas e os que não integram esse grupo. Enquanto nos primeiros o efeito da influência da audiência foi expressivo, no segundo foi identificada pouca interferência.

Retomando a pergunta que inicia esta seção, com base no que foi levantado, a lógica de mercado influencia o fazer jornalístico, a ponto de elevar os interesses do público ao patamar de valor-notícia. Essa situação, porém, traz riscos ao trabalho da imprensa. Quando há estímulo “[...] à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma” (Amaral, 2016, p. 23), o jornalismo envereda pelo caminho do sensacionalismo.

“Como o princípio da sociedade capitalista é a mercantilização dos produtos, os jornais e as notícias, assim como todo o espectro cultural acabam se rendendo a essa lógica” (Marshall, 2003, p. 76). Essa submissão pode ser vista no caso Lázaro. Em apenas quatro veículos jornalísticos – *O Globo*, *GI*, *Correio Braziliense* e *Metrópoles*, o episódio rendeu mais de 700 notícias nas quatro primeiras semanas da cobertura. Isso é indicativo da consonância e da onipresença típicas do efeito de agendamento elaborado por McCombs e Shaw em 1972.

É de se imaginar, portanto, que houve um descompasso entre a intensidade da produção do material, o desenrolar dos acontecimentos e a quantidade de informação publicada. Esses eventos podem ser vistos sob diversas perspectivas, como pela ótica da gradação de importância dos valores-notícia tradicionais e da influência das mídias digitais, sobretudo quando se trata da mercantilização da informação (Amaral, 2006; Marcondes Filho, 1989).

A história do assassinato da família Vidal entrou na pauta jornalística pelo nível de violência empreendido, pela atualidade e por ser um acontecimento incomum naquela localidade. As buscas por Lázaro foram mantidas nos noticiários graças à continuidade das infrações cometidas por ele, o que conferia grande carga dramática para a situação. Já os

eventos que ocorreram após sua morte continuam a preencher a grade de notícias recorrendo-se a ganchos, em especial aqueles relacionados aos aniversários dos marcos da história, como o dia do evento chave e a data de morte de Lázaro.

4. O CASO LÁZARO

“A teoria é a base interpretativa do objeto” (Varão, 2025)⁴⁸. Com esta afirmação, indicamos que o conhecimento teórico apresentado até aqui nos serve de pilar para compreender a cobertura jornalística do caso Lázaro. É, portanto, uma lente para observar os acontecimentos já com o distanciamento que o passar dos anos nos permitiu.

Retomando alguns conceitos, temos que a agenda-setting é uma teoria sobre a influência cumulativa da imprensa e sobre os efeitos de longo prazo. Já o agendamento intermídia, além da confluência de veículos reportando o mesmo tema, trata do aumento repentino do interesse por tal assunto. Logo, o fator tempo é essencial para identificar se um caso é, ou não, possível de ser explicado pela teoria da agenda.

Com isso, faz-se necessário entender como o fenômeno se deu, não só no momento de seu ápice, mas em relação aos acontecimentos ocorridos durante seu desenrolar e as consequências que o seguiram. Neste capítulo, a história de Lázaro será apresentada por meio de seu encadeamento no tempo, no espaço, e nos meios de comunicação.

4.1 Antes de 9 de junho de 2021

“Pai e dois filhos foram encontrados mortos com marcas de tiro e facadas na madrugada desta quarta-feira (9/6). O crime ocorreu na Fazenda Vidal, na área rural do Inca 9, em Ceilândia Norte”⁴⁹. Este lide⁵⁰, pertencente a uma notícia despreziosa, dá início a uma cobertura jornalística de grandes proporções. Havia o *que*, o *quando* e o *onde*. O *quem* veio na atualização desta matéria, feita na tarde do mesmo dia. Faltava o *porquê*, que nunca foi, de fato, esclarecido (figura 2).

⁴⁸ VARÃO, Rafiza. Anotações de aula. Curso de Teorias Clássicas da Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília, 2025.

⁴⁹ Pinheiro, Mirelle. Pai e filhos são mortos a tiros e facadas. Mãe está desaparecida. Metrôpoles, Distrito Federal, 9 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/pai-e-filhos-sao-mortos-a-tiros-e-facadas-mulher-esta-desaparecida>

⁵⁰ Lide (ou *lead*) é “o primeiro parágrafo do texto jornalístico, que traz as principais informações da notícia” (Jorge, 2008, p. 226).

Figura 2 – Primeira vez que o caso é noticiado no portal *Metrópoles*

Distrito Federal

Pai e filhos são mortos a tiros e facadas. Mãe está desaparecida

Os corpos encontrados na região do Incra, em Ceilândia Norte, são de dois adultos, de 48 e 21 anos, e de um adolescente de 15

Mirelle Pinheiro
09/06/2021 06:52, atualizado 09/06/2021 09:34

METRÓPOLES

Fonte: portal *Metrópoles*

O caso Lázaro, que teve como evento chave a madrugada de 9 de junho de 2021, não iniciou nesta data. Sua história começou com uma década de antecedência⁵¹. Os delitos praticados por ele não têm um foco ou um *modus operandi* bem definidos. Variam de homicídios, a roubos e a estupros, são realizados contra homens, mulheres, adolescentes e idosos.

Em 2008⁵², quando tinha cerca de 19 anos, o infrator confessou um duplo homicídio realizado na região de Melancias, distrito do município de Barra do Mendes (BA), sua cidade natal. As vítimas eram os trabalhadores rurais José Carlos Benício de Oliveira e Manoel Desidério Silva. O criminoso chegou a ser preso, mas fugiu 10 dias depois. Em nossa pesquisa, este foi o primeiro crime encontrado que envolvia seu nome.

No ano seguinte, em 2009, o homem perpetró novas transgressões. No mesmo dia em que cometeu invasão de privacidade, também realizou sequestro, roubo e estupro, todos consumados numa chácara em Sol Nascente (DF). Ele foi encontrado dias depois e aprisionado no Complexo Penitenciário da Papuda (CPP), em Brasília (DF). Por esses crimes, foi condenado em 2011 a mais de 15 anos de prisão.

A relação de Lázaro com o sistema penal nunca foi tranquila, tampouco harmoniosa. Mas lhe serviu de cenário para a prática de novas transgressões. Em 2012, por exemplo, ele acrescentou mais uma entrada ao seu histórico criminal, desta vez por agressão. O homem, na

⁵¹ Todas as informações sobre o caso Lázaro que serão apresentadas foram retiradas de matérias produzidas pelos portais noticiosos *O Globo*, *G1*, *Metrópoles*, *Correio Braziliense*, *Terra*, *CNN* e *Uol*.

⁵² Algumas fontes divergem sobre o ano desse crime. *G1 Goiás* e *Correio Braziliense*, por exemplo, datam o crime como ocorrido em 2007. *Uol* e *G1 Bahia* usam a data de 2008. Adotamos o ano de 2008 pela cópia da denúncia realizada pelo Ministério Público contra Lázaro presente na matéria do *G1 Bahia*.

companhia de três outros presidiários, atacou um detento durante o momento de “banho de sol”, na CPP.

Apesar do episódio e das recomendações de laudos psicológicos, em 2013, seus advogados fizeram o primeiro pedido de progressão de pena. No ano seguinte, o homem ganhou o direito de cumprir a pena em regime semi-aberto, mas sem a possibilidade de saídas temporárias, os chamados “saidões”. Em 2015, sua defesa fez um novo pedido de progressão.

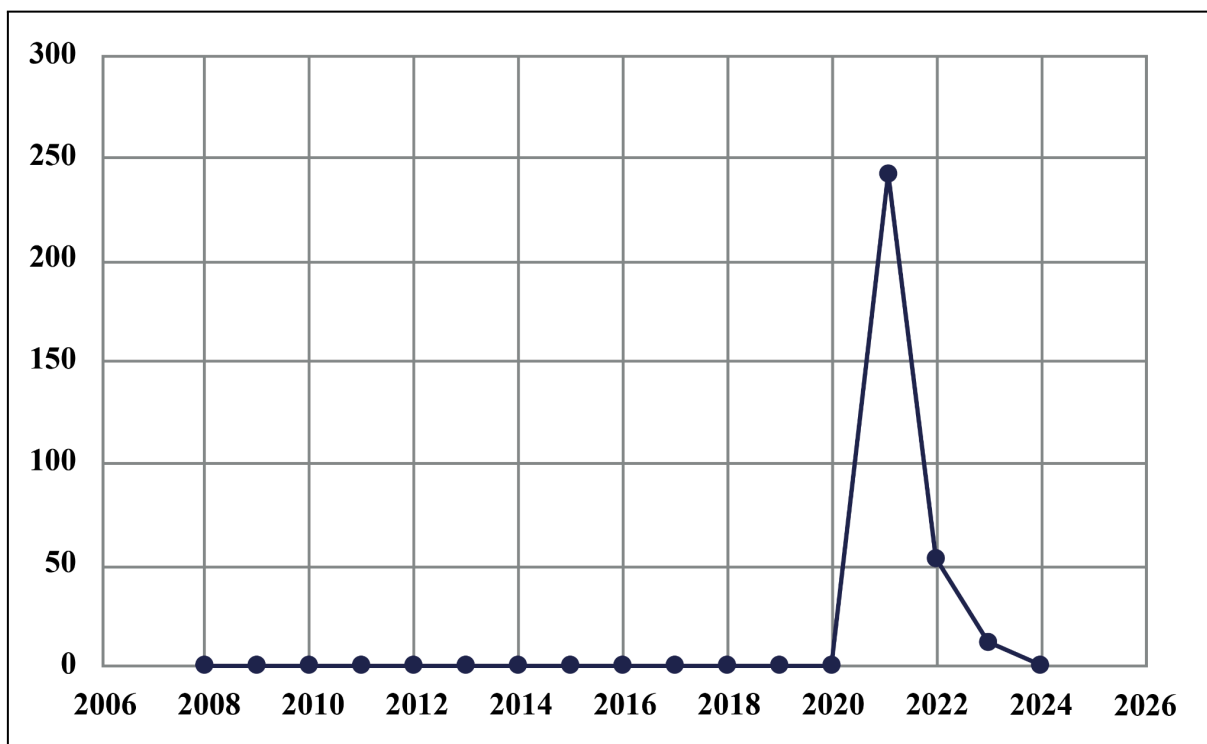
Não se sabe ao certo o motivo, mas em 2016, embora não tivesse o direito garantido, Lázaro foi um dos beneficiados pelo saidão de Páscoa. Na ocasião, o homem não retornou ao Centro de Progressão Penitenciária do DF. A partir desse momento, passou a ser considerado um foragido da justiça. Com mandado de prisão ainda em aberto pelos homicídios cometidos na Bahia, em 2018 Lázaro é capturado em Águas Lindas (GO) e detido novamente, contudo, fugiu meses depois.

Invasão de propriedade, em especial propriedades rurais, sempre estiveram entre os locais em que cometia seus crimes. Por isso, em 2020, sua preferência volta a ser ressaltada quando o novo alvo é uma chácara, desta vez em Santo Antônio do Descoberto (DF). Na ocasião, assaltou e agrediu um idoso na cabeça, com o uso de um machado. A vítima nunca se recuperou por completo.

Decorridos 13 anos de seu primeiro crime, em 2021 há uma escalada na frequência das ações de Lázaro. Em abril daquele ano, estuprou uma mulher de 39 anos no Sol Nascente (DF); em maio, invadiu uma chácara na região do Incra 9, em Ceilândia (DF), imobilizou as vítimas com uma corda e as ameaçou com uma arma de fogo e uma faca; em junho, registrou-se o quádruplo homicídio contra a família Vidal.

Até 9 de junho de 2021, não foram identificadas notícias em portais na internet que mencionassem ou tratassem dos crimes cometidos por Lázaro. Após essa data, tem-se o início da onda noticiosa protagonizada por ele. Apesar de ser uma ocorrência comum, o episódio violento protagonizado na fazenda Vidal pôde ser identificado como o evento-chave que desencadeou a cobertura midiática (gráfico 1). Eventos dessa natureza não precisam ser raros, extremos ou espetaculares, ou seja, basta uma conexão tênue entre suas características e os critérios de seleção noticiosos (Kepplinger e Habermeier, 1995).

Gráfico 1- Notícias sobre Lázaro Barbosa entre 2008 e 2025

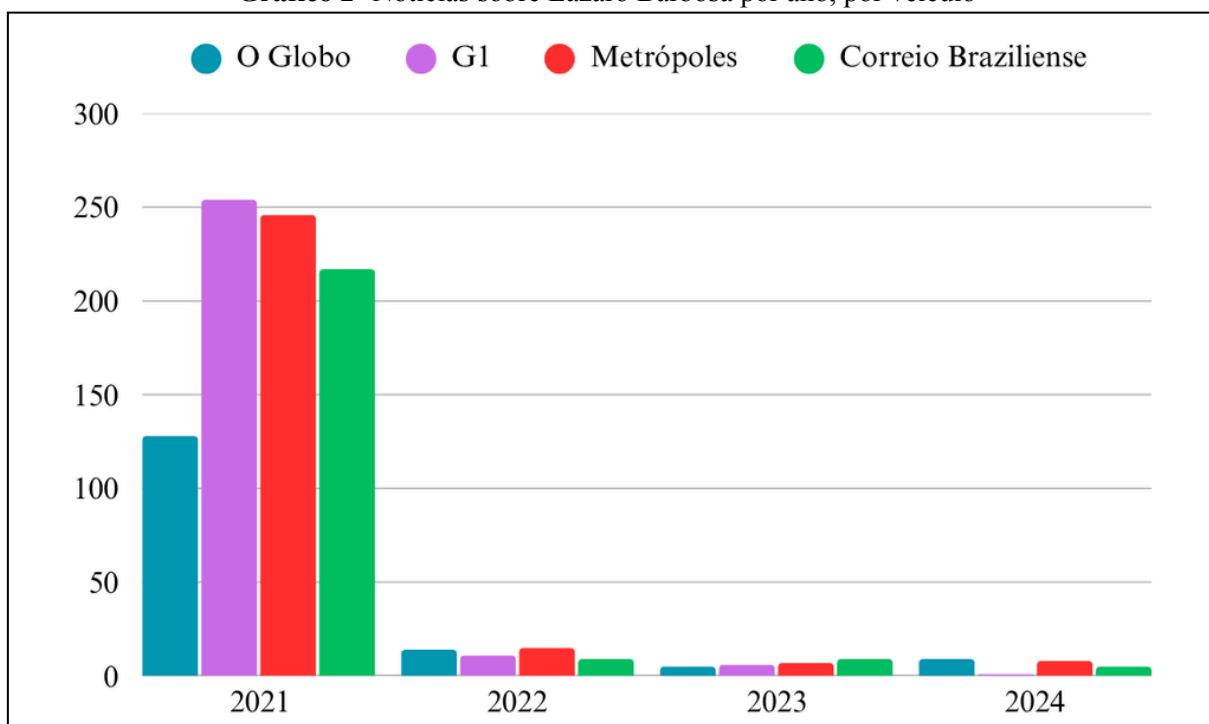


Fonte: *Google Trends*. Pesquisa por “Lázaro Barbosa de Sousa”, em assuntos, dentro da seção *Google Notícias*.

O interesse da imprensa pelo caso tem contornos temporais muito bem definidos. Como resultado de uma raspagem de dados automatizada no buscador *Google*, na aba *notícias*, encontramos informações interessantes que auxiliam a contar como foi o desenrolar do caso. Usando como filtros as palavras-chave “Lázaro Barbosa” – entre aspas para limitar os resultados e garantir que a menção ao criminoso estivesse presente nas matérias – e o limite temporal definido entre os dias 9 de junho de 2021 e 9 de outubro de 2024, tem-se que os portais *Metrópoles*, *GI*, *Correio Braziliense* e *O Globo* foram os veículos que mais se dedicaram a reportar assuntos relativos ao caso.

Por sua vez, o uso dos mesmo filtros para guiar as raspagens de dados nestes meios de comunicação retornaram, após remoção de duplicatas, exatas 944 notícias. Compilando esses dados, é possível perceber uma das grandes características do agendamento midiático: seus efeitos são de longo prazo. Apesar da queda no número de matérias produzidas ano após ano, o interesse pelo episódio nunca deixou totalmente as páginas virtuais desses veículos (gráfico 2).

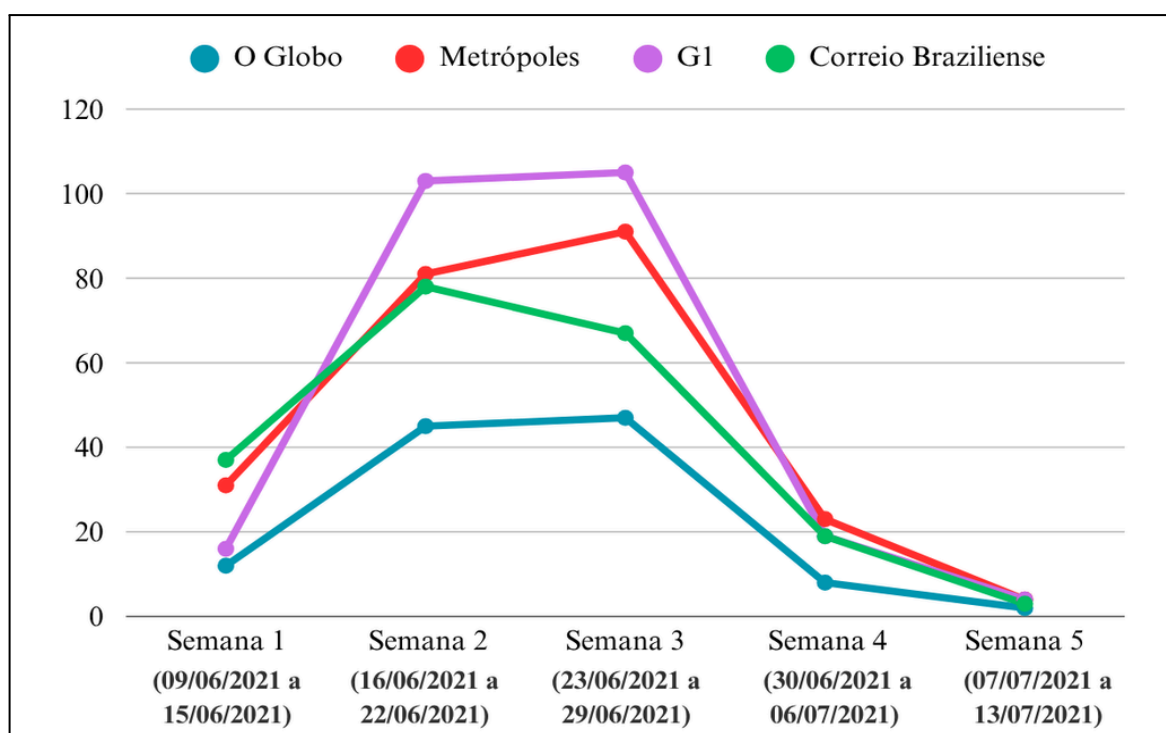
Gráfico 2- Notícias sobre Lázaro Barbosa por ano, por veículo



Fonte: elaboração própria.

Observando mais de perto os números, compreende-se que o caso teve maior relevância na imprensa nas quatro primeiras semanas de cobertura, ou seja, entre os dias 9 e 29 de junho de 2021 (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Notícias sobre Lázaro Barbosa, entre 9/06/2021 e 13/07/2021, por veículo



Fonte: elaboração própria.

Os dados acima apontam que nas quatro primeiras semanas de cobertura, os veículos analisados publicaram 784 matérias, totalizando uma média de sete publicações por dia, por meio. A partir dessas informações, foi possível estabelecer não só o ciclo de agendamento da temática como ter as bases temporais para contar os eventos principais do episódio envolvendo Lázaro Barbosa.

Antes de tudo, um cuidado a ser ressaltado na construção temporal que se seguirá é a separação dos casos de jornalismo declaratório dos demais. Nessa prática, as matérias são construídas com base nas declarações das fontes, sem que haja necessariamente um evento genuíno a ser reportado. Kovach e Rosenstiel (2010) dão algumas pistas de como identificar esses casos.

Onde quer que você encontre o interlocutor, o jornalista ou o criador de conteúdo simplesmente deixando as pessoas falarem, sem nenhum esforço para verificar os fatos, contestar as afirmações ou pedir provas, você entrou em outra esfera, pouco reconhecida até mesmo por seus praticantes. Você entrou no reino do jornalismo de afirmação, e o conteúdo que você está obtendo não é um produto acabado, não é uma avaliação de informações examinada (Kovach e Rosenstiel, 2010, p. 133, *tradução nossa*)

Complementando a ressalva feita, é válido buscar a diferenciação entre eventos genuínos, midiáticos e encenados. Os primeiros, indicam que um evento evoluiu independentemente da cobertura jornalística; o segundo, trata-se de um acontecimento que foi influenciado pela cobertura jornalística; por fim, o terceiro é um tipo de evento que foi organizado devido à expectativa de cobertura jornalística (Kepplinger e Habermeier, 1995).

Dito isso, o caso Lázaro resultou em muitas notícias puramente declaratórias, sem que houvesse algum desdobramento novo que pudesse gerar a continuidade das publicações. Exemplos disso são as matérias fundamentadas apenas em suposições de fontes oficiais como “‘Está atrás de comida’, diz secretário de Segurança de Goiás sobre Lázaro”⁵³, e em impressões desses mesmos atores sociais, como representado pelo título estampado no *G1*: “Secretário de segurança acredita ter visto Lázaro Barbosa: ‘Estava em um vale a 1 km’”⁵⁴.

⁵³ Pinheiro, Mirelle; Cardim, Nathália. “**Está atrás de comida**”, diz secretário de Segurança de Goiás sobre Lázaro. *Metrópoles*, Distrito Federal, 15 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/esta-atras-de-comida-diz-secretario-de-seguranca-de-goias-sobre-lazaro>>.

⁵⁴ Rodrigues, Guilherme; Santana, Vitor. **Secretário de segurança acredita ter visto Lázaro Barbosa: ‘Estava em um vale a 1 km’**. *G1*, Goiás, 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/06/18/secretario-de-seguranca-diz-que-acredita-ter-visto-lazaro-barbosa.ghtml>>

Dessa forma, para o propósito deste capítulo, não vamos nos deter nas matérias declaratórias, mas apenas naquelas de jornalismo de verificação e eventos genuínos. Uma análise aprofundada dos demais tipos de eventos será apresentada no capítulo 5.

4.2 De 9 de junho a 28 de junho de 2021

Retomando a cronologia das ações de Lázaro, chega-se ao evento-chave. Na madrugada de 9 de junho de 2021, ocorreu o homicídio da família Vidal, em que os corpos de dois adultos e um adolescente foram encontrados numa chácara na região do Inkra 9, em Ceilândia Norte (DF). As informações iniciais puderam ser apresentadas em poucos parágrafos: quem morreu, as suspeitas da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), a atuação da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) e do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF).

Já na tarde de 9 de junho de 2021, as matérias jornalísticas foram atualizadas para inserir os avanços da investigação realizada pela PCDF. As impressões digitais encontradas na fazenda Vidal identificaram o primeiro (e único) suspeito pelos assassinatos. Era a primeira vez que o nome completo e a foto de Lázaro Barbosa de Sousa estampavam as páginas da imprensa. Mas estava longe de ser a última vez.

A sequência de crimes cometidos pelo fugitivo teve continuidade poucos dias depois. Em 11 de junho de 2021, o homem atirou em três pessoas, trocou tiros com a PMDF, invadiu mais uma chácara, manteve reféns e roubou um carro que, usado na em sua fuga, foi incendiado por ele ao chegar a Cocalzinho (GO). No dia seguinte, 12 de junho de 2021, os investigadores encontraram o corpo de Cleonice Vidal Marques a oito quilômetros do local da chacina de sua família.

A fuga de Lázaro durou 20 dias e esse período pode ser relatado em cinco frentes: as forças de segurança pública que trabalharam no caso, os equipamentos usados, os animais que auxiliaram nas buscas, os locais por onde o homem passou e os crimes cometidos.

Com relação à primeira forma de contar o caso, é importante entender a dimensão da força policial destacada para a captura de Lázaro. Para encontrar o foragido, já no começo das buscas formou-se uma força-tarefa envolvendo as polícias militar e civil do Distrito Federal e de Goiás e a Polícia Rodoviária Federal (PRF). O Batalhão de Operações Especiais (Bope) da

PMDF e a Polícia Federal (PF) se juntaram ao trabalho de captura em 13 de junho de 2021, enquanto o CBMDF passou a integrar o time em 14 de junho de 2021.

Três dias mais tarde, agentes da Força Nacional de Segurança Pública (FNSP), ligados ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, foram acionados à equipe. Para reforçar uma equipe do Grupo de Pronto Intervenção (GPI) da PF, o caçador José Marcos Rodrigues Pereira, mais conhecido como Babaçu, passou a auxiliar nas buscas a Lázaro em 21 de junho. No total, 270 agentes de segurança pública trabalharam no caso.

Os equipamentos usados pela força-tarefa também merecem atenção, dado que cada nova adição ao material de buscas era noticiada pela imprensa. Drones do CBMDF, usados a partir de 14 de junho de 2021, contavam com com câmera térmica, farol de busca, luz beacon e alto-falantes. Já a PCDF, decolou de Brasília (DF) em direção à área de buscas na tarde de 17 de junho de 2021, usando helicóptero equipado com sistema de captura e transmissão de imagens feitas por câmera com sensor infravermelho.

Novos apetrechos foram adicionados ao arsenal da polícia em 20 de junho de 2021, quando a força-tarefa passou a contar com três novas aeronaves. No dia seguinte, o Exército Brasileiro cedeu 40 aparelhos de rádio que funcionavam mesmo dentro da mata. Nesse sentido, no dia 27 daquele mês, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) cedeu duas caminhonetes, chamadas de Estações Rádio Base (EBS), para auxiliar nas buscas. Os veículos serviam como repetidor de sinal para os rádios transmissores usados pelos agentes. Além dos instrumentos usados na perseguição, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás (SSPGO) disponibilizou, ainda em junho de 2021, aplicativo de celular para que pessoas a um raio de 100 quilômetros de distância da região de busca pudessem fazer denúncias ou pedir ajuda.

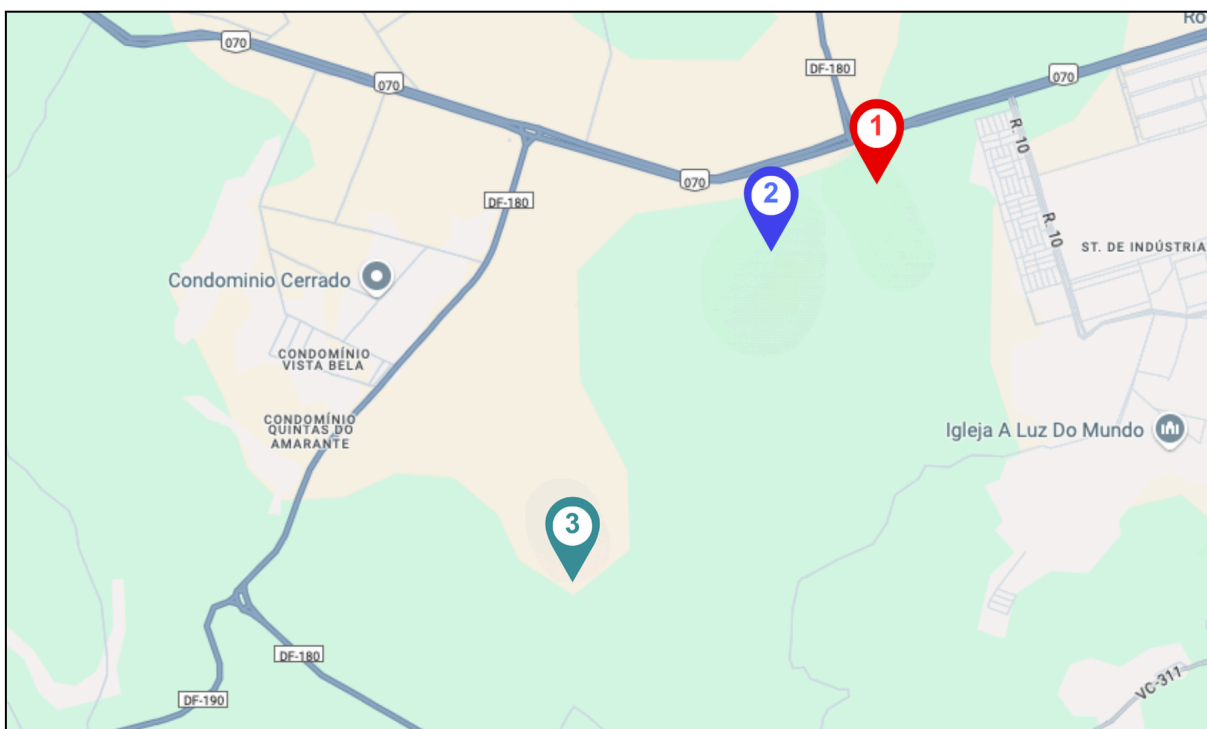
Um elemento interessante na história do caso Lázaro é a participação dos cães-farejadores. No dia 19 de junho de 2021, quatro animais foram somados à equipe canina de buscas, advindos das polícias de Luziânia (GO) e de Anápolis (GO). Tratava-se de dois labradores, um pastor alemão e uma border collie. A última, inclusive, já era um animal famoso. A cadela Cristal trabalhou nas buscas realizadas em Brumadinho (MG), entre janeiro e fevereiro de 2019.

Outra adição canina foi Sauke, um pastor alemão integrante do Comando de Policiamento de Cães (CPCães), que teve sua história contada em 21 de junho de 2021. Durante as buscas por Lázaro, o animal feriu a pata traseira ao caminhar em um rio. A notícia

veiculada sobre o caso, mostrava o cachorro sendo carregado nas costas por um policial após o acidente.

Voltando nossa atenção aos aspectos geográficos do caso, temos que o evento-chave ocorreu na região do Inkra 9, em Ceilândia (DF), mas as buscas ao foragido se estenderam a outras localidades. Essas localizações estão intrinsecamente ligadas aos crimes cometidos durante a fuga (figuras 3 e 4).

Figura 3 – Região do Inkra 9, em Ceilândia (DF)



Fonte: elaboração própria a partir do *Google Maps*.

O número 1, no mapa acima, indica o local do quádruplo homicídio da família Vidal. O número 2 refere-se ao primeiro esconderijo de Lázaro. Já o terceiro número, indica onde foi encontrado o corpo de Cleonice Vidal.

Figura 4 – Locais, por aproximação, por onde Lázaro passou durante sua fuga em 2021



Fonte: elaboração própria a partir do *Google Maps*.

No dia seguinte ao quádruplo homicídio na fazenda Vidal, ou seja, em 10 de junho de 2021, Lázaro invadiu outra chácara em Ceilândia (DF). No local, rendeu o caseiro, o dono da propriedade e a filha dele (4). Na madrugada seguinte, invadiu mais uma chácara na mesma região (5). Ali, rendeu uma família e roubou um carro, que usou para chegar a Cocalzinho (GO). Chegando à cidade goiana, Lázaro incinerou o automóvel.

Em 12 de junho de 2021, o fugitivo invadiu e ateou fogo em uma casa ao fugir da polícia, atirando em quatro pessoas. No dia seguinte, o fugitivo assaltou uma chácara, rendeu o chacareiro e roubou seu carro (6), usando-o para chegar a Edilândia, distrito de Cocalzinho (GO). A força-tarefa que trabalhava nas buscas montou uma base de operações no local.

Os crimes que tiveram como cenário o distrito de Edilândia (GO) ocorreram entre 14 e 16 de junho de 2021. Nesse período, Lázaro trocou tiros com o caseiro de uma chácara, fez um casal e sua filha adolescente de reféns, atingiu um policial de raspão e invadiu uma casa abandonada (7). Na região de Areia Branca, próxima a Edilândia (GO), houve novo confronto com um chacareiro. Após a recusa do funcionário em dar comida ao foragido, Lázaro atirou contra ele, que revidou (8).

O deslocamento das ações do fugitivo, do Distrito Federal para o estado de Goiás, fez com que a força-tarefa alterasse, pela segunda vez, a localização de sua base de operações.

A partir de 17 de junho de 2021, o comando das buscas passou a ser centralizado em Girassol (GO). No mesmo dia, houve troca de tiros entre Lázaro e as forças policiais (9), em uma fazenda do município de Girassol (GO). Depois desse incidente, o paradeiro e as ações do criminoso se tornaram incógnitas para a imprensa. Tudo que se noticiou entre 18 e 27 de junho de 2021 foram especulações baseadas em suspeitas de pessoas que afirmaram ter visto ou interagido com o fugitivo.

Contudo, em 28 de junho, o caso passou por uma reviravolta. Nesse dia, os policiais que estavam na base de operações em Girassol (GO) saíram em disparada para Águas Lindas de Goiás (GO). O foragido teria sido visto no Setor Itamaracá, na área rural da cidade. A localização coincidia com as imediações da casa da ex-sogra. Nesse ponto houve o confronto final. O homem procurado há 20 dias foi encontrado e em sua captura descarregou duas pistolas contra os policiais, que revidaram com 125 tiros, dos quais 39 o atingiram (10). Era o fim da caçada a Lázaro Barbosa de Sousa.

4.3 Depois de 28 de junho de 2021

O caso Lázaro, para a imprensa, não terminou com a morte do fugitivo. Seu enterro, por exemplo, só ocorreu três dias depois do falecimento, em 1º de julho de 2021. Nos meses e anos seguintes, seu nome sempre voltou às páginas dos noticiários, de diversas formas. Uma delas tem relação com as datas específicas, que servem como gancho para justificar “[...] a noticiabilidade de um acontecimento que já teve lugar no passado, mas nesse mesmo dia” (Traquina, 2008, p. 81).

É a efeméride – o próprio tempo é utilizado como “news peg”, por exemplo, os aniversários. Há um ano, há dois anos, há vinte anos isto aconteceu e publica-se hoje uma notícia sobre esse acontecimento porque aconteceu neste mesmo dia há x anos (Traquina, 2008, p. 81)

No caso em questão, a morte de Lázaro gerou notícias uma semana, um mês, três meses e um ano após sua morte. De maneira similar, três meses e um ano após o início das buscas pelo criminoso, novas matérias foram publicadas. Há, portanto, uma recorrência temporal que impede o caso de ser esquecido.

Outra forma pelo qual o fugitivo foi mantido na imprensa se deu pelos personagens coadjuvantes da história de perseguição. Um exemplo são as notícias divulgadas sobre o

fazendeiro e o caseiro que foram presos em 24 de junho de 2021, por suspeita de terem ajudado o criminoso durante a fuga. No dia seguinte, a juíza Luciana Siqueira mandou soltar o caseiro Alain Reis Santana, mas manteve a prisão do fazendeiro Elmi Caetano Evangelista. Em julho daquele ano, Evangelista tornou-se réu e em 28 de março de 2022, faleceu em decorrência de um infarto. Todo o processo, desde o indiciamento até sua morte, foi divulgado pela imprensa.

Ainda em março de 2022, o caçador José Marcos Rodrigues Pereira, o “Babaçu”, foi preso suspeito de estuprar uma adolescente em São Miguel do Araguaia (GO). Enquanto detido, o homem ainda ameaçou de morte um dos policiais responsáveis por sua apreensão. No mesmo mês, o tenente-coronel Edson Melo lançou um livro sobre a perseguição, intitulado *Contagem Regressiva*.

A história do pai de santo André Vicente de Souza e das buscas por Lázaro se cruzaram em 19 de junho de 2021. De acordo com o religioso, policiais entraram em seu terreiro de candomblé, agrediram uma pessoa e danificaram diversos objetos. Dias depois, o Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-brasileiras (Idafro) pediu na Justiça de Goiás que a força-tarefa não pudesse entrar nem fazer buscas nos templos religiosos sem ordem judicial, o que foi negado. Já em 22 de outubro de 2021, o Governo de Goiás se negou a ir na audiência de conciliação com o pai de santo para tratar de possível indenização pelos danos alegados.

No período eleitoral de 2022, a história de Lázaro ressurgiu, mas com outro enquadramento: alguns participantes das buscas usaram o tema em busca de uma vaga no Legislativo. Os coronéis da PMGO Edson Raiado (Avante) e Benito Franco (PL) se candidataram a vagas na Câmara dos Deputados, assim como Rodney Miranda (Republicanos), ex-secretário de Segurança Pública de Goiás que atuou no caso Lázaro. Nenhum deles foi eleito.

Em 21 de junho de 2021, a deputada federal Magda Mofatto (PL) postou um vídeo em suas mídias sociais em um helicóptero, portando um fuzil. A postagem serviu para criticar o trabalho da polícia e do governador do estado de Goiás, Ronaldo Caiado nas buscas pelo criminoso. Magda Mofatto, atualmente filiada ao Partido Renovação Democrática, conseguiu ser reeleita.

O tenente-coronel Edson Melo voltou às páginas de jornais, mas, dessa vez, em virtude de sua candidatura a deputado federal pelo Podemos-GO. O militar não foi eleito, nem por isso ficou longe dos noticiários. Em junho de 2024, Edson foi contratado como segurança particular do então pré-candidato à Prefeitura de São Paulo Pablo Marçal (PRTB).

Por fim, outra maneira em que a história de Lázaro se perpetua ocorre por meio da relação entre seus feitos e os de outros criminosos. Em novembro de 2021, por exemplo, foi noticiado o caso chamado de “Lázaro 2.0”. Wanderson Mota Protácio era o principal suspeito de matar a própria esposa, grávida de quatro meses, a enteada de 1 ano e um fazendeiro, na zona rural de Abadiânia (GO).

Outro crime usado como comparação surgiu com a descoberta dos corpos de Shirlene Ferreira da Silva e da adolescente Tauane Rebeca da Silva, encontrados em 20 de dezembro de 2021, no mesmo local onde o corpo de Cleonice Vidal havia sido revelado em junho daquele ano. Além da localização, o criminoso responsável compartilhava o sobrenome de Lázaro, além de ter sido seu amigo. Em fevereiro de 2022, a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) identificou e prendeu o assassino Jeferson Barbosa dos Santos.

Ainda em fevereiro de 2022, foi a vez do “Lázaro de Pernambuco” aparecer nas manchetes dos jornais. Edson Ribeiro foi apontado como o assassino de Kauany Mayara Marques da Silva e de Jailma da Silva. O crime ocorreu em Glória do Goitá, zona da mata de Pernambuco e, após cometê-lo, Ribeiro fugiu dos policiais pela mata.

Em julho de 2022, um ex-colega de Lázaro, Eduarte Dias Silva, foi identificado pela PCGO como o responsável por três estupros em Valparaíso de Goiás. As vítimas foram uma mãe e sua filha, além de um bebê de um ano e dez meses.

Por sua vez, “Lázaro de São Félix”, como ficou conhecido, teve sua primeira aparição na imprensa em julho de 2023. Após nove dias de perseguição, o homem acusado de um homicídio em São Félix, distrito do município de Estrela do Sul (MG), foi morto em confronto com a Polícia Militar de Minas Gerais.

Houve, ainda, um caso que teve grande destaque na imprensa brasileira, sendo relacionado automaticamente à trajetória de Lázaro. Em 14 de fevereiro de 2024, Rogério da Silva Mendonça e Deibson Cabral Nascimento fugiram da Penitenciária Federal de Mossoró (RN). No caso que ficou conhecido como os “fugitivos de Mossoró”, as buscas policiais pela dupla duraram 50 dias e, em vários momentos, a imprensa usou a história de Lázaro para

fazer comparações tanto entre as estratégias tanto de fuga dos criminosos, quanto entre as ações empreendidas pelo poder público na tentativa de recaptura.

4.4 Estudos sobre o caso Lázaro

Todas as informações sobre o caso Lázaro apresentadas nas seções anteriores foram retiradas de inúmeras matérias, publicadas em sete veículos noticiosos: *O Globo*, *GI*, *Metrópoles*, *Correio Braziliense*, *Terra*, *CNN* e *Uol*. Mas o alcance do episódio não se restringiu a esse escopo. Como já mencionado, entre 2021 e 2024, o nome Lázaro Barbosa esteve presente em mais de mais de 70 veículos de imprensa de todo o país, figurando em portais *web*, jornais impressos, telejornais e programas de rádio. A cobertura foi tão ampla que impactou meios que não comportam, usualmente, este tipo de pauta, como as revistas *Capricho* (voltada para o público adolescente), *Rolling Stones* (publicação sobre cultura *pop*) e *Lance!* (veículo com temática esportiva).

Diante dos contornos narrativos, da participação das forças de segurança pública estadual, distrital e federal, além do destaque do tema junto à mídia e à população e, especialmente, do volume de matérias publicadas sobre o acontecimento, buscamos os trabalhos acadêmicos que relacionaram a história de Lázaro aos estudos sobre agenda-setting. Esse movimento nos serviria de ponto de partida para a análise teórica da cobertura midiática envolvendo o personagem.

Esperávamos encontrar um grande volume de trabalhos acadêmicos que fizessem a relação. Não foi o que aconteceu. Ao realizar o levantamento, detalhado a seguir, não encontramos nenhum trabalho com tal característica. Frente a essa lacuna, passamos, então, à identificação de quais foram as teorias mais abordadas nas pesquisas brasileiras que estudaram o acontecimento pela ótica da mídia. Para isso, escolhemos como critérios de busca: fonte, tema, local de busca, áreas do conhecimento, tempo e acessibilidade (Azevedo, 2016).

Com o objetivo de compilar um *corpus* abrangente e significativo, recorreremos à base de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. De modo complementar, realizamos buscas nas plataformas Google Scholar, Scopus (Elsevier) e Scielo Brasil, na

eventualidade de alguma das bases citadas anteriormente não estar atualizada. Com as fontes determinadas, o primeiro filtro aplicado foi o parâmetro de palavras-chave. Usou-se o termo “Lázaro Barbosa”, grafado com aspas duplas para limitar os resultados. A expressão deveria estar presente no título, no resumo ou nas palavras-chave. Isso permitiu que fossem excluídos os trabalhos que não tivessem no caso Lázaro seu foco de atenção.

Uma vez que a Comunicação é um campo transdisciplinar (Lopes, 2008), não houve a exclusão de materiais pelo critério de área de conhecimento. Entretanto, desconsiderou-se todas as publicações que não tivessem como objeto de estudo um veículo de comunicação. Dado, ainda, ao período transcorrido desde o evento-chave que desencadeou o caso Lázaro, em 2021, e à possibilidade de haver poucas publicações sobre tema, não foram desconsiderados nenhum tipo de documento, como livros e resenhas. Por fim, observou-se todos os trabalhos publicados entre junho de 2021 e dezembro de 2024 que, seguindo os critérios de inclusão e de exclusão aqui mencionados, estivessem disponíveis para consulta de modo on-line.

O levantamento realizado, após a remoção de duplicatas, apontou a existência de 14 trabalhos com a intersecção caso Lázaro e mídia, entre artigos (7), monografias (5) e dissertações (2). Destes, dois não estão inseridos na área da Comunicação, são estudos do campo das Letras. Nessas publicações, o tipo de mídia mais analisada foi a televisiva (9), seguida por portais noticiosos (4), revista (1), *podcast* (1) e meios de comunicação organizacionais (1).

Oito trabalhos focaram seus esforços na análise da cobertura do caso Lázaro realizada exclusivamente por telejornais. Entre estes, cinco examinaram apenas um jornal, enquanto três desenvolveram suas investigações por meio da comparação entre dois programas (*Jornal Nacional e Jornal da Record* (2); *Jornal Nacional e Alerta Nacional* (1)). Os noticiários da Rede Record – *Jornal da Record* (3), *Cidade Alerta* (1), *Goiás Record* (1) e *Record TV* (1) – foram estudados por seis publicações, enquanto os informativos da Rede Globo (*Jornal Nacional* (3)), TV Bandeirantes (*Brasil Urgente* (3)) e RedeTV (*Alerta Nacional* (2) e *TV Foco* (1)) compuseram o *corpus* de três pesquisas cada.

Com relação aos portais noticiosos, houve maior pluralidade de jornais analisados. Vinte e dois portais tiveram suas matérias examinadas por cinco estudos diferentes: *GI* foi observado por quatro trabalhos; *Metrópoles* por três; *Correio Braziliense*, *Pragmatismo Político* e *Yahoo! Notícias* por dois cada; *Brasil de Fato*, *CNN*, *Diário de Goiás*, *Diário do*

Nordeste, Estado de Minas, Extra, Extra Anormal, Folha de São Paulo, Fórum, Jovem Pan, O Dia, O Globo, O Popular, O Povo, Pleno News, Portal 27 e Uol foram analisados em um estudo cada. Nas pesquisas selecionadas para este artigo, alguns destes veículos, como CNN e Jovem Pan, apesar de serem tradicionalmente conhecidos pela produção de outro tipo de mídia, foram observados pelas matérias presentes em seus *websites* sendo, dessa forma, incluídos na categoria portais.

Três trabalhos estudaram exclusivamente *sites* de notícias, enquanto dois estudaram mais de um tipo de mídia. Um destes estudos recorreu a diferentes meios de comunicação, examinando matérias de quatro telejornais, uma revista e 18 *websites*. O outro, com foco em meios de comunicação organizacionais, analisou tanto a mídia da Polícia Militar do Distrito Federal, como os portais *Folha de São Paulo, G1, Correio Braziliense e Metrôpoles*. Por fim, o único estudo focado em *podcast* realizou uma comparação entre episódios dos programas *Isso é fantástico (G1)* e *Casos reais* (Érika Miranda).

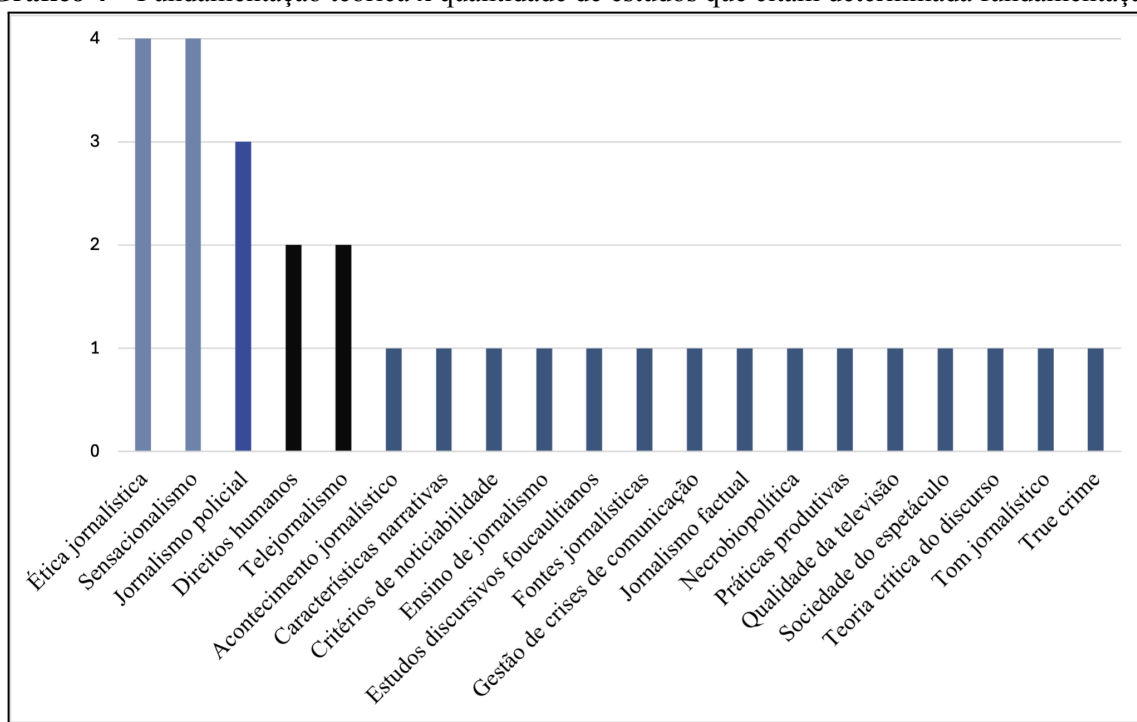
A observação sobre os tipos de mídia consideradas nos estudos, além das áreas do conhecimento que produziram estes trabalhos, são relevantes, pois essas diferenças influenciam nos aportes teóricos usados para analisar o caso Lázaro. Como exemplifica Martino (2018, p. 109), “[...] em alguns casos, certos conceitos simplesmente não servem para estudar outros temas – seria complicado analisar *releases* usando conceitos e teorias elaborados para o estudo do Cinema”. Outros exemplos se encontram no corpo deste levantamento, como no caso dos estudos relacionados ao campo das Letras, que embasaram suas observações na teoria crítica do discurso, no conceito de necrobiopolítica⁵⁵ e nos estudos discursivos foucaultianos, algo que não se repete nas pesquisas inseridas na área da Comunicação.

A definição do que seria a fundamentação teórica de cada trabalho foi a delimitação expressa por seus autores nos resumos dos documentos. Visto que o *abstract* de um artigo, monografia, dissertação ou tese “segue o esquema de um projeto de pesquisa: fala do objetivo, objeto, método e referencial teórico, não necessariamente nessa ordem” (Martino, 2018, p. 289), optou-se por esse modo de padronização para a compilação das informações.

Seguindo estes critérios, encontrou-se que 57,2% das produções foram embasadas por apenas um aporte teórico, 21,4% por dois aportes e 21,4% por três ou mais. No total, os autores indicaram em seus resumos 20 referenciais distintos (gráfico 4).

⁵⁵ “[...] termo referente ao poder soberano do Estado ao decidir quem pode viver e quem pode morrer, ou seja, ao exercer controle e violência sobre a vida e a morte dos indivíduos” (Gomes, 2024).

Gráfico 4 – Fundamentação teórica x quantidade de estudos que citam determinada fundamentação.



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o gráfico 1, observa-se a proeminência de cinco aportes teóricos apontados pelos estudos brasileiros em seus resumos, entre 2021 e 2024, referentes ao caso Lázaro: 13% das pesquisas citaram a ética jornalística como fundamentação teórica; 13% indicaram o sensacionalismo; 10% apontaram o jornalismo policial; 6,7% referiram-se a direitos humanos; e 6,7% citaram o telejornalismo. As demais fundamentações teóricas representaram 3% cada.

A partir desses estudos, é possível estabelecer uma relação entre o “sintoma” caso Lázaro e alguns aportes teóricos. Contudo, há lacunas nesse conhecimento. A agenda-setting, por exemplo, ainda não foi explorada nas pesquisas brasileiras sobre o assunto. Nossa proposta, para o próximo capítulo, é preencher essa brecha.

5. AGENDA LÁZARO: TRÊS NÍVEIS DE ANÁLISE

Na medicina, o termo sintoma significa um sinal ou uma indicação de que há alguma patologia. Essa relação pode ser direta, “[...] nesses domínios o sintoma indica seguramente a doença e a espécie de determinismo que rege o sintoma” (Pires, 1962, p. 32). Um exemplo seria um tumor que comprime a medula, causando uma paralisia nas pernas. A relação entre sintoma e enfermidade ainda pode ser vista como indireta, em que “[...] o sintoma pode indicar a doença, mas o faz inseguramente e não indica a espécie de determinismo que rege o sintoma” (*idem, ibidem*, p. 32). Aqui, um exemplo é a enxaqueca, que pode sinalizar diferentes tipos de problemas de saúde.

Assim, quando dizemos que o caso Lázaro pode ser um sintoma da pertinência da teoria da agenda-setting na contemporaneidade, precisamos ter o cuidado de analisá-lo de forma objetiva, mas entendendo que a Comunicação não é uma ciência exata. A objetividade na observação é indispensável, mas exige considerar que a cobertura midiática do episódio está inserida num contexto específico, seja ele temporal, social ou cultural. Por isso, o uso de técnicas estatísticas é tão útil quanto importante, mas não inteiramente adequadas, se vistas isoladamente. É preciso estabelecer um “raciocínio diagnóstico” para relacionar o sintoma – a onda noticiosa sobre as ações de Lázaro – à possível causa – o agendamento intermediário.

O percurso metodológico aqui proposto segue a linha da área médica: sabe-se da existência de um fenômeno que pode ser explicado pelo sintoma em questão, realiza-se uma anamnese completa, executam-se testes e, finalmente, chega-se a um diagnóstico. Analogia feita, recorreremos à análise de conteúdo (AC) para realizar o caminho de investigação. Nas primeiras quatro décadas do século XX, o uso da AC nos Estados Unidos foi, sobretudo, voltado para o estudo de produtos jornalísticos (Bardin, 2011). A partir da década de 1970, as pesquisas sobre agendamento midiático, inclusive o trabalho seminal de McCombs e Shaw (1972), foram realizadas usando a técnica.

Para este trabalho, empregamos os manuais de Sampaio e Lycarião (2021) e de Bardin (2011). Recorreremos à obra dos autores brasileiro de modo subsidiário, visando suprir as lacunas deixadas por Bardin (2011) quanto à operacionalização do método. Estes dividem a AC em três etapas: conceituação e propósito, desenho e análise. Como subetapas, fazem uma combinação das propostas de Downe-Wamboldt (1992), Weber (1990) e Neuendorf (2002),

constituindo um esquema de trabalho bastante rico, que será apresentado a seguir baseado na análise da cobertura do caso Lázaro.

Na fase de conceituação, organizamos o trabalho que seria feito. Partindo da revisão de literatura sobre a teoria agenda-setting (item 2) e do estado da arte sobre o caso Lázaro (item 4.4), percebeu-se uma lacuna. Como já apresentado, os estudos sobre cobertura jornalística da fuga empreendida não exploraram sua relação com a teoria do do agendamento. Diante disso, a AC apresentou-se como uma ferramenta para responder à questão de pesquisa: *a cobertura do caso Lázaro pode ser considerada um sintoma, um indício de que a teoria agenda-setting, em seus aspectos intermídia, segue pertinente para analisar o jornalismo contemporâneo?*

Nesse sentido, buscamos entender em que grau esse “sintoma” está relacionado à “enfermidade” agenda intermídia. Caso seja uma relação direta, a existência de episódios como o visto na cobertura do caso Lázaro será uma forte evidência de que a agenda-setting intermediária evoluiu e continua pertinente na análise do campo jornalístico.

Assim, para responder ao questionamento, num primeiro momento, realizamos uma raspagem de dados (leitura flutuante) automatizada no site Google Notícias, com o auxílio do programa de computador Octoparse⁵⁶. A ação teve como objetivo mapear os portais noticiosos digitais que publicaram sobre o assunto, desde o evento-chave, ocorrido em 9 de junho de 2021, até a data da raspagem, concluída em 31 de outubro de 2024.

A expressão “Lázaro Barbosa” norteou a busca. Ao ser grafado entre aspas duplas, limitamos os resultados àqueles que realmente tratavam do incidente, de forma direta (como matérias sobre o crime na fazenda Vidal) ou indireta, representada pelas suítes publicadas. A escolha dos termos seguiu o proposto por Nicholls e Bright (2019). Os autores sustentam que para descrever um mesmo evento, é necessário usar as mesmas palavras.

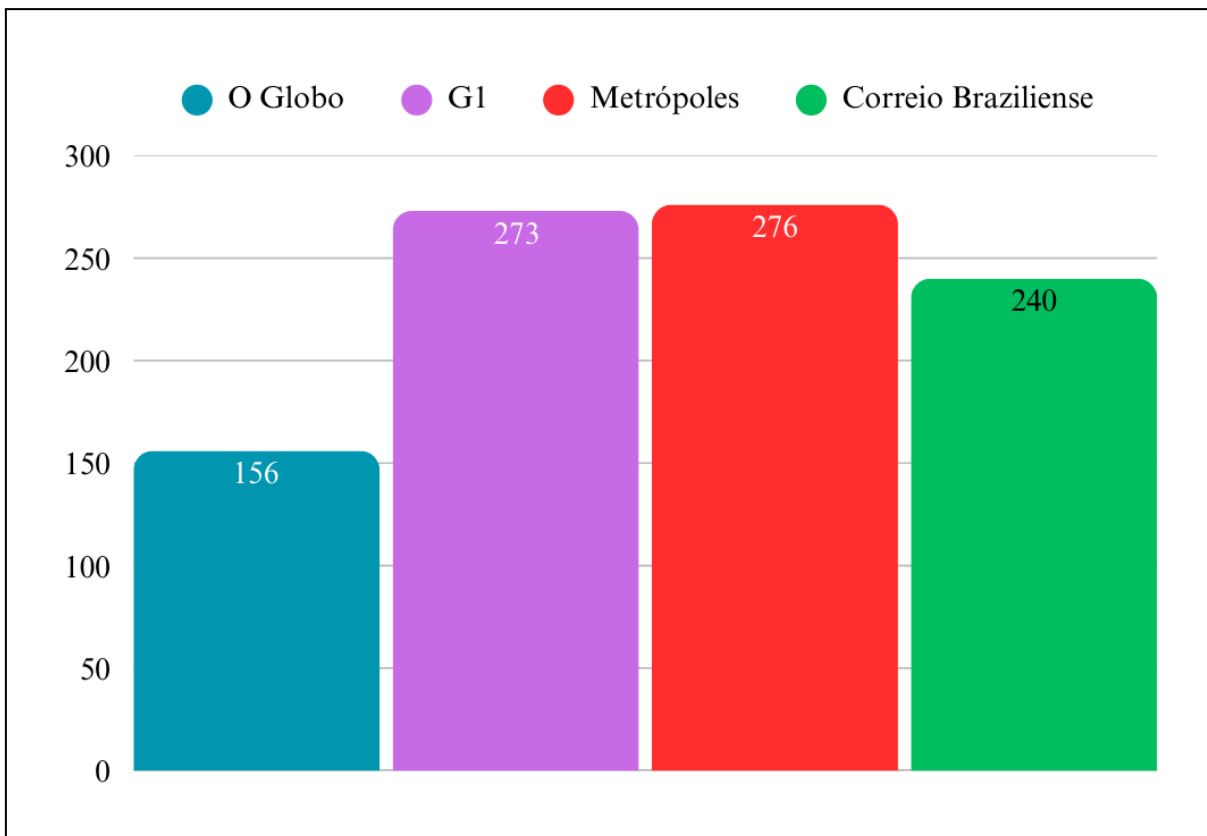
[...] na detecção de cadeias de notícias, espera-se que seja exatamente a coocorrência de palavras raras o marcador mais forte de relacionamento. Por exemplo, um nome de lugar incomum pode aparecer em apenas duas matérias do conjunto de dados: isso seria um forte indicador de que essas duas notícias fazem parte da mesma história (Nicholls e Bright, 2019, p. 48, *tradução nossa*)

Como resultado do levantamento, encontramos 76 veículos de comunicação que relataram a história de Lázaro. Entre eles, quatro se destacaram por apresentar o maior

⁵⁶ Octoparse é um software de extração de informações de páginas web por meio da criação de tabelas estruturadas de dados. <https://www.octoparse.com>

número de matérias sobre o tema, sendo dois de alcance nacional e dois de abrangência local: *G1*, *O Globo*, *Correio Braziliense* e *Metrópoles* (gráfico 5).

Gráfico 5 - Quantidade de notícias sobre Lázaro Barbosa, por veículo, entre junho de 2021 e outubro de 2024



Fonte: elaboração própria

As notícias encontradas sobre o episódio foram publicadas entre 9 de junho de 2021 e 8 de outubro de 2024. Contudo, essa primeira raspagem não se mostrou suficiente para abarcar todas as notícias relacionadas ao caso. Dado que nas primeiras publicações a respeito do evento-chave o nome do assassino ainda não era conhecido, foram acrescentadas as matérias que falavam sobre o, até então, triplo homicídio ocorrido no Incra-9 (DF). Dos veículos citados, apenas o jornal *O Globo* não publicou, de imediato, o caso da família Vidal. No total, foram encontradas 947 matérias, que foram escolhidas como *corpus* de nossa análise.

Dado que os critérios de noticiabilidade são bem estabelecidos e implementados na cultura de trabalho jornalístico (Traquina, 2008), entende-se ser natural que veículos de diferentes empresas produzam notícias sobre os mesmos eventos noticiosos. Estes,

[...] são episódios específicos que levam à cobertura de notícias, como um debate específico em um dia específico em um parlamento específico, um acidente específico ou uma partida de futebol específica. Eles podem ser cobertos por um ou mais artigos em um ou mais veículos, mas se relacionam a um evento específico e

identificável e, portanto, são muito mais refinados do que tópicos, questões ou editoriais (Trilling e van Hoof, 2020, p. 1321, *tradução nossa*).

A cobertura de eventos noticiosos pode ser vista de maneiras distintas, por exemplo, um noticiário pode dedicar um ou dois artigos a eles, enquanto um telejornal pode produzir mais de uma matéria por dia. De todo modo, esses eventos se sobrepõem na rotina jornalística de diferentes meios, levando a um caso de intermídia agenda-setting (Trilling e van Hoof, 2020). Esse efeito, como já apresentado, indica que os próprios meios de comunicação jornalísticos influenciam, por meio das pautas que divulgam, o agendamento temático de outros veículos de imprensa.

Nossa análise busca entender a intensidade da sobreposição da cobertura midiática do episódio entre os portais digitais noticiosos já indicados. Usamos a AC para entender os três níveis, ou dimensões, do efeito agenda-setting no caso midiático em questão. Por meio de indicadores – que serão apresentados adiante – buscamos “[...] traduzir em quantificações conceitos abstratos a partir de interpretações de construções linguísticas” (Sampaio e Licarião, 2021, p.108). A partir de inferências, seguimos aquilo proposto por Bardin (2011, p.27): podemos “regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações”.

Agora, vamos explorar a agenda do objeto, a agenda dos atributos e o agendamento em rede (McCombs, 2014) na perspectiva do caso.

5.1 Agenda do objeto

Os dados apresentados no gráfico 5, indicam o primeiro nível do agendamento midiático: a transmissão da relevância do objeto (McCombs, 2014) – caso Lázaro – entre os veículos jornalísticos analisados. O desvio padrão (DP)⁵⁷ entre a quantidade de matérias publicadas em cada um dos portais estudados aponta uma variação da quantidade de publicações correspondente a $\cong 5,9\%$ do total publicado. Considerando apenas o material presente no *Correio Braziliense*, *G1* e *Metrópolis*, a variação reduz para $\cong 2,1\%$.

⁵⁷ A variância é a dispersão das observações de uma variável em torno de sua média. Já o desvio padrão é uma medida derivada que torna mais simples a interpretação da variância. Por isso, optamos em usar o desvio padrão pela fórmula: Desvio padrão (S) = $\sqrt{\text{Variância (S}^2\text{)}}$, sendo esta calculada pelo intervalo de valores N_oglobo = 156, N_metrópolis = 275, N_g1 = 276 e N_correiobraziliense = 240, em que N é o número de notícias publicadas, conforme consta no Gráfico 5.

O desvio, quanto mais próximo de 100%, indica que mais diferentes são os materiais produzidos, enquanto que ao aproximar-se de 0%, os textos tendem a ser cada vez mais similares. Dito isso, podemos interpretar, pelos dados, que o agendamento em primeiro nível ocorreu entre os portais noticiosos, assinalando a transferência da saliência do objeto entre eles.

Neste ponto, é necessário fazer uma ressalva sobre a diferença dos resultados ao comparar os demais veículos ao jornal *O Globo*. Isso ocorre por sua condição singular, sendo considerado um “jornal carioca de circulação nacional” (Ferreira, 2021, p. 209). Em outras palavras, apesar de se propor a cobrir assuntos de todo o país, há uma atenção maior aos eventos ocorridos no Rio de Janeiro (RJ), cidade onde foi fundado. Assim, em nossa pesquisa, o veículo sempre tem menor número de informações quando comparado ao restante dos portais analisados.

Para analisar a relação entre os três níveis de agendamento na cobertura do caso Lázaro, entendemos que o objeto é a própria presença da história nos jornais, ou seja, as matérias que tratavam sobre o tema. A princípio, o *corpus* para verificar essa ocorrência era composto pelas 947 notícias publicadas. Contudo, nos portais *GI* e *O Globo* foram encontradas matérias apenas em vídeo, o que fere as regras da homogeneidade e da pertinência que compõem a análise de conteúdo (Bardin, 2011). No caso do *GI*, entre as 273 notícias publicadas, 50 não continham texto além do título e da linha fina. Já no portal *O Globo*, das 156 matérias publicadas, sete eram apenas em vídeo e duas não estavam mais disponíveis para leitura e, dessa forma, foram desconsideradas.

Com a quantidade de textos ajustada, o objeto da AC são as 887 matérias sobre o caso Lázaro. Já o objeto – o evento – que provoca o agendamento midiático é a fuga do criminoso, ocorrida em 2021.

5.2 Agenda dos atributos

Para entender a agenda dos atributos e selecionar as unidades e subunidades da análise de conteúdo, recorreremos à metodologia proposta por Nicholls e Bright (2019), com as devidas adaptações para se adequar ao estudo aqui proposto. De acordo com os autores, seu procedimento permite identificar a conexão entre textos tanto do mesmo, quanto de diferentes veículos jornalísticos (*idem, ibidem*). Dessa forma, apresenta-se como uma opção viável para

a medição de similaridades textuais em casos de agenda intermídia. Para facilitar o entendimento, inicialmente vamos explicar a proposta original. Depois, apontaremos as alterações realizadas.

Em seu trabalho, os autores recorrem a uma abordagem não-supervisionada para a detecção de notícias relacionadas entre si, por meio de técnicas extraídas do campo da recuperação de informações (RI)⁵⁸ e da análise de redes. A esse relacionamento dão o nome de “cadeia de eventos”, que são as matérias que compõem a cobertura de uma temática (Nicholls e Bright, 2019).

O método envolve duas etapas. Na primeira, usa-se a recuperação de informações para medir a similaridade entre diferentes reportagens do *corpus*, utilizando pontuação por palavras-chave e o algoritmo BM25F⁵⁹. Na segunda fase, são definidos os pesos para as essas medidas de similaridade que serão usados para a formação de uma rede onde são identificadas as notícias relacionadas entre si.

Para a nossa proposta, a abordagem não-supervisionada foi considerada uma boa opção diante do volume de textos a serem analisados. O emprego da metodologia não nos serviu para encontrar as notícias pertencentes a uma mesma cadeia de eventos, isso foi realizado conforme descrito no item 4.1. Por outro lado, a técnica possibilitou identificar o segundo nível da agenda, ou seja, a transmissão da relevância dos atributos (McCombs, 2014) do caso Lázaro, detalhada a seguir.

5.2.1 Cadeia de eventos noticiosos

“*News story chains*”, termo em inglês, refere-se a eventos ou questões singulares que recebem atenção reiterada da mídia, por meio da publicação de notícias, artigos ou suítes (Nicholls e Bright, 2019). Pode-se afirmar que as cadeias de eventos noticiosos (em tradução livre) são uma importante, e fundamental, característica dos fenômenos de agenda-setting intermídia, *media hype*, ondas e tempestades noticiosas. Por sua estrutura, a existência de

⁵⁸ Em inglês, *information retrieval* (IR). Trata-se de um conjunto de procedimentos baseados nas ferramentas da ciência da computação, da ciência da informação e da linguística de *corpus*. É usada para localizar com precisão pequenas quantidades de informações relevantes dentro de uma grande base de dados (Manning *et al.*, 2009).

⁵⁹ BM25F é um algoritmo de pontuação padrão, de uso generalizado. Ele pondera as frequências dos termos (palavras-chave) de acordo com sua importância (definida pelo programador ou pesquisador), realiza uma combinação entre elas para, em seguida, demonstrar as pseudofrequências resultantes (Garcia, 2016).

news story chains é uma condição para a existência destes fenômenos, como explicado no item 2.6.

Portanto, partimos desse aspecto para identificar, recuperar e medir a similaridade entre as diferentes matérias que compõem nosso *corpus* de análise. Essa semelhança é central, já que em uma cadeia de notícias todas as matérias estão relacionadas ao mesmo evento-chave (Nicholls e Bright, 2019). Usando a recuperação de informações, quebramos os textos dos títulos, legendas, linhas finas⁶⁰ e corpo das matérias em pequenas quantidades de dados, localizando-os dentro do material de estudo deste trabalho.

Para realizar a RI, usamos como base o código em Python disponibilizado por Nicholls e Bright (2019)⁶¹, mas com adaptações para melhor atender aos objetivos desta pesquisa. Por isso, o primeiro passo foi a identificação de conjuntos de palavras, adotando como unidade de análise os termos-chave⁶² e, como unidade de contexto⁶³, as 887 matérias sobre o caso Lázaro, com seus títulos, entretítulos, linhas finas e legendas de fotos.

Entre as expressões encontradas, foram eliminadas as chamadas *stopwords* – ou termos acessórios (Bardin, 2011) – palavras que não têm nenhuma finalidade real na descrição do conteúdo do documento (Yao e Ze-wen, 2011). A eliminação desse tipo de vocábulo irrelevante é útil na aplicação de métodos de IR por permitir focar a atenção do pesquisador em termos pertinentes, já que são considerados ruídos com potencial de prejudicar o desempenho da recuperação e por economia de tempo (Dolamic e Savoy, 2010).

Apesar de ter objetivos bem definidos, não há uma metodologia clara para a escolha de *stopwords* (Fox, 1990 *apud* Dolamic e Savoy, 2010), sendo possível encontrar listas e bibliotecas de dados contendo tais termos em diversos idiomas, especialmente em inglês. Contudo, nenhuma das fontes encontradas, em língua portuguesa, se mostrou adequada a este trabalho, principalmente pela falta de definição para a escolha ou eliminação de termos. Além disso, a quantidade de palavras era muito limitada. Para resolver este problema, propusemos a

⁶⁰ Texto que vem logo abaixo do título, redigido em poucas palavras. Serve para introduzir informações adicionais à chamada.

⁶¹ O código original está disponível em <<http://dx.doi.org/10.5287/bodleian:R5qdeJxYA>>.

⁶² Como trabalhamos não só com palavras isoladas, mas com conjunto de vocábulos, preferimos o uso da expressão “termos-chave”, “expressões-chave” ou apenas “termos”.

⁶³ “[...] ou seja, quanto um codificador leva em consideração do conteúdo original para a aplicação dos códigos” (Sampaio e Lycarião, 2021, p. 55).

formatação de uma lista composta por vocábulos não pertencentes a classes lexicais⁶⁴, ou seja, aqueles classificados como artigos, pronomes, numerais, advérbios (exceto de modo), preposições, conjunções e interjeições.

A relação de vocábulos usada neste trabalho foi criada a partir de exemplos – das classes gramaticais assinaladas acima – constantes na *Novíssima gramática da língua portuguesa* (Cegalla, 2020) e na *Moderna gramática portuguesa* (Bechara, 2015). As duas obras foram escolhidas por sua tradição e atualizações constantes. O trabalho de Cegalla foi publicado pela primeira vez em 1964, enquanto a gramática de Bechara data de 1961. Ambas estão, hoje, em sua 40ª edição. No total, levantamos 580 termos que se adequam à nossa proposta de trabalho e que foram eliminados da análise⁶⁵.

5.2.2 Termos-chave e categorização

Após o refinamento textual do *corpus*⁶⁶, identificamos as palavras mais relevantes para o nosso estudo, ou seja, aquelas que melhor caracterizam o episódio em análise, por serem mais distintas ou raras (Nicholls e Bright, 2019) – 15.446 expressões-chave⁶⁷, no total, repetidas 369.475 vezes – e lhes atribuímos peso. Por exemplo, os termos “fazenda Vidal”, “Girassol” e “Edilândia”, dentro das matérias que já passaram pelo primeiro filtro de conter os termos “Lázaro Barbosa”, são um forte indício de que tratam do mesmo assunto.

Os gráficos a seguir mostram a similaridade na escolha dos termos-chave e a frequência de cada um deles nos periódicos analisados. Apresentamos, ainda, a sobreposição entre esses dados para melhor ilustrar o grau de coincidência entre veículos no uso das expressões levantadas (gráficos 6 a 10).

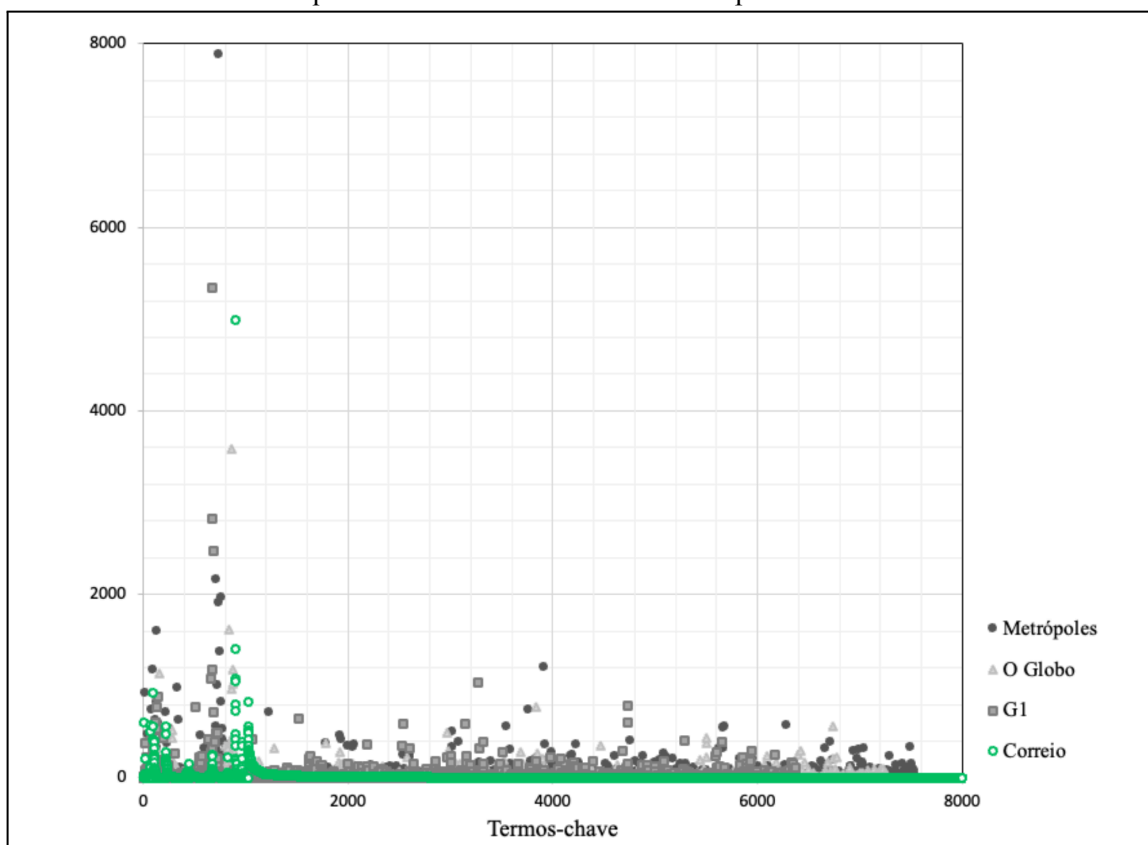
⁶⁴ “Numa definição bem simples, classes lexicais são as classes que trazem em si alguma representação do mundo (real ou fantasiado), um valor não apenas gramatical. São o verbo, o substantivo, o adjetivo e os advérbios de modo derivados de adjetivo, como furiosamente, estupidamente” (Neves, 2017, p.15).

⁶⁵ A lista de *stopwords* está disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/19eidMQLhDN05DfrkIS3s139TsnvWsRt2muz7fkb_Ns/edit?usp=sharing

⁶⁶ Um obstáculo ao uso desse método foi a quantidade de erros ortográficos presentes nas matérias. Contudo, decidimos pela categorização da palavra conforme a grafia dada pelo jornal.

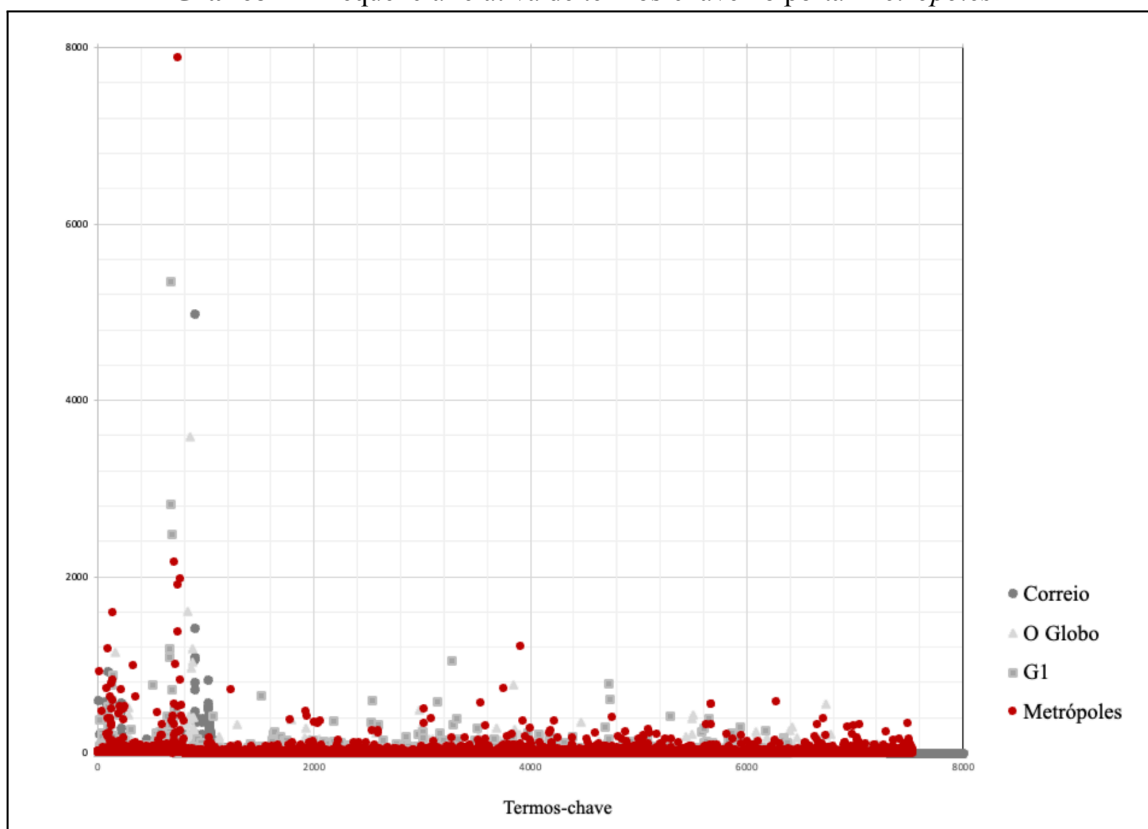
⁶⁷ A lista completa de expressões-chave está disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1w8VeWj7zlWBpXwR_VHLg15FT1JRa_01m8S7tXK9un1A/edit?usp=sharing

Gráfico 6 - Frequência relativa de termos-chave no portal *Correio Braziliense*



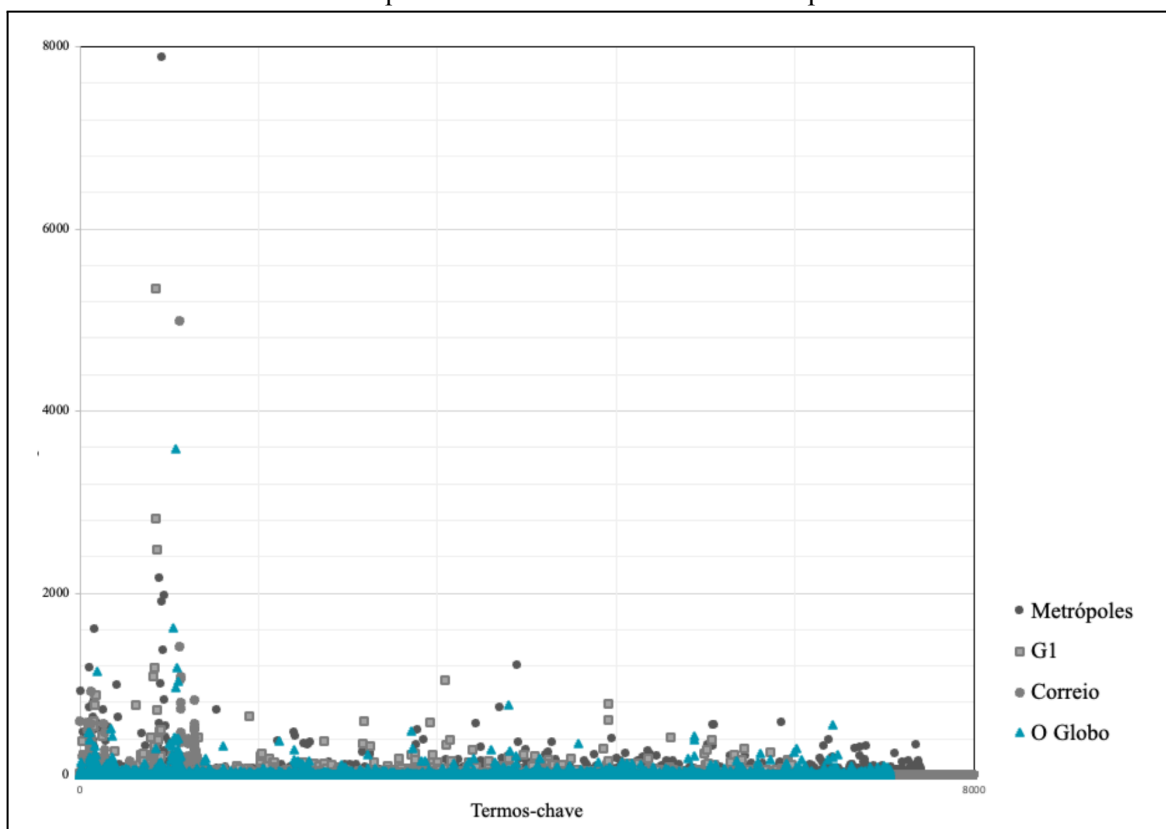
Fonte: elaboração própria

Gráfico 7 - Frequência relativa de termos-chave no portal *Metrôpoles*



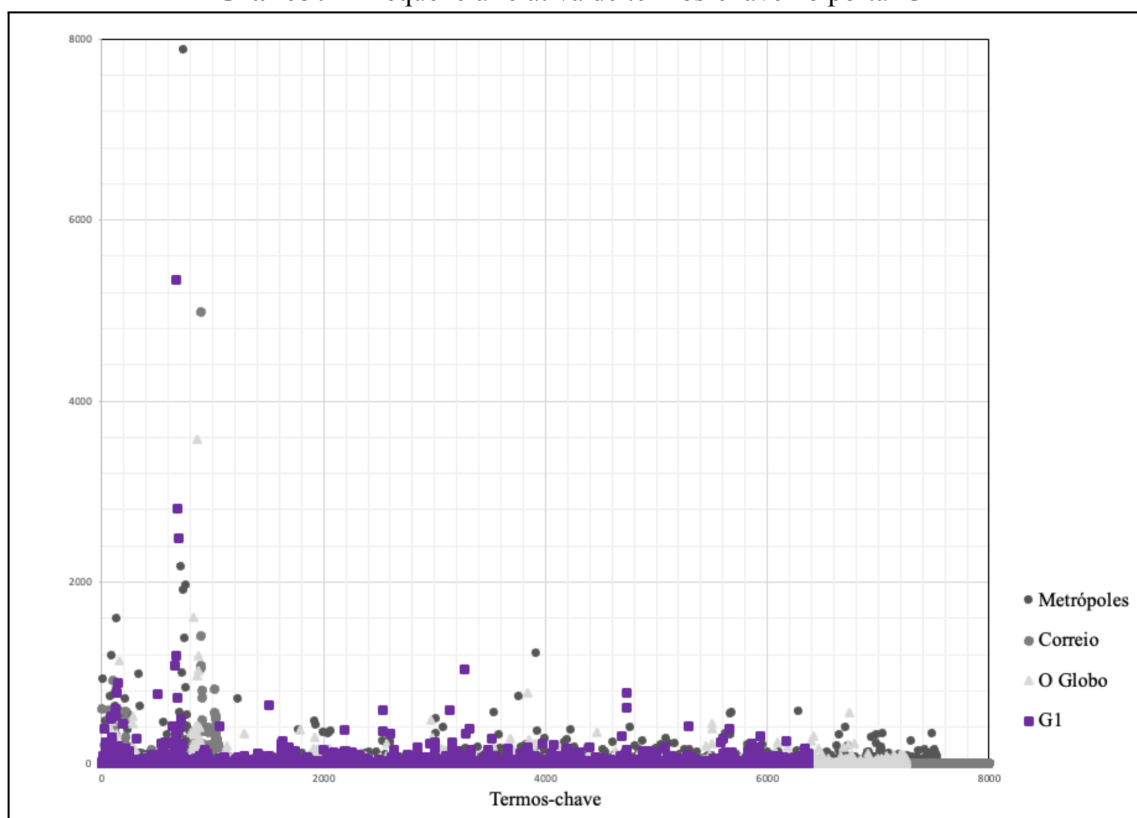
Fonte: elaboração própria

Gráfico 8 - Frequência relativa de termos-chave no portal *O Globo*



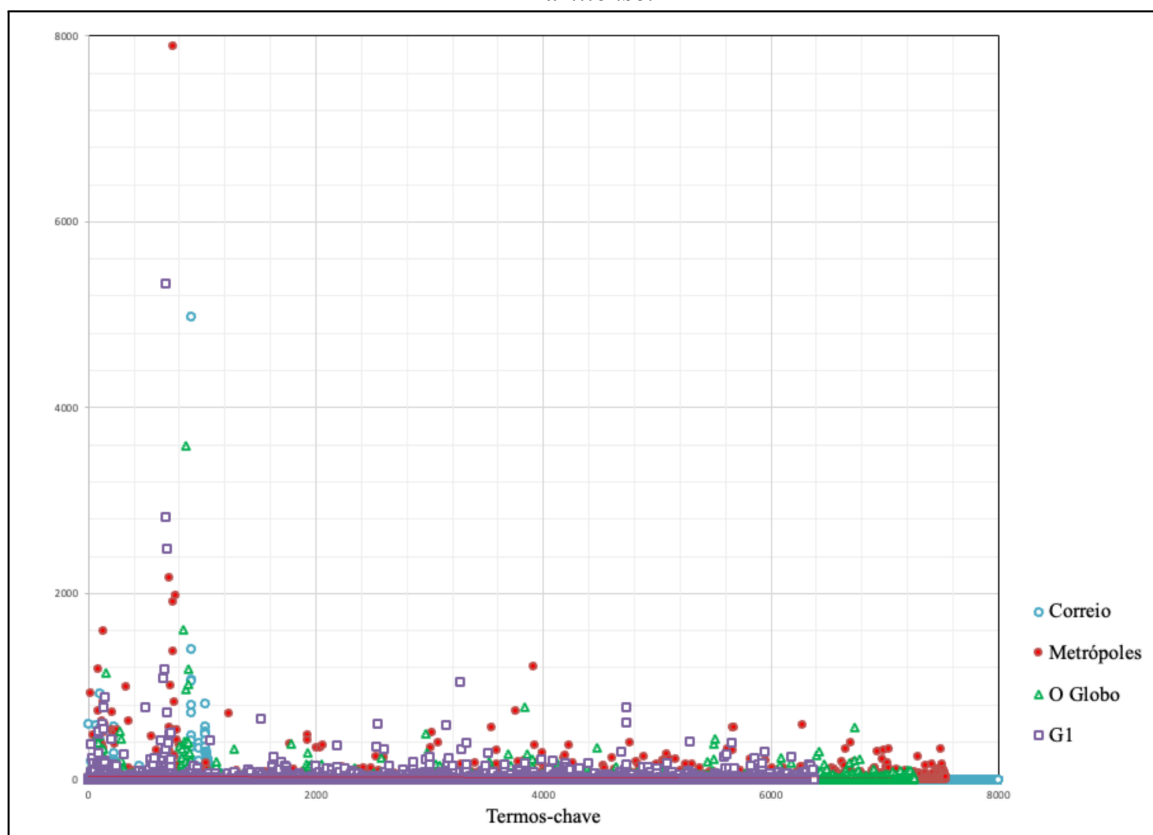
Fonte: elaboração própria

Gráfico 9 - Frequência relativa de termos-chave no portal *G1*



Fonte: elaboração própria

Gráfico 10 - Frequência relativa de termos-chave entre os portais *GI*, *O Globo*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*.



Fonte: elaboração própria

Nos gráficos apresentados, os termos iguais estão alinhados verticalmente, variando no eixo e conforme a recorrência deles em cada um dos jornais.

Para conferir pesos às expressões-chave, partimos do tratamento dos dados brutos, sua classificação e agregação em categorias (Bardin, 2011). Adaptando o procedimento realizado nos itens 4.2 e 4.3 – frentes para relatar o caso – e adicionando novos quesitos, resultado da leitura flutuante realizada, estabelecemos cinco grandes divisões (categorias): fontes ou atores; localidades; características; veículos e empresas de mídia; e demais termos. Essa categorização representa as formas como o objeto foi retratado pela imprensa, permitindo analisar a agenda dos atributos nos portais.

Na primeira divisão, estão presentes as subcategorias fontes oficiais⁶⁸, entidades governamentais, outras organizações, animais, personagens⁶⁹, especialistas⁷⁰, demais nomes e alcunhas. Ou seja, são os nomes daqueles que falam ou representam instituições, de pessoas ou de personagens. Na segunda categoria estão as palavras que remetem tanto à organização territorial (brasileira ou não), quanto aos elementos da geografia natural e espaços urbanos e rurais.

Com relação à classificação *características*, definimos que estas são as expressões escolhidas para indicar ou qualificar os equipamentos usados pelas forças de segurança nas matérias sobre o caso e os termos empregados para se referir a Lázaro Barbosa. A quarta divisão dá indícios mais diretos sobre o efeito da agenda intermediária entre os jornais estudados, ao permitir quantificar as menções que foram feitas entre si e a outros veículos ou empresas de mídia.

Por fim, a última categoria engloba todas as palavras que não foram classificadas em nenhuma das divisões anteriores. A partir dessa classificação, podemos avaliar como cada veículo entendeu a importância de diferentes aspectos do caso como critérios para a publicação de matérias relacionadas a ele.

Para chegar à versão final das categorias, realizamos dois testes de confiabilidade. O primeiro usou amostragem aleatória de 50% do total de palavras, com duas semanas de diferença entre codificações e apenas um codificador. Como o resultado do Alpha de Krippendorff não foi satisfatório (0.788), revisamos o livro de códigos (Apêndice II) antes da realização de novo teste, dessa vez com 21 dias de separação e usando 80% da amostra. O Alpha de Krippendorff foi de 0.988, com 12.321 concordâncias e 37 discordâncias. Essa amostragem permite um grau de confiança de 95% e margem de erro de <1.

Formulado o sistema de classificação, e seguindo o método de extração de dados de Nicholls e Bright (2019), passamos a definir pesos para cada uma das palavras encontradas. Isso porque entendemos que “a aparição de determinado elemento tem mais importância do que outro” (Bardin, 2011, p.139), recorrendo assim a um sistema de ponderação. Dessa forma,

⁶⁸ Fontes oficiais (ou institucionais), são aquelas que falam em nome de alguém ou de uma organização (Hohlfeldt, 2008).

⁶⁹ Em linguagem jornalística, personagens são as fontes chamadas testemunhais. São aquelas que assumem essa função diante de um fato isolado, como no caso daqueles indivíduos que presenciam um evento (Hohlfeldt, 2008; Pena, 2021).

⁷⁰ Tipo de fonte que “contextualiza, interpreta, analisa, comenta ou complementa a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária” (Schmitz, 2011, p. 8).

a margem de escolha do veículo foi o critério definidor para o maior ou o menor peso conferido a cada expressão.

Por exemplo, em casos de cobertura jornalística como a do caso em análise, as entidades governamentais que participaram da perseguição são essenciais, logo, usá-las não indica uma grande diferenciação entre os portais na escolha do enfoque dado. Assim, a termos com menor potencial de provocar distinção entre veículos, foram conferidos menor peso. Já a escolha de personagens e a descrição mais detalhada dos equipamentos, que faz parte da inclinação do repórter ou do veículo, é sinalizada pelo uso de palavras que indicam maior distinção entre noticiários, recebendo maior peso.

Na primeira categoria, as fontes oficiais e as entidades governamentais tiveram peso menor, dado que são informações necessárias para a cobertura de eventos-genuínos. Por outro lado, os animais, as personagens e os especialistas receberam peso maior porque estão diretamente relacionados a eventos-midiáticos. Na categoria geográfica, tanto os nomes de locais como os elementos geográficos naturais receberam menor peso. Estes são apenas termos descritivos necessários para a narração da história. Com relação às características do caso, por sua especificidade, os nomes próprios ou tipos de equipamentos, os crimes e a qualificação dada a Lázaro, receberam peso maior.

A partir disso, a escala de pesos ficou definida como: 1 (termo pouco distintivo), 2 (termo relativamente distintivo), 3 (termo distintivo) e 4 (termo muito distintivo). Na tabela 3, indicamos mais detalhes sobre as categorias, subcategorias para a classificação dos termos-chave.

Tabela 3 – Pesos por distinção entre termos-chave

Categoria	Subcategoria	Definição	Exemplos	Peso
Fontes ou atores	Fontes oficiais	Nomes de pessoas que “falam” em nome de órgãos ou entidades governamentais. São integrantes de entidades governamentais cujas declarações ou citações de documentos que foram redigidos por eles estão presentes nas notícias.	Rodney Miranda (secretário de segurança pública de Goiás) Ronaldo Caiado (governador de Goiás)	3
	Entidades governamentais	Nomes de órgãos ou entidades governamentais, suas subdivisões e unidades operacionais, conforme organogramas institucionais. Aqui, incluem-se as siglas referentes a essas entidades. Em geral, todos os batalhões, delegacias, varas e secretarias de estado pertencem a esta categoria.	Batalhão de Cães da PMDF, Secretaria de Segurança Pública, Batalhão de Operações Ostensivas	2

	Outras organizações	Nomes de entidades ou organizações não-integrantes do Estado brasileiro, com ou sem fins lucrativos, legalizadas ou não, incluindo empresas e organizações estrangeiras.	Idafro, Primeiro Comando da Capital (PCC) e Fundação Getulio Vargas	4
	Animais	Nomes próprios de animais mencionados nas matérias e suas raças.	Border collier, labradores (raças) Diana, Hope (nomes)	4
	Personagens	Nomes dos indivíduos que participam das matérias fornecendo informações sobre um acontecimento que vivenciaram ou sobre os quais têm alguma ligação. As falas desses sujeitos são registradas por meio de entrevistas, declarações em mídias sociais, pronunciamentos ou citação de documentos.	Zilda Maria de Sousa, Priscila Vidal, Pablo Marçal	4
	Especialistas	Nomes dos indivíduos que contextualizam, interpretam, analisam, comentam ou complementam a matéria jornalística (Schmitz, 2011).	Rafael Alcadipani (membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública)	4
	Demais nomes e alcunhas	Demais nomes mencionados nas matérias, relacionados ou não ao caso. Aqui, incluem-se as alcunhas, apelidos e pseudônimos.	Marília Mendonça, Mc Kevin	4
Localidades	Organização territorial	Nomes próprios dados aos espaços pertencentes à divisão política do território brasileiro e a outros países e continentes.	Águas Lindas de Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Suíça, América Latina	2
	Geografia natural	Termos simples e compostos, substantivos comuns e próprios, que designam porções do espaço geográfico compostos por elementos da natureza	Mata, montes, riacho, floresta, caverna, grutas, cerrado	3
	Espaços urbanos e rurais	Nomes próprios dados a construções e a obras de infraestrutura em ambientes urbanos ou rurais.	Fazenda Vidal, Igreja Nossa Senhora de Fátima, Escola Municipal Boa Vista	3
Características	Equipamentos	Nomes ou tipos de equipamentos usados pelas forças de segurança pública mencionados nas matérias publicadas. Aqui também se inserem dispositivos acoplados aos equipamentos ou suas características.	Bushmaster, Taurus, calibre .22, luz beacon, drones, picapes	4
	Lázaro	Termos mencionados nas matérias para se referir a ele, diretamente ou por declarações de fontes, documentos e personagens. Em geral adjetivos ou substantivos que indiquem seu nome, apelidos, alcunhas ou pseudônimos.	Maníaco, psicopata, facínora, satanista, Leandro, serial killer	4
Veículos e empresas de mídia	--	Nomes de empresas ou organizações de mídia, de veículos de comunicação ou de programas citados nas matérias.	SBT, Cidade Alerta, CB Poder, Metrôpoles, Isto é Fantástico, Twitter	4
Demais termos		O termo não foi entendido a partir do contexto, não foi possível de ser classificado com base no critério de maioria dos usos.	Fechar, alvará, inquérito policial, fuga	1

Fonte: elaboração própria

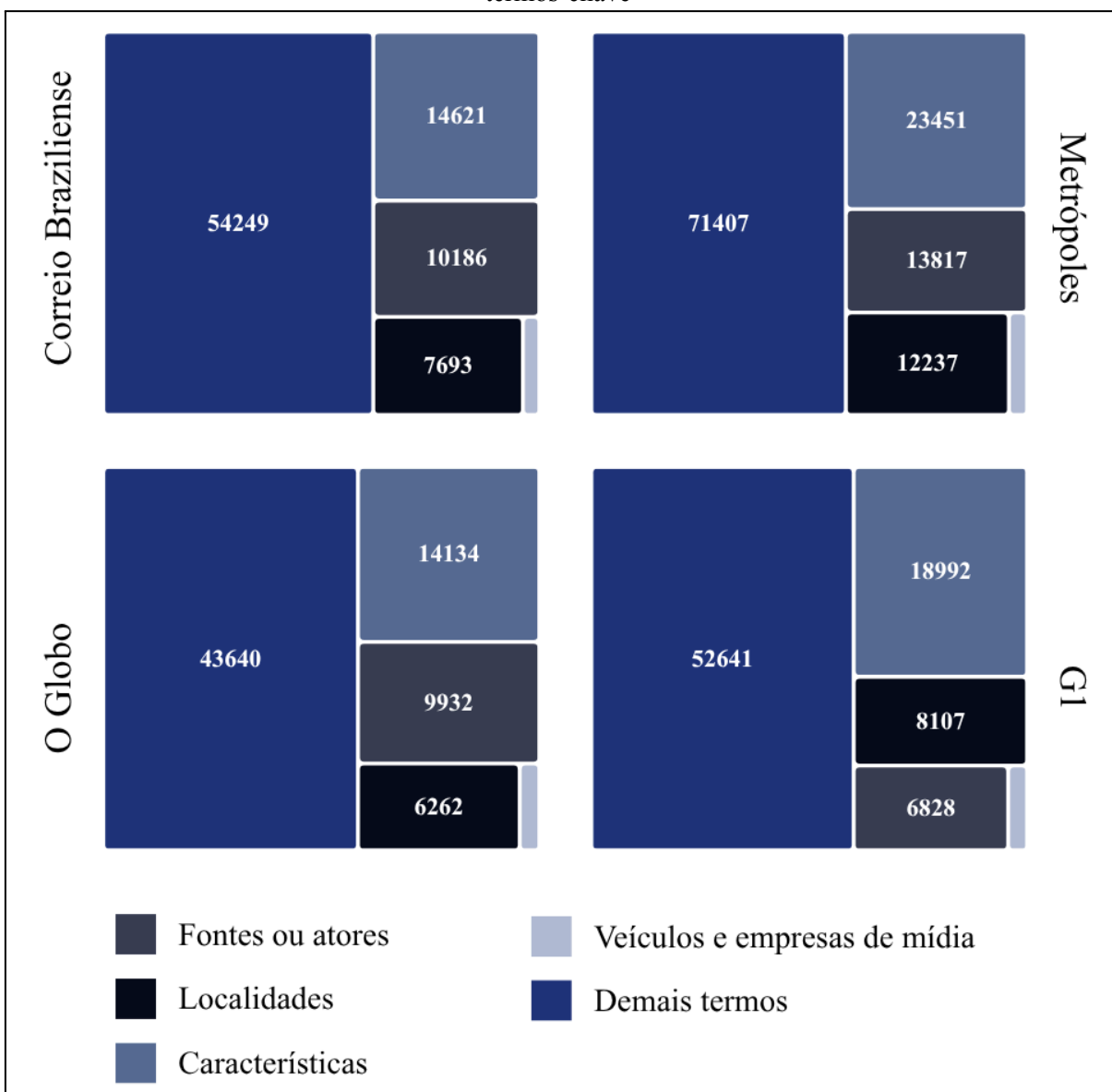
5.2.3 Análise dos atributos

Para entender como os veículos trabalharam os atributos do objeto (caso Lázaro), consideramos as frequências dos termos-chave encontradas na AC. Por isso, definimos que a

quantidade de repetições dos vocábulos está diretamente ligada à importância conferida pelos veículos a cada uma das categorias observadas. Ao realizar a análise, encontramos que a variação na recorrência dos termos por classificação foi, em média, de 6% na comparação entre jornais. *Fontes ou atores, localidades e veículos e empresas de mídia* apresentaram variação de 6% cada. As demais categorias indicaram variação de 5%.

Correio Braziliense, O Globo e Metrôpoles apresentaram ordem similar na expressividade de cada uma das classificações. Consideraram, do mais para o menos relevante, os *demais termos*, as *características* (de Lázaro e dos equipamentos), as *fontes ou atores*, as *localidades* e os *veículos e empresas de mídia* (gráfico 11).

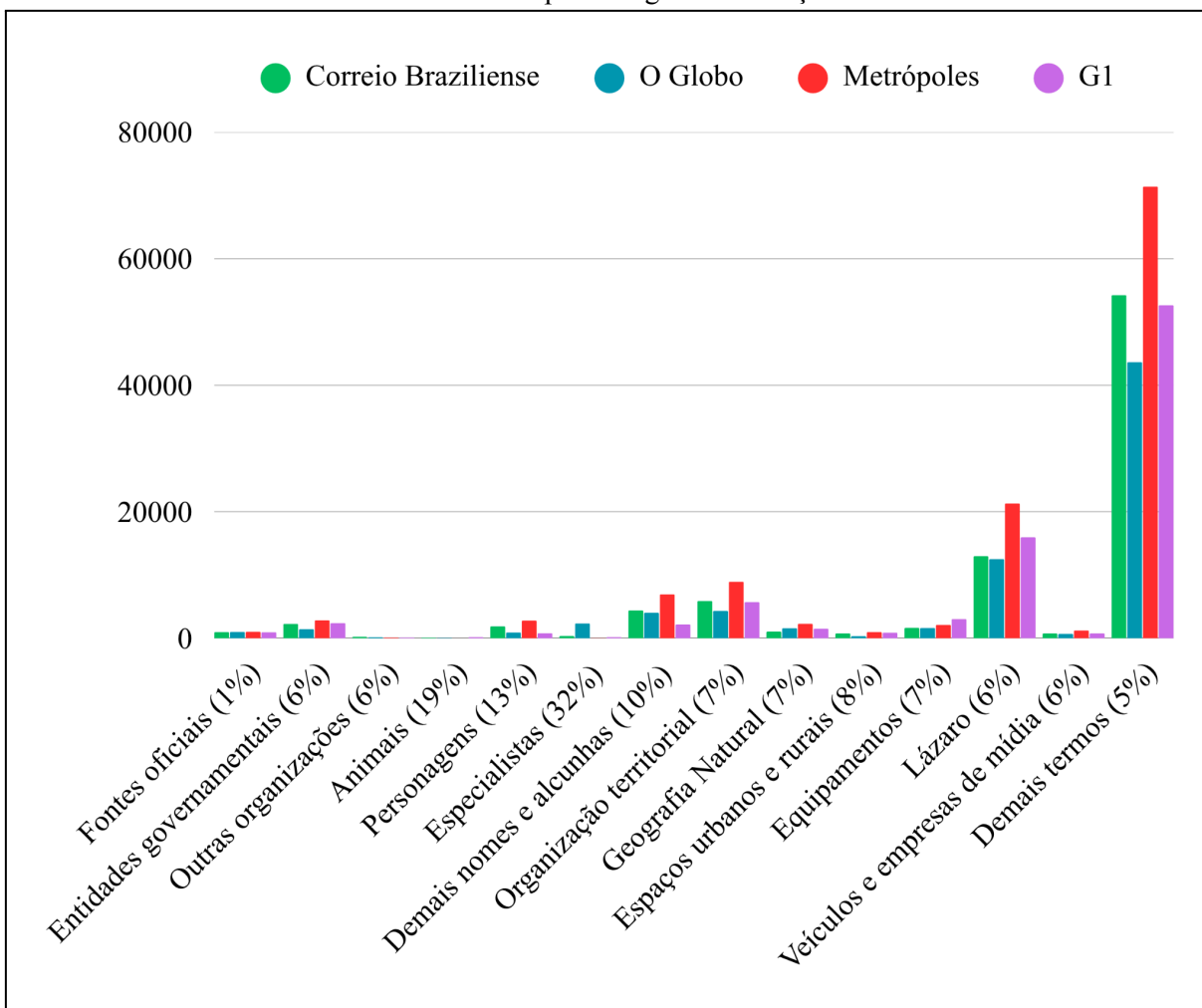
Gráfico 11 - Mapa de árvore com as categorias analisadas, por veículo e por frequência dos termos-chave



Fonte: elaboração própria

A menor variação na quantidade de termos-chave utilizados pelos quatro jornais foi observada na categoria *fontes oficiais* (1%). A maior discrepância foi de 32%, relativa aos vocábulos relacionados aos nomes de especialistas (gráfico 12). A variação média entre subcategorias foi de 9%

Gráfico 12 - Variação na quantidade de termos usados por cada veículo, ordenados por categoria, com indicadores de porcentagem de variação



Fonte: elaboração própria

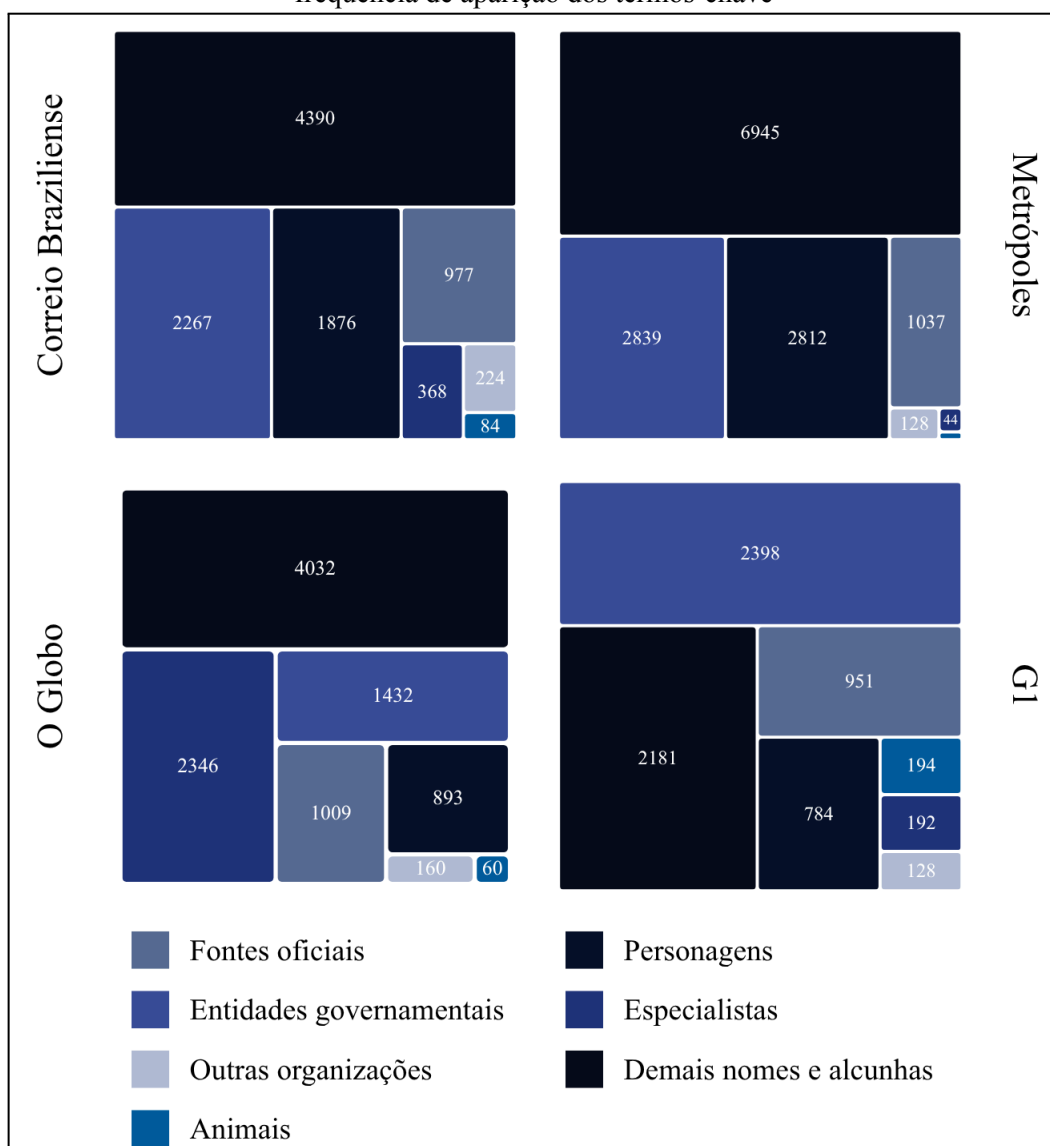
Apresentada uma visão geral das categorias, seguimos com os resultados e interpretações dos dados obtidos em cada subgrupo. Com isso, busca-se identificar quais foram os pontos de contato e de afastamento em relação à presença dos atributos do objeto nas matérias, de acordo com cada um dos veículos.

a) **Fontes ou atores**

Primeiramente, analisamos a importância que cada veículo conferiu às subcategorias inseridas nesse grupo. Tal valor foi calculado pela frequência das expressões presentes nas matérias. Quanto maior a reiteração de determinado termo, mais relevante ele foi considerado.

Cálculo feito, observamos que *Correio Braziliense* e *Metrópoles* contaram a fuga de Lázaro Barbosa a partir da preferência pelas subcategorias *demais nomes e alcunhas*, *entidades governamentais* e *personagens*. O portal *G1*, no entanto, inverte essa ordem, dando mais atenção aos órgãos governamentais em detrimento das demais classificações. *O Globo*, por sua vez, foca nos *demais nomes e especialistas*, deixando as entidades do governo em terceiro lugar (gráfico 13).

Gráfico 13 - Mapa de árvore com as subcategorias (fontes ou atores) analisadas por veículo, por frequência de aparição dos termos-chave



Fonte: elaboração própria

Apesar dessas diferenças, a subcategoria apresentou desvio padrão médio⁷¹ de 1%, relativo à frequência total dos termos empregados pelos veículos. Entendendo, de modo geral, a representatividade de cada classificação, passamos para uma análise das frequências dos termos-chave, em relação aos usos únicos (relativa) e suas repetições (absoluta) (tabela 4).

Tabela 4 – Frequências relativas e absolutas das subcategorias de *fontes e atores*

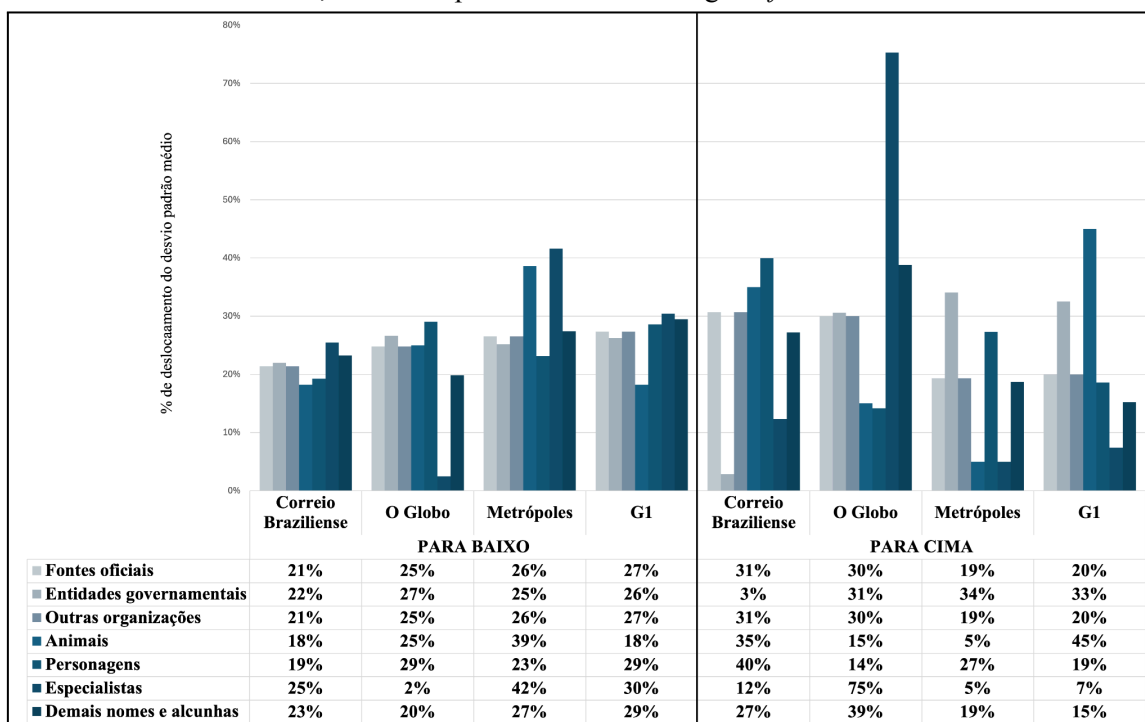
	Expressões únicas	% relativa (15.446)	Frequência total	% total (369.475)
Fontes oficiais	140	0,91	3971	1,07
Entidades governamentais	319	2,07	8936	2,42
Outras organizações	63	0,41	640	0,17
Animais	18	0,12	350	0,09
Personagens	369	2,39	6493	1,76
Especialistas	69	0,45	780	0,21
Demais nomes e alcunhas	528	3,42	17548	4,7
TOTAL	1506	9,77	38718	10,42

Fonte: elaboração própria

A partir dos dados coletados na AC, é possível identificar que um dos veículos foi responsável por deslocar o valor do desvio padrão para baixo ou para cima. Quando a movimentação é para menos, revela-se que o portal considerou as expressões daquele subgrupo menos importantes (menor frequência) em comparação aos outros. Do mesmo modo, o distanciamento para mais indica que foi conferida mais relevância (maior frequência) àquele tema, quando visto em conjunto com os demais periódicos (gráfico 14).

⁷¹ Um desvio padrão baixo significa que os dados estão próximos da média, enquanto um valor alto indica seu distanciamento. Essa medida revela se o conjunto de dados é mais homogêneo (menor desvio), ou mais heterogêneo (maior desvio).

Gráfico 14 – Comparação entre o comportamento de cada veículo na distorção, para cima ou para baixo, do desvio padrão médio na categoria *fontes ou atores*



Fonte: elaboração própria

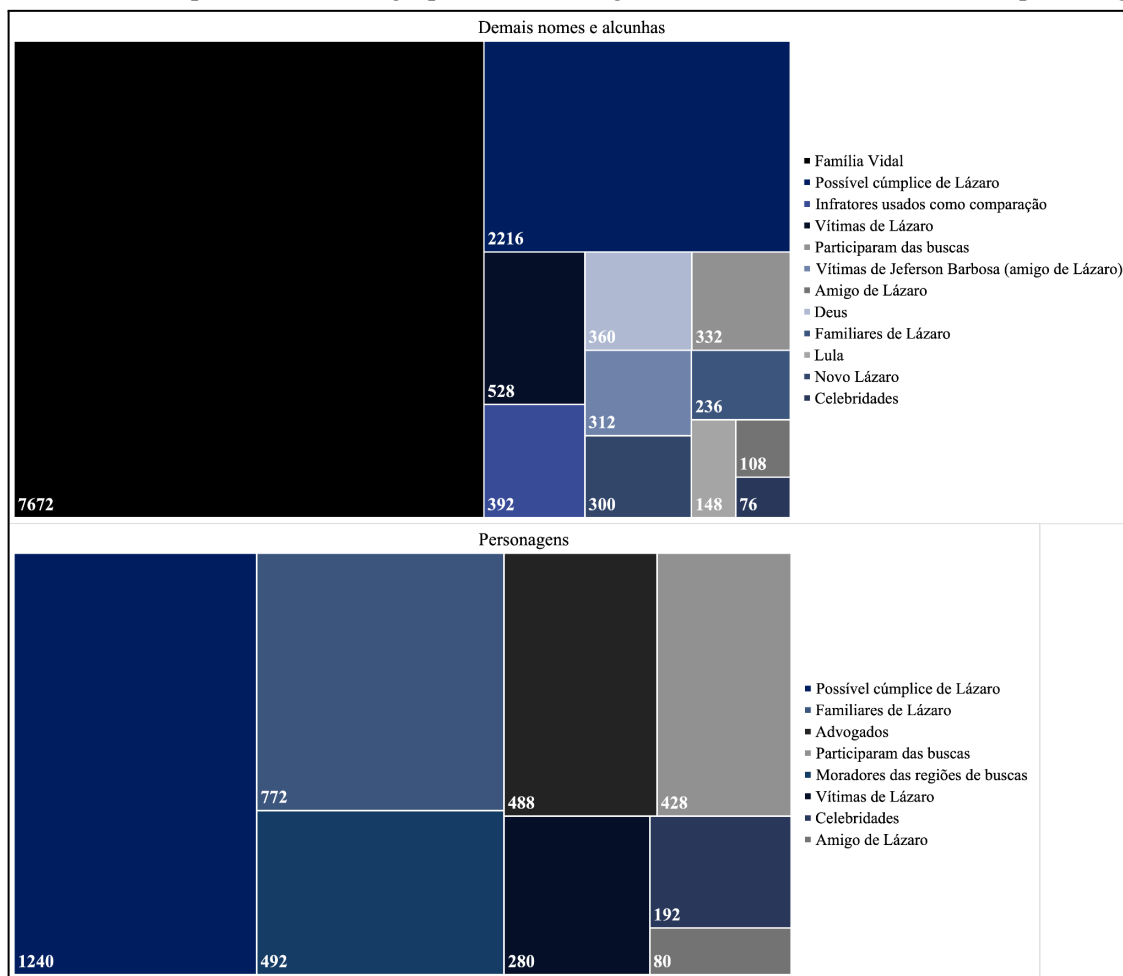
O *GI* foi o que mais contribuiu com a redução do desvio padrão da categoria, sendo responsável por 28% dos casos. Dito de outra forma, este foi o veículo que apresentou as menores frequência nas palavras contidas na categoria. O *Metrôpoles* contribuiu com o deslocamento para baixo em 26% das ocasiões, *O Globo*, em 24%, e o *Correio Braziliense*, em 22% das vezes. Em compensação, *O Globo* foi o veículo que mais conferiu importância à categoria, deslocando a curva para cima em 39% dos casos. Nesse sentido, a contribuição do *Correio Braziliense* foi de 27%, do *Metrôpoles* de 19% e do *GI* de 15%.

Na subcategoria *demais nomes e alcunhas*, a mais relevante dentro do grupo, em frequência de expressões, encontramos diversas referências a indivíduos ligados à Lázaro. São pessoas que tiveram algum tipo de relação com o fugitivo. A subcategoria *personagens*⁷² apresentou referências similares.

⁷² Nomes dos indivíduos que participam das matérias fornecendo informações sobre um acontecimento que vivenciaram ou sobre os quais tinham alguma ligação.

Os nomes mais citados – $\cong 10\%$ da quantidade absoluta dos termos e $\cong 61\%$ do total de expressões da subcategoria – puderam ser agrupados em oito conjuntos⁷³ para representar essa relação. Na classificação *demais nomes e alcunhas* os indivíduos mais citados ($\cong 10\%$ dos termos e $72,2\%$ das repetições) foram agregados em doze⁷⁴ grupos (gráfico 15).

Gráfico 15 – Comparação entre os grupos das subcategorias *Demais nomes e alcunhas* e *personagens*



⁷³ Possível cúmplice de Lázaro: Alain Reis de Santana. Familiares de Lázaro: Eva Maria de Souza (mãe), Luana Evangelista (ex-mulher), Isabel Evangelista (ex-sogra) e Edinaldo Barbosa (pai). Advogados: Wesley Lacerda e Ilvan Barbosa (advogados de Lázaro), Fábio Alves (advogado da família Vidal). Participaram das buscas: Edson Luís Souza Melo Rocha (Coronel da PMDF), Benito Franco (ex-comandante da Rotam-GO). Moradores das regiões de buscas: Rosinaldo Pereira de Moraes, Bruno Lacerda, Cristiane Soares, Alexandre Augusto, Larissa Alves, José (sem sobrenome). Vítimas de Lázaro: Sílvia Campos e Thiago (sem sobrenome mencionado). Celebridades: Lázaro Ramos (ator) e Pablo Marçal (coach). Amigo de Lázaro: Jorcilei Rosa Sales

⁷⁴ Família Vidal: Cláudio, Cleonice, Carlos Eduardo e Gustavo Marques Vidal. Possível cúmplice de Lázaro: Elmi Caetano Evangelista. Infratores usados como comparação: Deibson Cabral Nascimento e Rogério da Silva Mendonça (“Fugitivos de Mossoró”), Leonardo Pareja, Francisco de Assis Pereira (“Maníaco do Parque”), João Acácio Pereira da Costa (“Bandido da Luz Vermelha”). Vítimas de Lázaro: Anderson, José Carlos Benício de Oliveira (Carlito) e Manoel Desidério. Participaram das buscas: Lucas Valença (“Hipster da Federal”) e José Marcos Rodrigues Pereira (“Babaçu”). Amigo de Lázaro: Jeferson Barbosa dos Santos. Vítimas de (Jeferson Barbosa): Tauane da Silva (mãe) e Shirlene da Silva (filha). Deus. Familiares de Lázaro: Deusdete (irmão), Ellen Vieira da Silva (viúva) e Léin (padrasto). Lula: Luiz Inácio Lula da Silva. Novo Lázaro: Wanderson Mota Protácio. Celebridades: Marília Mendonça (cantora), Mc Kevin (cantor).

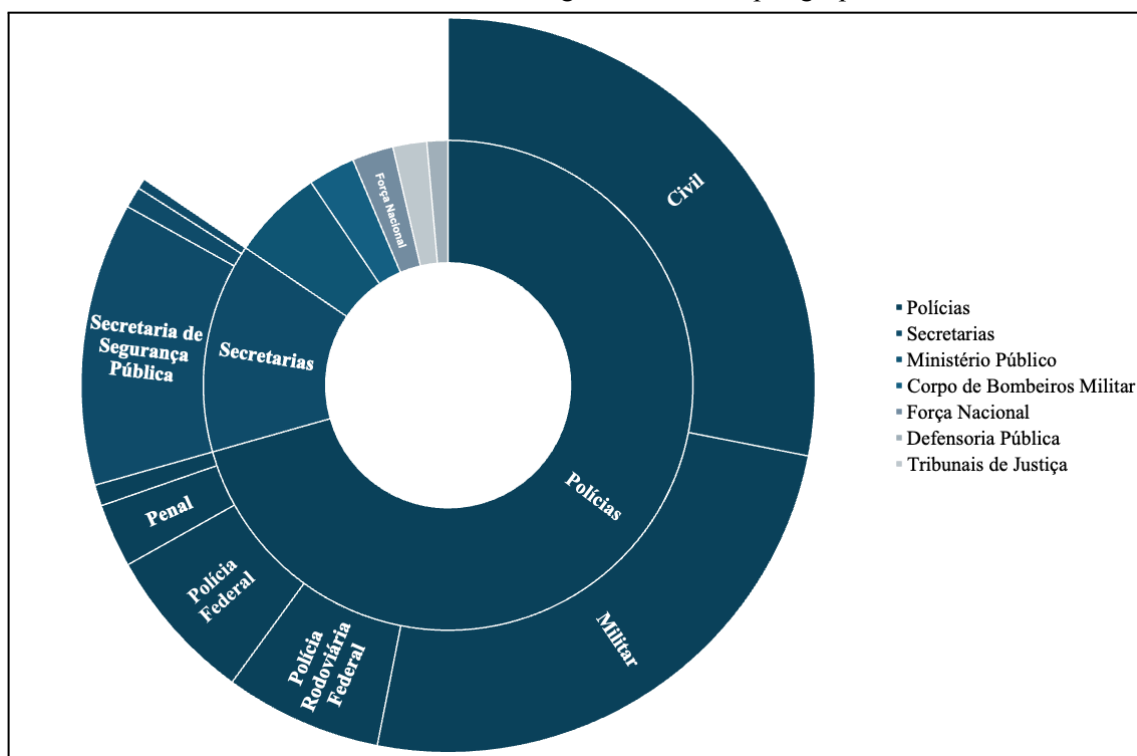
Fonte: elaboração própria

As relações com Lázaro apresentadas podem ser entendidas como diretas, indiretas ou por aproximação. No primeiro, tem-se as pessoas afetadas diretamente pelas ações do sujeito: possíveis cúmplices, os familiares, os amigos e as vítimas. Nas relações indiretas, estão aqueles que foram inseridos na história por motivos profissionais ou pela localização que ocupavam. São eles: os indivíduos que participaram das buscas, os moradores das regiões afetadas e os advogados

Por aproximação, encontramos as pessoas que foram comparadas a Lázaro como: os infratores notórios; as menções à “Lula” (Luiz Inácio Lula da Silva) em *fake news* sobre o caso; os sujeito considerados novas versões do fugitivo; e as celebridades que falaram sobre o caso, se envolveram com personagens da narrativa ou que tiveram destaque no mesmo ano da perseguição.

Entre as expressões mais frequentes relativas às *entidades governamentais* ($\cong 10\%$ dos termos e 72,1% das repetições), estão as referências a unidades das polícias: Civil (1.810), Militar (1.612), Rodoviária Federal (446), Federal (442), Penal (181) e Técnica-científica (60). Em seguida aparecem as menções à secretarias estaduais (894), como a de Segurança Pública e a de Saúde. Ainda houve menções aos Ministérios Públicos (390), Corpo de Bombeiros Militar (200), Força Nacional de Segurança Pública (176), Tribunais de Justiça (144) e Defensoria Pública (90) (gráfico 16).

Gráfico 16 – Entidades governamentais por grupos



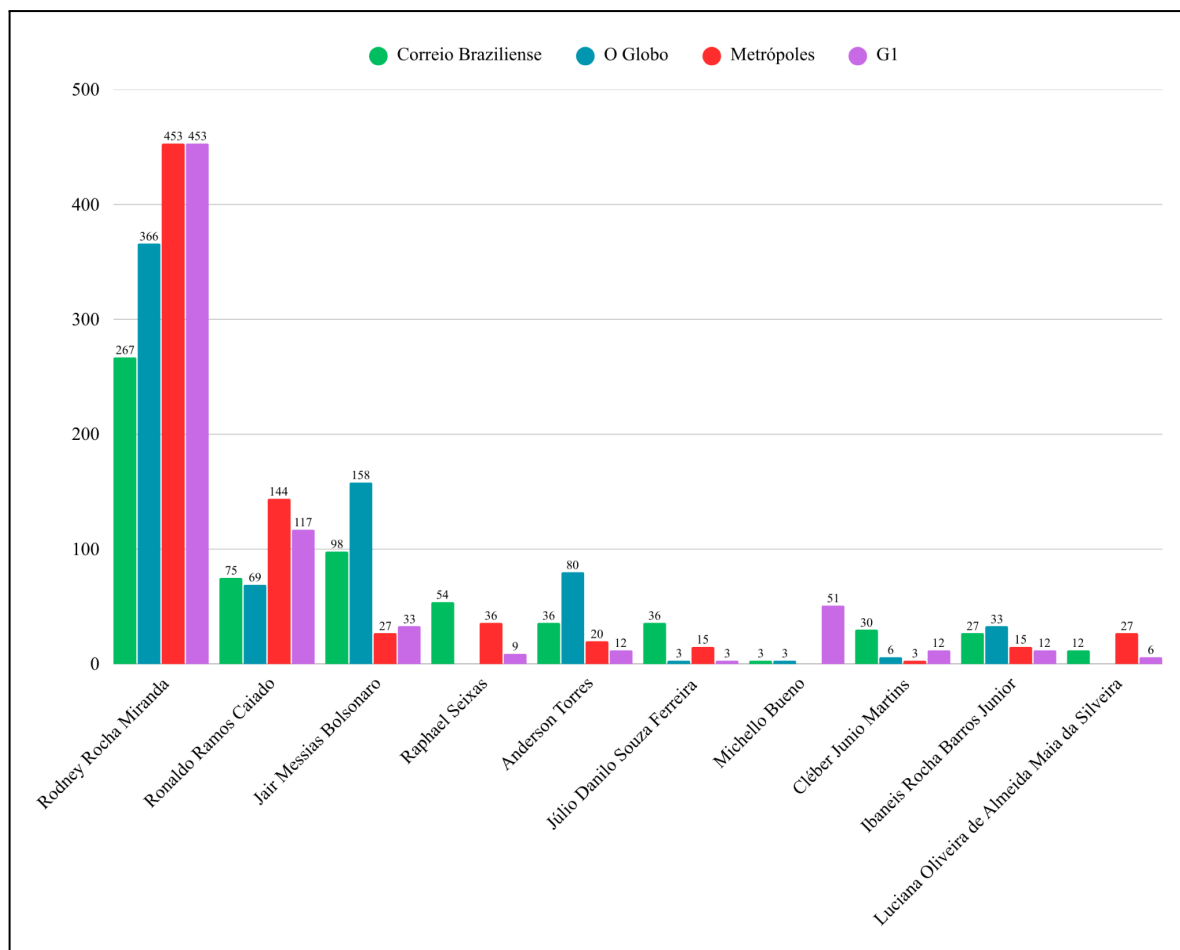
Fonte: elaboração própria

O *GI* foi o jornal que deu mais atenção ao tema, em comparação às outras categorias analisadas. *Correio Braziliense* e *Metrópoles* apresentaram frequência maior de citações às unidades operacionais das Polícia Civil, com destaque para as menções à PCDF, à PCGO e ao Instituto Médico-Legal (IML). De modo similar, conferiram maior relevância às polícias militares do DF e de GO, salientando a participação das Rondas Ostensivas Táticas Metropolitanas (Rotam), do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) e do 8º Batalhão de Polícia do DF nas operações de buscas.

Na subcategoria *fontes oficiais*, encontramos 140 termos-chave usados 3.971 vezes. Dessas expressões, 14 (10%) apareceram nos quatro veículos, representando 70,5% do conjunto de repetições, indicando uma tendência à similaridade no uso desses termos pelos jornais, com variação média de 3%. Esta subcategoria foi considerada mais importante para o *GI* se comparado com as aparições nos outros portais.

Para visualizar melhor os dados desta subcategoria, agrupamos os termos de acordo com os indivíduos a que se referiam e contabilizamos sua presença por veículo. Em seguida, calculamos a variação na frequência (gráfico 17).

Gráfico 17 – Fonte (e variação de uso), por veículo



Fonte: Elaboração própria

Entre os 10% das *fontes oficiais*⁷⁵ mais citadas, seis eram ligadas a órgão governamentais de Goiás, somando 2.037 aparições (51,3% da subcategoria); quatro eram integrantes do Poder Público do Distrito Federal, com 300 referências (7,5% da subcategoria); e dois pertenciam ao governo federal, contabilizando 464 repetições (11,7% do total). Rodney Rocha Miranda, secretário de Segurança Pública de Goiás em 2021, foi a fonte oficial mais citada pelos quatro portais noticiosos (1.539 vezes). Em seguida, aparecem as referências a Ronaldo Ramos Caiado, governador de Goiás em 2021 (405 vezes).

⁷⁵ Nomes e cargos ocupados em 2021: Rodney Rocha Miranda (Secretário de Segurança Pública de Goiás); Ronaldo Ramos Caiado (Governador de Goiás); Jair Messias Bolsonaro (Presidente da República); Raphael Seixas (delegado-chefe da 24ª DP, Setor O-DF); Anderson Torres (Ministro da Justiça e Segurança Pública); Ibaneis Rocha Barros Junior (Governador do Distrito Federal); Thiago Peralva (Delegado-adjunto da 19ª DP, Ceilândia-DF); Júlio Danilo Souza Ferreira (Secretário de Segurança Pública do DF); Michello Bueno (assessor de comunicação da PMDF); Cléber Junio Martins (Delegado-titular da 17ª DP, Águas Lindas - GO); Luciana Oliveira de Almeida Maia da Silveira (juíza do Tribunal de Justiça de Goiás).

As referências a *outras organizações* somaram 640 repetições. A frequência de uso de cada expressão contida na subcategoria, por veículo de imprensa, apresentaram desvio padrão médio de 31%. As seis entidades mais citadas, 10% da quantidade de termos, somaram 60% da frequência de menções. São elas: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (188), Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras (72), Fundação Getulio Vargas (44), Funerária Bom Samaritano (36), Primeiro Comando da Capital (32) e Comando Vermelho (16).

A respeito do modo de uso de *especialistas* nas matérias, encontramos 69 vocábulos (isolados ou em conjunto) repetidos 780 vezes, apresentando desvio padrão médio de 32%. Em 10% dos casos enquadrados nessa subcategoria dentre aqueles com maior frequência, foram encontradas referências a sete especialistas⁷⁶: Cássio Thyone Almeida de Rosa (128), Pedro Rodrigues Filho (96); José Vicente da Silva (56), Cristiane Damasceno (52), Rafael Alcadipani (48), Ilana Casoy (44) e Pedro Abramovay (32).

Neste ponto, pode-se observar algumas intersecções entre as subcategorias *outras organizações* e *especialistas*. A primeira delas trata das citações ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FSBP) que estão relacionadas, em parte, às menções a Cássio Thyone. De modo similar tem-se a relação entre a Fundação Getulio Vargas e a presença das análises do caso realizadas pelo professor da instituição Rafael Alcadipani. O segundo cruzamento está na citação às organizações criminosas Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho ao mesmo tempo que recorrem às interpretações do caso Lázaro dadas por Pedro Rodrigues Filho, mais conhecido como “Pedrinho Matador”.

Sobre a subcategoria *animais*, termos referentes a quatro cães-farejadores que participaram das buscas merecem destaque pela quantidade de referências. Os pastores alemães Sauke (140) e Dart (28) foram os mais citados nas matérias. A cadela da raça border collier Cristal, que ajudou nas buscas em Brumadinho (MG) quando ocorreu o rompimento da barragem em 25 de janeiro de 2019, foi a segunda mais citada (82). Já o cão de Santo Humberto ou bloodhound Hope somou 24 referências. A frequência dos termos da

⁷⁶ Ocupações em 2021: Cássio Thyone Almeida de Rosa (Membro do Conselho do Fórum Brasileiro de Segurança Pública); Pedro Rodrigues Filho (“Pedrinho Matador”, influenciador digital); José Vicente da Silva (ex-secretário Nacional de Segurança Pública); Cristiane Damasceno (vice-presidente da OAB-DF); Ilana Casoy (escritora e criminóloga); Pedro Abramovay (vice-presidente de Programas da Open Society Foundations); e Rafael Alcadipani (professor da Fundação Getúlio Vargas).

subcategoria *animais* apresentou desvio padrão de 19%, sendo o G1 o veículo que mais deu importância ao tema.

Considerando que no desvio padrão quanto mais próximo de 100%, mais diferentes são os materiais analisados, e que a proximidade de 0% indica que os textos tendem a ser cada vez mais similares, temos que a categoria *fontes ou atores* (desvio de 1%) foi tratada de forma homogênea entre os quatro veículos estudados.

O uso da violência como valor-notícia para a produção de matérias tem, ao menos, duas consequências: o controle pela polícia das informações que são veiculadas e a falta de diversidade, já que os jornais monitoram a concorrência (Gordon e Health, 1981). Esses aspectos foram marcantes na cobertura do caso Lázaro e contribuíram para os índices de similaridades encontrados.

É importante lembrar que o destaque dado pelos meios de comunicação ao tema do crime (agenda midiática) afeta o quanto a sociedade considera tal questão como relevante ou não (agenda do público). Além disso, o modo como o assunto é abordado (agenda dos atributos) influencia como os indivíduos pensam a seu respeito (Ghanem, 1997). Dentro dessa lógica, as fontes são fundamentais para a produção de notícias e influenciam diretamente a qualidade do material produzido (Wolf, 2012).

No episódio em análise, houve um grande uso de dados e relatos vindos de integrantes das polícias civil, militar, rodoviária, federal e penal. Não é absurdo pensar que, nas matérias sobre crimes, a polícia seja aceita como fonte confiável, mas não deve ser tratada como incontestável. Nesse sentido, Pena (2021) afirma que as chamadas “fontes oficiais” têm interesses a preservar, informações a esconder e beneficiam-se da própria lógica do poder que as coloca na clássica condição de Instituição” (Pena, 2021, p. 62).

Sob este prisma, o caso Lázaro teve sua narrativa conduzida pelas forças de segurança pública e por entes governamentais, que tiveram muito mais destaque que quaisquer outras fontes de informação, tais como especialistas. Ao adotar essa visão, sem uma análise crítica e com rasa apuração, o repórter entrega o poder argumentativo nas mãos da polícia, tida como “dona da verdade”, e alinha-se ao enquadramento proposto por eles.

É compreensível pensar que a mídia deve ficar do lado da polícia, afinal ela combate o crime. Entretanto, vamos repetir: não se pode esquecer que a polícia é fonte de informação e, como qualquer fonte, precisa ter suas versões checadas, avaliadas e equilibradas (Christofoletti, 2023, p.59).

No caso em estudo, ao apresentar com destaque uma versão de realidade enviesada pelo aparato repressivo do Estado, a mídia contribuiu para a formação de imagens mentais (Lippmann, 2017) incompletas, distorcidas e que serviram para disseminar uma visão de mundo reducionista, marcada pela dicotomia *bem* contra o *mal*.

Os dados levantados ainda apontaram a proeminência da participação de Rodney Miranda, Ronaldo Caiado, Jair Bolsonaro e Ibaneis Rocha. O primeiro era secretário de segurança pública de Goiás, sendo este um cargo político. Os demais ocupavam, em 2021, a chefia do Poder Executivo estadual (GO), federal e distrital, respectivamente.

A visibilidade dada às declarações dessas personalidades não é de se estranhar, afinal o jornalista precisa estar próximo aos centros decisórios. “O jornalismo não lustra apenas a estrela do xerife. Às vezes, informa que o xerife chantageou, abusou do poder” (Christofolletti, 2023, p. 45). Ou seja, é preciso realizar a crítica, a apuração e a checagem das informações fornecidas por essas fontes, não apenas ser um intermediário passivo na sua retransmissão para o público.

Esta postura inerte ficou evidente em diversas notícias do caso, quando as falas vindas dos agentes políticos não eram contrapostas ou questionadas. Na matéria publicada pelo *Correio Braziliense* em 23 de julho de 2021, por exemplo, constava:

O secretário de segurança Pública de Goiás, Rodney Miranda, informou na manhã desta sexta-feira (23/7) que sete inquéritos que tramitam na justiça do estado contra Lázaro Barbosa já foram concluídos⁷⁷

No corpo do texto, não havia declaração de algum membro do Poder Judiciário sobre a informação apresentada, assim como não constava mais nenhum detalhe sobre os crimes que geraram esses inquéritos. Os dados estavam presentes no título e no lide, mas a mesma importância não foi encontrada no esclarecimento da questão.

A violência representa “[...] uma ruptura fundamental na ordem social. O uso da violência marca a distinção entre aqueles que são essencialmente da sociedade e aqueles que estão fora dela” (Hall, *et al.*, 2016, p. 315). Por isso, a presença massiva de representantes do Estado nas notícias analisadas confere à narrativa do caso características de uma fábula com cunho moralista, marcada pelos binômios bem e mal, certo e errado.

⁷⁷ MOURA, Jéssica. Goiás conclui sete inquéritos contra Lázaro Barbosa; DF investiga mortes. *Correio Braziliense*, Distrito Federal, 23 jun 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/07/4939400-goias-conclui-sete-inqueritos-contra-lazaro-barbosa-df-investiga-mortes.html>

Nesse sentido, em todos os veículos, encontramos referências a esses indivíduos que deveriam ser excluídos da convivência social, de acordo com a lógica de representação mencionada anteriormente. Ao citar infratores de grande notoriedade na sociedade brasileira, os jornalistas usaram suas histórias para compará-las a de Lázaro e sinalizar possíveis finais para aqueles que transgridem as regras acordadas por uma comunidade como a prisão (figura 5), a morte (figura 6) ou o estigma social (figura 7).

Figura 5 – Casos similares ao de Lázaro, no *Metrópoles*

Brasil

Antes de Lázaro, Leonardo Pareja desafiou polícia de Goiás nos anos 90

Criminoso ficou conhecido por sequestro, assaltos e o comando de uma rebelião. Ele também conduziu negociações com a polícia

Laura Braga
20/06/2021 04:50, atualizado 20/06/2021 04:50

METRÓPOLES

Fonte: portal *Metrópoles*

Figura 6 – Casos similares ao de Lázaro, em *O Globo*

Brasil

Pedrinho Matador, Lázaro e Bandido da Luz Vermelha; veja outros seriais killers que foram assassinados

Pedro Rodrigues Filho, que confessou a autoria de mais de 100 homicídios, foi morto neste domingo em Mogi das Cruzes, SP

Por O Globo
06/03/2023 11h03 - Atualizado há 2 anos

Fonte: portal *O Globo*

Figura 7 – Casos similares ao de Lázaro, no *Correio Braziliense*



Fonte: portal *Correio Braziliense*

Em uma situação atípica, o portal O Globo não só compartilhou a história de Pedro Rodrigues Filho, também conhecido como “Pedrinho matador”, como publicou suas opiniões sobre Lázaro.

O nome do serial killer de 66 anos surgiu entre os assuntos mais comentados em redes sociais esta semana, depois que ele fez comentários, em seu canal no Youtube, sobre Lázaro Barbosa, o suspeito de matar quatro pessoas em Ceilândia, no Distrito Federal, que está sendo procurado há quase dez dias por cerca de 300 agentes das polícias Civil, Militar e Federal. Segundo Pedrinho, "esse sujeito é endemoniado" e pode estar usando um livro de magia das trevas para "virar fumaça" e despistar as forças de segurança. "Dificilmente vão pegar", disse ele.⁷⁸

Ao acolher estas declarações, o jornalista coloca o famoso infrator na posição de especialista, reforçando a ideia de que os dois estariam no mesmo patamar. Afinal, quem pode entender melhor do assunto do que alguém que passou por algo semelhante? Com isso, o veículo ignorou que Lázaro ainda não havia sido encontrado, investigado, julgado, condenado tampoco absolvido.

Assim como seus antecessores foram usados como base de comparação, a cobertura jornalística *post mortem* passou a usar os feitos do foragido como referência para as ações de outros sujeitos, criando personagens midiáticos como: Wanderson Mota Protácio, o “novo Lázaro” ou o “Lázaro 2.0”; Edson Ribeiro, o “Lázaro de Pernambuco”; e Leonardo Nonato Cordeiro, o "Lázaro de São Félix". Esse artifício foi usado pela mídia na produção de celebridades, de modo a poder “realimentar-se delas a cada instante em um movimento cíclico e ininterrupto” (Pena, 2021, p. 88), sendo pautados por relatos biográficos, na tentativa de competir com filmes, novelas, seriados e *reality shows*.

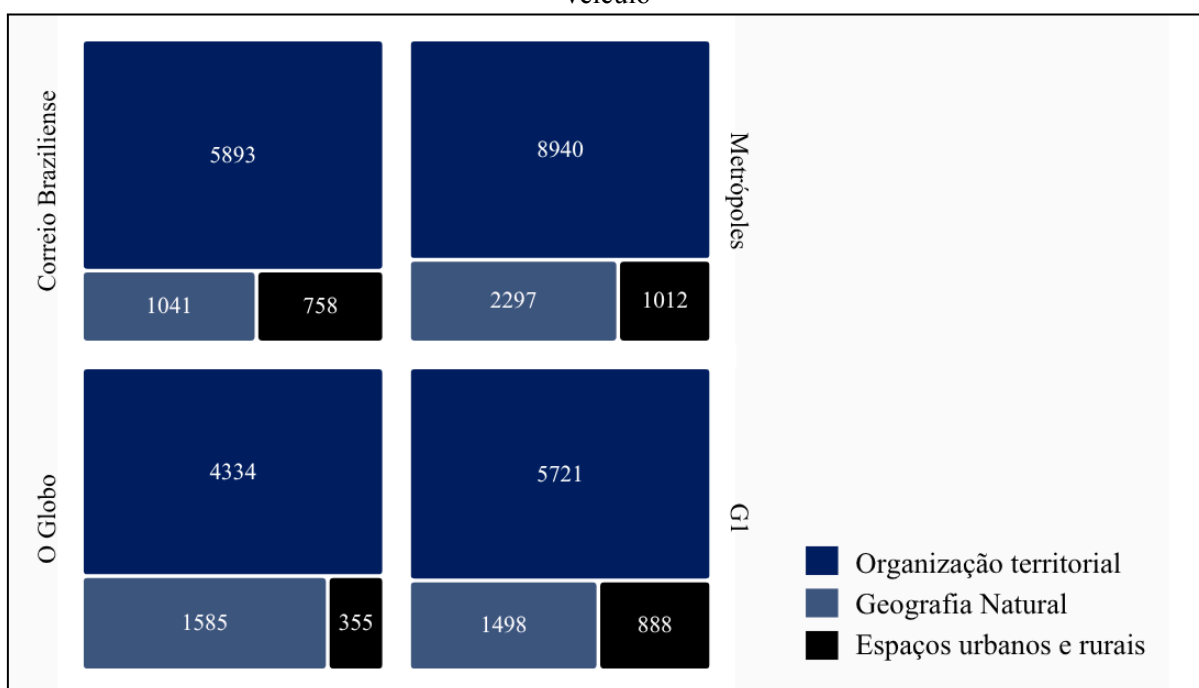
⁷⁸ HEAL FILHO, William. Pedrinho Matador: O serial killer que matou 'mais de cem' e passou 42 anos na cadeia. O Globo, Brasil, 17 jun de 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/pedrinho-matador-o-serial-killer-que-matou-mais-de-cem-e-passou-40-anos-na-cadeia.html>

Em suma, o crime é um exemplo particularmente evidente do processo de agenda-setting, pois é considerado como um critério de noticiabilidade de fácil acesso para os jornalistas (Jewkes, 2011). Certos tipos de crimes têm ainda mais destaque na agenda por suas características. Assim, diante das informações relativas às *fontes e atores* presentes nas matérias, podemos inferir que o caso Lázaro ingressou na agenda do público de forma enviesada, conduzido por declarações de agentes políticos e de representante de entidades policiais. O resultado da adoção dessa visão institucional foi uma narrativa moralista que seguiu a lógica de faroeste, com mocinhos e vilões bem definidos, formando imagens mentais incompletas, sem a (ou com reduzida) presença do “outro lado”.

b) Localidades

Esta categoria engloba termos relativos tanto à organização territorial (brasileira ou não), quanto aos elementos de geografia natural e de espaços urbanos e rurais. Trata-se dos cenários por onde a narrativa em torno de Lázaro foi contada. Nos quatro veículos analisados, a temática ocupou o quarto lugar de importância, com 34.322 repetições de expressões. Ao todo, foram observadas três subcategorias: *organização territorial*, *geografia natural* e *espaços urbanos e rurais*, conforme descritos no item 5.2.2 (gráfico 18).

Gráfico 18 – Comparação da frequência de termos da categoria localidades, por subgrupos, por veículo

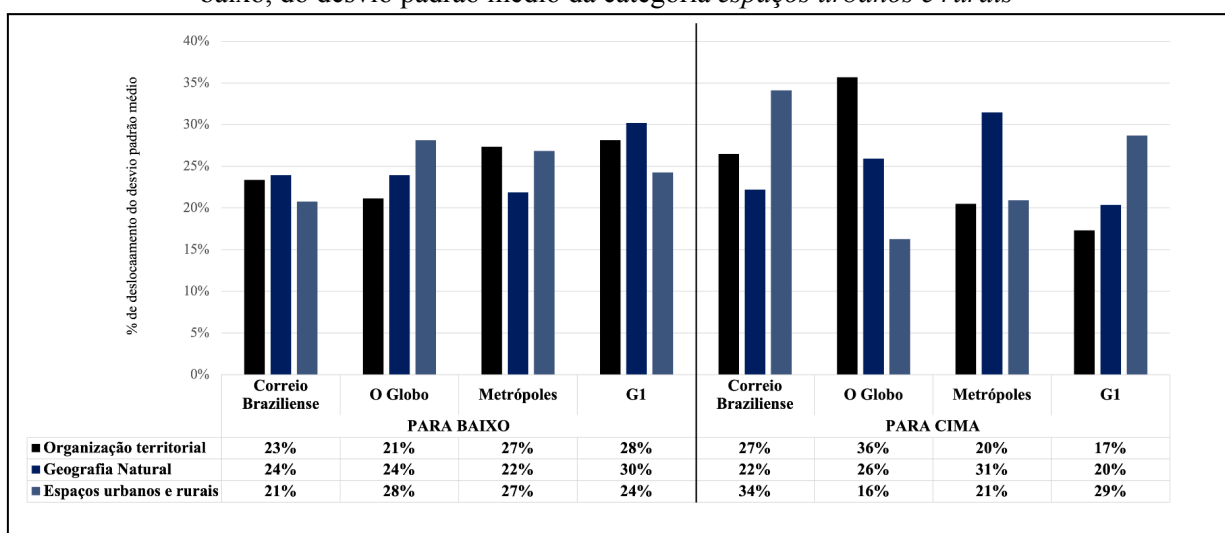


Fonte: Elaboração própria

Em todos os casos, a subcategoria mais representativa foi *organização territorial*, que apresentou 262 expressões únicas, repetidas 24.888 vezes. *Geografia natural* ficou em segundo lugar, com 46 termos únicos e 6.421 repetições. Já *espaços urbanos e rurais* contabilizam 121 expressões-chave, com frequência total de 2.990.

O desvio padrão médio da quantidade de usos singulares, entre veículos, foi de 7% e da frequência de aparições, 8%. Na reiteração de cada termo, encontramos uma variação média de 37%. Em 54% das vezes, a distorção na medida, para baixo, foi provocada pelos jornais *Metrópoles* e *G1*. No deslocamento do DP para cima, *Correio Braziliense* e *O Globo* ocasionaram a movimentação em 57% das vezes (gráfico 19).

Gráfico 19 – Comparação entre o comportamento de cada veículo na distorção, para cima ou para baixo, do desvio padrão médio da categoria *espaços urbanos e rurais*



Fonte: Elaboração própria

A similaridade encontrada na comparação entre veículos corresponde ao que predizem os pesos conferidos a cada subcategoria: quanto menor o potencial de provocar a diferenciação entre as notícias examinadas, menor o peso e menor o DP.

Com relação ao desvio padrão, no caso da subcategoria *organização territorial*, foi encontrada variação de 4%. Analisando a temática dentro do contexto das matérias publicadas, já era esperado que termos relacionados ao Distrito Federal (DF) – local do evento-chave da história de Lázaro – e a Goiás (GO) – lugar para onde a narrativa foi deslocada – fossem os mais citados (10.194 e 13.942 vezes, respectivamente). Em seguida,

foram encontradas as expressões ligadas à Bahia (932), local de nascimento de Lázaro, e menções aos estados de Minas Gerais (195), Rio Grande do Norte (170) e São Paulo (136).

A segunda subcategoria mais representativa do grupo foi *geografia natural*. É interessante notar que nessa temática também houve pouca variação no desvio padrão da quantidade média de emprego dos termos (2%) e da frequência absoluta (7%). Como relação ao modo como os vocábulos foram entendidos como mais ou menos relevantes para cada veículo, o desvio médio foi de 31%. A referência às palavras deste grupo pode ser melhor visualizada na figura 8.

Figura 8 – Nuvem de palavras com as expressões mais usadas por cada veículo na subcategoria *geografia natural*



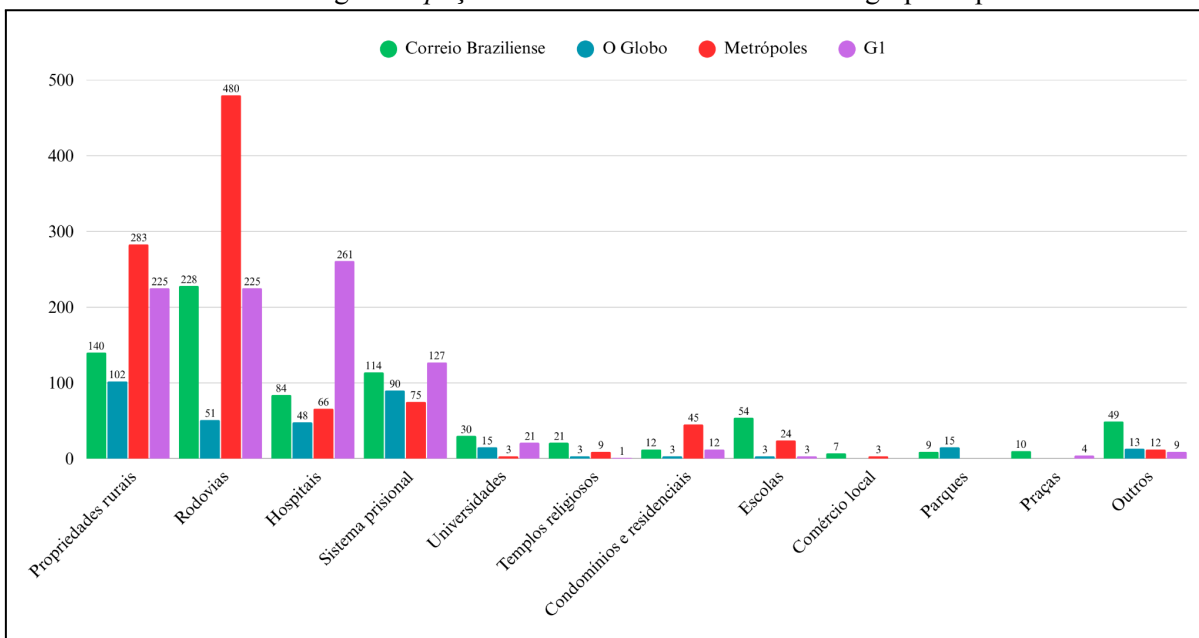
Fonte: elaboração própria

Os vocábulos mais utilizados têm relação direta com a área de perseguição ao fugitivo, que ocorreu dentro das áreas rurais e de mata do Distrito Federal e de Goiás. Além disso, há o destaque para o córrego onde o corpo de Cleonice Marques de Andrade foi encontrado, no dia 12 de junho de 2021.

Em se tratando de *espaços urbanos e rurais*, *O Globo* foi o veículo que menos conferiu relevância à temática. Em 88 ocasiões, foi o responsável por deslocar o desvio padrão médio para baixo, sendo o portal que mais se distanciou na maneira de tratar essa

temática Para entender os tipos de espaços que foram privilegiados nas coberturas produzidas, agrupamos os termos em 12 classificações (gráfico 20).

Gráfico 20 – Subcategoria *espaços urbanos e rurais* dividida em 12 grupos representativos



Fonte: elaboração própria

Pelo gráfico acima, nota-se que os veículos, em geral, conferiram mais importância às referências a propriedades rurais, rodovias, hospitais e unidades do sistema prisional para ambientar as matérias publicadas. Nos outros grupos, menos representativos, percebe-se a maior atenção dada pelo *Correio Braziliense* às escolas que abrigaram a força-tarefa de buscas ao foragido, enquanto o *Metrôpoles* foi o que mais citou os nomes dos condomínios e dos residenciais dos moradores das áreas afetadas pela operação policial.

Observando a forma como as expressões da categoria *localidades* foram empregadas pelos jornais, entendemos que a história Lázaro foi contada por meio da criação de cenários muito similares, com desvio padrão médio de 7%.

De acordo com Roscho (1975), o valor-notícia da atualidade está relacionado ao destaque para ocorrências locais conferido pelas notícias. As emergências que acometem uma determinada localidade são consideradas urgentes e, portanto, intrusivas⁷⁹. Dessa forma, esses

⁷⁹ Algumas questões são intrusivas (*obtrusives*), ou seja, intrometem-se na vida cotidiana e são vivenciadas diretamente. Outras são discretas, não intrusivas (*non-obtrusive*) e nós as encontramos apenas nas notícias, não diretamente em nossas vidas diárias.

eventos rapidamente tornam-se visíveis para os jornalistas, atingem um alto índice de popularidade entre a audiência e permanecem noticiáveis até que a situação seja resolvida.

O caso Lázaro teve início na região do Incra 9, em Ceilândia (DF) e seu desenrolar no Entorno do Distrito Federal, mais especificamente em Cocalzinho (GO), Edilândia (GO), Girassol (GO) e Águas Lindas de Goiás (GO). Essa ambientação leva a entender que o episódio deveria ser tratado pela imprensa local, dada a natureza relativamente “comum” do crime cometido, dificilmente chegando à agenda da mídia nacional. Contudo, a noticiabilidade de uma questão depende de sua notoriedade junto ao público e isso independe das características objetivas dos eventos, mas das reações subjetivas a esses eventos (Roscho, 1975).

Para além dos valores-notícia do inesperado, da atualidade e da proximidade, a natureza violenta do crime e o potencial dramático, tornaram a narrativa apelativa para um público mais amplo do que o alcançado pelos jornais do Distrito Federal e de Goiás. Algumas normas do jornalismo originam-se de critérios de noticiabilidade comuns à imprensa diária como um todo, à cada tipo de mídia ou àqueles adotados por organizações jornalísticas individuais. Um desses valores é a ênfase dada aos eventos de interesse dos integrantes da localidade atendida por um meio de comunicação (Roscho, 1975).

Hoje, no entanto, ainda que os profissionais não estejam fisicamente presentes no local de um evento, podem cobri-lo incorporando material construído pelo público, ou por outros veículos, seja em texto, imagem ou vídeo. “Assim, um ciclo de notícias 24 horas por dia, 7 dias por semana, é habilitado não apenas tecnicamente, mas também na prática” (Harder, Sevenans e Van Aelst, 2017, p. 4, tradução nossa). Dessa forma, acreditamos que esses tenham sido alguns dos motivos que tiraram o caso do foco regional para conferir atenção nacional. Conforme Jewkes (2011), “se não houver relevância discernível para o público-alvo, uma notícia tem de ser proporcionalmente maior e mais dramática para ser considerada digna de notícia” (p. 55, *tradução nossa*).

A dramaticidade levou o medo de Lázaro a outras regiões. Isso pôde ser visto nas matérias publicadas sobre o aplicativo para celulares Brasil mais seguro. Usando tecnologia de georreferenciamento, o programa foi desenvolvido para minimizar a ocorrência de possíveis trotes, filtrando as denúncias por raio de 100 km e identificando a localização do denunciante. A adoção do método veio após os investigadores constatarem que pessoas de

outros estados entravam em contato via disque-denúncia indicando pistas falsas sobre o paradeiro do fugitivo (figura 9).

Figura 9 – Notícia publicada no *G1* sobre o aplicativo Brasil mais seguro

Moradores da região onde acontecem buscas por Lázaro Barbosa podem usar app para denúncias

Programa filtra os dados repassados por informantes em raio de 100 km e evita trotes de pessoas em outros lugares. Procura pelo investigado já está no 15º dia, em Goiás.

Por Guilherme Rodrigues e Vanessa Martins, G1 GO
23/06/2021 12h53 · Atualizado há 4 anos

Fonte: portal *G1*

Ainda sobre as relações intermunicipais e entre unidades da federação, é interessante notar que os jornais deram destaque às referências ligadas às propriedades rurais que foram cenário dos crimes cometidos ou afetadas pela busca empreendida. As conexões também estão presentes nas citações à rodovia BR-414, que atravessa Cocalzinho (GO); à BR-070, que liga Cocalzinho (GO), Edilândia (GO), Girassol (GO) e Águas Lindas de Goiás (GO) a Ceilândia (DF); e à DF-180, que dá acesso ao Incra-9 (DF).

Próximo ao entroncamento da BR-070 e DF-180 está o Córrego das Corujas. Este foi o local onde encontraram o corpo de Cleonice Marques e em que, anos antes, Lázaro e seu irmão estupraram uma jovem de 19 anos. Todos os jornais estudados deram destaque ao nome do riacho e às duas situações ligadas a ele.

O rompimento da fronteira regional na cobertura do caso levou preocupação e medo a pessoas geograficamente distantes da zona de perigo. Isso se deve, em parte, ao cenário construído pelos meios de comunicação. Ao descrever os elementos naturais presentes nos locais por onde Lázaro passou (como mata, matagal, floresta, grutas, rios); ao referenciar e relacionar as cidades e rodovias que as conectam; ao indicar as propriedades afetadas; e ao inserir o lugar que marca o que aconteceu com as duas mulheres, a mídia cria

pseudoambientes vívidos. Estes, foram apresentados ao público como mapas para o mundo intangível, conduzindo-o na compreensão do que foi o caso Lázaro.

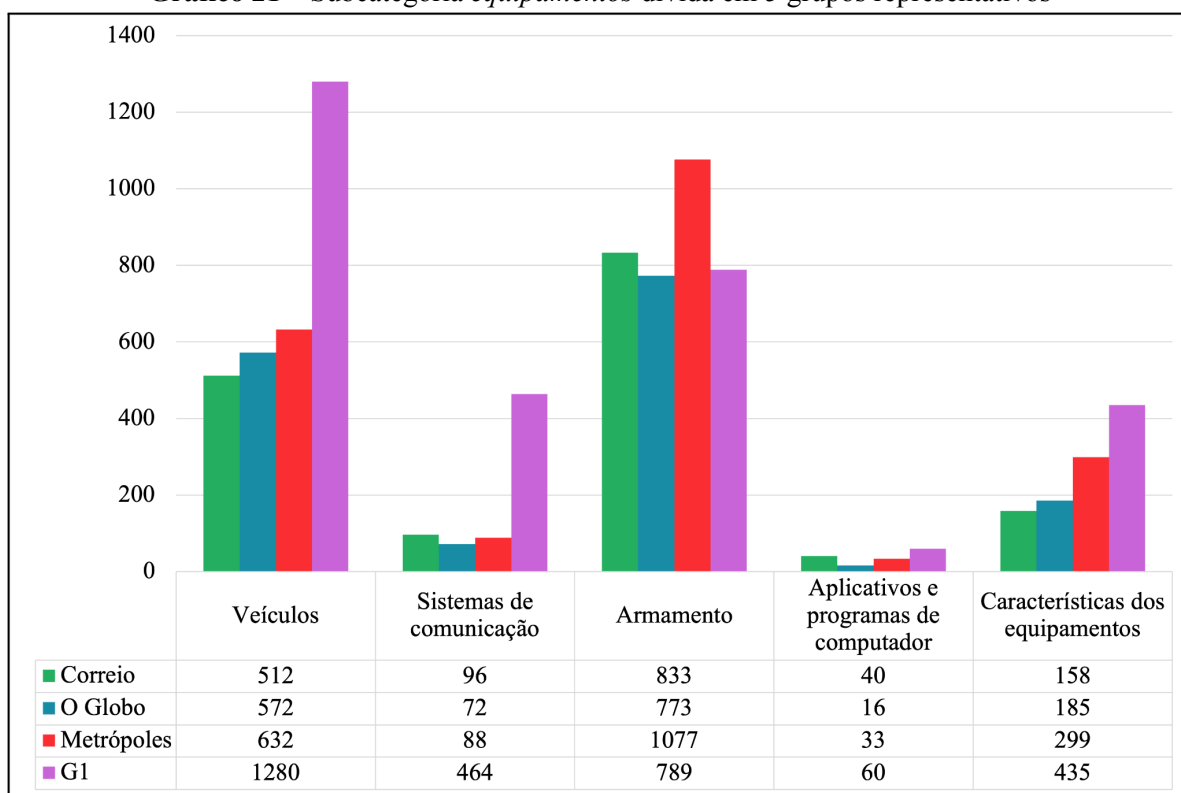
c) Características

Esta categoria é composta por duas divisões. A primeira delas é composta por tipos, marcas ou características dos equipamentos usados pelas forças de segurança pública nas buscas por Lázaro que foram mencionados nas publicações. A segunda subcategoria contém os termos mencionados nos textos para se referir ao fugitivo, usados pelos jornalistas, encontrados nas declarações de fontes oficiais ou presentes em trechos de documentos e falas de personagens.

Com relação aos *equipamentos*, encontramos 75 expressões repetidas 8.414 vezes, que apresentaram desvio padrão médio de 7% quando comparadas as quantidades de aparições em cada jornal. A variação no volume de termos usados, entre veículos, foi de 3%. As distorções no DP médio para baixo foram provocadas, em sua maioria (31%) pelo portal *O Globo*, enquanto a alteração para mais foi causada pelo *GI* em 40% dos casos.

Nesta subcategoria, todos os veículos conferiram maior importância à descrição dos armamentos portados pelas forças policiais e aos tipos de transporte usados pelos agentes durante as buscas empreendidas. O somatório da frequência dos vocábulos relacionados ao primeiro caso representou 41% do total deste subgrupo, enquanto os dados sobre os veículos foram encontrados em 36% dos casos (gráfico 21).

Gráfico 21 – Subcategoria *equipamentos* dividida em 5 grupos representativos



Fonte: elaboração própria

Os quatro jornais enfatizaram os calibres das armas usadas, como .38, 9 mm, .32, entre outros e menções às marcas dos armamentos (Taurus, Sig Sauer, Bushmaster, Beretta e CBC). Esses termos foram empregados 508 vezes. Com relação aos transportes, os aéreos foram mais referenciados (2.780 vezes) do que os terrestres (176). Em especial, foi conferida maior relevância às informações sobre os helicópteros e os drones⁸⁰ utilizados na operação (encontradas em 2.660 e 872 ocasiões, respectivamente).

Quando analisamos as características que os periódicos conferiram a Lázaro, incluindo as variadas formas de grafar seu nome, encontramos 114 termos, repetidos 62.783 vezes. Para se ter uma ideia do volume, essa frequência equivale a 17% do total de repetições de expressões-chave que compõem o *corpus* desta pesquisa. Apesar da representatividade da subcategoria para os portais, o desvio padrão médio é baixo (6%). Quando a medida é avaliada na forma de uso de cada termo, o DP encontrado é de 30%. Nesse sentido, as escolhas vocabulares e as frequências das palavras empregadas para falar sobre Lázaro são mais próximas da homogeneidade (0%) que da divergência (100%).

⁸⁰ De acordo com a Agência Nacional de Aviação Civil, os drones são considerados aeronaves remotamente pilotadas e veículos aéreos não tripulados (VANT).

RIO – Acostumados a uma rotina pacata, habitantes de Cocalzinho de Goiás viram o pequeno município goiano de 18 mil habitantes se transformar em cena de filme desde o último domingo (13), com direito a helicópteros sobrevoando e centenas de agentes armados em cavalos. A cidade foi escolhida como base de uma força-tarefa montada para prender Lázaro Barbosa Souza, de 33 anos, apontado como autor de uma chacina no Distrito Federal. Com a suspeita de que o criminoso esteja escondido nas matas da região, moradores da área rural deixaram suas fazendas. No lado urbano, as pessoas evitam circular nas ruas, e comerciantes estão preocupados.[...] – O pessoal está com medo, está ficando mais quieto. Tem mulher sem dormir, o pessoal de fazenda deixou suas chácaras. É uma tensão bem grande – afirmou Ferreira. – A torcida é para a polícia pegar logo, que finalize esse trabalho com êxito. Enquanto não pegar, acho que não volta à vida normal, não⁸¹.

O temor incitado pelas notícias pode ser entendido por meio da simplificação como critério de noticiabilidade. De acordo com Jewks (2011), “os eventos não precisam ser simples para virar notícia (embora isso ajude), mas devem ser passíveis de redução a um número mínimo de partes ou temas” (p. 47, *tradução nossa*). A simplificação, muitas vezes, acaba por se confundir com reducionismo. Dentro dessa visão simplista de mundo, a imprensa tende a trabalhar com contextos em que há o contraste entre bem e mal, heróis e vilões, culpados e inocentes,

[...] “normal” em oposição a “doente”, “desviante” ou “perigoso” e assim por diante. [...] Todos esses processos de simplificação contribuem para uma visão mediada do crime, na qual não há tons de cinza e uma realidade complexa é substituída por uma mensagem simples, incontestável” (Jewks, 2011, p. 49, *tradução nossa*).

A narrativa do caso, mediada pela mídia, assumiu ares cinematográficos. Nas histórias do Batman, herói dos quadrinhos, ele é descrito como alguém que “treinou seu corpo e sua mente até atingir a perfeição física [...] Ele desenvolveu um arsenal de tecnologia que deixaria a maioria dos exércitos envergonhados”⁸². Na cobertura do caso Lázaro, a polícia foi caracterizada como heroica, equipada com armamentos tecnológicos similares aos encontrados nos contos do Homem-morcego, a exemplo da notícia publicada pelo portal *Metrópoles*.

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) vai usar um equipamento de visão noturna e termal, capaz de identificar indivíduos escondidos em grandes territórios. A tecnologia é empregada apenas em casos de extrema gravidade. O equipamento tem um sistema de captura e transmissão de imagens feitas por uma câmera com

⁸¹ CASTRO, Rodrigo; MERGULHÃO, Alfredo. Com medo de autor de chacina, moradores deixam chácaras e evitam circular em Cocalzinho de Goiás. O Globo, Rio de Janeiro, 14 jun 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/com-medo-de-autor-de-chacina-moradores-deixam-chacar-as-evitam-circular-e-m-cocalzinho-de-goias-25060921>

⁸² DC Comics. Batman – official character profile. Disponível em: <https://www.dc.com/characters/batman>

sensor infravermelho, capaz de identificar uma pessoa no escuro pelo calor de seu corpo⁸³.

Contrapondo o heroísmo policial, as reportagens retratam Lázaro como o inimigo número um a ser combatido. Ao descrevê-lo como serial killer, criam uma mítica em torno do personagem. Os assassinos em série despertam o interesse da imprensa e a imprensa desperta o interesse desses sujeitos a anos. Jack, o Estripador, por exemplo, já mandava cartas para os jornais londrinos no século XIX. Ted Bundy e o Assassino do Zodíaco comunicavam-se regularmente com periódicos, enaltecendo suas ações ou enviando mensagens para os policiais.

Então, não é estranho pensar que os portais analisados consideraram Lázaro um assassino deste tipo como uma forma de aumentar a dramaticidade e o engajamento com a cobertura produzida. Contudo, o uso do termo não é exatamente correto. De acordo com a criminóloga Ilana Casoy (2022, p. 25),

Para os serial killers, a fantasia é compulsiva e complexa. Acaba se transformando no centro de seu comportamento, em vez de ser uma distração mental. O crime é a própria fantasia do criminoso, planejada e executada por ele na vida real. A vítima é apenas o elemento que reforça a fantasia.

Na narrativa que envolve o sujeito, não há indícios de planejamento ou de realização de fantasias. As vítimas parecem ser apenas empecilhos à sua fuga. Por esse prisma, Lázaro matou pessoas, em sequência, mas não foi um serial killer. Entretanto, essa definição é uma tarefa para os especialistas, não para os repórteres.

Há um apelo nas histórias de serial killers. Nelas, o criminoso é transformado em uma figura midiática e, o crime, em um espetáculo. Este, para ser concretizado, precisa de um personagem principal forte. Dessa forma, a imprensa torna criminosos condenados (por ela própria ou pela justiça) em celebridades, atendendo, ainda, à necessidade de aumento no valor-notícia conferidos às suas transgressões. Diante disso, os jornais se sentem compelidos a dar apelidos midiáticos para os infratores.

Em 1986, um assassino em série nos Estados Unidos enviou uma carta para a polícia dizendo: “Quantas vezes terei que matar antes de conseguir um nome no jornal ou alguma

⁸³ PINHEIRO, Mirelle. PCDF usa helicóptero com visão noturna para caçar Lázaro. Metrôpoles, Distrito Federal, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/pcdf-usa-helicoptero-com-visao-noturna-para-cacar-lazaro>

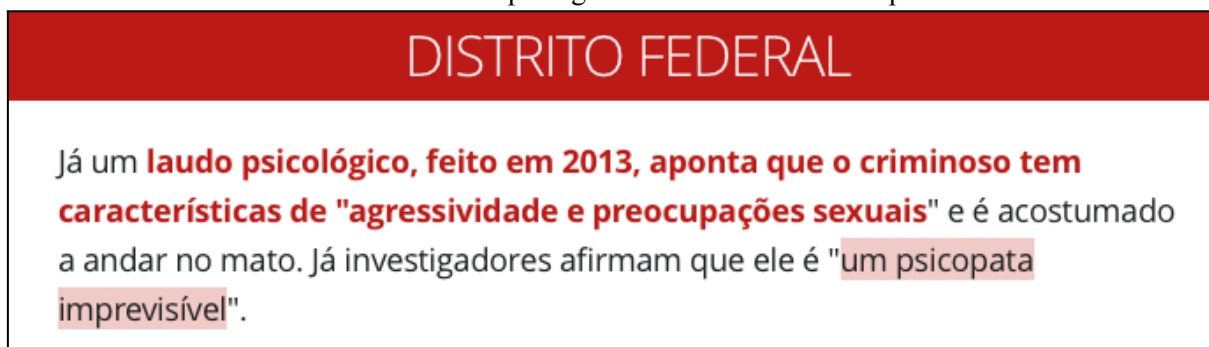
atenção nacional?” (Braudy, 1986, p. 3 *apud* Reis, 2024, p. 23). Em 2021, Lázaro não precisou fazer tal questionamento.

Em 16 de junho de 2021, o *Metrópoles* passou a se referir a ele como “Maníaco de Brasília”. No dia seguinte, O Globo também passou a usar a nomenclatura e, em 28 de setembro de 2021, adotou o apelido “Curupira de Goiás”. Apesar dos esforços, Lázaro Barbosa, assim como Leandro Pareja e Suzane von Richthofen, não teve nenhuma alcunha que realmente fosse adotada pelo público em geral. Um dos motivos, provavelmente, é que seu nome não é comum, não necessitando de outras formas de diferenciação.

Outra razão pode ter ligações mais intrínsecas com o imaginário popular. Na história bíblica, Lázaro foi um amigo de Jesus que morreu e foi ressuscitado quatro dias depois (João 11:1-44, NTLH). Lázaro Barbosa foi descrito como um homicida, agressivo, cruel e satanista, em contraste ao homônimo bíblico. Seu nome, sozinho, já era capaz de despertar o interesse da audiência, sem que fossem necessários outros artificios.

A escolha dos termos usados nas notícias colocavam num mesmo patamar questões de saúde mental, de escolaridade, de classe social, racial e de religião. Um exemplo do primeiro caso é encontrado na matéria do *GI*, de 18 de junho de 2021 (figura 11)

Figura 11 - Lázaro Barbosa fez cursos de 'empatia, sexualidade e para se colocar no lugar das vítimas' durante passagem na Penitenciária da Papuda



Fonte: portal *GI*

Nesse ponto, é relevante ressaltar que os jornais o retrataram como *mateiro*⁸⁴ na mesma frase em que se referem a um laudo psicológico, como se as duas condições estivessem relacionadas.

⁸⁴ Mateiro é aquele que se desloca pela mata sem a necessidade de bússolas, sendo guiado por instinto.

Outros dois casos, referentes à escolaridade e à classe social, podem ser vistos no *Metrópoles*, em publicação de 19 de junho de 2021. Nela, lê-se:

O autor, segundo os especialistas, teve o desenvolvimento psicossocial prejudicado devido a agressões familiares, uso abusivo de álcool e drogas, falecimento familiar, abandono das atividades escolares, trabalho infantil e situação financeira precária⁸⁵.

Essa conexão entre os termos dá a entender que pessoas em condições vulneráveis têm o “desenvolvimento psicossocial prejudicado”.

Por fim, a questão racial e religiosa aparecem, também, no *Metrópoles*. A matéria do dia 15 de junho de 2021 tem como título e linha fina: “Evidências apontam que Lázaro tem ligação com bruxaria e fez rituais. Itens ligados à doutrina satanista teriam sido localizados na casa dele, no Entorno. Policiais o descrevem como psicopata”⁸⁶. Na continuação, tem-se

Os policiais que trabalham no caso o descrevem como **psicopata**. Itens ligados à **doutrina satanista** teriam sido localizados na residência dele, no Entorno do DF. Segundo a Polícia Militar de Goiás (PMGO), Lázaro alega estar **possuído por um espírito**. Ele também teria dito que “vai levar o tanto de gente que puder”. Conforme o tenente Gerson de Paula, Lázaro seria integrante de uma **seita**. As informações teriam sido dadas pelo próprio suspeito a vítimas de um assalto que ele realizou em Goiás, no mês passado, segundo o tenente. Na ocasião, levou armas e celulares. Há indícios de que o criminoso **pratica os rituais desde a infância** (grifo nosso).

A matéria publicada pelo *Metrópoles* no dia 19 de junho de 2021, no entanto, traz uma nova versão da história, estampada no título e linha na fina: “Pai de santo diz que objetos filmados são de terreiro, não de Lázaro. Líderes de religiões de matriz africana denunciam ataques racistas contra terreiros durante as buscas pelo maníaco Lázaro Barbosa, em Goiás”⁸⁷. No corpo da matéria, lemos

“O que aparece nas fotos são as vasilhas feitas de barros e os nossos símbolos. Não tinha pedaço de orelha ou crânio, como disseram denúncias anônimas. Não trabalhamos com nada disso. Nós trabalhamos com caridade, entregando cestas básicas. Precisamos desmistificar urgentemente a nossa história”, declarou Adna, conhecida como Mãe Baiana.

⁸⁵ PULJIZ, Mara. **Lázaro Barbosa fez cursos de 'empatia, sexualidade e para se colocar no lugar das vítimas' durante passagem na Penitenciária da Papuda**. G1, Distrito Federal, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2021/06/18/lazaro-barbosa-fez-cursos-de-empatia-sexualidade-e-para-se-colocar-no-lugar-das-vitimas-na-penitenciaria-da-papuda.ghtml>

⁸⁶ PINHEIRO, Mirelle. **Evidências apontam que Lázaro tem ligação com bruxaria e fez rituais**. *Metrópoles*, Distrito Federal, 15 jun 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/evidencias-apontam-que-lazaro-tem-ligacao-com-bruxaria-e-fez-rituais>

⁸⁷ TAHAN, Lilian. TEIXEIRA, Isadora. **Pai de santo diz que objetos filmados são de terreiro, não de Lázaro**. *Metrópoles*, Distrito Federal, 19 jun 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/grande-angular/pai-de-santo-diz-que-objetos-filmados-sao-de-terreiro-nao-de-lazaro>

Diante disso, os jornalistas formam imagens mentais que estigmatizam, reproduzem estereótipos e que correlacionam criminalidade à grupos vulneráveis da sociedade. Os policiais, apesar de terem sido criticados pela demora na captura do fugitivo, foram, em geral, tratados como heróis. O reconhecimento de um trabalho bem-feito não é a questão colocada aqui. Entendemos que estes profissionais “[...] realizam trabalhos importantes para a sociedade, na medida em que combatem o crime e tentam restabelecer a lei e a ordem” (Christofoleti, 2023, p. 58).

O problema reside na construção imagética de um inimigo a caçar, combater e executar sem que tenha decorrido o devido processo legal. A dicotomia, tão útil para despertar o interesse da audiência e agendar um tema na mídia, é ao mesmo tempo inútil na divulgação de informações de interesse público.

d) Veículos e empresas de mídia

Apesar de ter a menor quantidade de termos (0,9% do total), esta categoria é a que deixa mais claro a presença do agendamento intermídia ocorrido na cobertura do caso Lázaro. Os nomes de empresas, de veículos jornalísticos e de produtos midiáticos indicam um modo como os meios de comunicação podem operar externamente na formação da agenda, influenciando-se mutuamente.

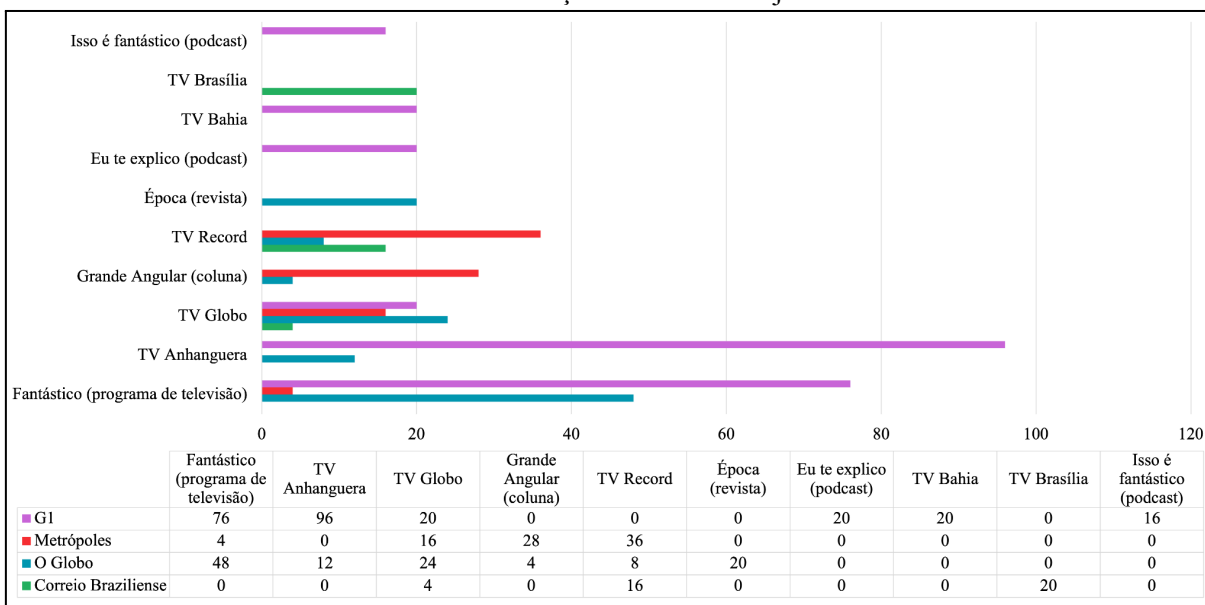
Removendo as auto-citações, encontramos as ocasiões em que houve referências cruzadas entre os veículos. *Correio Braziliense* e *GI* apenas citaram o *Metrópolis*, isso em oito casos. *O Globo* foi o que mais mencionou os demais jornais (220 vezes), o que acreditamos ser pela distância física entre sua sede e o local dos acontecimentos narrados. *Metrópolis*, por sua vez, somente citou o *GI* e *O Globo*, em 12 ocasiões cada.

No total, o *Correio Braziliense* usou 16 termos distintos que remeteram a veículos e empresas de mídia, repetidos 105 vezes, sendo o jornal que menos empregou referências externas. O *Metrópolis* usou 34 expressões, em 309 ocasiões. O *GI* lançou mão de 36 termos em 384 ocorrências. Já *O Globo* foi aquele que usou mais referências (40) com maior frequência (547).

A autorreferenciação foi constatada nos quatro portais: *Correio Braziliense* se citou 600 vezes; *O Globo*, 144; o *Metrópolis*, 924; e o *GI*, 380. Desconsiderando essas situações e as referências às mídias não jornalísticas (que serão tratadas em seguida”, selecionamos os 10

termos mais citados (e suas diferentes grafias) e realizamos a comparação entre jornais, para melhor visualização dos dados (gráfico 22).

Gráfico 22 – Os dez termos mais citados na subcategoria veículos e empresas de mídia excetuando auto-referências e menções a mídias não jornalísticas



Fonte: elaboração própria

Com relação aos meios não jornalísticos, chamamos a atenção para o efeito *spill-over*, fenômeno que trata da difusão de informações entre agendas (agenda do público, agenda pública e agenda midiática) e os meios de comunicação vinculados a elas (Jung, et al., 2018). Considerando as mídias sociais como um novo espaço público, “os membros social e politicamente ativos da sociedade têm um acesso mais fácil à agenda da mídia, facilitando assim os efeitos de *spill-over* de baixo para cima” (Jung, et al., 2018, p. 3, *tradução nossa*).

Diante disso, é interessante ressaltar a recorrência tanto de termos ligados à mídias sociais (175 ocorrências), tais como Facebook, Whatsapp, Instagram e Twitter, quanto daqueles que remetem a plataformas de *streaming*⁸⁸ interativas (88 ocorrências), a exemplo do Youtube, Globo Play e Spotify. Nesta categoria, os dados indicam que todos os veículos estudados fizeram referências a outros jornais, empresas de mídia social e plataformas de distribuição contínua de conteúdo digital, evidenciando o fenômeno *spill-over*.

A categoria *veículos e empresas de mídia* apresentou tendência à homogeneidade, entre jornais, dos termos usados nas matérias. O valor do desvio padrão médio de 6%, quando

⁸⁸ Plataformas de distribuição contínua de conteúdo digital, sem a necessidade de realizar download para ter acesso ao material

calculado sobre os dados de frequência relativa, e de 37%, quando observado expressão a expressão, apresentam-se como forte indicativo da similaridade entre os textos produzidos pelos quatro jornais.

Na formação da agenda intermídia, os veículos validam suas escolhas de pautas observando o trabalho dos concorrentes. O resultado desse acompanhamento rotineiro e contínuo é uma agenda noticiosa altamente redundante (McCombs, 2014). “A imitação é, portanto, uma rotina diária para os jornalistas” (Hardy, 2018, pág. 139).

Neste ponto, não estamos discutindo necessariamente a influência entre jornais, mas o uso deles no papel de intermediário da informação. Com isso, o relato do repórter deixa de ser em segunda mão, aumentando um grau de separação: fonte ® jornalista (ou produto midiático) ® outro jornalista ® público. O trabalho do jornalista Roberto Cabrini, da TV Record, foi compartilhado, por exemplo, na matéria do *Metrópoles* de 28 de junho de 2021.

Já a esposa do maníaco disse que recebeu mensagens de áudio e texto do companheiro um dia antes da operação policial que resultou na morte do serial killer. Em entrevista ao jornalista Roberto Cabrini, da TV Record, a mulher confirmou que chegou a manter contatos com o psicopata durante a fuga que durou 20 dias. “Ele me mandou áudio e disse que polícia estava botando um monte de crime no nome dele. Eu falei, ‘moço, se entrega’. E ele disse, ‘não me entrego’. [...] “Chegou lá em casa, me deu R\$ 300 dizendo que era pro filho e foi embora sem explicar. Depois voltou, pediu meu celular pra conversar com a atual esposa dele”, contou a ex a Cabrini. De acordo a esposa e a ex-mulher de Lázaro, elas apagaram as mensagens por medo⁸⁹.

As aspas publicadas pelo veículo não foram fruto da apuração de seus profissionais e, sim, da extração das declarações presentes em um vídeo de outra produzido por outra empresa. De maneira similar, *O Globo* divulgou informações obtidas pelo *Metrópoles*, *Correio Braziliense* e *GI* que, embora pertença ao mesmo conglomerado empresarial, são jornais diferentes, com linhas editoriais distintas.

Os policiais da força-tarefa encontraram uma carta atribuída a Lázaro, que estava num local que teria sido usado por ele como esconderijo, revelou o **"Metrópoles"**. Escrito com caneta vermelha e num papel A4, o texto fala sobre morte: "Muitos que vivem merecem morrer, alguns que morrem merece (sic) viver". Foram escritas também falas de um personagem da trilogia "Senhor dos Anéis". A carta foi apreendida pela polícia.

Durante a prisão no Complexo Penitenciário da Papuda, Lázaro chegou a fazer cursos para ressocialização, informou o **"GI"**. Segundo a reportagem, que teve

⁸⁹ GARZON, Matheus. Ex-sogra viu Lázaro 1 dia antes de ele ser morto: “Ficou escorado na parede”. *Metrópoles*, Distrito Federal, 28 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/ex-sogra-viu-lazaro-1-dia-antes-de-ele-ser-morto-ficou-escorado-na-parede>

acesso ao processo, antes de passar do regime fechado para o semiaberto, em 2014, o então detento fez cursos de "empatia, sexualidade e para se colocar no lugar das vítimas".

[...] Ao longo da última semana, os pais e a mulher de Lázaro comentaram sobre a fuga e os crimes pelos quais a polícia o acusa. Em entrevista ao "**Correio Braziliense**", Edinaldo Barbosa Magalhães, de 57 anos, classificou o suspeito como um "monstro". (grifo nosso)⁹⁰

Tanto a imitação quanto a presença de situações como as descritas acima sinalizam para o processo de formação de uma agenda midiática comum, com elevado grau de homogeneidade. Esse movimento, apesar de ser comum no trabalho jornalístico, empobreceu o material produzido sobre o caso Lázaro, oferecendo mais do mesmo para a audiência e reforçando a redundância entre os veículos.

e) **Demais termos**

Esta é a categoria mais expressiva, congregando os termos que não puderam ser classificados em nenhuma das categorias anteriores. Nela, foram encontrados 13.203 expressões, repetidas 221.938 vezes. Apesar do grande volume (60,1% do total de expressões), o desvio padrão médio entre veículos com relação aos usos únicos dos vocábulos foi de 3%, quando consideradas a frequência de aparições, foi de 5% e ao observar o emprego das expressões, uma a uma, o DP médio encontrado foi de 32%. A partir desses valores, podemos atestar a tendência a semelhança textual entre as matérias publicadas pelos veículos.

Entre os vocábulos presentes nessa categoria, notamos alguns padrões. Por exemplo, nas 887 notícias produzidas pelos quatro jornais estudados, encontramos 11.684 expressões que remetem à passagem do tempo, como dias da semana, meses e períodos do dia. É interessante notar, ainda, que todos os veículos, a partir de determinada data, passaram a publicar diariamente notícias que indicavam a progressão temporal das buscas.

O *Correio Braziliense* foi o primeiro a realizar essa contagem, iniciando-a a partir do segundo dia da operação que visava a recaptura de Lázaro. O *Globo* seguiu o exemplo no quinto dia, enquanto *Metrópoles* e *GI* passaram a realizar a ação após seis dias de fuga. Todos os jornais finalizaram a contagem no 20º dia, data da morte do foragido. Em seguida, passaram a contar os dias entre sua captura e o sepultamento de seu corpo.

⁹⁰ Deslocamentos sem pegadas e carta enigmática: o que se sabe até agora sobre as pistas deixadas pelo serial killer foragido. O *Globo*, Rio de Janeiro, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/deslocamentos-sem-pegadas-carta-enigmatica-que-se-sabe-ate-agora-sobre-as-pistas-deixadas-pelo-serial-killer-foragido-25066917>

O tempo é um fator extremamente relevante tanto para os estudiosos da agenda-setting (ver item 2.4.3) como para a definição de critérios de noticiabilidade (ver item 3.3). No estabelecimento da agenda midiática em casos de violência como o de Lázaro, a imprensa promove ondas de interesse e desinteresse, preocupação e despreocupação junto a sua audiência, desenvolvidas a longo prazo.

Nos critérios de noticiabilidade, o fator se manifesta em *frequência*, entendida como “o espaço de tempo necessário para este se desenrolar e adquirir significado” (Galtung e Ruge, 2016, p. 90), ou como *continuidade*, quando “alguma coisa atinja os cabeçalhos e seja definida como ‘notícia’, então continuará a ser definida como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida (Galtung e Ruge, 2016, p. 92).

Nesse sentido, Molotch e Lesters (2016, p. 54) afirmam que “as ocorrências ‘importantes’ são aquelas que são especialmente úteis na demarcação do tempo”. No caso em análise, a cobertura é repleta de pequenos acontecimentos que servem para esse propósito. Todos os veículos usaram linhas do tempo ou cronologias para precisar a evolução do caso ao longo dos dias ou para criar um histórico de outros crimes cometidos pelo foragido, a exemplo das figuras 12 e 13.

Figura 12 – Linha do tempo no jornal *Correio Braziliense*



BUSCAS

Linha do tempo: entenda a cronologia das buscas por Lázaro Barbosa

Em mais de duas semanas de fuga, o suspeito já fez reféns e invadiu várias chácaras; a polícia acredita que ele possa estar ferido

Fonte: portal *Correio Braziliense*

Figura 13 – Cronologia de crimes no *Metrópoles*



Distrito Federal

Histórico de crimes de Lázaro Barbosa tem 13 anos. Veja a cronologia

Desde 2008, ele é investigado por roubos, assassinatos e estupros. Fugiu de, pelo menos, três presídios em estados distintos

Fonte: portal *Metrôpoles*

Visto pela ótica das regras de produção jornalística, a passagem do tempo nas matérias do caso não foi um problema. Mas a recorrência de termos para demarcá-lo ajudou a espetacularizar o episódio, comparando-o à narrativa traçada em *reality shows*. A contagem cronológica e as linhas do tempo serviam para auxiliar o público a lembrar os incidentes anteriores e para alavancar novas pautas, mesmo que para isso afrouxassem a avaliação dos critérios de noticiabilidade.

Outro padrão foi a frequência dos termos relacionados à fuga em contraste com os ligados às ações de busca. De um lado, temos os feitos de Lázaro. De outro, encontramos os atos das forças de segurança pública. No primeiro caso, foram usados dois verbos (e conjugações) e um substantivo derivado deste, repetidos em 1.935 ocasiões: fugir, fuga e esconder. No segundo, os vocábulos relacionados aos verbos buscar, encontrar, caçar, localizar, procurar e recapturar foram usados 5.708 vezes.

Ferreira e Malafaia (2021), estudaram o caso Lázaro e refletiram sobre alguns pontos que também nos servem aqui. Para os autores, a cobertura da imprensa constrói

[...] remissivas a eventos pregressos semelhantes, que vistos também no contexto dos critérios de noticiabilidade, nos mostram o quanto essas narrativas buscam ativar nossos sentimentos mais primitivos. Eles envolvem temporalidades, níveis de proximidade geográfica e estratégias de construção de personagens diferentes, mas em comum, mostram o estímulo à celebração da morte (Ferreira e Malafaia, 2021, p.1).

Sob este prisma, já trabalhamos a questão temporal, geográfica e de construção dos personagens. Agora, com base nos dados desta categoria, podemos entender uma das formas como a morte foi celebrada nas notícias pesquisadas. Para isso, inicialmente, destacamos o abandono da presunção de inocência pelos jornalistas que cobriam o caso.

Ao reportar a fuga de Lázaro e os acontecimentos *post mortem*, os veículos analisados usaram quase 8 mil termos ligados aos crimes cometidos pelo infrator, entre outros, *assassinato, invasão, agressão, roubo, sequestro, ameaça e estupro*. As características do sujeito, vistas anteriormente, reforçam o enfoque dado às suas ações: *criminoso, executor, assassino, homicida, assaltante, bandido, marginal, jagunço*.

Aliando as duas categorias de termos, vemos que a imprensa julgou e condenou Lázaro por conta própria, realizou investigações como visto nas reportagens que tratavam de seu passado e definiu qual seria sua pena. A morte foi definida como apropriada, seja para sua vida social, seja para seu corpo físico. Diante de cenários tais quais os divulgados pelas reportagens, a aniquilação é o único desfecho possível.

Isso se torna mais evidente ao olhar a segunda hipótese que apontamos da celebração da morte nos portais noticiosos. Nesses veículos, encontramos a recorrência ao verbo caçar, e termos derivados dele, usados mais de mil vezes. O termo, geralmente usado para animais, foi empregado para definir as buscas a um ser humano. Um dos modos para justificar esse ponto de vista pode ser visto na matéria de *O Globo* de 16 de junho de 2021 (figura 14).

Figura 14 – *O Globo*, 16 de junho de 2021



Fonte: portal *O Globo*

Ao dar destaque à declaração de Edinaldo, o jornal validou a caçada. Se aquele que deveria demonstrar amor condicional a Lázaro o considerava um monstro, o que dirá da população, dos entes públicos e da imprensa?

No segundo nível da agenda, os atributos, ou variáveis independentes, podem ser considerados como subtemas dentro de um tema (objeto) específico (Ghanem, 1997). Assim, recorreremos aos resultados da análise de conteúdo para entender os atributos do objeto por meio das categorias definidas. O menor valor de desvio padrão dentro das subcategorias quanto aos usos únicos dos termos foi de 1% e, o maior, de 32%. A variação média entre categorias foi de 9% (termos únicos) e de 35%, quando observado o emprego de cada expressão. Esses dados indicaram a tendência à homogeneidade nas escolhas lexicais feitas pelos veículos.

Além da avaliação estatística, a comparação entre os subgrupos trouxe à tona as similaridades e as relações estabelecidas entre as temáticas, de forma qualitativa. Quando avaliadas em conjunto, podemos concluir que nas coberturas jornalísticas analisadas houve a manifestação da agenda dos atributos, com construções de personagens, ambientações e

enquadramentos com pouca diferenciação entre os veículos, promovendo a redundância das informações divulgadas.

5.2.3 O efeito dos atributos na saliência dos objetos

O terceiro nível da agenda-setting parte da ideia de que os meios de comunicação, em especial a imprensa, conseguem transferir a saliência de uma imagem integrada para a audiência. Isto é, a importância percebida pelo público sobre um acontecimento torna-se elemento único, composto pela integração entre o objeto e as características dadas a ele pela mídia. Para Guo e McCombs (2011) a união objeto-atributos formam uma espécie de rede, impactando as imagens mentais em um conceito que se aproxima da noção de pseudoambientes de Lippmann (2017).

Para operacionalizar a coleta de dados relativos ao agendamento em rede, dentro da análise de conteúdo, fizemos a distinção entre a unidade de registro, aquilo que se conta – neste caso, as expressões-chave – e a regra de enumeração, ou seja, como a contagem é feita. Além disso, recorremos à frequência ponderada, por “traduzir as modalidades de expressão ou a intensidade de um elemento” (Bardin, 2011, p. 139).

[...] se supusermos que a aparição de determinado elemento tem mais importância do que outro, podemos recorrer a um sistema de ponderação. Por exemplo, se considerarmos que a aparição de b e d possui uma importância dupla da de a, c e f, afetam-se todos os elementos com coeficientes, no momento da codificação (Bardin, 2011, p. 139)

Com isso, cada palavra possui um grau de importância calculado pela multiplicação entre seu peso e sua frequência, que pode ser vista tanto dentro de um mesmo veículo, quanto entre os quatro portais noticiosos estudados. De posse desses dados, passamos para o segundo passo do método proposto por Nicholls e Bright (2019), que consiste em instrumentalizar o índice de semelhança entre os textos dos periódicos.

A categorização das expressões-chave, do cálculo das frequências relativas e total, aliadas aos pesos conferidos, nos permitiram formar uma rede de conexões entre o objeto e seus atributos. Esse indicador possibilita analisar o quanto a imagem integrada do caso Lázaro foi propagada pela imprensa.

A fim de quantificar tal índice, usamos o cálculo de similaridade de cossenos entre dois vetores. Nessa fórmula, o que importa não é o comprimento dos vetores em si, mas o

ângulo formado entre eles. Para o cálculo, quando trabalhado na recuperação de informações, é preciso conferir aos termos-chave valores numéricos. Aqui, as medidas usadas são o produto da frequência pelo peso designado a cada categoria.

Assim, a similaridade de cossenos dimensiona o grau de semelhança entre dois documentos, baseados nos assuntos (definidos pelas categorias) e independentemente do tamanho dos textos. Dados dois vetores n-dimensionais de atributos, A e B, a similaridade – $\cos(\theta)$ – é representada por

$$S_C(A, B) := \cos(\theta) = \frac{\mathbf{A} \cdot \mathbf{B}}{\|\mathbf{A}\| \|\mathbf{B}\|} = \frac{\sum_{i=1}^n A_i B_i}{\sqrt{\sum_{i=1}^n A_i^2} \cdot \sqrt{\sum_{i=1}^n B_i^2}},$$

onde A_i e B_i são os i -componentes dos vetores A e B, respectivamente.

Dito de outra maneira, a fórmula calcula o cosseno do ângulo de distância entre dois vetores, A e B, que representam os veículos analisados. Quando o resultado é 0, indica a completa diferença entre as unidades analisadas, enquanto o valor 1 indica a total similaridade. Desse modo, realizamos uma comparação dois a dois entre os portais noticiosos, aplicando a fórmula sobre todas as combinações possíveis: *Correio Braziliense* → *Metrópoles*; *Correio Braziliense* → *G1*; *Correio Braziliense* → *O Globo*; *Metrópoles* → *G1*; *Metrópoles* → *O Globo*; *G1* → *O Globo* (tabela 5).

Tabela 5 - Índice de similaridade entre portais noticiosos, dois a dois

Portal 1	Portal 2	Índice de similaridade
<i>Correio Braziliense</i>	<i>Metrópoles</i>	0,928384956
<i>Correio Braziliense</i>	<i>G1</i>	0,904843743
<i>Correio Braziliense</i>	<i>O Globo</i>	0,885169511
<i>Metrópoles</i>	<i>G1</i>	0,886005239
<i>Metrópoles</i>	<i>O Globo</i>	0,863418993
<i>G1</i>	<i>O Globo</i>	0,866474754

Fonte: elaboração própria

O índice de similaridade entre portais pode ser vista de várias formas. É possível conferir valores entre 0 e 1 para cada um dos quesitos (no caso, peso e frequência), desde que a soma entre os dois tenha como resultado o número 1. A diferença nas medidas é baseada na relevância dada a cada um desses critérios. Para este trabalho, levando-se em conta os

métodos propostos, entendemos frequência e peso como grandezas com o mesmo grau de importância (0,5 - 0,5).

Dessa forma, a tabela 5 indica que a dupla *Correio Braziliense* e *Metrópoles* produziram as coberturas mais semelhantes sobre o caso Lázaro ($\cong 0,93$), seguidos do par comparativo *Correio Braziliense* e *G1* ($\cong 0,90$). Como já mencionado, as diferenças com o portal *O Globo* também podem ser encontradas no índice de similaridade. Em todos os pares de comparação em que está presente, os valores são mais baixos, entre $\cong 0,86$ e $\cong 0,88$. De acordo com os índices de similaridade apresentados, todos na faixa entre 0,86 e 0,92, podemos afirmar que as notícias analisadas são, de fato, extremamente semelhantes entre si.

Para melhor entender o agendamento em rede na cobertura do caso Lázaro, usamos outra regra de enumeração indicada por Bardin (2011): a coocorrência. Esta é “a presença simultânea de duas ou mais unidades de registro numa unidade de contexto [...] dá conta da distribuição dos elementos e da sua associação” (*idem*, p. 142 e 143). Ao escolher como indicador a associação, pressupõem-se que os elementos da análise, nesse caso os termos-chave, estão relacionados em uma manifestação da linguagem e vinculados ao pensamento do emissor da mensagem (Bardin, 2011).

Para verificar as coocorrências, recorreremos mais uma vez ao proposto por Nicholls e Bright (2019) e selecionamos uma amostra de 10% dos termos mais frequentes. A seguir, removemos os verbos auxiliares de modo a focar nossa atenção nas expressões mais pertinentes e significativas. Assim, analisamos 1.541 termos únicos, que juntos representaram 69% da frequência de uso dos vocábulos, ou seja, avaliamos 272.125 termos dentro de um universo de 396.483).

Após a filtragem, aplicamos o coeficiente phi (ϕ) sobre a frequência dos vocábulos empregados, dois a dois, para constatar se estão presentes na mesma frase, ou seja, para investigar se os atributos relacionavam-se ou não, e em que grau. A escolha dessa medida de confiabilidade adveio de sua função comparativa, que deve ser aplicada a classificações binárias em que as variáveis só podem assumir dois valores. Em nossa análise, dois termos empregados pelos jornais podem aparecer juntos na mesma frase, sim ou não.

O coeficiente phi calcula o grau de associação entre duas variáveis (neste caso, termos-chave), resultando em valores compreendidos entre -1 e +1. Um índice +1 indica uma associação perfeita entre as variáveis, enquanto o valor -1 sinaliza a sua não coocorrência. Assim, quanto mais próximo de +1, maior o grau de associação entre as palavras nas frases.

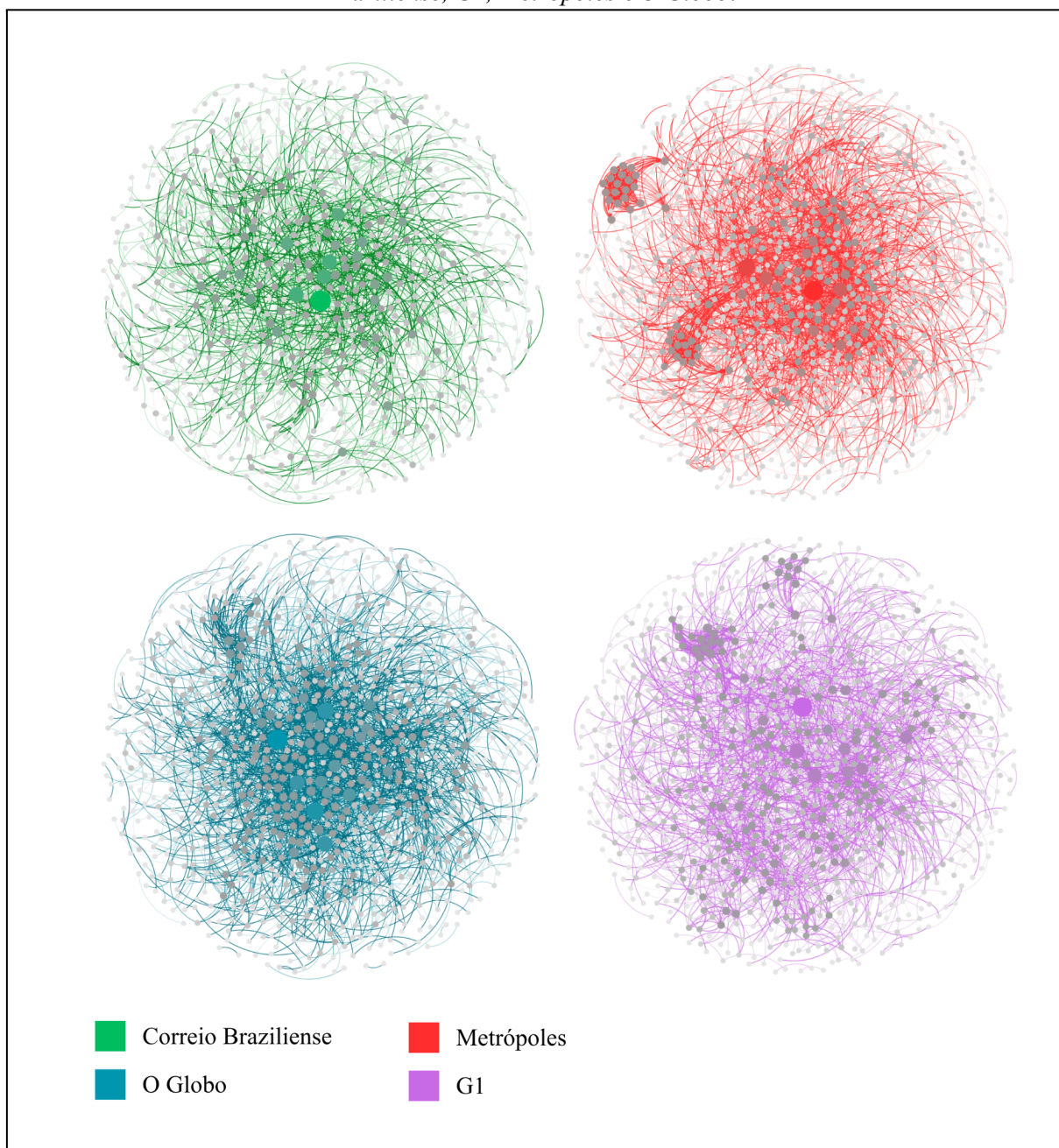
Quanto mais próximo de -1, maior a probabilidade de não haver a coocorrência dos termos. A partir do valor 0.5, as expressões podem ser consideradas fortemente conectadas.

Como resultado do cálculo, encontramos que, em 70% dos termos mais frequente, as expressões-chave aparecem em combinações relevantes ($\phi > 0.5$). O portal *GI* apresentou o maior índice (74,4%), seguido do *Metrópolis* (73,6%) e de *O Globo* (70,8%). O veículo mais discrepante, mas ainda com alto indicativo de coocorrências foi o *Correio Braziliense* (55,3%).

Diante disso, realizamos a análise das associações entre os 1.541 termos que apresentaram $\phi > 0.5$. Essa decisão foi tomada para possibilitar a melhor visualização de dados já que, do contrário, teríamos 1.186.570 combinações possíveis, atrapalhando sua representação visual. Desse modo, construímos grafos não direcionados em que o tamanho dos nós indica a quantidade de conexões de cada palavras (quanto maior, mais ligações) e a espessura das arestas sinaliza o valor de ϕ entre os nós (quanto mais espesso, maior o valor do coeficiente).

A seguir, apresentamos os grafos dos quatro veículos analisados como forma de ilustrar a vinculação da escolha vocabular ao pensamento dos emissores da mensagem (Bardin, 2011). Em outras palavras, as figuras representam a ligação entre o objeto (caso Lázaro) e os atributos, formando uma rede de elementos interconectados, constituídos em imagens mentais completas, conforme o proposto por Guo e McCombs (2011) (figura 15).

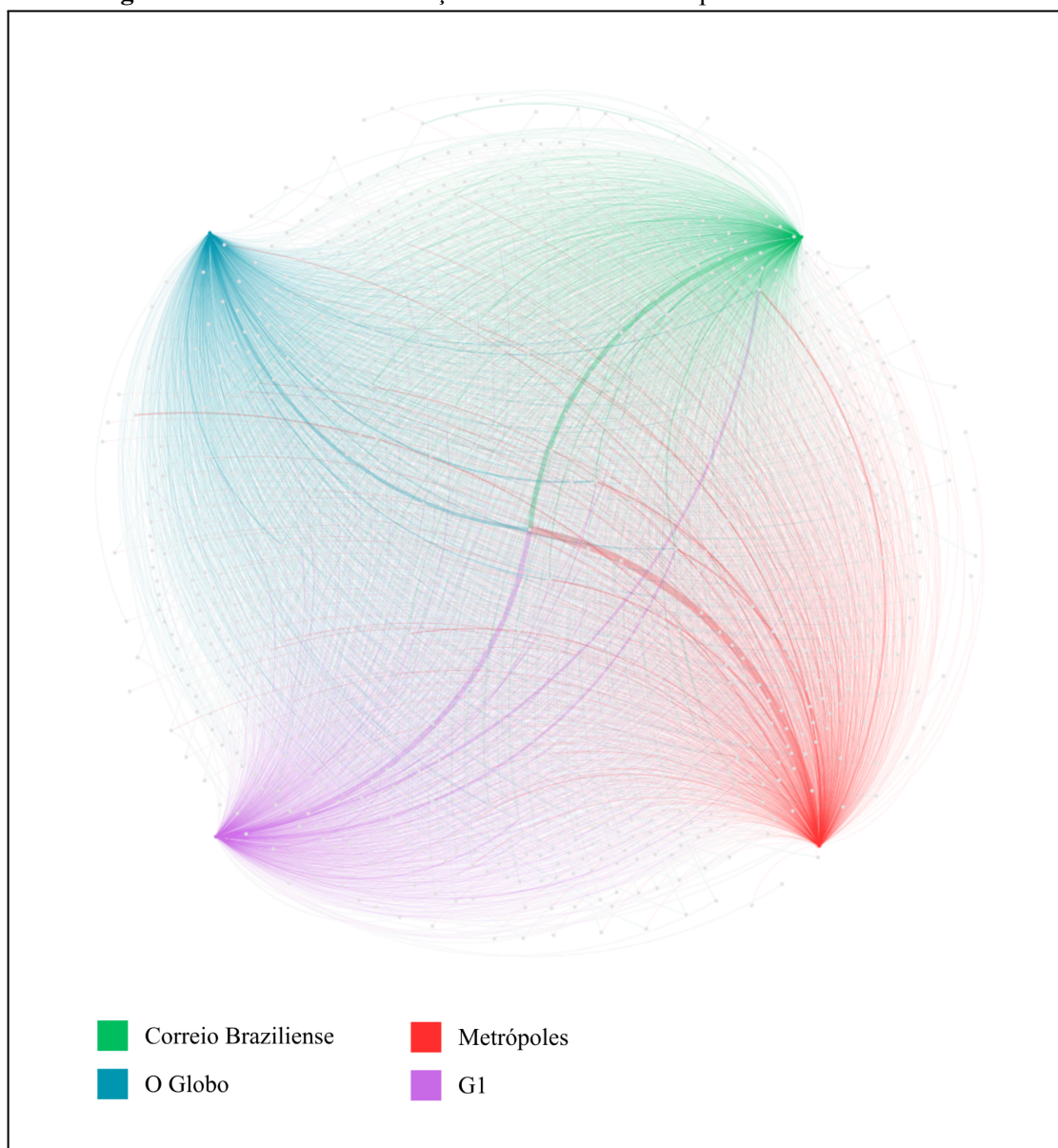
Figura 15 – Grafos da coocorrência binária de termos-chave, por frase, nas matérias do *Correio Braziliense*, *G1*, *Metrópoles* e *O Globo*.



Fonte: elaboração própria

Além das relações estabelecidas em cada veículo, separadamente, construímos um grafo não direcionado das associações em rede formadas pelos quatro portais, em conjunto. Nesse caso, não diferenciamos o tamanho dos nós, apenas representamos o valor da frequência das das relações instituídas por meio da densidade das arestas (figura 16).

Figura 16 – Grafo das associações em rede formadas pelos veículos estudados.



Fonte: elaboração própria

Os resultados obtidos com a aplicação da similaridade de cossenos e do coeficiente phi nos dados levantados são evidências da semelhança conferida pelos meios noticiosos estudados no tratamento tanto do objeto, quanto dos atributos na cobertura do caso Lázaro. Há ainda maior confiabilidade nos achados se levarmos em consideração que os dados foram obtidos em decorrência do exame de um material produzido ao longo de quatro anos, seguindo, assim, o que afirmaram Guo e McCombs (2011). Para os autores, os efeitos do agendamento em rede dependem do estabelecimento de conexões entre atributos e objetos realizados por coberturas jornalísticas de longo prazo.

Os índices de semelhança e coocorrência se traduziram na relação entre objetos e atributos usados pelos jornais como ferramentas na construção de imagens mediadas sobre a história de Lázaro. O infrator é estigmatizado, as vítimas, ao mesmo tempo que são expostas à exaustão, são santificadas e as forças policiais são aclamadas. Esses elementos concorrem para que o episódio desperte e mantenha a atenção do público.

[...] mesmo o crime mais extremo, o assassinato, está sujeito a diferentes níveis de interesse, com apenas certos assassinatos (de certas vítimas) contendo interesse humano suficiente para tocar a todos com a intensidade emocional necessária para constituir um clima de difamação pública e luto (Jewks, 2011, p. 268, *tradução nossa*).

Retomando o conceito de consonância, temos que, embora haja particularidades e diferenças entre veículos, os meios de comunicação possuem traços comuns provocando que o relato de um evento seja feito de modo similar (Hohlfeldt, 1997). Ao realizar a associação entre os atributos das fontes e atores, das localidades, das características de Lázaro e dos equipamentos usados, dos jornais citados e de outros aspectos importantes do caso, a imprensa trabalhou dentro de um consenso.

Este, ainda que seguindo as normas de produção jornalística, serviu para massificar e empobrecer a narrativa do caso, causando o esvaziamento de pautas importantes que poderiam ter sido tratadas e falhando em atingir o interesse público. O resultado do agendamento em rede foi a criação de imagens mentais deficientes, distorcidas e equivocadas, capazes de manipular a opinião pública na direção que a imprensa definisse.

6. CONCLUSÃO

Existem dois tipos de realidade: a factual, inacessível para a maioria das pessoas, e as versões criadas a partir daquelas, facilmente propagadas pelos veículos de comunicação noticiosos (Lippmann, 2016). A contradição está no fato dos indivíduos conduzirem suas vidas no mundo real com base em traduções da realidade denominadas *imagens mentais*. A interpretação do real, quando produzida pelo jornalismo, é chamada de pseudoambiente (Noelle-Neumann, 2017).

Quase cem anos separam as ideias embrionárias e revolucionárias de Lippmann (1922) da ocorrência do caso Lázaro (2021). Foi preciso meio século para que a sistematização do efeito agenda-setting fosse realizado, e mais 50 anos de estudos para que a teoria continuasse adequada a responder aos fenômenos contemporâneos do jornalismo.

Neste trabalho, de natureza empírica — ainda que preocupado em compreender as dimensões da teoria do agendamento na contemporaneidade a partir do caso Lázaro nos portais *GI*, *O Globo*, *Metrópolis* e *Correio Braziliense* —, buscamos realizar o resgate de um século de produções acadêmicas sobre o agendamento midiático.

A partir da análise de diversos estudos publicados entre as décadas de 1920 e 2020, entende-se que a história da sistematização do efeito agenda-setting, dentro da tradição de pensamento da *mass communication research*, repercute até a atualidade. Os conceitos iniciais e centrais da teoria ainda são perceptíveis nas notícias publicadas cotidianamente e nas pesquisas acadêmicas sobre a temática.

Contudo, aquilo que foi proposto no passado é estático, não muda mais. O que pode ocorrer é uma renovação dos conceitos ou a proposta de novas abordagens para aplicá-los. Com isso, compreende-se as tentativas empreendidas nos últimos anos para a atualização deste arcabouço teórico com vistas a aplicá-los às novas tecnologias de comunicação e informação e às atuais formas de interação entre sujeitos, em constante mudança.

Tais estudos relacionam a agenda-setting e seus efeitos (em especial no contexto intermediário) aos fenômenos de ondas noticiosas, tempestades midiáticas e *media hypes*. Estes conceitos expandem a compreensão da teoria para abarcar o jornalismo on-line, o uso de plataformas de mídias sociais e à participação do público na formação da agenda em contextos hipermediáticos.

Ainda no sentido de agregar conhecimento à análise do agendamento na contemporaneidade, deve-se recorrer à teoria do *Newsmaking*, que estuda os efeitos da comunicação pela perspectiva dos emissores. Dessa forma, busca-se estabelecer uma relação entre as rotinas produtivas da imprensa, dentro daquilo que chamamos neste trabalho de *pré-agendamento*, e o resultado que pode ser conferido nas páginas – físicas ou virtuais – dos noticiários.

Desde sua origem, a agenda-setting está intimamente relacionada ao fazer jornalístico, à dinâmica organizacional e à cultura profissional. Como consequência, é preciso explorar conceitos, ideias e diversas visões sobre critérios de noticiabilidade, fundamentais para o estudo do jornalismo. Um dos modos usados aqui foi a construção de um quadro de tipologias de valores-notícia, contendo as contribuições de Galtung e Ruge (2016), Golding e Elliott (1979), Wolf (2012), Traquina (2008) e Harcup e O'Neill (2017). A teoria é necessária para entender o caso concreto, não podendo ser ignorada quando analisa-se histórias com as de Lázaro

O caso ganhou destaque nos noticiários em 9 de junho de 2021 com o quádruplo homicídio da família Vidal, mas isso não significava que a história de Lázaro Barbosa de Sousa tivesse início ali. Seu primeiro delito registrado ocorreu em 2008. As infrações cometidas em sequência não tiveram um foco ou um *modus operandi* bem definidos. Variavam entre homicídios, roubos e estupros, cometidos contra homens, mulheres, adolescentes e idosos. Essa parte da vida de Lázaro só entra na agenda dos noticiários de forma retroativa.

O corpus de análise deste trabalho foi composto por 887 matérias publicadas pelo *GI*, *O Globo*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*. Destas, 671 foram produzidas entre o evento-chave e a morte de Lázaro, ocorrida em 28 de junho de 2021. Porém, o interesse pelo caso não terminou ali. Durante os próximos três anos, pelo menos, a imprensa continuou a retomar a história da fuga que prendeu a atenção do país em plena pandemia.

Porém, apesar do amplo alcance, e de sua continuidade ao longo do tempo, ao sistematizar dos trabalhos acadêmicos que estudaram a cobertura do caso Lázaro entre 2021 e 2024 não encontramos quem o tivesse feito a partir da teoria agenda-setting. Esta foi uma lacuna que procuramos suprir neste trabalho.

Para entender a intensidade da sobreposição da cobertura midiática do episódio entre os portais *GI*, *O Globo*, *Metrópoles* e *Correio Braziliense*, recorremos a técnicas quantitativas e qualitativas, trabalhamos com análise de conteúdo aliada a procedimentos de recuperação de informação (IR) para a coleta de dados e a observação dos três níveis da agenda na cobertura do caso. A literatura sobre valores-notícia e agendamento midiático foram retomados para a avaliação e interpretação dos indicadores encontrados.

Com relação ao primeiro nível da agenda (objeto), conseguimos identificar 76 veículos de imprensa que publicaram a história de Lázaro. Nos quatro jornais com maior número de publicações, e por isso escolhidos para compor o *corpus* desta pesquisa, encontramos 947 matérias sobre os acontecimentos. Após o refinamento do repertório para estudo, chegamos a 887 notícias, publicadas entre 9 de junho de 2021 e 8 de outubro de 2024. A variação na quantidade de publicações produzidas pelos quatro veículos foi de aproximadamente 6%, o que confirmou a presença da saliência do objeto.

No segundo nível do agendamento (atributos), usamos a AC para categorizar os dados e analisá-los por temáticas. Seguindo a metodologia proposta por Nicholls e Bright (2019), detectamos 15.446 expressões-chave que melhor caracterizavam a cobertura do caso Lázaro e lhes atribuímos peso, aplicando um sistema de ponderação. Às cinco categorias, e 12 subcategorias, formuladas para a AC conferimos valores que variaram de 1 (termo pouco distintivo) a 4 (termo muito distintivo). Como os dados obtidos, verificamos que houve tendência à homogeneidade na escolha dos termos (desvio padrão médio de 9%) e no modo de uso de cada expressão, representada pela frequência (DP médio de 35%).

Nas categoria *fontes ou atores* ficou evidente que a história de Lázaro ingressou na agenda midiática sob forte mediação institucional de agentes políticos e de representantes de corporações policiais. Esse enquadramento favoreceu a construção de uma narrativa moralista, estruturada segundo uma lógica maniqueísta em que o *bem* e o *mal* são claramente sinalizados como tal. Dessa forma, a produção das imagens mentais foram consideradas parciais — ou até deficitárias — que reduziram significativamente a circulação de perspectivas alternativas aos eventos que eram apresentados.

A segunda categoria trabalhada (*localidade*), foi marcada pelas escolhas lexicais que formaram ambientações muito similares entre os veículos, com desvio padrão médio de 7%. A análise permitiu entender que a ampliação do interesse pela história de Lázaro, rompendo

as fronteiras regionais e ganhando destaque no noticiário nacional provocou sentimento de insegurança para além da região diretamente afetada.

Por meio da descrição detalhada da região por onde o fugitivo se deslocava, da articulação entre cidades, rodovias e nomes de propriedades rurais impactadas pelas operações de busca, a mídia teve sucesso em delinear pseudoambientes altamente vívidos. Contudo, a imagem produzida para o evento, intangível para muitos, resultou em mapas mentais que conduziram a audiência no sentido do medo.

Já os achados nas categorias *características* e *demais termos* permitiram entender a predileção dos jornais pela descrição da violência, que permeou todo o caso. Detalhamento dos equipamentos usados nas buscas e reforço das piores qualidades do fugitivo foram marcantes nessa categoria. Houve a desumanização de Lázaro como justificativa para os eventos violentos protagonizados pela polícia. O “inimigo”, legitimado pela esfera governamental e ratificado pela imprensa, deveria ser caçado e eliminado, como forma de restaurar a paz e a ordem à comunidade.

O autorreferenciamento encontrado na categoria *veículos e empresas de mídia* retrata o efeito de transbordamento entre as agendas pública, do público e midiática, através dos meios de comunicação acessíveis aos sujeitos de cada uma dessas esferas. A presença de enquadramentos e usos lexicais semelhantes foram indicativos da existência de uma agenda comum entre os portais jornalísticos. Uma das consequências dessa homogeneização foi o compartilhamento de versões pouco plurais da história, o que limitou as possibilidades de interpretação dos eventos divulgados.

No terceiro nível da agenda-setting, encontramos que, como predito por Guo e McCombs (2011), os efeitos do agendamento em rede são alicerçados na capacidade das coberturas jornalísticas de longo prazo em articular conexões consistentes entre objetos e atributos. Na narrativa do caso Lázaro, a imagem integrada objeto-atributos se manifesta no material publicado ao longo de quatro anos e que ainda não se encerrou. Para melhor compreender a rede formada, aplicamos métricas de similaridade de cossenos e do coeficiente phi, de modo a evidenciar as convergências no modo como os periódicos trataram tanto o objeto quanto os atributos relacionados ao caso Lázaro.

Neste ponto, retomamos o conceito de consonância para relacioná-lo com a situação em análise. O consenso produzido e espelhado no agendamento em rede teve como resultado

a massificação dos atributos dentro da história que era divulgada, repleta de elementos que remetiam à violência, ao reducionismo e que não serviram ao interesse público.

Respondendo à pergunta de pesquisa, acreditamos que a cobertura do caso Lázaro seja um sintoma direto de que a teoria do agendamento, em especial a agenda intermediática, se estabelece como uma abordagem atual para o entendimento dos efeitos dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, no que diz respeito à seleção e difusão de temas que se tornarão “assuntos sociais” justamente pela ação dos *media*.

Entendemos que uma parte significativa do conhecimento popular sobre crime e Justiça vem dos meios de comunicação, que influenciam opiniões e posicionamentos sobre tais assuntos (Surette, 2015) ao realizar uma leitura da realidade e apresentá-la ao público. No imaginário popular de diversas sociedades há uma correlação subjetiva entre crime, violência e morte. Onde há crime, há violência. Onde há violência, há morte. Onde os dois se encontram forma-se a agenda da mídia.

Ao analisar um caso de grande repercussão como a história da fuga e captura de Lázaro, pudemos reafirmar não só a pertinência da teoria agenda-setting na atualidade, como também deixamos nossa contribuição para sua compreensão a partir de um evento com forte inserção no cotidiano da cobertura jornalística. Neste trabalho, propusemos um olhar em outra direção. Não investigamos se a cobertura configurava, ou não, um exemplo do fenômeno do agendamento. Partimos da concepção de que este era uma manifestação da teoria no mundo concreto e buscamos entender em que intensidade isso ocorria, saber se o sintoma era excepcional o suficiente para indicar pertinência teórica, confirmada ao longo de mais de 50 anos, e chegamos a um resultado afirmativo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Imprensa popular: sinônimo de jornalismo popular?**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 19., 2006, Brasília. Anais [...] p. 1-15.

ARAÚJO, Carlos Alberto. **A pesquisa norte-americana**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 119-130.

ASSIS, Machado. **A semana**. Gazeta de notícias, Rio de Janeiro, primeira página, 4. dez. 1892.

ATWOOD, L. Erwin.; SOHN, Ardyth.; SOHN, Harold. **Daily Newspaper Contributions to Community Discussion**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

AZEVEDO, D. **Revisão de literatura, referencial teórico, fundamentação teórica e framework conceitual em pesquisa: diferenças e propósitos**. Working paper, 2016. Disponível em: <https://unisin.os.academia.edu/DeboraAzevedo/Papers>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. São Paulo: Summus, 1995.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BERELSON, Bernard; JANOWITZ, Morris (org.). **Reader in public opinion and communication**. New York: The Free Press, 1967.

BERTOLI, Jessica Maria. **Pós-verdade e democracia em uma sociedade hiperconectada**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública e Sociedade) - Universidade Federal de Alfenas, Varginha, MG, 2021.

BÍBLIA. **Nova tradução na linguagem de hoje**. Brasil: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BOYDSTUN, Amber; MOODY, Jon; THOMAS III, Herschel. **Same day, different agenda? A comparison of news coverage across print, television, and on-line media outlets**. In: Comparative Policy Agendas Conference, jun. 2010.

BREED, Warren. **Controle social na redação: uma análise funcional**. In: TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatwatching e realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo**. Brazilian Journalism Research, v. 7, n. 2, p. 119-140, 2011.

BURD, Gene. **A critique of two decades of agenda-setting research.** In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking.* 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016.

CARLÓN, Mario. **Semiótica, (hiper)mediatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro?**. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 3, p. 159–184, 2025. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v18i3p159-184](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i3p159-184). Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/232636>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CASOY, Ilana. **Serial Killers Louco ou Cruel?**. 2. ed. São Paulo: Dark Side, 2022.

CASTRO, Davi; SOUSA, J. **Agenda-setting e internet: uma análise da produção científica brasileira na área da Comunicação.** Estudos em Comunicação, v. 14, p. 83-104, 2013.

CEGALLA, Domingos. **Novíssima gramática da língua português.** 49. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2020.

COHEN, Bernard. **The press and foreign policy.** New Jersey: Princeton University Press, 1963.

COOK, Fay.; SKOGAN, Wesley. **Convergent and divergent voice models of the rise and fall of policy issues.** In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking.* 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

CURTIS, Michael. **Introduction to the transaction edition.** In: LIPPMANN, Walter. *Public Opinion.* 2. ed. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa.** Tradução da 5. ed. norte americana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993

DEFLEUR, Melvin; EVERETTE, Denis. **Understanding mass communication.** 5. ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1991.

DOLAMIC, Ljiljana; SAVOY, Jacques. **When Stopword Lists Make the Difference.** Journal of the American Society for Information Science and Technology, v. 61, n. 1, p. 1-5, 2009. DOI: [10.1002/asi.21186](https://doi.org/10.1002/asi.21186)

DOWNS, Anthony. **Up and down with ecology: the "issue-attention cycle".** In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking.* 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016.

FERREIRA, Caio Vinicius de Carvalho. **O interiorano “subversivo”: imprensa e perseguição política no Pontal do Triângulo Mineiro(1951-1964).** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.149>

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. **Curso básico de teorias da comunicação.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: Bonnici, Thomas; Lucia, Zolin (org.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2003.

FULLER, Jack. **News values: ideas for an information age**. University of Chicago Press, 1996.

FUNKHOUSER, G. Ray. **The issues of the sixties: an exploratory study in the dynamics of public opinion**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari. **A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros**. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Edição do Kindle. Florianópolis: Insular, 2016

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari. **A estrutura do noticiário estrangeiro**. In: TRAQUINA, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

GANDY, Oscar. **Beyond agenda-setting**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

GARCIA, Edel. **A Tutorial on the BM25F Model**. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Edel-Garcia/publication/308991534_A_Tutorial_on_the_BM25F_Model/links/57fcf84808aef0731c01f8ec/A-Tutorial-on-the-BM25F-Model.pdf>

GHANEM, Salma. **El segundo nivel de composición de la agenda: la opinión pública y la cobertura del crimen**. Comunicación y sociedad, v.10, n. 1, p. 151-167, 1997. SSN-e 2386-7876. ISSN 0214-0039

GIEBER, Walter. **News is what newspapermen make it**. In: Dexter, Lewis; White, David (edit.). People, society and mass communications. New York: the Free Press of Glencoe, 1964, p. 173-182.

GILBERG, Sheldon. et al. **The state of the union address and the press agenda**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

GOLDING, Petter; ELLIOTT, Philip. **Making the News**. 1. ed. New York: Longman Group Limited, 1979

GOMES, Davi. **A necrobiopolítica, a espetacularização midiática e a execução de Lázaro Barbosa na legitimação discursiva do homicídio institucionalizado**. 2024. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUAZINA, Liziane. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares**. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre, 2004. Anais.

GUO, Lei; MCCOMBS, Maxwell. **Network agenda setting: A third level of media effects**. In: annual conference of the International Communication Association, Boston, MA. 2011.

JEWKES, Yvonne. **Media and crime**. 2. ed. Londres: Sage, 2011

HALL, Stuart et. al. **A produção das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Edição Kindle. Florianópolis: Insular, 2016.

HARCUP, Tony; O’NEILL, Deirdre. **News values revisited (again)**. *Journalism Studies*, v. 18, n. 12, p. 1470-1488, 2017. DOI 10.1080/1461670X.2016.1150193

HARDER, Raymond; SEVENANS, Julie; VAN AELST, Peter. **Intermedia agenda setting in the social media age: how traditional players dominate the news agenda in election times**. *The International Journal of Press/Politics*, v. 22, n. 3, p. 1-19, 2017. DOI <https://doi.org/10.1177/1940161217704969>

HARDY, Anne. **The mechanisms of media storms**. In: VESTERMAN, Peter. (ed.). *From media hype to twitter storm: news explosions and their impact on issues, crises, and public opinion*. Chicago: Amsterdam University Press, 2018. DOI 10.5117/9789462982178.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Claudio; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Os estudos sobre a hipótese de agendamento**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 7, p. 42-51, 1997.

IYENGAR, Shanto; PETERS, Mark E.; KINDER, Donald R. **Experimental demonstrations of the "not-so-minimal" consequences of television news programs**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

JORGE, Thaís. **Manual do foca: um guia de sobrevivência para jornalistas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contexto, 2008.

JUNG, Anna-Katharina. *et. al.* **Information diffusion between Twitter and on-line media**. Thirty Ninth International Conference on Information Systems, San Francisco, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328420767>.

JÚNIOR, Enio Moraes; Antonioli, Maria Elisabete. **Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário on-line**. *Revista Alterjor*, São Paulo, v. 2, p. 43-52, 2016.

KEPPLINGER, Hans Mathias; HABERMEIER, Johanna. **The impact of key events on the presentation of reality**. *European Journal of Communication*, v. 10, n. 3, p. 371-390, 1995. DOI: 10.1177/0267323195010003004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2010.

LANG, Gladys; LANG, Kurt. **Watergate: an exploration of the agenda-building process**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

_____. **The mass media and voting**. In: BERELSON, Bernard.; JANOWITZ, Morris. (org). *Reader in public Opinion and communication*. 2. ed. Nova York: The free press, 1966, p. 455-473.

LIMA, Venício. **Sete teses sobre mídia e política no Brasil**. Revista USP, n. 61, p. 48-57, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2017. Edição Kindle.

LOPES, Maria Immacolata. **O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas**. Revista FAMECOS, v. 1, p. 16-30, 2006.

LOWERY, Shearon; DEFLEUR, Melvin. **Milestones in mass communication research: media effects**. 3. ed. Nova York, Longman Publishers, 1995.

MALINI, Fábio. **A opinião pública distribuída: blogs e jornalismo nas Eleições Brasileiras de 2006**. E-compós, Brasília, v. 9, 2007.

MANERI, Marcello. **Media hypes, moral panics, and the ambiguous nature of facts: urban security as discursive formation**. In: VESTERMAN, Peter. (ed.). *From media hype to twitter storm: news explosions and their impact on issues, crises, and public opinion*. Chicago: Amsterdam University Press, 2018. DOI 10.5117/9789462982178.

MANNING, Christopher. et. al. **An Introduction to Information Retrieval**. Edição on-line Cambridge University Press, Inglaterra, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia (Jornalismo como produção social da segunda natureza)**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARSHALL, Leandro. **Jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MARTINO, Luis; MARQUES, Ângela. **O conceito de opinião pública na teoria da Comunicação: genealogias e modos de abordagem**. ORGANICOM, v. 17, n. 34, p. 64-81, 2020.

MARTINO, Luís. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. **De qual comunicação estamos falando?** In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. FRANÇA, Vera Veiga (org.). *Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Cap. 1. p. 11-25.

MATTHES, Jörg. **Need for orientation as a predictor of agenda-setting effects: causal evidence from a two-wave panel study.** International Journal of Public Opinion Research, v. 20, n. 4, p. 440-453, 2008.

MATTLERT, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** 12. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **The agenda-setting function of mass media.** Public Opinion Quarterly, v. 36, p. 176-185. 1972.

_____. **The evolution of the agenda-setting research: twenty-five years in the marketplace of ideas.** Journal of Communication, 1993, v. 43, n. 2.

MCCOMBS, Maxwell. **Setting the agenda: the mass media and public opinion.** 2. ed. Malden: Polity Press, 2014.

MCLEOD, Jack; BECKER, Lee B.; BYRNES, James E. **Another look at the agenda-setting function of the press.** In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). **Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking.** 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

MCQUAIL, Dennis. **Mass Communication Theory.** 6. ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2010. Epub.

MCQUAIL, Dennis. _____. **Teoria da comunicação de massas.** 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MIKAMI, Shunji. et al. **The media coverage and public awareness of environmental issues in Japan.** Gazette, v. 54, p. 209-226, 1995.

NEVES, Maria Helena. **Como as palavras se organizam em classes.** Museu da língua portuguesa [Brasil], 29 set. 2017. Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-as-palavras-se-organizam-em-classes.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2025.

NICHOLLS, Tom; BRIGHT, Jonathan. **Understanding news story chains using information retrieval and network clustering techniques.** Communication methods and measures, v. 13, n. 1, p. 43-59, 2019. DOI: 10.1080/19312458.2018.1536972

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio: opinião pública: nosso tecido social.** 2. ed. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.

PALCZEWSKI, Marek. **The term news-its concept and definition in Anglo-Saxon tradition.** 38 p. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326211686_MAREK_PALCZEWSKI_The_term_news-its_concept_and_definition_in_Anglo-Saxon_tradition_A_review_and_classification_attempt>

PALMGREEN, Philip; CLARKE, Peter. **Agenda-setting with local and national issues**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). **Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking**. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

PARK, Robert. **News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge**. The American Journal of Sociology, v. 45, n. 5, p. 669-686, 1940.

PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo**. 3. ed. São Paulo, Contexto, 2021.

PIRES, N. **A regência do sintoma**. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, v. 20, n. 1, p. 31–39, mar. 1962

PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. **Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking**. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. **Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre Covid-19 no Twitter**. SciELO Preprints, 2020. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.1154. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1154>. Acesso em: 25 maio. 2025.

RECUERO, Raquel. **Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa?**. Medium, [Brasil], 9 jul. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/midia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-nao-e-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em: nov. 2024.

REESE, Stephen D.; DANIELIAN, Lucig H. **Intermedia influence and the drug issue: converging on cocaine**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). **Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking**. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

REIS, Bruna Bevilaqua de Carvalho. **O papel da mídia na formação do serial killer celebridade no imaginário social: Ted Bundy**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

RETEGUI, LORENA. **La construcción de la noticia desde el lugar del emisor: una revisión del newsmaking**. Revista Mexicana de Opinión Pública, México, n. 23, p. 103-121, 2017

RIVERS, William. **The media as shadow government**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). **Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking**. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

ROSA, Gonçalo. **How a small-scale panic turns into an unstoppable news wave about mass mugging on the beach**. In: VESTERMAN, Peter. (ed.). **From media hype to twitter storm: news explosions and their impact on issues, crises, and public opinion**. Chicago: Amsterdam University Press, 2018. DOI 10.5117/9789462982178.

ROSCHO, Bernard. **Newsmaking**. 1 ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1975

RUBIM, A.A. C. **Comunicação e Política**. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

SAMPAIO, R.; LYCARIÃO, D. (2021) **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap. Disponível em: <<https://bit.ly/3MzN1BO>>.

SCHMITZ, Aldo. **Classificação das fontes de notícias**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação [Portugal], 21 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.bocc.ubi.pt/pesquisa?type=query&value=Classificação%20das%20fontes%20de%20noticias>>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SCHUDSON, M. **The sociology of the news**. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

SENADO FEDERAL. **Pauta — Manual de Comunicação**. Senado Federal, Glossário. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/glossario/pauta-1>. Acesso em: 23 set. 2025.

SHAW, Eugene. **Agenda-setting and mass communication theory**. International Communication Gazette, n. 25, p. 96-105, 1979.

SHOEMAKER, Pamela; VOS, Tim. **Teoria do Gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Daniel. **John Dewey, Walter Lippmann e Robert E. Park: diálogos sobre públicos, opinião pública e a importância da imprensa**. Fronteiras, v.18, p. 57-68, 2016.

SMITH, Kim A. **Newspaper coverage and public concern about community issues**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016.

STAAB, Joachim. **The role of news factors in news selection: a theoretical reconsideration**. European Journal of Communication, v. 5, p. 423-443, 1990.

STEFFENS, Lincoln. **I make a crime wave**. In: STEFFENS, Lincoln. *The autobiography of Lincoln Steffens: a boy on horseback/seeing New York first*. [s/l]: Harcourt Brace, 1958. v. 1, parte II, XVI, p. 285-291.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

_____. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Edição Kindle. Florianópolis: Insular, 2016.

TRILLING, Damian; VAN HOOFF, Marieke. **Between article and topic: news events as level of analysis and their computational identification**. Digital Journalism, v. 8, n. 10, p. 1317–1337, 2020. DOI. 10.1080/21670811.2020.1839352

TUCHMAN, Gaye. **A Objetividade como Ritual Estratégico**. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Edição Kindle. Florianópolis: Insular, 2016.

TURK, Judy VanSlyke. **Public relations' influence on the news**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

VARÃO, Rafiza. **Harold Lasswell e o Campo da Comunicação**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

_____. **BOAVENTURA, Katrine. Superagendamento e mídias sociais: uma proposta conceitual**. *Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 8, n. 16, p. 22-30, 2020.

_____. **A teoria hipodérmica revisitada**. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais.

VASTERMAN, Peter. **Media-hype: self-reinforcing news waves, journalistic standards and the construction of social problems**. *European Journal of Communication*, v. 20, p.508-530, 200. DOI: 10.1177/02673231050582545

WAINBERG, Jacques. **Prefácio**. In: LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2017. Edição Kindle.

WEAVER, David H. **Political issues and voter need for orientation**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

WELBER, Kasper. *et al.* **News selection criteria in the digital age: professional norms versus online audience metrics**. *Journalism*, v. 17, n. 8, p. 1037-1053, 2016. DOI 10.1177/1464884915595474

WHITE, David. **O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias**. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2016.

WHITNEY, D. Charles.; BECKER, Lee B. **"Keeping the gates" for gatekeepers: the effects of wire news**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

WILLIAMS JR, Wenmouth.; SHAPIRO, Mitchell.; CUTBIRTH, Craig. **The impact of campaign agendas on perceptions of issues**. In: PROTESS, David L.; MCCOMBS, Maxwell. (org). *Agenda-setting: readings on media, public opinion and policymaking*. 1. ed. New York, NY: Routledge, 2016

WOLF, Mauro. **Teoria das comunicações de massa**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

YAO, Zhou; ZE-Wen, Cao. **Research on the construction and filter method of stop-word list in text preprocessing**. *Los Alamitos: IEE Computer Society*, v. 2, p. 217-221, 2011.

ZUCKER, Harold. **The variable nature of the News media influence.** In: RUBEN, B. (ed).
Communications Yearbook. New Jersey: Transaction Books, 1979, v. 2. p. 225-240.

APÊNDICE I

Figura 17 - Teste de confiabilidade

ReCal 0.1 Alpha for 2 Coders
results for file "Análise de Conteúdo_teste de confiabilidade
3 - 3.csv"

File size: 85423 bytes
N columns: 2
N variables: 1
N coders per variable: 2

	Percent Agreement	Scott's Pi	Cohen's Kappa	Krippendorff's Alpha (nominal)	N Agreements	N Disagreements	N Cases	N Decisions
Variable 1 (cols 1 & 2)	99.7%	0.988	0.988	0.988	12321	37	12358	24716

[\(what's this?\)](#)

Select another CSV file for reliability calculation below:

nenhum arquivo selecionado

Save results history [\(what's this?\)](#)

Disclaimer: This application is provided for educational purposes only. Its author assumes no responsibility for the accuracy of the results above. You are advised to verify all reliability figures with an independent authority (e.g. a calculator) before incorporating them into any publication or presentation. If you have any questions, comments, or suggestions regarding ReCal, please send them to deen@dfreelon.org.

If you found ReCal useful, please consider [leaving a comment](#). Any and all feedback is appreciated.

Fonte: elaboração própria

APÊNDICE II

LIVRO DE CÓDIGOS⁹¹

Agenda-setting em tempos hiperconectados: evidências empíricas a partir do caso Lázaro

1. INTRODUÇÃO

Este livro de códigos foi elaborado por Maria Cecília Garcia Leal no desenvolvimento da dissertação intitulada *Caso Lázaro: um sintoma da pertinência da teoria da agenda-setting*, sendo um instrumento para analisar o efeito agenda-setting intermídia na cobertura midiática do episódio.

A pergunta que se pretende responder é: qual foi a intensidade da sobreposição da cobertura midiática do caso Lázaro entre os portais virtuais jornalísticos *O Globo*, *Correio Braziliense*, *G1* e *Metrópoles*?

a) Caso Lázaro – um resumo

Na manhã do dia 9 de junho de 2021, a imprensa noticiou a morte por arma de fogo e por facadas de dois homens e um adolescente, integrantes de uma mesma família. As vítimas foram identificadas como Cláudio Vidal de Oliveira e seus filhos Gustavo, de 21 anos de idade, e Carlos Eduardo Marques Vidal, de 15 anos. A esposa de Cláudio e mãe dos jovens, Cleonice Marques de Andrade, estava desaparecida. O crime aconteceu na fazenda Vidal, região do Incra 9, em Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal.

Na tarde do mesmo dia, os jornais divulgaram a imagem do suspeito do triplo homicídio. Era a primeira vez que o nome e a foto de Lázaro Barbosa de Souza estampavam os noticiários, sendo vinculados aos assassinatos. Até o dia 10 de junho de 2021, Lázaro era identificado na mídia pelos termos “suspeito” ou “criminoso”. A partir de 11 de junho de 2021, para a imprensa, o crime estava esclarecido e o culpado declarado, sem necessidade de esperar a decisão da justiça. No dia seguinte, o corpo de Cleonice Vidal foi encontrado em um córrego próximo à propriedade da família, nu e com um tiro na cabeça. Em 12 de junho, aparecia pela primeira vez nos jornais um dos termos que permeou toda a cobertura jornalística para se referir ao suspeito: “maníaco”.

⁹¹ Versão final produzida em 02 de setembro de 2025

O assassinato da família Vidal sinalizou o início de uma fuga que durou 20 dias. O período foi marcado por uma sequência de crimes, de diferentes naturezas, cometidos por Lázaro, tais como invasão de propriedade, sequestro e tentativa de assassinato. A perseguição teve fim com a captura e morte do criminoso, resultante de uma troca de tiros contra policiais, em 28 de junho de 2021.

A chacina foi, pelo menos, o sétimo crime que Lázaro cometeu. Contudo, dessa vez, o que seria mais uma notícia relativamente comum em um país marcado pela violência tomou proporções épicas. Durante 23 dias a cobertura midiática foi tão intensa quanto as ações empreendidas pelo Poder Público na tentativa de solucionar o problema. Por parte do governo, a operação para captura do fugitivo contou com mais de 270 agentes de segurança pública do Distrito Federal e de Goiás. Paralelamente, mais de 70 veículos de comunicação noticiaram os acontecimentos.

2. INFORMAÇÕES GERAIS

Para responder à questão que guia este trabalho, considerou-se uma classificação baseada nos próprios dados da pesquisa (Bardin, 2011).

A amostra considerada para o estudo é composta pelas pelos termos-chave⁹² encontrados nas notícias sobre o episódio nos jornais apontados anteriormente. Para se chegar às matérias relacionadas, usou-se a busca pelos termos “Lázaro Barbosa”, grafados entre aspas duplas, de modo a limitar os resultados àqueles que realmente tratavam do incidente, de forma direta ou indireta. A partir disso, por meio de técnicas automatizadas de recuperação de informações (RI), conforme Nicholls e Bright (2019), pudemos quebrar os textos dos títulos, linhas finas, legendas e corpo das notícias em si em pequenas quantidades de dados, localizando-as dentro do *corpus* geral do trabalho.

A unidade de análise são os termos-chave.

A unidade de contexto são as matérias, com seus títulos, entretítulos, linhas finas e legendas de fotos.

A coleta do *corpus* de análise foi realizada em outubro de 2024, digitando o termo “Lázaro Barbosa” no campo de busca dos portais citados e realizando uma raspagem automatizada das notícias.

A partir disso, foi copiado o texto referente a cada notícia, seguida do levantamento dos termos-chave, que são a unidade de análise. A amostra considerada é composta pelos termos presentes nas matérias publicadas entre 9 de junho de 2021, até a data da raspagem, concluída em 31 de outubro de 2024.

⁹² Como trabalhamos não só com palavras isoladas, mas com conjunto de vocábulos, preferimos o uso da expressão “termos-chave” ou “expressões-chave”.

3. INSTRUÇÕES PARA CODIFICAÇÃO

Atenção: as instruções a seguir devem ser seguidas à risca pelos codificadores, na ordem em que aparecem.

Cada codificador receberá o acesso a uma planilha já contendo as unidades de análise que estarão localizadas na primeira coluna do arquivo [*Termo-chave*]. O codificador não deve, em nenhuma hipótese, alterar a ordem das linhas nem a disposição das colunas.

Cada codificador também terá acesso ao arquivo de texto chamado *Notícias_Análise de Conteúdo*.

O codificador deve ler com atenção todas as informações presentes na tabela **V2 Classificação [CLAS]**.

a) Passo a passo

1. O codificador deve, linha a linha, buscar o termo – ou expressão – no arquivo de texto *Notícias_Análise de Conteúdo*.
2. Após a identificação, inserir na planilha a classificação (**V2 Classificação [CLAS]**), na coluna correspondente.
3. Caso o termo tenha sido usado mais de uma vez, o codificador deve conferir seu uso em metade mais uma das ocasiões. Por exemplo, a expressão *Anderson Torres* foi registrada 37 vezes. Para saber se se trata de um caso F1, F5 ou F6, o codificador deve buscar 19 registros da palavra e classificá-la na categoria predominante.

O codificador deverá se ater ao texto da notícia em si em busca de contexto. Não deve buscar complementação da informação em pesquisas na Internet. Importante ressaltar que não deve haver, por parte do codificador, juízo de valor ou busca por compreensão fora do texto, devendo se restringir às definições apresentadas neste livro de códigos. A busca só é possível nos casos previstos na tabela **V2 – Variáveis** ou quando o codificação não souber o significado da palavra, expressão ou sigla.

4. VARIÁVEIS

4.1 V1 Codificador [COD]

Cada codificador deverá se identificar pelas primeiras letras de seu nome, grafadas em caixa alta. Por exemplo, o [COD] para Joana da Silva Souza seria JSS, enquanto para Pedro de Oliveira Filho seria POF.

4.2 V2 Classificação [CLAS]

Preencha com a classificação [CLAS] relativa a cada categoria e subcategoria dos termos, sem espaços em branco, conforme as definições e exemplos constantes na tabela abaixo e as instruções constantes no item 3.

As classificações são excludentes entre si, ou seja, cada termo (ou expressão) só pode ter um, e apenas um, código.

CLAS	Categoria	Subcategoria	Definição	Exemplos
1	Fontes ou atores sociais	Fontes oficiais	Nomes de pessoas que “falam” em nome de órgãos ou entidades governamentais. São integrantes de entidades governamentais cujas declarações ou citações de documentos que foram redigidos por eles estão presentes nas notícias.	<p><i>A decisão é do juiz Felipe Junqueira d’Ávila Ribeiro da Comarca de Santo Antônio do Descoberto, no Entorno do Distrito Federal. O Ministério Público de Goiás (MPGO) manifestou-se pela alienação dos bens apreendidos, doação ou destruição dos itens. Na decisão, o juiz determinou, no prazo de 30 dias, que um oficial de Justiça avalie os bens apreendidos para um leilão. Em caso de os bens serem menores que o valor do custo para a realização do leilão, o juiz autorizou a doação dos bens de Lázaro.</i></p> <p>→ [Aqui, há uma citação da decisão proferida pelo juiz, logo, o termo Felipe Junqueira d’Ávila Ribeiro deverá ser classificada como F1]</p> <hr/> <p><i>Ao portal “G1”, o delegado Raphael Barboza informou que os materiais indicam bruxaria e rituais de magia negra. A descoberta gerou polêmica na web.</i></p> <p>→ [Aqui, a notícia registra a informação dada pelo delegado. Assim, o termo Raphael Barboza é classificado como F1]</p>

				<p><i>Pouco depois, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM) rebateu. Por meio do Twitter, ele saiu em defesa dos policiais goianos e afirmou que não se deve tratá-los com grosseria.</i></p> <p><i>— Que Ibaneis não se atreva a desrespeitar policiais goianos, os melhores do país, novamente. Não admito. Se ele trata policiais do DF com grosseria, minha solidariedade a eles. Em Goiás, a polícia é nosso orgulho. Trabalha sério para prender o facinora sem produzir mais vítimas — afirmou.</i></p> <p>→ [Aqui, a notícia registra uma fala do governador. Assim, o termo Ronaldo Caiado é classificado como F1]</p>
2		Entidades governamentais	<p>Nomes de órgãos ou entidades governamentais, suas subdivisões e unidades operacionais, conforme organogramas institucionais. Aqui, incluem-se as siglas referentes a essas entidades. Em geral, todos os batalhões, delegacias, varas e secretarias de estado pertencem a esta categoria.</p>	<p><i>A Secretaria de Segurança Pública de Goiás afirmou no final da tarde desta quarta-feira (23) que um veículo encontrado incendiado em Cocalzinho não tem relação com Lázaro Batista.</i></p> <p>→ [Aqui, o termo Secretaria de Segurança Pública é classificado como F2]</p> <hr/> <p><i>Benito foi comandante da Rotan, o batalhão de operações ostensivas da PM de Goiás entre janeiro de 2019 e agosto de 2021 e integra a corporação há 25 anos.</i></p> <p>→ [Aqui, o termo Rotan, assim como batalhão de operações ostensivas, são classificados como F2]</p> <hr/> <p><i>Diante das dificuldades, na segunda-feira, o novo ministro da Justiça autorizou o envio de 100 homens e 20 viaturas da Força Nacional, que se somaram aos 500 agentes empenhados no trabalho de buscas.</i></p> <p>→ [Aqui, o termo Força Nacional é classificado como F2]</p>
3		Outras organizações	<p>Nomes de entidades ou organizações não-integrantes do Estado brasileiro, com ou sem fins lucrativos, legalizadas ou não, incluindo empresas e organizações estrangeiras. Aqui, incluem-se as siglas referentes a essas entidades. Excepcionalmente, caso haja dúvida se uma organização se encaixa nesta categoria, é possível consultar seu site oficial na internet para dirimir a dúvida.</p>	<p><i>Além disso, uma ação conduzida pelo tenente-coronel Edson Raiado resultou na morte de Felipe Ramos Moraes, um piloto de 36 anos, considerado um verdadeiro arquivo vivo do Primeiro Comando da Capital (PCC).</i></p> <p>→ [Nesse caso, tanto o termo Primeiro Comando da Capital quanto a sigla PCC são classificados como F3]</p>

				<p><i>O Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-brasileiras (Idafro) pediu na Justiça de Goiás que a força-tarefa que tenta prender Lázaro Barbosa não entre e faça buscas nos templos religiosos sem ordem judicial.</i></p> <p>→ [Nesse caso, tanto o termo Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-brasileiras quanto a sigla Idafro são classificados como F3]</p> <p><i>Já Leonardo Sant'Anna, professor do Instituto Superior de Ciências Policiais e coronel da reserva da Polícia Militar do Distrito Federal, não vê irregularidades na atuação do policial, uma vez que ele está licenciado. Sant'Anna, que é autor de livros sobre segurança e foi educador para assuntos da ONU na África e Ásia, polícia da Suécia, Pearson Centre (Canadá)...</i></p> <p>→ [Nesse caso, tanto os termos Instituto Superior de Ciências Policiais e Pearson Centre, quanto a sigla ONU são classificados como F3]</p>
4		Animais	<p>Nomes próprios de animais mencionados nas matérias e suas raças. Não foram considerados os nomes comuns das espécies, como as palavras <i>cachorro</i> ou <i>cavalo</i>.</p>	<p><i>São dois labradores de Luziânia, um macho e uma fêmea, e uma border collie e um pastor alemão, vindos de Anápolis. Eles têm cerca de 3 anos.</i></p> <p><i>A border collie Cristal foi mandada para ajudar nas buscas em Brumadinho em 2019.</i></p> <p>→ [No exemplo, labradores, border collie, pastor alemão e Cristal são classificados como F4.</p>
5		Personagens	<p>Nomes dos indivíduos que participam das matérias fornecendo informações sobre um acontecimento que vivenciaram ou sobre os quais têm alguma ligação.</p> <p>Nomes dos indivíduos que participam das matérias fornecendo informações sobre um acontecimento que vivenciaram ou sobre os quais têm alguma ligação.</p> <p>As falas desses sujeitos são registradas por meio de entrevistas, declarações em mídias sociais, pronunciamentos ou citação de documentos.</p> <p>Não podem ser confundidos com fontes oficiais.</p>	<p><i>Na terça-feira (22), Zilda Maria, tia de Lázaro Barbosa, contou ao G1 que o sobrinho dela ligou para a mãe dele, Eva Maria de Souza, dois dias após a chacina na cidade de Ceilândia, no Distrito Federal, e contou que não agiu sozinho.</i></p> <p>→ [Aqui, como Zilda Maria fez uma declaração ao G1 sobre o caso em questão, o termo é classificado como F5]</p>

			<p><i>O tenente-coronel Edson Raiado (Avante), candidato a deputado federal por Goiás, publicou um vídeo nessa quinta-feira (29/9) ao lado do caixão de Lázaro Barbosa para pedir votos.</i></p> <p><i>O policial militar atuou na operação que capturou o bandido. Lázaro acabou morto durante a ação. “Impossível não pensar no sofrimento dos familiares das vítimas”, escreveu o candidato.</i></p> <p>→ [Aqui, como Edson Raiado, apesar de ser tenente-coronel, não fala em nome da Polícia Militar. Na matéria aparece a reprodução de uma declaração que fez nas mídias digitais. Por isso, o termo é classificado como F5]</p> <hr/> <p><i>Pré-candidato à prefeitura de São Paulo, o coach Pablo Marçal (PRTB) anunciou o tenente-coronel Edson Luis Souza de Melo como novo membro da sua equipe de segurança. A declaração foi dada pela coach na segunda-feira, após registrar uma denúncia na delegacia da Zona Sul da capital paulista por ameaças de morte.</i></p> <p>→ [Aqui, como há a reprodução de uma declaração de Pablo Marçal, o termo é classificado como F5]</p>
6	Especialistas	<p>Nomes dos indivíduos que contextualizam, interpretam, analisam, comentam ou complementam a matéria jornalística (Schmitz, 2011). Geralmente, mas nem sempre, são psicólogos, ex-peritos, advogados etc.</p>	<p><i>Ele não está brincando, vai ‘atirar para matar’, opina criminóloga Ilana Casoy sobre suspeito de chacina de família no DF.</i></p> <p>→ [No exemplo, a criminóloga opina sobre o caso Lázaro, o que faz o termo Ilana Casoy ser classificado como F6]</p> <hr/> <p><i>Segundo Rafael Alcadipani, membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e professor da Fundação Getulio Vargas (FGV), será a hora das corporações refletirem sobre como se deu esta operação. “Qualquer polícia séria agora iria fazer uma análise de caso para saber quais erros e acertos”, destaca.</i></p> <p>→ [No exemplo, o profissional opina sobre o caso Lázaro, o que faz o termo Rafael Alcadipani ser classificado como F6]</p>

				<p><i>Pedro Rodrigues Filho</i> tinha status de pessoa famosa na Penitenciária do Estado, em São Paulo. Condenado pelo assassinato de dezenas de pessoas, entre elas, o seu próprio pai, ele andava pelas galerias de celas ostentando o corpo coberto de tatuagens ("Mato por prazer", dizia uma delas). Não por menos, era chamado de <i>Pedrinho Matador</i> pelos detentos que o reverenciavam...</p> <p>O nome do serial killer de 66 anos surgiu entre os assuntos mais comentados em redes sociais esta semana, depois que ele fez comentários, em seu canal no Youtube, sobre Lázaro Barbosa... Segundo <i>Pedrinho</i>, "esse sujeito é endemoniado ...</p> <p>→ [No exemplo, o criminoso opina sobre o caso Lázaro, o que faz os termos <i>Pedro Rodrigues Filho</i>, <i>Pedrinho Matador</i> e <i>Pedrinho</i> serem classificados como F6]</p>
7	Demais nomes e alcunhas	Demais nomes mencionados nas matérias, relacionados ou não ao caso. Aqui, incluem-se as alcunhas, apelidos e pseudônimos. Os nomes inseridos nessa categoria não podem estar presentes em nenhuma outra. Por exemplo, <i>Pedrinho Matador</i> , apesar de ser uma alcunha, é classificado como especialista [F6].	<p><i>O suspeito invadiu a casa da família, localizada no Incra 9, no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, na madrugada de 9 de junho. Lá, ele matou o empresário Cláudio Vidal, de 48 anos, e os dois filhos dele, Gustavo Vidal, de 21, e Carlos Eduardo Vidal, de 15. Os três foram encontrados com marcas de tiros e facadas.</i></p> <p>→ [Nesse caso, apesar de fazerem parte da história de Lázaro, não há nas notícias declarações dessas vítimas, o que faz os termos <i>Cláudio Vidal</i>, <i>Gustavo Vidal</i> e <i>Carlos Eduardo Vidal</i> serem classificados como F7]</p> <p><i>Em entrevista ao jornalista Roberto Cabrini, da TV Record, a mulher confirmou que chegou a manter contatos com o psicopata durante a fuga que durou 20 dias.</i></p> <p>→ [Nesse caso, o nome do jornalista é apenas citado, sendo o termo <i>Roberto Cabrini</i> classificado como F7]</p> <p><i>O assassino em série fica atrás apenas da cantora Marília Mendonça e do MC Kevin.</i></p> <p>→ [Nesse caso, os famosos não têm relação alguma com o caso, tampouco têm declarações sobre o assunto publicadas, o que faz os termos <i>Marília Mendonça</i> e <i>MC Kevin</i> serem classificados como F7]</p>	

101	Localidades	Organização territorial	<p>Nomes próprios dados aos espaços pertencentes à divisão política do território brasileiro e a outros países e continentes. Nomes de estados, países, cidades, distritos, bairros, municípios, entre outros, pertencem a essa categoria.</p>	<p><i>Em 9 de junho, Lázaro matou quatro integrantes da família Vidal. Digitais dele foram encontradas na casa, no Incra 9, Ceilândia.</i></p> <p>→ [Aqui, os termos Incra 9 e Ceilândia são classificados como L1]</p> <p><i>A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) identificou o suspeito de matar mãe e filha como Jeferson Barbosa dos Santos, 25.</i></p> <p>→ [Aqui, mesmo estando junto às palavras Polícia Civil, o termo Distrito Federal é classificado como L1]</p> <p><i>De tarde é visto em um chiqueiro numa propriedade em Distrito de Girassol, entre Cocalzinho de Goiás e Águas Lindas. Foge para a vegetação.</i></p> <p>→ [Aqui, Girassol, Cocalzinho de Goiás e Águas Lindas são termos classificados L1. No caso de Cocalzinho de Goiás, como o nome do estado (Goiás) integra o nome do município, os termos são considerados em conjunto]</p>
102		Geografia natural	<p>Termos simples e compostos, substantivos comuns e próprios, que designam porções do espaço geográfico compostos por elementos da natureza</p>	<p><i>Um morador afirma ter visto Lázaro numa gruta na área de mata do Distrito de Girassol.</i></p> <p>→ [No exemplo, os termos gruta e mata designam elementos da natureza e, por isso, são classificados como L2]</p> <p><i>Desde a chacina em Ceilândia, ele vinha fugindo ao cerco policial se escondendo em chácaras e nas matas do Cerrado. Segundo a polícia, Lázaro também se escondia em grutas e caminhava pelos riachos para despistar os cães farejadores.</i></p> <p>→ [No exemplo, Cerrado é classificado por L2 por ser um nome próprio dado a uma porção do espaço geográfico natural.]</p> <p><i>No vídeo abaixo, relembre outras caçadas a criminosos pelo mundo. Na Alemanha, por exemplo, um homem perseguido por 2. 500 agentes fugiu pela Floresta Negra por cinco dias.</i></p> <p>→ [No exemplo, a expressão é composta de um termo comum e um termo próprio que, juntos, formam o nome de um conjunto específico de elementos naturais. Dessa forma, Floresta Negra é classificada como L2]</p>

103		Espaços urbanos e rurais	<p>Nomes próprios dados a construções e a obras de infraestrutura em ambientes urbanos ou rurais. São exemplos nomes de fazendas, escolas, igrejas, hospitais, comércios, penitenciárias, condomínios, rodovias etc.</p> <p>Aqui, incluem-se as siglas referentes a essas entidades.</p>	<p><i>O deputado federal pastor Sargento Isidório (Avante-BA) também publicou vídeo para falar sobre Lázaro. Camuflado entre folhagens, o parlamentar ressalta que é evangélico da Igreja Assembleia de Deus, chama o criminoso de “espírito de gadareno” e que vai orar pelas forças de segurança de Goiás e do DF.</i></p> <p>→ [Nesse caso, por se tratar de uma construção urbana, Igreja Assembleia de Deus é uma expressão classificada como L3]</p> <p><i>...chefe do Departamento de Operações, comentou que as forças policiais receberam informações de que Lázaro teria pernoitado em uma fazenda às margens da BR-070, em Edilândia.</i></p> <p>→ [Nesse caso, por se tratar de uma obra de infraestrutura, o nome da rodovia – BR-070 – é classificada como L3]</p> <p><i>Na Fazenda Boa D'Água, um casal e os dois filhos se preparam para partir e pernoitar em Cocalzinho de Goiás.</i></p> <p>→ [Nesse caso, por se tratar de uma obra realizada em espaço rural, a expressão Fazenda Boa D'Água é classificada como L3]</p>
201	Características	Equipamentos	<p>Nomes ou tipos de equipamentos usados pelas forças de segurança pública mencionados nas matérias publicadas. Aqui também se inserem dispositivos acoplados aos equipamentos ou suas características.</p>	<p><i>Laudo preliminar feito pelo Instituto Médico Legal (IML) de Goiânia mostra que Lázaro Barbosa de Sousa, 32 anos, morreu ao ser atingido por 39 disparos de pistolas da marca Sig Sauer calibre 9mm e Taurus. Um dos militares goianos envolvidos na ocorrência portava um fuzil Bushmaster.</i></p> <p>→ Aqui, os termos Sig Sauer, Taurus e Bushmaster são classificados como C1 por serem marcas de equipamentos. Já pistolas, calibre 9mm, e fuzil estão nessa categoria por serem tipos de equipamentos.]</p> <p><i>A força-tarefa contou com apoio de helicópteros, dezenas de viaturas, cães farejadores, drones com visão térmica, rádios especiais com alcance de 30km e antenas amplificadoras de sinal para encontrar o fugitivo. Um dos carros foi cedido pelo governo do Rio de Janeiro.</i></p> <p>→ Aqui, os termos helicópteros, viaturas, drones e antenas amplificadoras estão nessa categoria por serem tipos de equipamentos.]</p>

202		Lázaro	Termos mencionados nas matérias para se referir a ele, diretamente ou por declarações de fontes, documentos e personagens. Em geral adjetivos ou substantivos que indiquem seu nome, apelidos, alcunhas ou pseudônimos.	<p><i>Também nesta terça-feira um policial militar foi atingido por um tiro de raspão durante confronto com Lázaro, descrito pelas autoridades de segurança de Goiás como um "psicopata". O agente ferido foi socorrido e passa bem.</i></p> <p><i>No dia 17 de maio, o baiano Lázaro Barbosa, de 32 anos, conhecido como Leandro ou Índio, assaltou uma chácara em Ceilândia, cidade a 22 quilômetros de Brasília, e fez quatro pessoas da família reféns.</i></p> <p><i>Mulher de serial killer espera que ele se entregue: "Temos medo de receber a notícia que ele morreu"</i></p> <p>→ [Nos exemplos, Lázaro e Lázaro Barbosa são classificados como C2 por serem o nome do criminoso; Leandro por ser pseudônimo; índio por ser apelido; e serial killer por ser uma alcunha</p>
301	Veículos e empresas jornalísticas	--	Nomes de empresas ou organizações de mídia, de veículos de comunicação ou de programas citados nas matérias.	<p><i>O apresentador do SBT Brasil, Marcelo Torres se confundiu ao noticiar os bastidores das buscas por Lázaro Barbosa, nessa quinta-feira (17/6).</i></p> <p>→ [Nesse caso, SBT Brasil é o nome de um programa de televisão, sendo por isso classificado como V1]</p> <hr/> <p><i>Imediatamente, internautas compartilharam a gafe e o equívoco do jornalista viralizou nas redes sociais. "Imagina como a Tais Araújo ficou nesse momento?", escreveu um usuário do Twitter.</i></p> <p>→ [Nesse caso, Twitter é o nome de uma empresa de mídia, sendo por isso classificado como V1]</p> <hr/> <p><i>O fazendeiro já disse em entrevista para a Record que de fato empregou um parente de Lázaro há 12 anos, mas negou que ajudasse o criminoso ou que conhecia ele.</i></p> <p>→ [Nesse caso, Record é o nome de uma organização de mídia, sendo por isso classificado como V1]</p>
88	Nenhuma das classificações anteriores		O termo não pôde ser classificado em nenhuma das subcategorias anteriores	<p><i>"A gente entende o sigilo. Esperamos que uma hora a investigação termine."</i></p> <p>→ [Nesse caso, todos os termos em destaque não pertencem a nenhuma das subclassificações anteriores e, por isso, são categorizados como N00]</p>

99	Não identificável	--	O termo não foi entendido a partir do contexto ou não foi possível de ser classificado com base no critério de maioria dos usos.	<p><i>“A cerimônia terminou com dois policiais em uma demonstração de treino na pista recém-inaugurada. (AIM)”</i></p> <p><i>“Foi transferido para o CIR e participou satisfatoriamente de todos os encontros do Grupo de Relações Pessoais...”</i></p> <p>→ [Nesse caso, os termos em destaque são entendidos a partir do contexto e, por isso, são categorizados como N00]</p>
----	-------------------	----	--	---